



RENATO RUSSO de A a Z

As idéias do líder
da Legião Urbana

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

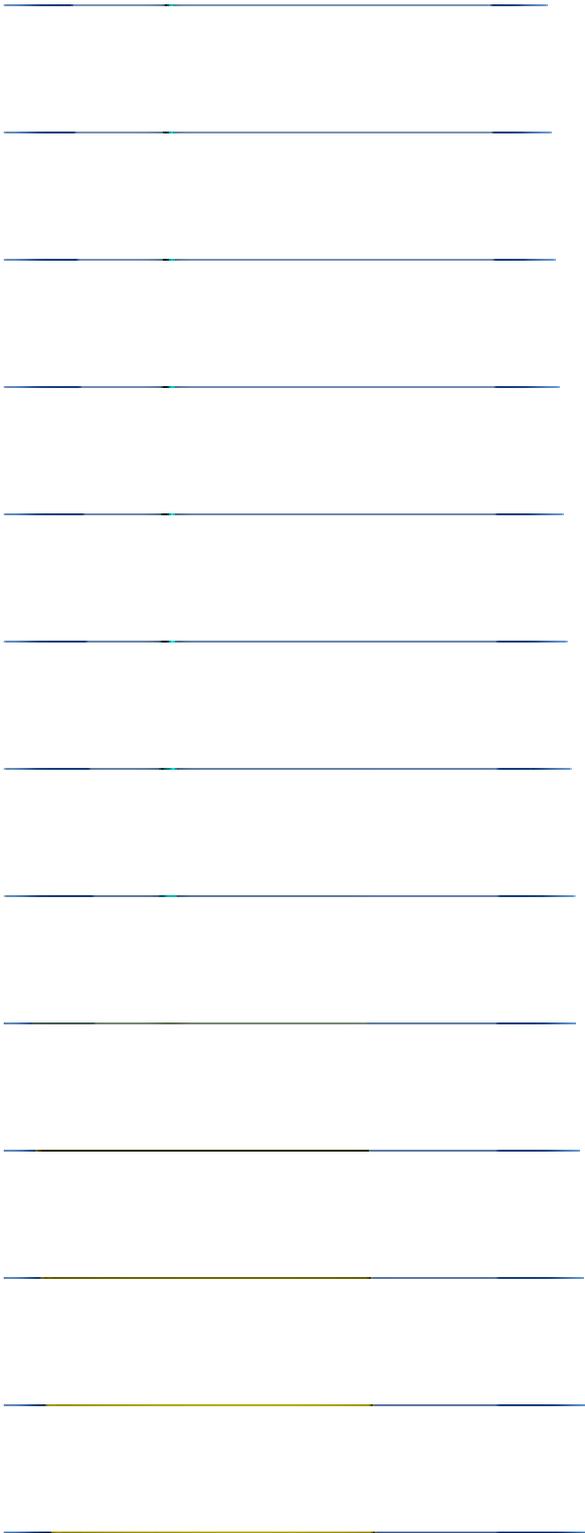
—

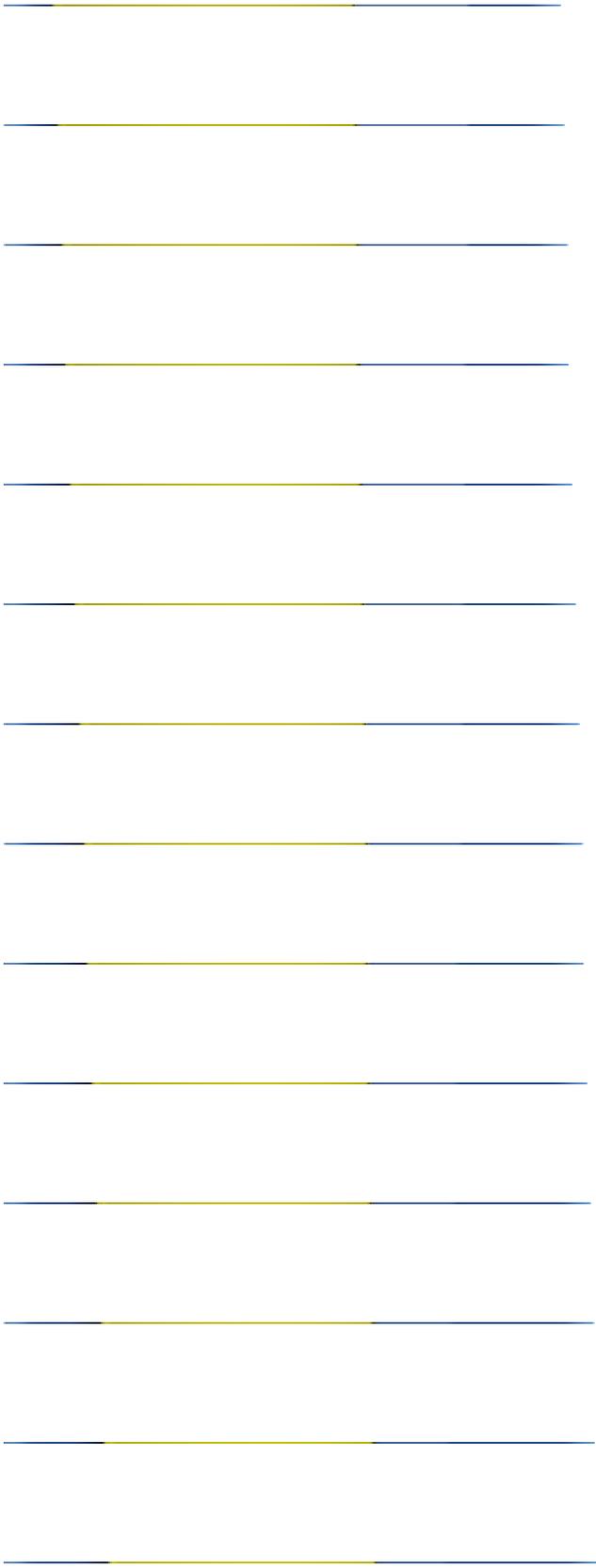
—

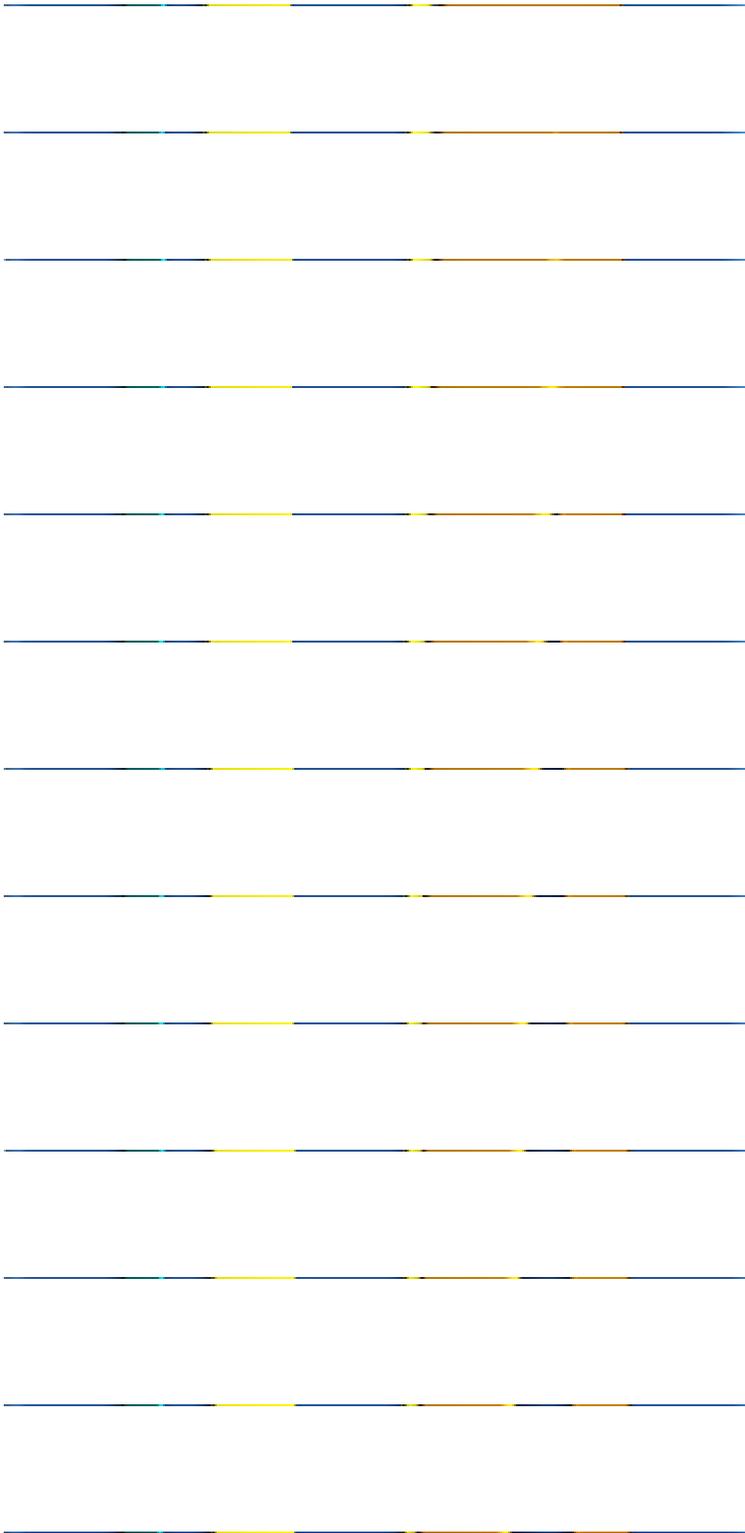
—

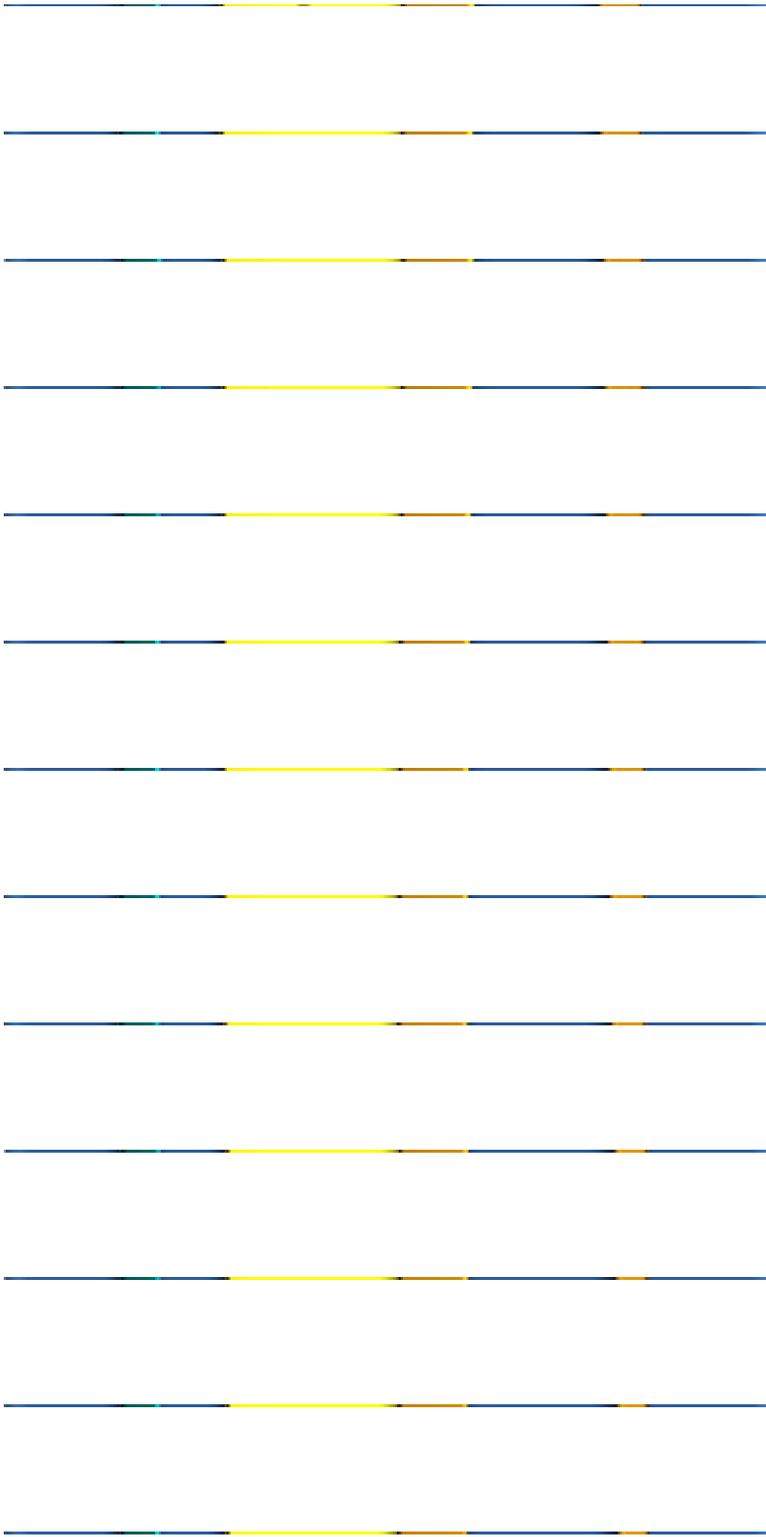
—

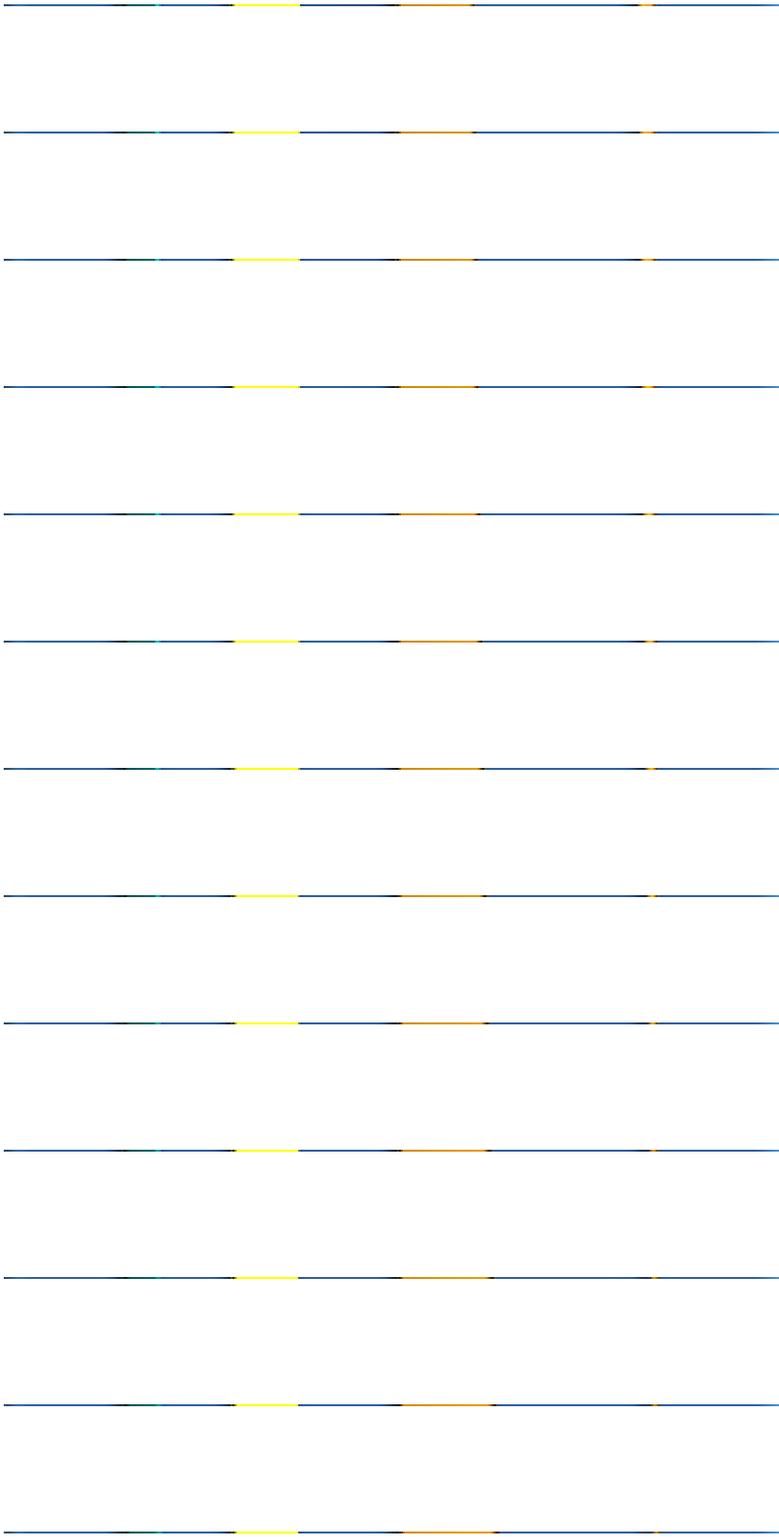
—

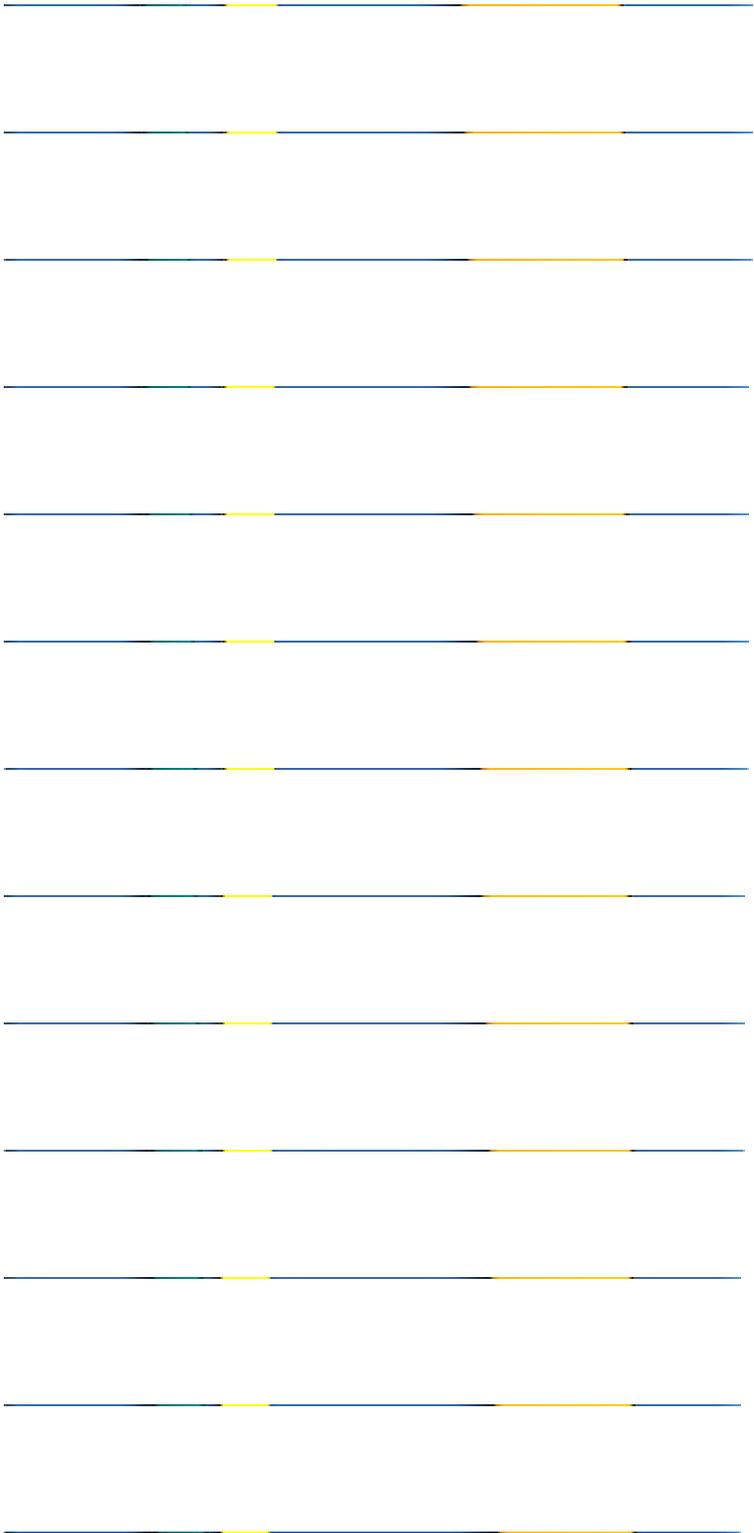


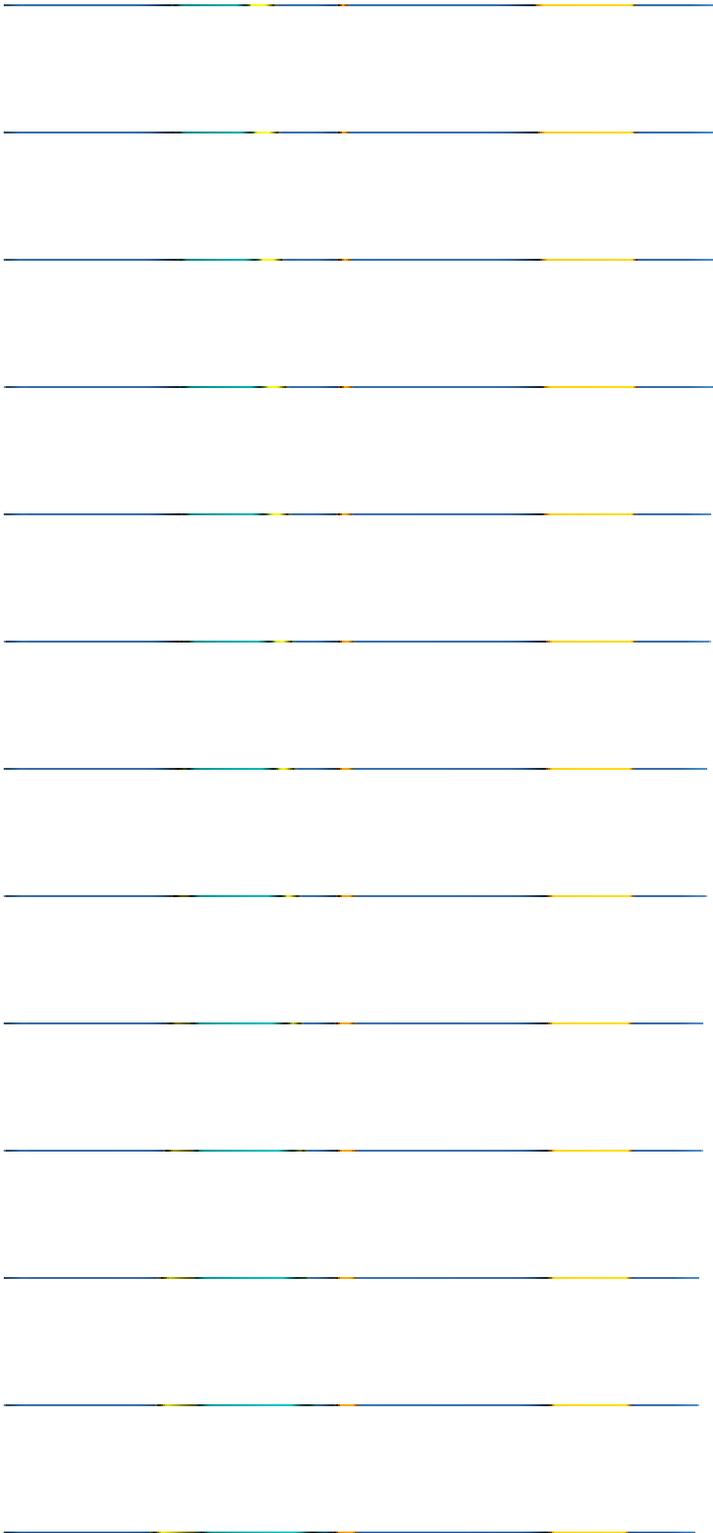












Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e - book ou mesmo a troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

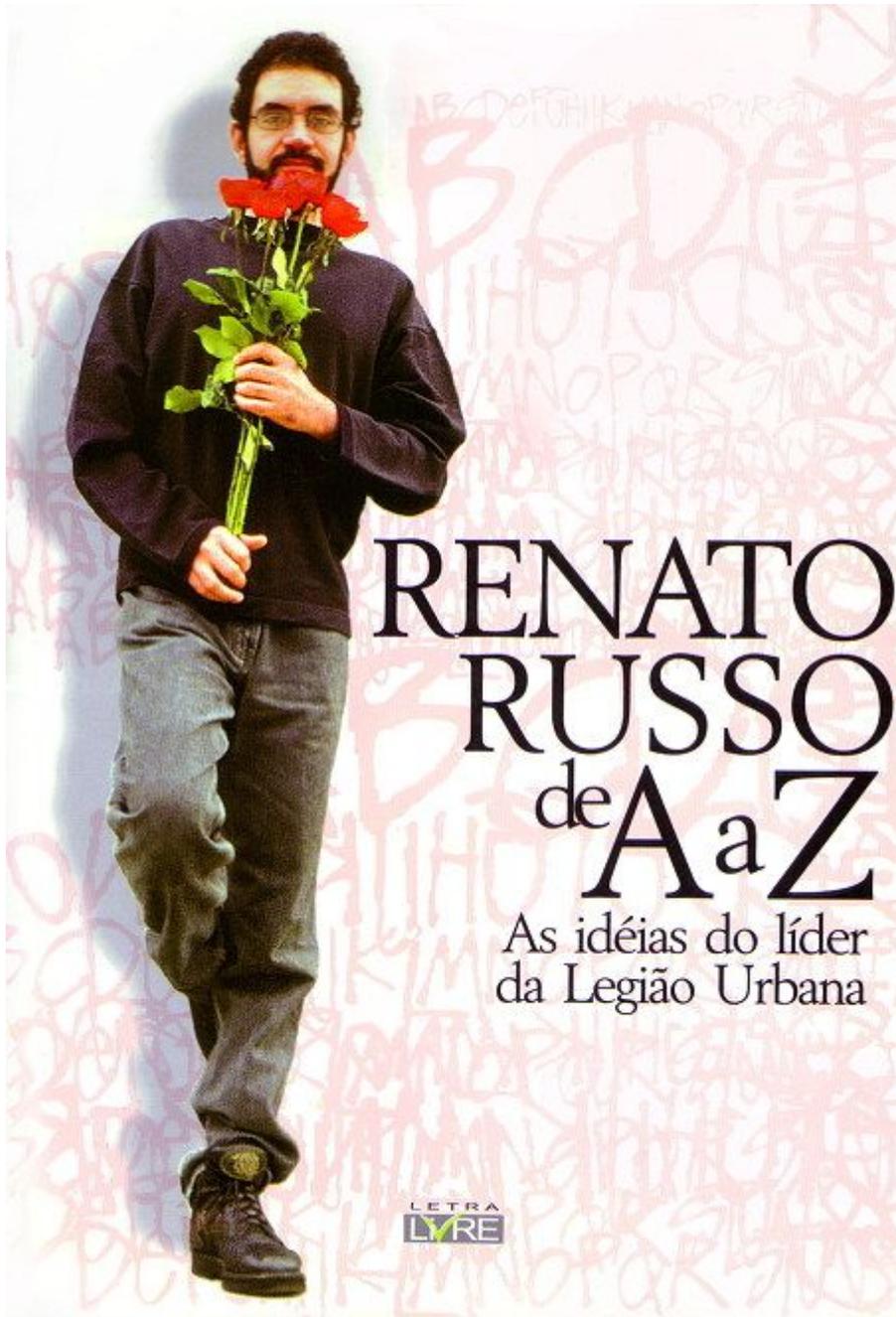
A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Grupo:



RENATO RUSSO de A a Z

As idéias do líder
da Legião Urbana

LETRA
LYRE

SUMÁRIO

A

Aborto Elétrico, 19; acid house, 21; adolescência, 21; agressividade, 22; Aids, 22; alcoolismo, 24; amargura, 25; amizade, 25; amizade na Legião, 26; amizade homem/mulher, 27; amor, 27; analfabetismo, 28; anarquista, 28; Andrea Doria, 28; anos 90, 29; anotações, 29; arrependimento, 29; artistas, 30; assédio, 30; atores, 31; atração por meninas, 31; atrizes, 31; auto-ajuda, 31.

B

Balanço, 35; banana, 35; Banco do Brasil, 35; banda de estúdio, 36; bandas, 36; Os barcos, 37; barra pesada, 37; Beach Boys, 38; The Beatles, 38; bebidas, 38; beijo, 39; Bertold Brecht, 39; Bob Dylan, 39; Boca Seca, 39; Bossa Nova, 40; Brasil, 40; Brasília, 41; Brasília 1988, 42; brega, 43; broxante, 44.

C

Cadernos culturais, 47; caminhos, 47; camisetas, 48; camisinha, 48; campanhas contra drogas, 48; campanhas sobre a Aids, 49; canção, 49; canções de amor, 49; cantada, 50; canto, 50; cantoras, 51; cantores, 51; careta, 51; Carlos Trilha, 51; casamento, 52; casamento homossexual, 52; Cazuza, 52; celebração, 53; censura, 53; chatos, 53; chorinhos, 54; cidadania, 54; cigarro, 54; cinema, 54; citara, 56; Clarisse, 56; clássicos, 56; Clothes of sand, 57; cobrança, 57; coleção, 57; começos, 58; comida, 58; composição, 58; compositor, 59; compositores, 59; compreensão, 59; conflito, 59; conformismo, 60; consciência, 60; consumismo, 60; convivência na Legião, 60; Copa do Mundo, 61; coquetel, 62; corpo, 62; corrupção, 62; crescimento, 62; crianças, 63; crítica musical, 63; cueca, 66; cuidados com o corpo, 66; culpa, 66.

D

Dado Villa-Lobos, 69; Daniel na cova dos leões, 70; dedicação, 70; defesa do consumidor, 70; demos, 70; Denise Bandeira, 71; dependência química, 71; depressão, 73; O

Descobrimiento do Brasil, 74; desgaste, 75; Deus, 75; diário, 76; diferenças, 76; dignidade, 77; dinheiro, 77; disciplina, 78; discos, 78; discos da Legião, 79; discos solo, 79; distribuição dos discos, 80; documentação, 81; documentação de sua carreira, 81; Dois, 81; Dolcissima Maria, 82; dor, 83; drogas, 83; 1965 — Duas tribos, 85.

E

Eduardo e Mônica, 89; eleições, 89; Emílio Garrastazu Médici, 90; emoção, 90; empatia, 90; ensaios, 90; entrevista, 91; epifisiólise, 91; Equilíbrio Distante, 91; escandaloso, 94; escritor, 94; escritores, 95; espiritualidade, 95; esporte, 96; esquecimento, 96; Estados Unidos, 96; estilo de vida, 97; ética, 97; ética x estética, 98; exagerado, 98; experiência, 99; expressão, 99; extravagante, 100.

F

Falsidade, 103; família, 103; Faroeste caboclo, 103; fãs, 104; fascínio do sucesso, 105; fascismo, 105; Feedback song for a dying friend, 106; feio, 106; Fernando Collor de Mello, 106; Fernando Henrique Cardoso, 107; festivais, 107; filmes preferidos, 107; flores, 108; formação, 108; formato, 108; futuro, 109; frutas, 109.

G

Geração, 111; geração X, 111; ginástica, 112; Giuliano Manfredini, 112; Giz, 113; glamourização das drogas, 113; governo, 115; gravadoras, 115; gueto, 117; Guns N'

Roses, 117; guru, 117.

H

Há tempos, 119; The heart of the matter, 119; Help!, 119; heroína, 119; heróis, 120; heterossexuais, 121; hipocrisia, 121; hobby, 121; Hollywood Rock, 122; homem bonito, 122; homem

elegante, 122; homem inteligente, 122; homens, 122; homossexualismo, 122; horário, 126.

I

I get along without you very well, 129; identidade sexual, 129; identificação, 129; If tomorrow never comes, 131; Ilha do Governador, 131; imagem, 132; imigração italiana, 132; imortal, 132; impasse, 132; impostos, 133; incômodo, 134; incompreensão, 134; índios, 134; individualidade, 134; infância, 135; influências, 135; ingênuo, 136; inglês, 136; início de tudo, 137; insegurança, 138; inspiração, 138; intelectual, 139; inteligente, 140; intérprete, 140; interrupções na carreira, 140; ironia, 140; Itália, 141.

J

Jabá, 145; Jerry Adriani, 145; Jim Morrison, 146; Jovem Guarda, 146; jovens, 146; Judy Garland, 147; juízo, 147; julgamento, 148; junkie, 148.

K

Kurt Cobain, 149.

L

Lambada, 151; Laura Pausini, 152; Legião Urbana, 152; Legião Urbana [o primeiro disco], 154; leituras, 154; Lenny Kravitz, 155; letrista, 156; liberdade, 157; líder, 157; limpo, 157; língua espanhola, 158; língua portuguesa, 158; literatura inglesa, 158; livro

de cabeceira, 158; livros, 158; Lobão, 159; Londres, 159; Longe do meu lado, 159; Love in the afternoon, 159; lugar esquisito onde fez amor, 160; Luiz Inácio Lula da Silva, 160.

M

Mais do mesmo, 163; maldade, 163; Mamonas Assassinas, 163; Marcelo Bonfá, 163; mártir, 164; massificação, 165; maturidade, 165; mau humor, 166; Maurício, 166; máximas, 166; medo, 166; melancolia, 166; meninas, 167; meninos, 167; Meninos e meninas, 168; Menudos, 168; mercado externo, 168; messianismo, 169; mídia, 169; minorias, 170; misticismo, 170; mito, 170; mitos, 171; moda, 171; Monte Castelo, 171; morte, 171; mudança interior, 172; mulher bonita, 172; mulher elegante, 172; mulher inteligente, 173; mulheres, 173; mulheres ou homens, 173; mundo, 173; mundo do rock, 174; música, 174; música brasileira, 175; música clássica, 175; música italiana, 175; Música para Acampamentos, 177; músico brasileiro, 177.

N

Namoros, 181; Nietzsche, 181; Nirvana, 181; Nova York, 182; novidade, 183; nuances do canto, 183.

O

Oasis, 185; Ocidente x Oriente, 185; omissão, 186; óperas, 186; opinião, 186; orgulho, 186; orientação sexual, 187; Oscar, 187; outdoor, 188; ovelha negra, 188; overdose, 188.

P

Pais, 189; Pais e filhos, 190; paixão, 190; palavra mais bonita, 190; palavra mais feia, 191; palavra preferida, 191; palavra que mais usa, 191; palavras que seduzem, 191; palco, 191; Paralamas do Sucesso, 191; passado, 192; Pato Fu, 192; patrocínio, 192; patrulha ideológica, 192; Paulo Francis, 193; paz de espírito, 193; perfume, 193; personagens, 193; personalidade, 193; Pet Sounds, 193; pior música, 194; Plano Real, 194; planos, 194; poesia, 195; poetas do rock brasileiro, 195; política, 195; popularidade, 196; Por Enquanto — 1984/1995 196; prazeres, 197; preconceito, 197; preguiça, 197; prêmio, 198; pressão, 198; processo criativo, 198; professor, 199; Programação dos 12 Passos, 200; progressivo, 201; propriedades, 201; público, 201; punk, 201.

Q

Qualidade, 207; Quando o sol bater na janela do teu quarto, 207; As Quatro Estações, 208; Que país é este, 209; Que País é Este (1978/ 1987), 210.

R

Radialista, 211; rádios, 211; razões, 212; rebeldia, 212; recados, 212; Rede Globo, 213; regras, 213; rei do rock, 213; relacionamentos, 213; religião, 214; remédio, 214; Renato Rocha,

215; Renato Russo, 215; repetição, 218; restaurantes, 218; Robert Scott Hickmon, 218; rock, 219; rock brasileiro, 221; rock x MPB, 223; rock x pop, 224; romantismo, 225; rompimento, 226; roqueiro, 226; rótulo, 226; roupa, 226; RPM, 227; Russo, 227.

Sacrifício, 231; salvação, 231; São Paulo, 231; sapatos, 233; Se fiquei esperando meu amor passar, 233; Send in the clowns, 233; sensacionalismo, 233; sensibilidade, 234; sensibilidade gay, 234; sensualidade no palco, 235; Sepultura, 235; seqüestros, 235; Será, 235; Sete cidades, 235; sexo, 236; shampoo, 237; show business, 237; shows, 238; shows intimistas,

S

240; shows solo, 240; Sid Vicious, 240; símbolo sexual, 242; simplicidade, 242; sinceridade, 242; sobras de gravação, 243; solidão, 243; som, 244; sonho de consumo, 245; sonhos, 245; sorriso, 245; Stonewall, 246; The Stonewall Celebration Concert, 246; sucesso, 248; sucessos, 250; suicídio, 250; superstição, 250.

T

Tárik de Souza, 251; Teatro dos vampiros, 251; A Tempestade — Ou O Livro dos Dias, 251; tempo, 253; Tempo perdido, 253; terror, 253; teste de Aids, 253; tietagem, 254; timidez, 254; Titãs, 254; tortura, 255; trabalho, 255; transa, 256; trauma, 256; três acordes, 256; Trovador Solitário, 256; Turma da Colina, 257; turmas, 259; turnês, 259.

U

Última entrevista, 261; última pessoa que levaria para a cama, 261; universalidade, 261; Universidade de Brasília (UnB), 262; Uns e Outros, 262; Urbana Legio Omnia Vincit, 263.

V

V, 267; vaidade, 268; vendagem, 268; Veraneio vascaína, 268; vida pessoal x vida artística, 269; videocliques, 269; vídeos, 270; Vinte e nove, 270; violão, 270; violência, 271; voto, 272.

W

World music, 273; Woodstock, 273.

X

Xadrez, 275; xiita, 276; Xuxa, 276.

Y

You are not alone, 277.

Z

Zulu, 279.

INTRODUÇÃO

Este livro nasceu da idéia de compor um amplo quadro referencial do pensamento de Renato Russo, líder da Legião Urbana, a mais carismática e arrebatadora banda brasileira surgida na década de 1980, com cerca de 11 milhões de discos vendidos até 31 de dezembro de 1999 (incluindo os três CDs solo de Renato). Morto em 11 de outubro de 1996, aos 36 anos, Renato celebrizou-se como o grande poeta do Rock Brasil, capaz de traduzir, numa inspirada coleção de versos musicados, indagações e valores que atravessam o imaginário de jovens de várias idades. O intérprete de voz potente e estilo inconfundível soube ser alma pensante tanto nas letras quanto nas opiniões que externava em entrevistas, depoimentos e escritos. Uma inteligência fértil, rebelde, polêmica. Um homem que não fugia das bolas divididas; expunha-se de peito aberto, mesmo que o tema cheirasse à pólvora. Não escondia paixões, afinidades, idiosincrasias e antipatias. Paralelamente, o cérebro antenado com as ondas de seu tempo preservava carga atômica de sensibilidade para abordar dores, inquietações, impasses e anseios existenciais. Em qualquer de suas dimensões, a fala de Renato Russo apontava

sempre para uma direção certa no vendaval nosso de cada dia, como bem salienta o jornalista Arthur Dapieve: "Tanto ao falar de política quanto ao falar de amor, uma única linha norteava sua poética: a busca da ética perdida."

Pois é este ser humano fascinante, controvertido e excêntrico que emerge das páginas de Renato Russo de A a Z. Organizado em 453 verbetes, o livro oferece um abrangente mapeamento de seus pontos de vista — desde a época idílica do Aborto Elétrico, em Brasília, até o culto à Legião Urbana por diferentes gerações. O mosaico acaba por revelar Renato de corpo inteiro, em seus juízos múltiplos, gostos pessoais, hábitos, irreverências e utopias. Neste roteiro em fragmentos, aparecem ainda confidências, contradições, influências e histórias do mundo pop.

Tomamos contato com um guru cult, que lê e cita Nietzsche, Walter Benjamin, Adorno, Jean-Paul Sartre, Kierkegaard, Fernando Pessoa, Bertold Brecht, W H. Auden e Shakespeare.

Nada escapava ao espírito crítico e ao olhar arguto de Renato Russo: sexo, drogas, rock'n'roll, política, amor, homossexualismo, família, religião, violência, eleições, mídia, liberdade, mitos, patrulhas ideológicas, movimento punk, símbolos sexuais, preconceitos, Aids, corrupção, anarquismo, casamento gay, alcoolismo, Copa do Mundo, espiritualidade, misticismo, processo criativo, solidão, crítica musical, etc.

Difícil driblar o seu holofote, ora generoso, ora implacável, nunca indiferente. Que o digam Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Paulo Francis, Kurt Cobain, Fernando Collor de Mello, Emílio Garrastazu Médici, Beatles, Bob Dylan, Cazuza, Guns N'

Roses, Lobão, Laura Pausini, Sepultura, Jim Morrison, Paralamas do Sucesso, Jerry Adriani, Sid Vicious, Xuxa, Titãs, Beach Boys e, claro, os dois talentosos companheiros na Legião, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá.

Uma equipe coordenada pela jornalista Simone Assad pesquisou duas centenas de entrevistas, reportagens e artigos publicados por jornais e revistas de quase todo o país, livros, especiais de TV e rádio (ver páginas 281 a 297). Também realizou levantamento inédito de 140 bases de dados sobre a Legião na Internet (páginas 298 a 303). Para situar cronologicamente e acompanhar, quando possível, a evolução das visões de mundo de Renato Russo, consta de cada verbete o ano em que a declaração foi feita.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, cremos que o volume de informações obtidas, sistematizadas e agora disponibilizadas constitui fonte importante para um maior conhecimento e compreensão do legado artístico e intelectual desta "avalanche de genialidade" (como o definiu o jornalista Luiz Antônio Mello) chamada Renato Russo.

Letra Livre Editora

"Além da liderança implícita e da genialidade de
fio terra da raça e parabólica de geração,
Renato Russo deixa um legado de integridade
artística à prova de bulas. Ele esquadrinhou
seus cantos pessoais mais ocultos com a
sinceridade dos que põem a alma pela boca.
Sua vida foi um disco aberto. E a todo volume."

Tárik de Souza

"Em suas andanças pela Terra Santa,

Jesus encontrou um endemoniado

e perguntou seu nome. A resposta foi:

— "Meu nome é Legião."

Arthur Dapieve

A

ABORTO ELÉTRICO

■ Imagina ter um conjunto chamado Aborto Elétrico, numa época em que você não podia nem ter conjunto. Uma vez, perguntaram ao Fé [Felipe Lemos], que hoje é baterista do Capital Inicial, se ele era contra ou a favor do aborto elétrico, como se fosse algum anticoncepcional a laser. (1986)

■ Tinha o Fê, que estudava na Cultura Inglesa e tinha voltado da Inglaterra. Ele era meio hippie — tinha barba, cabelo comprido, mas usava calças rasgadas. Uma coisa híbrida — hippie com punk. E Sex Pistols daqui, Sex Pistols dali... Até que pintou o dia em que eu estava na Taberna e veio descendo um punk com a namorada dele, um Sid Vicious loiro: era o André Pretorius. Eu cheguei para ele e a primeira coisa que eu falei foi: "Você gosta dos Sex Pistols?". E ele: "Sex Pistols! Yeah! Jóia!". E

começamos a trocar informações. Eu tinha acabado de receber o segundo LP do Clash

[Give'en enough rope] e ele, o primeiro compacto do PIL. Isso já devia ser 78. Então, bem: "Vamos formar uma banda?". Aí formamos o Aborto Elétrico — ele tocava guitarra e eu, baixo. Eu fiquei enchendo meu pai para ele me comprar um instrumento. Foi meio difícil, mas eu estava trabalhando e juntei uma grana, ele me ajudou, e comprei um baixo. (1989)

■ Eu me lembro que a primeira apresentação do Aborto Elétrico foi num pequeno barzinho no Gilberto Salomão, onde só se vendia cana — chamava, inclusive, Só Cana.

Tinham certas pessoas ligadas nos anos 70 que deram muita força. E a gente era muito entusiasmado. Se encontrássemos

alguém para contar a história dos Pistols e o que esse Sid Vicious fazia, como era a história toda... Ou, nós mesmos, falando de como era bacana a gente tentar fazer rock ' n' roll, reclamar da vida e tudo. Enfim, se encontrássemos alguém que nos ouvisse, despejávamos tudo. Fomos, levamos umas coisas, o Fê com caxumba, febre de 40 graus e, quando terminamos o set de cinco músicas, o pessoal reagiu com: "Ehhhhhh! De novo!!". Porque brasileiro gosta muito de uma zona. Então, dá-lhe zona. Aí, tocamos as cinco músicas de novo e, pelo que soube, a cidade inteira falou disso depois. Ninguém nunca tinha ouvido falar de um grupo de música chegar, tocar de graça e ainda fazer aquele barulho. O Aborto Elétrico não era rápido — era lento, tipo Pistols, MC5 e Stooges. Nos colégios de classe média —

Objetivo, Elefante Branco, Marista —, o comentário era: "Você viu, aqueles caras são maconheiros, blá, blá, blá..." (1989)

■ O nome Aborto Elétrico é justamente porque eles inventaram, em 68, os cassetetes elétricos que davam choque. Numa dessas batidas, uma menina que estava grávida, nada a ver com a história, levou uma tal daquelas cacetadas e perdeu a criança! Coisa de mau gosto! Então, Aborto Elétrico era o que representava a música da gente. Agora, a repressão existia em vários níveis, em todos os lugares. Tinha de se ter muito cuidado com o que se falava — não podia falar mal do governo, nada. Nem bzzzzzzz. E era só verem um grupo de jovens juntos que vinham

estragar,

tipo

desmancha

prazer.

Hoje

ainda

continua.

Cada

quatro quadras têm uma viatura especial, com telefone especial.
(1989)

■ O

Aborto

Elétrico

acabou

virtualmente

quando

o

André

Pretorius

foi para a África do Sul servir o exército e matar os negros. Eu passei do baixo para a guitarra — ensinei o Flávio [Miguel], do Capital, a tocar baixo e ele entrou na banda. Foi aí que comecei a usar as letras, porque eu tinha vergonha de cantar. E, nessa segunda encarnação, já apareceu a Blitz, o que facilitava as coisas. Eles tinham um amplificador e nós, outro. Juntávamos os dois, bateria e, com isso, tocávamos em colégio, festinhas,

festas

de

aniversário.

Até

que

foi

crescendo,

crescendo,

crescendo e... novamente acabou o Aborto Elétrico [março de 1982].

(1989)

20

■ A gente era bem niilista, no sentido de que quase não fazia apresentação ao vivo. Realmente, o Aborto Elétrico era só um projeto.

Mas, a partir de um determinado momento, tudo começou a se cristalizar, porque, de repente, a turma cresceu. Tinha o pessoal que estava nas bandas, tinham as meninas que ajudavam a gente a colar cartazes, a fazer buttons. Tinham uns amigos nossos que construíam guitarras, porque ninguém tinha dinheiro para comprar uma. Mesmo a gente sendo de família de classe média alta, era muito, muito caro. Não tinha esse mercado do rock. (1994)

■ Era ensaio todo fim de semana. Na fase do Aborto Elétrico, explodiu tudo o que eu não vivi nos dois anos em que fiquei na cama [devido à epifisiólise, doença que afeta as extremidades dos ossos]. Apareceu uma nova geração no rock que dizia: "Você não precisa estudar música para fazer rock'n'roll. Você pode pegar uma guitarra e fazer". Éramos os punks. Nossos padrinhos foram os Paralamas do Sucesso. (1995) ACID HOUSE

■ Odeio, odeio! Porque eu acho que não é rock'n'roll. Gosto daquela coisa do garoto branco fazendo barulho com a guitarra. (1989) ADOLESCÊNCIA

■ Vivi em Brasília dos 13 aos 23 anos, e ali, depois de algum tempo, meu mundo da infância, que era muito seguro, começou a mudar. Se entrar aqui o Júnior [uma auto-referência], com 8 anos de idade, é a mesma pessoa. Talvez eu estranhe se entrar o Júnior com 16, 18 anos de idade. Mas os valores são os mesmos. Eu era muito confuso. Foi uma fase que durou muito tempo, até o comecinho da Legião Urbana. Eu me perdi. Eu tinha uma vida de sonho. Aos 17 anos, acabou, sabe? Fui para o mundo. Surgiram aquelas confusões sexuais da adolescência e dúvidas. (1995)

■ Na adolescência, você quer ser aceito. Foi uma época muito complicada para mim. Eu sabia que era sedutor e, como todo mundo, também aprendi os códigos sociais para não me machucar. (1995) 21

AGRESSIVIDADE

■ Eu sou psicótico, igualzinho ao Axl Rose [do Guns N 'Roses]. Se alguém apronta alguma coisa, eu saio quebrando. Eu quebro, eu sou do tipo "eu vou descer e vou dar porrada mesmo". E já fui muito criticado por causa disso. Então, se é para ter problema, eu prefiro não sair. Porque, depois, eu vou tacar pedestal, vou gritar com todo mundo, ficar puto no hotel. Ninguém sabe desse tipo de coisa. Mas eu sou do tipo que quebra quarto de hotel. A gente não faz publicidade em cima disso, porque não precisa, e a gente não faz isso por publicidade. (1993)

■ Já houve um tempo em que eu achava necessário ter uma postura agressiva. Era como eu, como a gente, queria se expressar, ora bolas!

Hoje, não acho mais. Porque a violência está na vida das pessoas. O

público

demonstrava

afetividade

tacando

coisas

no

palco,

sendo

agressivo. Nós tínhamos uma postura agressiva, falávamos certas coisas, mas, ao mesmo tempo, era uma coisa meio intimista e tímida. Talvez isso desse abertura para o público agir daquela maneira. (1994)

- Eu tinha uma postura agressiva porque não subo no palco para levar lata de cerveja na cabeça, tipo James Taylor. (1994)

AIDS

- A Aids coloca toda e qualquer ação humana sob outro prisma. (1988)

- A inflação e a Aids acabaram com a segurança. As angústias voltaram a ser básicas. E pessoais. (1988)

- Veja a diferença do que acontece no exterior: na Europa, estão fazendo filmes pornôis sobre safe sex! Toda essa movimentação em torno da Aids só serviu para reforçar ainda mais a união do movimento gay. Aqui, acontece o contrário: foi preciso matar o Luiz Antônio [Martinez Corrêa, diretor de teatro] para os artistas iniciarem uma campanha, porque os homossexuais estão acuados, com

medo. Os hemofílicos estão fazendo,

estão lutando, mas precisava morrer o Henfil [cartunista] para este problema sensibilizar a população? (1988)

■ Era importante, como artista, eu me posicionar sobre a Aids. Sejam honestos. Há uma relação homossexual na música. Estou nos grupos de risco. Só não sou hemofílico. Não quero ser o mártir da causa gay. O

preconceito vem do desconhecimento, do medo. (1989)

■ O homossexualismo mexia muito com a minha cabeça: poxa, se não é errado, por que existe Aids? Até eu colocar na minha cabeça que Aids não tem nada a ver com Deus. (1990)

■ Mas que baixo astral! Eu não estou com Aids. Que pergunta idiota!

Uma vez, no Circo Voador, também me perguntaram isso, e eu nunca mais voltei lá. (1992)

■ Bem, o que eu vou falar sobre a Aids? Pratico sexo seguro desde 1986. E acho que a doença está mais ligada a um tipo de vida desregrada.

Já perdi amigos. É uma coisa brutal, terrível. Mas espero que agora, passados dez anos, a situação melhore. Esta garotada que está aí é bem mais informada. (1994)

■ Em se tratando de Aids, eu acho que os gays são as pessoas mais organizadas

neste

sentido.

Realmente,

os

índices

diminuíram

entre

os

homossexuais, e agora existe o perigo de a Aids estar entre as mulheres e entre os jovens. Todo mundo já sabe o que é; o melhor é todo mundo tomar cuidado, (1994)

■ Eu estive em Nova York agora, e o que está morrendo de gente de Aids... Mas é muita gente, é o holocausto. Todo mundo que trabalha com foto, cinema etc... Todo mundo! E ninguém fala sobre o assunto

— não é como aqui. A sociedade inteira ignora isso. (1995)

■ Você sabe, não é legal falar isto, mas quem é realmente saudável tem menos possibilidade de contrair Aids. Não faço mais as loucuras que fazia antigamente. E têm certas coisas que caem na área da dúvida, como sexo oral, por exemplo. (1995)

Eu me comporto como se fosse soropositivo? Isso é problema meu, não abro. (1995)

23

ALCOOLISMO

■ Nunca bebi pelo gosto, mas para ficar louco. Bebia Cointreau em copo de requeijão... Mas isso foi o passado. Parei com tudo. Era um movimento

muito

egoísta

da

minha

parte,

enquanto

todos

se

preocupavam comigo. (1986)

- Bebo porque tem garoto de 15 anos sendo morto pela polícia e meninas sendo estupradas. (1993)

- Não posso dizer que nunca mais vou beber. Mas posso dizer que não vou beber hoje. (1994)

- Evite a primeira dose. Eu sempre fui alcoólatra. Tudo começou com o álcool. Só que álcool é uma droga aceita; então, não se considera droga. Álcool é das piores coisas que existem. Eu tenho amigos alcoólatras e vejo o processo dessas pessoas. Só que eu não falo nada. Se a pessoa quiser ajuda, ela tem o meu exemplo. Eu falo do que está se passando comigo. (1994)

- Cancelamos os shows no Nordeste [em 1991, na turnê do V] porque eu estava bebendo de cair, com tendências suicidas... No meu aniversário

[27 de março], pensando no meu filho, em mim, vi que não podia continuar assim. (1994)

- Não sou louco, sou alcoólatra. É diferente. Não vou ter vergonha de ter cabelo preto, de ser canhoto. Sou uma pessoa pública, não acho que deva mentir para as pessoas. (1995)

■ O alcoólatra não é sem-vergonha. Existe uma enzima que o corpo do alcoólatra processa num ritmo duas a três vezes mais lento do que o de uma pessoa normal. Então, ele acha que não é alcoólatra, porque todo mundo bebe e fica bêbado; e ele, não. Com o tempo, o organismo começa a precisar daquilo. E começam a aparecer problemas de relacionamento. Virei aquele chato com quem as pessoas não podiam falar, porque não sabiam qual seria a minha reação. (1995) 24

■ Aquela história: bebia, porque sofria; depois, sofria, porque bebia. E

bebia muito para ser aceito, para que gostassem de mim. Sentia insegurança, tomava umas doses, ficava espirituoso, virava o rei das pistas de dança. (1995)

AMARGURA

■ A nossa geração, o pessoal mais novo, tem sempre uma saída para o camp, uma liberdade maior para transar até o kitsch, enquanto as gerações mais antigas da área de cultura têm uma coisa muito ressentida, muito angustiada. E eu não quero ser uma pessoa amarga. Às vezes, eu leio uns artigos no caderno Idéias [do Jornal do Brasil] e penso: "Pô, esse cara, quando acorda, não deve nem sorrir para o sol nascendo". Fica uma coisa muito deprê. Mas a Bíblia e a filosofia oriental ensinam que têm coisas que não são dadas ao homem conhecer. Senão, ele já conhecia!

(1988)

AMIZADE

■ Entre as pessoas que ouviam rock — gozado, porque são as grandes amizades que eu tenho até hoje —, o elo foi a música. Tenho um grande amigo em Brasília. Outro dia, estávamos conversando e eu perguntei:

"Como a gente ficou amigo?". E ele me contou que tinha voltado de Paris com uns discos e eu disse: "Oh, discos novos na cidade!".

Importados e tal. Aí, eu fui lá catar alguns e ficamos amigos. (1989)

■ Amizade é quando você encontra uma pessoa que olha na mesma direção que você, compartilha a vida contigo e te respeita como você é.

Uma pessoa com a qual você não precisa ter segredos e que goste até dos teus defeitos. Basicamente, é aquela pessoa com quem você quer compartilhar os bons momentos e os maus, também. (1995) Alguns amigos meus são os mesmos do passado e outros, não. Eu não tenho muitos, mas tenho bons amigos. Se eu contar, realmente, não devem passar de cinco. Mas têm outros. (1995)

■ A

gente

se

encontrava

todo

dia,

vivia

junto,

morava

junto

eventualmente, e chegou a um ponto de não se ter mais o que falar. Era só abrir a boca para brigar. Ficava falando só de trabalho, e a amizade ia embora. Agora, não; voltamos. Percebemos a tempo o que estava acontecendo. (1987)

■ Nada no mundo vale a amizade do Paulo Ricardo e do Schiavon [do RPM]. Nada no mundo vale a amizade do Jagger e do Richards

[Rolling Stones]. Se a gente [a Legião] acabar e ficar a inimizade, tudo o que a gente fez não vale nada. Joga no lixo. (1987)

■ Você gosta das pessoas, mas, de repente, não gosta do que essas pessoas se transformaram por causa do trabalho. Eu era superamigo do Dado, mas não do Dado Villa-Lobos da Legião. Assim como ele não era amigo do Renato Russo; ele era amigo do Júnior ou Renato Manfredini. Sei lá!

No meio de toda a história, não sabíamos mais quem era quem. (1988)

■ Nós temos amigos em comum. A gente não vive grudado. O Bonfá faz um churrasco na casa dele, reunimos os amigos. Mas não é como antigamente. O Dado gosta de jogar bola. São interesses diferentes. Eu sou gay, tenho outra turma. Mas a gente sempre se encontra. (1993)

■ Para ficar fácil de a gente sobreviver ou, então, não ficar tão difícil, é importante você ter, justamente, uma rede de amigos. E o que acontece é que você vai descobrir, às vezes, que esses seus amigos e amigas são mais do que a gente chamaria de amigos e amigas. São pessoas que realmente fazem parte da tua vida, com quem você tem um contato físico, com quem você tem uma troca espiritual. E, graças a Deus, eu tenho isso no trabalho. Eu não vejo muito o Dado e o Bonfá, mas às vezes a gente faz lá um cachorro-quente, domingo teve um churrasco, e é uma delícia, porque estão as crianças, você fica numa boa, sem fazer nada. Amigo é para a gente se divertir. (1993)

■ Como a gente tem uma relação de trabalho, é diferente. Têm o fato de eu ser gay e uma distância que eu coloco. Porque acho o Dado o 26

homem mais gostoso do mundo. E o Bonfá, o homem mais gostoso do mundo, entendeu? (1995)

AMIZADE HOMEM/MULHER

■ Existe o momento em que vai pintar a atração. Mas, também, quando existe uma amizade plena e o sexo aparece, é um outro tipo de sexo, uma coisa mais de compartilhar. Eu acredito que, para haver paixão, você não pode conhecer a pessoa a fundo. Senão, entram outras formas de se relacionar, sem aquela coisa da paixão cega e tudo. E, na relação hetero, existem tantas regras que, de repente, cortam uma naturalidade que há na amizade. (1995)

AMOR

■ Não penso em amor. Ainda sou muito egoísta para ter um relacionamento honesto com alguém. (1987)

■ O Okky de Souza escreveu na Veja algo que eu não falaria melhor.

Segundo ele, o amor na visão da gente, em As Quatro Estações, não é uma coisa importante porque as religiões dizem que seja, ou então porque é da natureza humana; mas porque pode ser uma

espécie de passaporte para outras reflexões e outras sensações. Eu acho isso muito bonito.

(1989)

■ O disco V abre falando assim: "Pois nasci nunca vi amor/E ouço dele sempre falar". É assim. Nunca vi. Não existe. Acabou. (1992) Depois que eu me apaixonei de verdade, e não deu muito certo, então eu não consigo mais... Eu fico esperando, putz, eu quero sentir aquilo de novo, mas aí, se começa, se o coração bate mais rápido: "Ah, eu não sei se quero isso, não". Eu acreditei durante muito tempo em amor romântico. Hoje em dia, eu não acredito em amor romântico, não. Eu acredito em respeito e amizade. De repente, sexo e tudo. Ou, então, expressão física. Mas é assim: respeito e amizade. Porque paixão, essa coisa de amor romântico mesmo, acho que traz muito sofrimento e sempre acaba. Você sofre, você fica pensando na pessoa, você não 27

funciona direito. Ao mesmo tempo em que você descobre muitas coisas boas em você —não sei, pelo menos comigo acontece isso—, eu descubro sempre as invejas, certos ciúmes, uma certa possessividade, no meu caso, muito machista. E isso incomoda. Eu sou ciumento, possessivo, italianão. Eu acho que o amor verdadeiro não passa por isso, não. (1993)

ANALFABETISMO

■ Ora bolas, nós estamos numa sociedade que tem 60 por cento de analfabetos. Eu prefiro falar numa linguagem simples, mas

dizendo coisas que realmente me são caras, preciosas, tipo: "Disseste que se tua voz fosse igual à imensa dor que sentes, teu grito acordaria não só a tua casa, mas a vizinhança inteira". Isso poderia ter sido escrito há dois mil anos, como pode ter sido escrito agora. Daqui a dois mil anos, ainda vai existir vizinhança. A gente pegou um dos sonetos de Camões e musicou.

Aquele soneto mais famoso, o soneto 11, que é: "O amor é um fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente". Se alguém procurar Camões por causa dessa música [Quando o sol bater na janela do teu quarto], eu já fiz o meu trabalho. E eu sei de gente que já leu Rousseau e quis saber quem era Bertrand Russel porque citei os dois em uma entrevista. (1989)

- Acho deprimente que meu voto valha o mesmo que o de um analfabeto. Isto é um crime, tanto quanto ter o que temos de analfabetos no Brasil. E ainda se conformar com isso! (1989)

ANARQUISTA

- Sou anarquista e individualista. Tenho uma visão poética, mas não me considero poeta. Procuro o belo. (1995)

'ANDREA DORIA' [faixa do disco Dois]

- Andrea Doria é a mesma coisa de Será: um jovem que quer mudar o mundo, porque está tudo horrível. Coloca bem a questão da juventude, ter sonhos, fazer planos e esbarrar neste mundo de hipocrisia, de mentira, 28

do capitalismo, de consumismo. Andrea Doria é um navio que afundou. A idéia era fazer uma imagem meio E la nave va [filme do cineasta Frederico Fellini, passado num transatlântico]... Na hora de escolher o título da música, fizemos um monte de mitologias para a coisa ficar legal. E, no caso, Andrea Doria é uma menina. A música é um diálogo entre uma menina que era cheia de vida, alegria e planos, e que sempre me deu força, mas, nesse instante, é quem está derrubada. Têm coisas que ela fala para mim e têm coisas que eu falo para ela — o mundo está horrível, mas nós vamos conseguir, vamos juntos etc. Quando você entra no mundo adulto, se não tomar cuidado, deixa entrar o cinismo, fica jaded [cansado]. E a música é uma conversa em cima disso, e termina justamente falando: "A gente tem toda a sorte do mundo" — sem especificar, porque, bem ou mal, a gente não é favelado, não morre de fome. "Sei que tenho sorte, como sei que tens também". [Declaração publicada em 1998 no livro Letra, música e outras conversas, de Leoni]

ANOS 90

- Não queremos ser diferentes, e, sim, que todo mundo tenha o direito de ser como é. Eu não preciso me sentir mal porque não sou igual ao garoto que está no anúncio do iogurte. É você ser sexy, charmoso, com uma certa plasticidade corpórea. Cria-se uma geração de clones. Estes são os anos 90. (1992)

ANOTAÇÕES

- Faço anotações. Não sou original. Leio uma revista e anoto uma idéia que tem a ver com o meu universo. Às vezes, também

uso frases de filmes, como "É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã".

A cultura pop é justamente esse caldeirão. Escrevo todos os dias, e recorro às minhas anotações quando vou escrever uma letra.
(1994) ARREPENDIMENTO

- Sinto arrependimento quando não aprendo com meus erros.
(1994)

- Não conhecer a Programação dos 12 Passos [para recuperação de 29

viciados] na época do Scott [Robert Scott Hickmon, que conheceu nos Estados Unidos e com quem viveu no Rio de Janeiro].
(1994)

ARTISTAS

- O

artista

tem

milhares

de

preocupações,

é

uma

pessoa

superangustiada. Você vê a vida de uma outra maneira, você é muito mais sensível aos problemas. Têm dias em que eu nem leio o jornal. Só pego, assim, e leio as manchetes principais; porque, se eu ler o jornal, vou ficar superdeprimido e não vou querer sair de casa. Então, eu acho importante que as pessoas tenham contato com outros tipos de realidade, em vez de ficar só naquele mundinho, porque isso ajuda, mostra que o ser humano não é só um tipo de pessoa. Existem os loucos, existem os artistas, existem os caretas. (1985)

■ Às vezes, penso se não concordo com Platão. Na República, ele fala que os artistas são nocivos para uma sociedade. (1988)

■ Vamos deixar claro: eu não gosto de um artista porque ele é preto, ele é viado ou porque ele é americano. Eu gosto do artista pelo que ele faz enquanto artista. (1992)

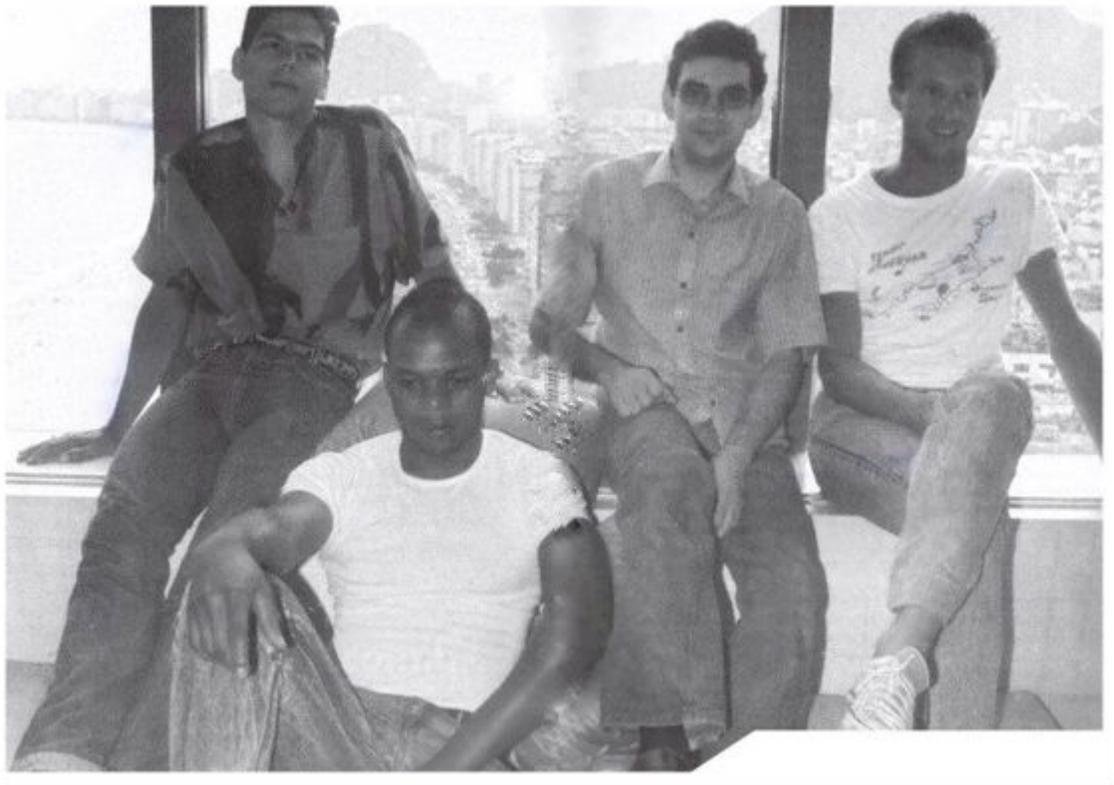
■ Eu acho que nós precisamos do mesmo de sempre — união, liberdade de o artista poder trabalhar. O artista brasileiro não tem que matar um dragão por dia. E precisamos ter mais chances

civilizadas de conhecer nossos pares... Esta frase é importante. O caso é que não vai ficar todo mundo amiguinho. O que a gente precisa é de decência, sabedoria, comida e trabalho para as pessoas. E foda-se o resto. Eu não falo isso demagogicamente. Eu não preciso mentir, eu nunca menti. Quer dizer, eu já menti aqui e ali, mas não é aquela coisa: "Oh, ele é falso, ele atira em sua própria gente para provar que não é um deles". Isso tudo está voltando, a gente está no fim dos tempos. (1996)

ASSÉDIO

■ Só não gosto quando as pessoas são agressivas. Aquelas que, mesmo quando demonstram alguma afeição ou interesse, abordam de uma 30

forma agressiva. Mas, na verdade, não gosto muito de sair de casa. Eu sou um pouco sensível e tenho tendência à melancolia. Dá para ver pelo trabalho, não é? (1995)



ATORES

■ Todd Haynes, Gregg Araki e Collin Firth — o meu favorito. (1994) ATRAÇÃO POR MENINAS

■ Não, absolutamente. Aos 4 anos, eu não brincava de médico com meninas. Para mim, isso não tinha graça nenhuma. Eu sabia que sexo era proibido. Sou de família católica, italiana. Sabia que tinham as brincadeiras com as meninas, mas eu queria era ver como eram os peruzinhos dos meninos. (1995)

ATRIZES

■ Cybill Sheppard, Diane Keaton e Monica Vitti. (1994).

AUTO-AJUDA

■ O pessoal da auto-ajuda é uma coisa fabulosa. Lembro que freqüentei reuniões do grupo Arco-íris, formado por gays, e era muito bom ver que as pessoas se reúnem porque têm um problema comum e a vontade comum de vencê-lo. (1995) 31

B

BALANÇO

■ Nosso primeiro disco é pop, não é rock. Aquele de que eu mais gosto é o V, que tem as melhores letras, mas é muito melancólico. Eu gosto do lado dois de O Descobrimento do Brasil. Os discos são

muito interligados, e as letras tratam do que é ser um jovem urbano no Brasil.

Não tem nenhuma música da qual eu me envergonhe. (1995)

'BANANA'

■ Consegui me dar bem com mulheres fortes, sensíveis. Mas tive problemas com um tipo de mulher: as muito presas a status quo, que me achavam um banana. Essas estão inseridas num grupo que acha que homem, para ser macho, tem que maltratar, ficar em cima, declarar supremacia; no pacote, tem que vir isso. Como eu não me adaptava de jeito nenhum, era um bananão. (1995)

BANCO DO BRASIL

■ Meu pai veio para o Rio para trabalhar no Banco do Brasil e inaugurou a geração classe média urbana da família, que, antes, plantava mate no Paraná. E tome Banco do Brasil, muito Banco do Brasil... Isso influenciou muito minha vida. Hoje, não sei... Mas eu sempre tive muita estabilidade na vida por causa do banco. Mesmo na época da revolução. Meus amigos contam outro tipo de história. Para a gente, era assim: o Brasil está indo para a frente e nós estamos indo junto. Eu nunca soube de nada das coisas

que

aconteciam.

Achava

o

Médici

[general

Emílio

Garrastazu

Médici] o maior presidente do mundo. (1995)

35

BANDA DE ESTÚDIO

■ Nós já vivemos toda a coisa da estrada, de passar fome. Nós já fomos underground,

pauleira,

pop,

stadium

band.

Agora,

somos

uma

banda

de gravação. Porque, se o disco é bem-feito, ele sozinho se faz. O interesse é natural. (1988)

■ Eu não gosto de nada! Eu gosto é de compor, entrar no estúdio, encontrar os rapazes, trabalhar a obra, pensar na capa e pronto: coloca o disco na loja. A gente é artista de gravação. O Lou Reed falou isso: "I'm a recording artist", não um poeta. Ele é um artista que grava, e esta é a visão que eu tenho da Legião. (1996)

BANDAS

■ A

Legião

nunca

teve

concorrência

com

ninguém.

Tinha

uma

concorrência acirrada entre a Plebe e o Capital, não sei bem por qual razão. Acho que é porque o Fê e o André Müller tinham combinado com o André Pretorius de fazer uma banda — ele ia ser o guitarrista, o Fê, baterista, e o Müller, quando chegasse da Inglaterra, seria o baixista.

Só que eu entrei no meio e fiz o Aborto Elétrico, primeira versão. (1989)

■ Talvez, mais tarde, a gente veja que houve um mal-entendido com algumas bandas — que, a partir do terceiro, quarto trabalho, vão mostrar sua identidade. Mas isso não existe, porque estamos nos anos 80, entrando nos 90, e você tem que deixar sua marca no primeiro disco, senão, você dança. (1989)

■ Para mim, as bandas mais importantes são Gang of Four e Public Image

Limited

[PIL].

Para

minha

grande

vergonha,

ouvi

Nevermind,

do Nirvana, e não me entusiasmei. (1993)

■ Teve aquela explosão em 81, 82, 83, em que apareceu todo mundo

— Barão, Kid Abelha, Paralamas, Titãs, Engenheiros, Blitz, Lobão, e gente e tal... Eu sei que aí, de repente, ficou um hiato, demorou um tempão para aparecer gente nova, e a gente virando dinossauro Dinossauro, tudo bem; mas já estava na hora de aparecer gente nova 36

Eu acho muito legal, porque parece que é assim: quando fica realmente difícil, é que as bandas aparecem. E isso é uma loucura! Porque, de repente, parece que dá uma coisa nas pessoas: "Então vamos fazer mesmo!". É que nem a gente em Brasília. Talvez isso explique até o fato de não ter aparecido nada novo, justamente, quando as coisas estavam andando. Que era fácil fazer show no Circo [Voador, no Rio de Janeiro], ficava aparecendo na MTV, não sei o quê. De repente, teve um hiato, sumiu tudo, aí o pessoal passou a trabalhar sozinho. Isso eu acho muito legal. O pessoal se organizar mesmo, juntar os amigos, as bandas, ir em frente e fazer. (1994)

- É legal que estejam aparecendo tantas bandas novas e que o pessoal das antigas esteja dando força: os Titãs com o Banguela e o Dado com o Rock It! [selos independentes]. Acho que os Raimundos são um sopro de vida. Gabriel, O Pensador é uma figura superlegal. Raimundos é a segunda ou terceira geração de Brasília. (1995)

- Têm alguns grupos que eu respeito para caramba. Os Titãs, principalmente da época do Arnaldo [Antunes]. Acho Jesus não tem dentes no país dos banguelas um dos melhores discos de rock de todos os tempos. Geralmente, gosto de ouvir outras coisas, como Kid Abelha e Paralamas. Já ouvi muito Pink Floyd, aquele disco da vaca [Atom heart mother]. Era só acordar e ir direto ouvir, até furar. Não tenho mais 14 anos, estou a fim de ouvir outros sons, além de rock. (1995)

'OS BARCOS' [faixa do disco O Descobrimento do Brasil]

- Sempre quis fazer uma música que falasse em "um outro alguém", o someone else do Jimmy Webb, cantado pelo Art Garfunkel. (1993) BARRA PESADA

■ Fizemos uma apresentação muito grande em Brasília, no ginásio de esportes, para 20 mil pessoas. Vinte mil pessoas em Brasília é muita gente! E morreu gente lá. Eu só descobri isso porque fiquei em Brasília.

Um belo dia, eu estava no hotel e um dos caras de lá chegou e me disse... Tinha uma garotada, uns fascistas — porque, em Brasília, têm 37

muitos — com canivetes, e eles ficavam empurrando as meninas para baixo. E as meninas todas apavoradas. Eu sei que chegou uma hora em que despencou toda a estrutura que segurava o mezanino, e uma menina caiu e bateu com a cabeça no ferro. E a gente cantando: "Brigar para quê se é sem querer"... Isso fodeu com a minha cabeça.

(1988)

BEACH BOYS

■ Agora, o que eu queria mesmo — meu sonho — era ser os Beach Boys. Era o meu sonho. Eu acho as coisas dos Beach Boys mais bonitas do que as coisas dos Beatles. Têm coisas que, ouvindo, a gente diz:

"Como que esse homem fez isso?". Agora, os Beatles são os Beatles, não é? (1995)

THE BEATLES

- Eu era mesmo fã dos Beatles. Quando eles acabaram, eu queria morrer.

Eu achava que era o maior fã do mundo... (1986)

- Eu pedi para o Dado e para o Bonfá perguntarem aos caras lá de Abbey Road [estúdio onde foram remasterizados os discos da Legião Urbana, em Londres] o que é que eles achavam do nosso som. Já que eles estariam ouvindo toda a obra da Legião, eu queria saber se eles a achavam legal. Bem, eles estavam lá ouvindo o disco, e o Dado me contou: "Pois é, o que é que isso lembra?". Estava tocando Eu sei e eles já haviam ouvido os dois primeiros discos. Um parou e disse: "Parece Beatles". Isso me deixou tão feliz! Porque eu vejo uma influência tão grande dos Beatles, e ninguém fala. Ninguém fala. Não é uma coisa muito clara. Mas, aí, eu falei: "Será, Dado?". Nós estávamos ao telefone, depois eu fui ouvir Eu sei. Eu nunca havia me tocado, mas aquelas guitarras parecem coisa do Tomorrow never knows. É uma coisa tão impressionante!. (1995)

BEBIDAS

- Água de coco, chás e água. (1994)

BEIJO

- Meu primeiro beijo foi aos 9 anos, com minha namorada nos Estados Unidos. Achei a coisa mais nojenta. (1994)

BERTOLD BRECHT

- Eu estava lendo Brecht, depois de anos. Gente, aquilo lá parece que foi um garoto da UnB que escreveu! Mas, batata: está tudo lá! Tem uma frase que diz: "Quando os governos começam a dizer que não vai ter guerra, é porque a guerra já está acontecendo". (1994) BOB DYLAN

- Eu não sou dono de nada, eu não entendo de nada. Só que eu gosto de falar como Bob Dylan. É porque, na época, as pessoas eram completamente idiotas, mas eu já li entrevistas magníficas com Bob Dylan, quando ele, de repente, percebeu que podia pelo menos abrir o jogo e falar um pouco de verdade. Três ou quatro anos atrás, esse era o discurso do Bono [Vox, do U2]. Agora a gente aprendeu a mentir. Todos passam por este processo, eu acho que é humano. O rock'n'roll romantiza.

Existem

mentiras

e

existem

mentiras.

Estou

falando

com

relação ao trabalho, dentro do que a gente faz. E só. (1996)
BOCA SECA

■ “Tudo começou quando, em dezembro de 1980, fui convidado por um amigo para tocar em sua loja de discos, show que aconteceria em janeiro de 1981. Formei o grupo Boca Seca e o seu tipo de música era um

rock

progressivo

bastante

trabalhado

(instrumental).

Embora

fossem

dadas várias apresentações, o grupo se desfez em julho de 1981. Cada um foi para o seu lado e, logo depois, Eduardo Paraná foi convidado para montar um grupo de rock brasiliense, que tocaria músicas de Brasília para dançar, ouvir e, principalmente, gostar. Um metal pesado seria a base do grupo, formado por Bonfá, bateria; Renato, baixo; Paraná, guitarra; Paulo, teclados". [Trecho de um texto escrito por ele para registrar os primeiros passos da Legião Urbana] (1982)

39

BOSSA NOVA

■ Os italianos conhecem mais Chico Buarque, Caetano Veloso e Roberto Carlos.

Quis

colocar

algumas

coisas

brasileiras

no

disco

[Equilíbrio

Distante] e ficou até engraçado, porque não entendo nada de Bossa Nova. Mas resolvi gravar Wave e Como uma onda, para ter algo brasileiro e para fazer uma homenagem para o Tom Jobim. (1995)

BRASIL

■ O Brasil é um país que não é uma nação, onde a vítima é ré, e não se respeita mulher, negro e homossexual. (1987)

■ Você vê, pela quantidade de pessoas que querem ir embora, o aviltamento profissional de tanta gente, a falta de perspectivas. Mas eu acho que é justamente nas situações extremas que as coisas podem mudar. O povo brasileiro, na verdade, tem muito bom coração. (1988)

■ No final do ano, quero viajar. Aqui, não dá para trabalhar. Não agüento mais ouvir meu avô reclamar da pensão. Lá fora, está todo mundo rindo da gente. (1988)

■ É mais fácil entrar para as Forças Armadas do que ter um ensino decente. Meu país tem nome de remédio: Brasil, Doril... Meu país só tem me dado dor de cabeça. Inflação zero... só se for na casa dele.

(1990)

■ Nós já cantamos o caos, a situação desesperadora do país. E, agora, o que resta? O caos continua aí. (1991)

A gente não é como esses caras. Eu sou brasileiro! Esses caras não são brasileiros. Polícia

que

mata

criança, traficante... essas

pessoas assim

são animais. A gente acredita no Brasil. Existem muitas coisas legais.

Ficam querendo que a gente seja ladrão, que seja do jeito que eles são.

Nós não somos, não. (1993)

40

■ Olha, a ignorância é vizinha da maldade. Isso é batata. Mas o que está acontecendo no Brasil... Eu acho que talvez seja o último estágio... Isso vem desde o descobrimento do Brasil. Para cá vieram ladrão, louco, preso político, entendeu? Essa corja está aí até hoje. O povo, mesmo, está todo mundo ciente disso. (1994)

BRASÍLIA

■ A gente fazia rock por necessidade lá. Além de ser uma necessidade de você ir contra o tédio da cidade, é uma necessidade física mesmo, de você se expressar. Ao passo que, se eu estivesse aqui no Rio, ia à praia, ia comer um sanduíche natural, e não teria tanta necessidade assim. Acho que Brasília é importante por causa disso, você tem essa motivação. É uma cidade que te inspira, é uma coisa muito dela, é uma cidade muito bonita. Tem um certo astral, não parece uma cidade brasileira. Agora, acho que as pessoas em Brasília poderiam se organizar, ter uma espécie de organização comunitária, talvez até a nível político, para ajudar as satélites. Acho que o Plano Piloto vive numa ilha, isso é uma coisa muito negativa. Não é tão difícil você prever que possam surgir problemas, num futuro próximo, por causa desse disparate social que existe. Da última vez que fui, senti isso, um ressentimento bravo das pessoas

que circulam pela Rodoviária. Não estou dizendo que todo mundo na Ceilândia tem que ter piscina, mas respeitar um pouco os outros, não ser esse exagero de mordomias que é Brasília, esse exagero de ostentação. (1985)

■ Eu adoro Brasília. Para mim, é a melhor cidade do Brasil. Futuramente, eu quero novamente morar em Brasília. Muita gente reclama que aqui não tem nada para fazer, mas, se você procura você acha. No Rio e em São Paulo, existem mais alternativas, mas é aquele circuitozinho. Você sai do cinema e tem que se defrontar com aquele calor, com aquela poluição. Aqui, você sai da Cultura Inglesa e aspira um ar puríssimo, e pode sair por aí caminhando tranqüilamente. E existe o intercâmbio cultural com as embaixadas e com as próprias pessoas. Você encontra pessoas aqui de todos os cantos do país, de todas as profissões, com todos os backgrounds possíveis. Isso dá uma interação de relacionamento humano, emocional, que eu acho muito legal, ao contrário das grandes 41

metrópoles, onde hoje só existem as tribos superfechadas. (1986)

■ Sabíamos, antes do resto do país, das declarações políticas do Congresso

Nacional.

Minha

tribo

também

buscava

informações

sobre

os acontecimentos — não só políticos, como artísticos e culturais.
Brasília proporciona

essa

facilidade

de

acesso.

Víamos

filmes

estrangeiros

um

ano antes de entrarem em circuito nacional, freqüentávamos o Instituto Goethe. Enfim, estávamos informados sobre tudo, e isso permitiu um trabalho musical mais honesto e sincero. (1987)

- A maior agressão para um jovem é morar em Brasília, porque você vê todas aquelas coisas acontecendo no Planalto e no Congresso e não pode fazer nada. (1988)

- A capital das drogas... das drogas e dos suicídios. Mas, tudo bem, não vamos falar mal de Brasília. (1989)

- As pessoas em Brasília são mais extremas, parece que não conseguem transar a cidade numa boa. É uma cidade com muito ar, muita árvore, puxa pelo teu lado espiritual, e as pessoas têm medo de se descobrir. E

são orgulhosas, não conseguem admitir que aquilo é uma província.

(1989)

BRASÍLIA 1988 [sobre o tumulto ocorrido durante o show no estádio Mané Garrincha, no dia 18 de junho, que resultou em uma morte e 385 atendimentos médicos]

- Eu não sei o que aconteceu em Brasília. Mas acho que o que houve foi uma espécie de catarse coletiva, levada para um lado errado. As emoções das pessoas vieram à tona, foi uma coisa muito visceral. No caso da banda, a gente entrou inocentemente, a gente realmente achava que ia ser uma festa, sem pensar que seria perigoso juntar 50 mil pessoas em Brasília. A gente se esqueceu do

badernaço que teve em Brasília, que foi o mais violento de todos no país. O que aconteceu foi o seguinte: perdeu-se o controle. Todos perderam o controle. Todos têm uma parcela de culpa. Nossa parcela foi a de ter feito o show. Acho injusto as pessoas dizerem que o que aconteceu foi porque a banda — principalmente eu 42

— incitou a platéia. Porque, agora, é sabido que os atos de violência já estavam presentes antes mesmo de se pensar em atraso do show. Às seis da tarde, na Rodoviária, já estavam quebrando ônibus. Antes das nove e meia, horário marcado, já tinha gente tacando morteiro nas outras pessoas, gente com as pernas fraturadas, com a clavícula quebrada. (1988)

■ Só em Brasília eles brigam por tudo. Lá, estão quebrando o país, e os jovens saem quebrando ônibus. Brasília é um foco de violência. Fomos fazer uma festa e vieram com sete pedras nas mãos. Não pretendo voltar para lá. Só voltamos quando der vontade. Daqui a uns cinco anos...

(1988)

■ Eu sempre quis falar isso: não vou pedir desculpas nem perdão, mas eu gostaria de explicar que, se eu pudesse voltar no tempo, eu não faria certas coisas que fiz. No caso de Brasília, eu faria tudo de novo. Da próxima vez, ainda levava uma metralhadora giratória e matava um monte de gente... Claro que não. É brincadeira. No caso de Brasília, não faríamos o show. (1989)

■ Aquela postura "somos iguais aos fã's" não cabia mais. Eram 55 mil pessoas e nós num palco superpequeno. Amadurecemos para

ver que o público precisa de segurança, alimentação, conforto etc. A polícia foi conivente,

batendo

nas

meninas.

Viramos

bode

expiatório.

Também,

nunca mais fizemos show lá. (1995)

BREGA

■ Quem sabe, o brega é alternativo? Aliás, desde o momento que o brega apareceu, ele está sendo alternativo. Se eu fosse uma dessas donas de casa que gostam de Barry Manilow, ficaria puto da vida de ligar o rádio e ouvir AA UU [dos Titãs]. Assim como eu ficaria puto de querer AA UU e não ouvir. E, aqui, no Brasil, é assim: não têm dois. Ou são mil, ou é zero. (1988)

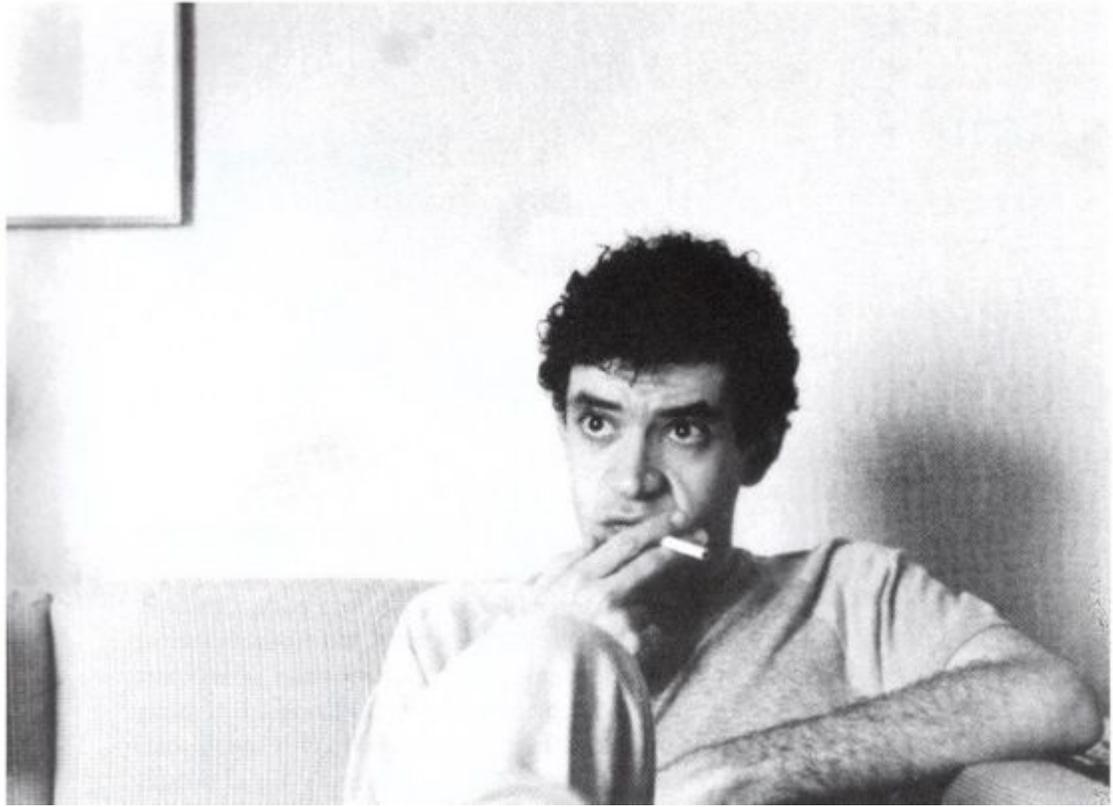
O Camisa de Vênus tinha aquela coisa beira de estrada, o RPM era brega sem querer e a gente era — e é — de propósito. Quando eu estou 43

me sentindo bem, quando estou pleno espiritualmente, eu fico completamente retardado e idiota. (1994)

- O que eu sei é que o que a gente chama da brega é o romântico popular. (1995)

BROXANTE

- Broxante, para mim, é a estupidez, é a pretensão. (1994) 44





C

CADERNOS CULTURAIS

■ Existe uma rixa entre os cadernos culturais do Rio, que é uma coisa perniciososa,

improdutiva

e

prejudicial

ao

leitor.

É

uma

mentalidade

mediocre, uma coisa ressentida. Acho que, se algumas pessoas não gostam do Brasil e querem estar em Nova York, devem ir para lá. Mas, não; ficam escrevendo sobre os clubbers de Manchester ou que a droga da moda é essa ou aquela. Quer coisa mais irresponsável do que esta, quando temos no Rio de Janeiro famílias inteiras morrendo por causa do tráfico de drogas? Agora, o Kurt Cobain se matando no palco, dando um vexame — qualquer pessoa normal via que aquele rapaz estava sofrendo —, os jornais vão lá e dão nota dez, porque é um grande show de

rock'n'roll.

Essas

pessoas

precisam

ter

suas

cabeças

examinadas.

(1994)

■ De uns dois anos para cá, a imprensa brasileira, principalmente os cadernos culturais, tem ficado muito perniciososa. Eles não chegam para a gente e perguntam como é o trabalho. É o que a gente acha disso, o que a gente acha daquilo. Eu acho que cada um tem que ter a sua própria opinião. Não é porque eu, ou o Dado, ou o Bonfá, ou alguém da banda ache uma determinada coisa, que "Ah, o Dado falou que tal filme é legal, então eu vou achar que o filme é legal". Não! A pessoa tem que ir, assistir ao filme e decidir de cabeça própria. (1994)

CAMINHOS

■ Tem que existir o caminho da iluminação, em que você não se destrói.

Como a gente vai falar o que acha legal sem que as pessoas se matem, sem que nós nos matemos? (1989)

47

■ Talvez, a gente pudesse fazer música renascentista, mas ficaria com cara de Gentle Giant. Portanto, continuaria sendo rock. Não

tenho muita afinidade com samba ou jazz. Até ouço e gosto, mas não sei fazer.

Me dá muita satisfação ouvir João Gilberto, como sempre faço, mas não saberia fazer aquilo. Se a gente tocasse melhor, poderia arriscar outros caminhos. A Legião veio do punk. (1989)

CAMISETAS

- Quando minha mãe colocava minhas camisetas para pano de chão, eu pegava de volta: limpava e vestia de novo. Porque a gente não usava roupa suja — era toda rasgada, mas limpinha. (1989)

CAMISINHA

- De repente, uma porção de coisas que estão acontecendo... Não se esqueçam, sempre, crianças: safe sex or no sex at all [sexo seguro ou nenhum sexo]. Sexo seguro, pode fazer tudo. Contanto que seja com camisinha. Isso é importante lembrar. (1992)

- Uso camisinha, direto, desde 1986. Qualquer pessoa que tem vida sexual ativa está no grupo de risco. (1994)

- Camisinha sempre! Ninguém sabe de onde veio esse vírus. Dizem que o Denner [costureiro e estilista] morreu desse negócio em 80, porque o primeiro caso apareceu em 78. Então, como é que você sabe? É

completamente

maluco.

Tem

gente

que

transa

sem

camisinha

durante

anos. Sei lá, é uma coisa complicada. Agora, também tem aquela coisa: é um castigo dos céus contra os homossexuais. Então, as lésbicas são o povo eleito de Deus, não é? A pessoa, numa relação sexual, tem que tomar cuidado com tudo. Senão, acaba pegando herpes, sífilis, gonorréia, hepatite. O que eu recomendo é o seguinte: sempre andar de camisinha.

E, de preferência, camisinha importada. (1994)

CAMPANHAS CONTRA DROGAS

■ Eu pouco me importo com essas campanhas antidrogas do governo, 48

mas o grande erro delas é justamente não dizer que droga é uma coisa que dá prazer só no começo. (1991)

■ Sobre as campanhas, minha posição é a seguinte: lembrar que, se você está usando drogas ilícitas, você está compactuando cora pessoas que

exploram

outras

pessoas,

peessoas

mentirosas,

desonestas.

Pessoas

com uma espiritualidade muito baixa e pessoas assassinas. E só isso.

Quando você estiver lá, cheirando, fumando seu baseado, você se lembra de que essas pessoas que trazem isso até você são pessoas que matam e que

escravizam.

São

peessoas

que

matam

crianças,

que

prostituem

meninas de 12 anos, que saem matando pessoas inocentes.
(1994) CAMPANHAS SOME A AIDS

■ A

gente

sempre

é

convidado.

Mas,

geralmente,

essas

coisas

beneficentes a banda não faz. Particpei da campanha do Betinho contra a fome, continuo participando. Fiz o show de abertura. Mas isso é uma postura minha, como cidadão. Legião Urbana não tem nada a ver com isso. Legião Urbana é para vender discos. Agora, a

partir do momento em que o governo não está fazendo nada, várias outras pessoas estão fazendo. (1994)

CANÇÃO

- I get along without you very well [composta por Hoagy Carmichael e incluída por Renato Russo no disco The Stonewall Celebration Concert].

(1994)

CANÇÕES DE AMOR

- Eu percebo que isso está aumentando, de uma certa maneira. A música pop sempre foi baseada em canções de amor. O grande repertório, o grande

cancioneiro

pop,

sempre

foram

canções

de

amor,

músicas

românticas. Mas eu percebo isso bastante nesses novos conjuntos de samba, o Negritude Júnior, o Raça Negra, que estão fazendo o maior sucesso, não é, gente? E, se você prestar atenção nas letras deles, são todas músicas de amor. Quer dizer, os sertanejos já tinham vindo antes 49

com essa temática, Roberto Carlos já tinha essa temática. Mas, agora, é impressionante!

Eu estava prestando atenção nas músicas que tocam no rádio, e as músicas só falam de amor: eu preciso de alguém, agora que eu encontrei você, você é a pessoa mais importante... Isso é uma coisa curiosa, porque eu acho que, a partir do momento em que a gente tem essas músicas presentes na vida da gente — seja você ligando o rádio, ou ligando a televisão —, isso ajuda um pouco, porque coloca que é uma necessidade das pessoas. E é importante as pessoas não terem medo do amor. Não terem medo de amar.

Parece até que eu entendo dessas coisas, mas, ou bem ou mal, eu, como músico, presto atenção nas letras das canções. E têm me chamado atenção, realmente, porque parece que está tendo um renascer romântico na música popular, na música extremamente popular. Eu acho isso muito bom. (1995)

CANTADA

■ A melhor cantada foi do Scott, em Nova York, num bar gay. Vi aquele menino loirinho, cara de estivador, vindo na minha direção. Pedi um cigarro, ele disse: "Não". Saiu. Voltou com um maço novinho para mim.

Ficamos juntos dois anos. (1994)

■ Eu sou muito ingênuo. Você tem que chegar com um coração vermelho na testa, fazendo blem, blem: "Renato, eu gosto de você! Renato, eu gosto de você!". Porque, às vezes, a pessoa está dando o maior mole e eu não estou nem... Às vezes, chegam para mim: "Você não está vendo?"

Eu digo: "É?". E, às vezes, eu não vejo. Eu sou muito ingênuo.
(1994) CANTO

■ Eu me concentro em certas deficiências técnicas, que não me deixam me considerar um bom cantor. Sou intuitivo, não tenho noção dos meus limites, mas, graças a Deus, canto afinado. E, além de gostar de cantar, tenho facilidade de cantar blues. Não tem muito branco que consegue.

No meu caso, deve ser de ouvir muito Janis Joplin. Meu timbre é agradável. No Brasil, as vozes são muito características. Ninguém canta como Nana Caymmi, Elba Ramalho. Na Itália, parece tudo igual. Eu tento ir por uma praia mais clássica: Agnaldo — os dois, Rayol e Timóteo, 50

Emílio Santiago. Mas tenho rompantes de Iggy Pop e Jim Morrison também. (1995)

■ O que me faz cantar, hoje, são uma boa melodia e uma letra interessante. Gosto muito de cantar. Às vezes, fico a tarde inteira ouvindo meus discos favoritos e cantando junto. Dinheiro me faz gravar discos, é diferente. (1995)

CANTORAS

■ Maria Bethânia e Maria Callas. (1994)

■ De rock, gosto do Greg Lake e Scott Walker. Também gosto de Thomas

Hampson

e

Dietrich

Fischer-Dieskau.

No

Brasil,

é

Caetano.

(1994)

CARETA

■ Eu nunca conseguia namorado. Agora, que estou careta, está chovendo na minha horta. (1994)

CARLOS TRILHA

■ Ele começou a trabalhar com a gente na turnê do V, em 92, e a gente se deu bem. Eu acho o Trilha um músico excepcional, e é bom porque eu posso implicar com ele. Ele não tem disco em casa e não sabe metade das coisas que eu sei. Ele adora boogie-woogie e não sabe que o estilo que ele toca é Nicky Hopkins/Ian Stewart. "Ah, é mesmo, Renato?".

Ouve Jimmy Smith, sabe essas coisas? A gente tem um relacionamento super, superlegal. "Você tem que ouvir Beatles!". Eu entro com a parte de concepção e de fã, e ele entra com a parte técnica. Na hora de mexer nas máquinas, na hora de fazer o arranjo de cordas, é o Trilha. Porque eu não sei de nada. Eu ouço e falo: "Hum, eu não gosto disso". "Está bom, Renato, eu sei, você quer uma quarta". Ele faz a quarta, eu ouço e digo: "É isso!". (1995)

■ O encarte [do disco Equilíbrio Distante] vai ter uma foto do Trilha, de óculos escuros, tipo bofe, assim... Esse carinha fez quase tudo. (1995)

■ Nesse próximo disco [A Tempestade], eu vou chamar o Trilha para fazer os teclados, porque eu não estou com saco para ficar aprendendo a tocar as músicas. A coisa mais chata é você bolar uma música e chegar na hora e não saber tocá-la. Porque a gente não tem muita técnica.

(1995)

CASAMENTO

■ Enquanto eu não me segurar como indivíduo, nem pensar! É claro que já tenho meus príncipes e minhas princesas. Quero descobrir o mundo com várias pessoas. Agora, mais tarde, lá pelos 40 anos, talvez pense em casar. Por enquanto, este é um campo instável. (1987) CASAMENTO HOMOSSEXUAL

■ Casamento entre pessoas do mesmo sexo, para mim, não é uma questão importante. Se querem casar, tudo bem. Agora, foram cinco mil anos de opressão heterossexual... Quer repetir isso? A união tem que ser reconhecida legalmente. tem que ter direito a herança, plano de saúde etc.. Da mesma forma, a lei precisa rever suas normas quanto a avós que criam netos, mães solteiras, por exemplo... O que o padre vai falar? "Você, João Roberto, se compromete a obedecer ao Zé Carlos?".

Quem vai ser homem, quem vai ser mulher? Quem vai ser o bofe que toma conta da casa e quem vai ser a outra parte. submissa? Comigo, não funciona assim. Não quero estar com um cara que

fique em casa cozinhando. Quando estou com alguém, um dia, um
cozinha; outro dia,

o

outro.

Porque

ambos

trabalhamos.

Melhor

ainda:

contratamos

uma boa cozinheira, e ninguém fica com a obrigação. (1995)
CAZUZA

■ Eu tenho uma superligação com o Cazuzza, a gente nasceu na
mesma cidade, somos do mesmo signo e quase da mesma idade
[Cazuzza era um ano mais velho], e temos o mesmo trabalho —
somos letristas e 52

cantamos — e nós dois somos loucos. Eu não apareço tanto, mas sou muito parecido com o Cazuzza. (1989)

- Acho que o Cazuzza é superlegal. Ele viveu intensamente! Eu não tenho coragem de fazer isso. Ele levou a vida dele para além dos limites.

(1990)

- O lance de você ter uma postura gay — eu não gosto dessa palavra —

é mais uma questão política. Essa questão toda da Aids, o lance do Cazuzza [a morte em decorrência da Aids, em 7 de julho de 1990], isso tudo até hoje me deixa assim... A gente tem o mesmo tipo de vida. Só que, como não tenho uma formação de Zona Sul, eu não era muito espalhafatoso. Eu ia no bas-fond lá em Brasília. Ninguém sabia quem eu era. O Cazuzza, não. O pai dele, trabalhando em gravadora, conhecia todo o meio artístico, era amigo do João Gilberto. (1990) CELEBRAÇÃO

- Quando as pessoas cantam nossas músicas, é como se fosse uma celebração. As pessoas falam que nossa música tem a ver com a vida delas. Nossos shows não são somente entretenimento. Cantamos músicas que marcam e, de repente, todas essas músicas são tribais. A gente é a banda de rock mais rock do Brasil. (1994)

CENSURA

- Censura, não. Nunca! Tudo bem, as pessoas têm o direito de se expressar... Mas "mulher é tudo vaca" é o cúmulo. (1992)

CHATOS

■ Sempre tive essa teoria — e é um crime eu falar isso. O povo que conhece MPB, gosta de MPB e só ouve MPB, que tem uma relação religiosa com a MPB, geralmente são pessoas chatinhas. Têm umas músicas emblemáticas de rodas de violão que eu acho muito chatas.

(1995)

53

CHORINHOS

■ Queria ter gravado uns chorinhos em inglês, falando mal de todo mundo. O Dado comprou um bandolim. Descobri que If I fell, dos Beatles, daria um belo chorinho. (1993)

CIDADANIA

■ Quando nós, músicos de uma banda como a Legião, temos um comportamento

correto,

isto

já

é

cidadania.

Não

precisa

ficar

distribuindo toneladas de feijão por aí. [Em 1994, quando fez esta declaração, Renato Russo doou metade da receita obtida com a venda do CD The Stonewall Celebration Concert para a Ação da Cidadania Contra a Miséria e a Fome e Pela Vida liderada pelo sociólogo Herbert de Souza, Betinho.]

CIGARRO

■ Cigarro é foda! Eu estou tentando parar, mas não consigo: eu adoro.

Além de ser um viciado, eu gosto. (1995)

■ Você viu como eu sou um tolo? Fumo que nem um desgraçado e, depois, fico tossindo. (1996)

CINEMA

■ Eu não tenho tido muito tempo de ir ao cinema. Outro dia, eu revi Um lobisomem americano em Londres — eu adoro esse filme. Para mim, não é só uma história de lobisomem, é uma história de amor belíssima.

Cinema... eu gosto muito. (1986)

Eu gosto muito do cinema inglês. Aliás, gosto de tudo que é inglês.

Tem um cineasta, Peter Waktins, que fez um filme chamado Privilégio, que é um dos meus cult movies. O Joseph Losey é americano, mas gosto muito da fase inglesa dele. Aquelas coisas que ele fazia com o Harold Pinter, como Accident e The go between [O mensageiro]. Eu 54

também adoro Visconti — Os deuses malditos, um dos meus favor.:: Morte em Veneza.

Gosto de Jean Renoir, tipo A regra do jogo, que é melhor filme a que já assisti. Tenho até que ver de novo, para confirmar ou não. Do cinema francês, ainda gosto de Truffaut, Jules e Jim. Mas eu gosto de qualquer coisa, muitos filmes B. E, atualmente, do novo cinema inglês, de Steven Frears, que fez Samy and Rose e My beautiful laundrette. E de Fernanda Torres, ou desses filmes americanos

bobos, tipo The lost boys [Garotos perdidos]. Me amarro em filmes com juvenzinhos. (1988)

■ Como não tínhamos o que fazer [em Brasília, na década de 70], descobrimos muita coisa de graça, que as outras pessoas não aproveitavam, não sei porquê. Por exemplo, na embaixada da França, sempre

passavam

filmes

gratuitos:

Renoir,

Cocteau...

No

Instituto

Goethe, eram

Fassbinder, Wim Wenders...

Não

entendíamos nada!

Mas,

já que era de graça, então, vamos! (1989)

■ Tem um cineasta novo excelente: chama-se Gus Van Zandt. O

primeiro filme dele chamava-se Malas noches, uma historinha de um cubano que se apaixona por um bancário, superlegal, custou meio milhão de dólares. Aí, naturalmente, ganhou todos os prêmios. O segundo filme é Drugstore cowboy, fabuloso, muito legal. O Matt Dillon está ótimo. O

filme é de um humor impecável. Não gosto muito de filmes de guerra ou que tocam na questão racial, acho muito chatos. (1990) O

cinema

independente

americano

é

muito

bom.

Eu

gosto

muito

dessas

produções

independentes

de

temática

gay

que

têm

aparecido

agora. Gosto do trabalho do Todd Haynes, do Gregg Arai, um asian-american, do cinema italiano... Eu acho que o cinema brasileiro está vindo com força total, a produção de curtas está muito legal. Tem uma galera fazendo coisas muito legais. O cinema australiano está muito forte. Enquanto houver gente querendo falar, acontece. O que eu estou um pouco emburrado é com o cinema comercial americano. Chegou num ponto em que eu adivinho as histórias. É aquele pequeno mundo de Hollywood. (1995)

55

CÍTARA

- Passei quase um período de gravação inteiro [do disco O

Descobrimto do Brasil] tentando tocar citara, até aprender. No final, pensei: "Se o Brian Jones pode, eu também posso!". (1993)

'CLARISSE' [que ficou fora de A Tempestade e foi lançada, posteriormente, em A Última Estação]

- Eu achei que, num país sem cultura, sem afirmação, e passando por um momento tão difícil, seria uma sacanagem lançar esta música. Porque a gente iria acelerar o desenvolvimento de certas emoções ou certas informações. É tipo: "Criança, esse filme não é para você!". E não é para você, mesmo, entendeu? Os Mamonas provaram que estas divisões morais — e do que quer que seja aqui no Brasil, os valores religiosos etc. — foram as primeiras a dançar, porque a criança sabe o que é a verdade. E, de repente, eu

achei que, se nós tivéssemos a chance de colocar esta música dentro de um contexto que a explicasse, tudo bem.

Na concepção original do álbum, ela só entrou porque foram várias músicas que a gente fez. Mas o disco totalizou 85 minutos e acabou ficando pop. (1996) CLÁSSICOS

■ Me desculpem a modéstia, mas todos os LPs da Legião Urbana têm clássicos. Mas o que é que eu posso fazer? É verdade. Alguns têm mais, outros têm menos, mas vamos parar com essa coisa de primeiro disco, segundo disco. É a discografia toda. A gente é fã de rock'n'roll, então, a gente sabe que, de uma grande banda, todos os discos são bons. Não é para comparar com Beatles, que é a maior banda do universo. Mas, do Please, Please Me ao Let It Be, todos os discos são bons. O Nirvana estava indo por esse caminho também. Tudo o que o Nirvana já lançou é bom. E é a mesma coisa com toda grande banda. Às vezes, tem uma grande banda — principalmente se ela tem uma longevidade, assim, estonteante, aquela banda que durou 20 anos — que tem alguns percalços. Mas, em geral, por que você vai lançar um disco com material que não presta? Para satisfazer a gravadora? Para ganhar uma grana rápida?

56

O que vai ficar é o disco. Não vão ficar as fotos, não. O que vai ficar é aquele momento em que você compra o disco novo do Led Zeppelin, aí você coloca: "Pô, os caras continuam bons para caramba!". Isso é que fica. O Sepultura é assim. O Metallica é assim. Têm outras bandas, já, que não são. Você compra o segundo, o terceiro disco e diz assim: "É..." No nosso caso, pelo fato de a gente mudar um pouco a coisa, uma pessoa pode gostar mais do primeiro

disco, do que, por exemplo, do V. Ou, então, a pessoa que gosta do V não gosta muito do Que País é Este, que é mais pauleira. Mas todos têm um certo nível de qualidade. (1993)

'CLOTHES OF SAND' [faixa do disco The Stonewall Celebration Concert, composta por Nike Drake]

■ Eu descobri Nick Drake há pouco tempo, uns dois anos. É superdifícil achar os discos. Ele é um anjo. Ele tem uma sensibilidade extrema. Dá vontade de falar "Dá Prozac para o menino", mas sem a coisa modorrenta. Esta música tem uma ligação com o rock progressivo, que eu também tenho. Parece com aquelas baladinhas do Genesis. Gravei, também, um pouco por vaidade, para não assustar, porque o povo pega um disco que tem Billy Joe, Don Henley... Clothes of sand foi difícil, acho que levei uns três dias para acertar. (1994)

COBRANÇA

■ Eu acredito que, por exemplo, a Xuxa falar de determinadas coisas, de uma determinada maneira, não é mesma coisa que eu, ou o Cazusa, ou mesmo um Chico Buarque. A cobrança vai ser diferente. Então, eu sinto que eu tenho que tomar cuidado com isso. Se o meu trabalho fosse um pouco mais leve, se fosse uma coisa mais de entretenimento, e não de informação — como eu gosto de acreditar que é —, talvez.

Mas, na verdade, as pessoas se identificam com o que eu falo porque eu falo do universo interior das pessoas, do meu universo interior. Aí, isso, realmente, pode embolar um pouco o meio de campo. (1995) COLEÇÃO

- De livros e CDs. (1994)

57

COMEÇOS

- Não existem fins, existem meios. Eu sempre penso em começos, nunca em fins. (1986)

COMIDA

- Gosto de comida tailandesa, massas ou qualquer comida bem feita.

Das brasileiras, gosto de feijão, arroz e batata frita. Odeio fígado...

Também odeio comer sozinho. (1994)

COMPOSIÇÃO

- Antigamente, eu escrevia as letras antes e, depois, ia encaixando nas músicas. Atualmente, já penso mais em como é que vai ficar a letra na música, e tento fazer junto. (1986)

■ Marcamos estúdio e cada um já leva alguma coisa pronta. O Bonfá compõe bastante. Aliás, as pessoas têm mania de achar que

sou eu que faço tudo. O Dado, às vezes, traz a melodia acabada, só fica faltando a letra. (1995)

- Desde As Quatro Estações, Bonfá faz um rhythm track na bateria, e a gente vai atrás, montando a música aos pedaços. Eu coloco sempre muito violão. (1995)

- O mais complexo é escolher as letras. Na hora de gravar o disco, nós sentamos e escolhemos o que tem de melhor nas fitas. Gravamos na pré-produção e sai uma beleza, mas, depois, não conseguimos reproduzir igualzinho, o que é um saco. Somos mais intuitivos do que músicos. A parte que demora mais é a composição das letras. Demorei três meses para escrever Há tempos. (1995)

A gente faz uns pedaços, depois pega e fica ouvindo. Já devo ter umas cinco ou seis letras e mais uma porção de idéias para o próximo disco. Guardo tudo numa sacola velha. Se, por acaso, uma letra não entra no disco, guardo e depois coloco em outro que tenha a ver. Também coleciono possíveis títulos. (1995)

58

COMPOSITOR

- Bob Dylan. (1994)

COMPOSITORES

■ Teve uma época em que só ouvia compositores bem antigos, até o tal do anônimo. Aliás, esse cara escreveu muito! E coisas mais recentes, tipo Debussy, Eric Satie e Stravinsky. Agora, de dois anos para cá, tenho escutado muita música romântica, que antes achava chato, tipo Brahms, Schubert. Gosto muito de anos 60 e 70. Dos 80, não ouço quase nada.

Não gosto. Não tenho saco para ouvir New Order e The Cure. Já David Bowie e Rolling Stones eu adoro. (1995)

COMPREENSÃO

■ A questão da compreensão é muito complicada. Eu, por exemplo, não entendo nada de absolutamente nada. Eu vou levando a minha vida.

Com a minha experiência de vida, interpreto as coisas de uma determinada maneira, mas eu posso estar errado. (1995) CONFLITO

■ Numa

fase,

tudo

era

conflitante.

Eu

amava

meu

filho

desesperadamente, e me sentia culpado. De manhã, quando eu saía para comprar o jornal, aproveitava para passar no boteco e bebia para caramba. Voltava para casa reclamando do mundo, achando tudo uma merda. Eu não saía mais de casa, só por obrigação. Quando tinha que ir, por exemplo, à entrega de algum prêmio, ficava o dia inteiro me preparando, justamente, para aparecer legal naquela vez e todo mundo achar que eu não tinha problema nenhum. Bebia antes de sair, para recusar polidamente as bebidas que poderiam ser servidas no evento, e enfiava a cara na garrafa quando voltava para casa. Estava inchado, mas me olhava no espelho e dizia: estou gordinho, ninguém vai perceber que não estou bem. (1995)

59

CONFORMISMO

- Nosso trabalho, além de ser uma forma de expressar nossas mazelas, nos deu a chance de viajar pelo país inteiro. As pessoas estão dormindo!

Eu detesto conformismo] Está todo mundo sendo enganado. Quem faz anúncio para salvar o Brasil, hoje em dia, é banco ou bebida alcoólica.

Eu tenho que encontrar alguma coisa que me leve adiante e, certamente, não é esse leite de magnésia que todo mundo está tomando. Porque, se eu tomasse leite de magnésia, não teria feito esta banda. (1989) CONSCIÊNCIA

- Eu acho que, hoje em dia, todo mundo tem consciência. Mas não temos informação. (1993)

CONSUMISMO

- O que existe, hoje, é consumismo desenfreado. É a TV dizendo qual o seu sonho de consumo. Isso existe há décadas, mas não como hoje.

Tanto que, agora, existe uma discussão sobre valores éticos no país, e não se chega a conclusão nenhuma. As pessoas perderam o sotaque, e Maceió é igual a Porto Alegre. Uma pasteurização que o fascismo usa muito bem. (1995)

CONVIVÊNCIA NA LEGIÃO

■ Conviver com uma banda é superlegal. Para mim, é uma das coisas mais importantes da vida. Acho que trabalho é uma coisa muito importante. Eu tive sorte de encontrar não só o Dado e o Bonfá, mas uma equipe que acredita no que a gente faz. Eu acho o Bonfá o mais inteligente da banda, mas ele é mais caseiro. Então, fica parecendo que eu sou o mais inteligente, o mais culto. O Dado é o mais sensível. No fim das contas, cada um de nós é uma pessoa, mas, pelo fato de a gente ter trabalhado tanto tempo juntos, cada um de nós é uma parte da Legião Urbana. Nós temos muitas coisas em comum. E isso é impressionante,

porque

somos

três

pessoas

completamente

diferentes.

(1994)

60

■ É uma das melhores coisas do mundo. Porque existem amizade, respeito e uma troca de experiências muito legal. É como se fôssemos primos. Dado e Bonfá respeitam a minha opção e eu, a deles. Não rola nada por aí — e eles são dois gatos, lindinhos. Mas há uma maturidade, e

vamos

resolvendo

os

problemas

que

aparecem.

Temos

brigas,

discussões, a banda já terminou umas dez vezes, mas sempre voltamos.

Porque o trabalho é a coisa mais importante e olhamos o mundo na mesma direção. (1994)

■ Como eles são mais jovens do que eu — isso não é uma coisa que parte de mim —, às vezes eu sinto que eles se ressentem de ser essa coisa de Renato Russo, Renato Russo, Renato Russo. O vocalista aparece mais, mas, às vezes, as pessoas têm a impressão de que eu faço tudo. E

eu não faço tudo, não. Têm músicas inteiras que o Dado me entrega a fita pronta, eu só coloco a letra. E as pessoas não vêem isso. Eles também não gostam muito de fazer entrevista. (1995)

■ O mais bacana é que a gente foi jantar, outro dia, e chegou à seguinte conclusão: é tão bom estar numa banda de rock, cara! É tão bom! Ainda mais quando a coisa dá certo. (1995)

■ Estávamos fazendo um disco [A Tempestade], e a gente discutiu e conversou muito durante esse disco. Bonfá voltou com um humor maravilhoso de Londres, depois da masterização. Eu e o Dado pudemos reaver um diálogo que faltava entre os três. Um diálogo que, às vezes, ele tinha com o Bonfá, o Bonfá tinha comigo, e eu tinha com o Dado.

(1996)

COPA DO MUNDO

■ Uma das coisas que mais estão me incomodando é esta Copa. É a coisa mais fascista que eu vejo no momento. Amo o futebol maravilhoso, mas esta histeria não tem nada a ver. (1994)

■ Se o Brasil perder, os rapazes da seleção não devem virar bodes expiatórios e o país, um caos. Há coisas mais importantes do

que 11

caras correndo atrás de uma bola. (1994)

61

COQUETEL [mistura de AZT e outros medicamentos contra a Aids]

■ Quando o tomo, é como se eu estivesse comendo um cachorro vivo, e ele me comesse por dentro. (1995)

CORPO

■ A parte do meu corpo que eu mais gosto é meu cérebro. E também adoro as minhas mãos. (1994)

CORRUPÇÃO

■ Eu sou de família italiana, e meu pai sempre disse: "Meu filho, você vai começar a trabalhar cedo, que nem eu, não faz mal a ninguém. Não vou ficar sustentando vagabundo". Aí, eu fui. Comecei dando aulas de Inglês, passei no vestibular com 17 anos, para Comunicação, e consegui me sindicalizar como jornalista antes mesmo de me formar. Cobria a parte política, e todas as minhas ilusões, de querer salvar o mundo, ser o bastião da verdade, acabaram ali. Porque eram muita treta, muita enganação, muita coisa por baixo do pano; você escrevia as coisas e o editor não deixava. Fui ficando muito desiludido, e isto foi me puxando cada

vez mais para o rock, porque os punks estavam falando justamente disso, da hipocrisia. Você faz tudo direitinho, estuda, trabalha, e depois vê que é essa corrupção, não só a nível governamental, mas em tudo.

(1988)

- O V, feito em cima da crise do Collor, era o disco da lama. Agora, mesmo com toda essa sujeirada da CPI, a gente quer mostrar que este país não é só de corruptos. (1993)

- Quando vejo esses corruptos mentindo com a maior desfaçatez, minha vontade é matar todos eles. Mas eu sei que isso não adiantaria nada.

(1993)

CRESCIMENTO

- A gente deu muita sorte, teve a chance de fazer o que gosta e ser remunerado por isso. Então, você vê as coisas diferentes. Passamos pelo 62

primeiro e pelo segundo discos. Cantei Será para 20 pessoas e para 30 mil pessoas.

Visitamos o Brasil inteiro, conhecemos o país e os lugares. Através das entrevistas, sabemos das questões que estão sendo colocadas. Temos lido jornal, estamos com as antenas ligadas. E,

depois que o tempo passa e você consegue manter uma certa perseverança em seu trabalho, isso faz com que você cresça. É a tal história: se da primeira vez me queimei porque a sopa estava muito quente, da próxima vez vou pegar a colherinha e soprar até esfriar. Então, têm certas coisas que a gente já viu. É como se estivéssemos antes no pré-primário e, agora, na segunda série. (1988)

- Eu tenho 27 anos e não faço as coisas como antigamente; me preocupo com minha família. Envelheci como todo mundo. Com uma diferença: cresci em público. (1988)

CRIANÇAS

- Acho que o mais importante é a gente redescobrir as coisas. Com as pessoas mais próximas, sinto que isso tem vindo através das crianças. É

o que está acontecendo com a minha geração. Eu, realmente, estou me lixando para o que vai acontecer com as baleias, com as árvores, ou com a Amazônia. Mas, e meu filho? Vai ser uma sacanagem da minha parte se eu não me importar mais com a Floresta Amazônica. Eu, qualquer coisa, viro Blade runner. Arrumo uma sala como esta, boto tudo o que eu preciso ali dentro, e foda-se. Mas não dá, temos de pensar nas outras pessoas, principalmente nas que estão vindo agora. É a maior injustiça eles não terem o mundo que você teve. Do jeito que estão indo as coisas, um garoto de 2 anos hoje, quando estiver com 8, 9, 10, não vai mais ter. Não vai ter, gente! (1989)

CRÍTICA MUSICAL

■ Não pensem que a gente está no bem-bom, porque quem faz rock também está tendo as mesmas dificuldades de criação. É muita pressão, principalmente por parte dos críticos. Quando a gente apareceu, todo mundo ficou surpreso, porque eles achavam que quem faz rock não é inteligente. Então, aparecendo a gente, o RPM, os Voluntários da Pátria, o Ira, Paralamas... "Poxa, mas realmente. Olha, que bacana, o pessoal 63

que faz rock tem cabeça. Não é aquela coisa antiquada de ficar só fazendo versões e só cantando blau-blau!". O que acontece é que eles são muito exigentes. O que eu estou sentindo é que eles vão exigir uma coisa muito forte da gente quando, de repente, eu não estou mais a fim de fazer coisas tão sérias assim. Eu quero fazer uma música com que as pessoas se sintam bem. Claro, com uma letra que tenha um certo conteúdo, mas sem precisar falar de angústia, solidão, suicídio, morte e peste. (1985)

■ A maioria dos jornalistas não pode falar de rock, porque não entende nada do assunto. Esse povo da Folha de S. Paulo é detestável. Ficam fazendo

modelinho

yuppie

em

festa

de

lançamento.

Conhecem

Calvin

Klein e não conhecem James Dean. Falam sobre Smiths e nunca ouviram Mamas and Papas. Não vou ficar citando Kierkegaard para essa turma.

(1988)

■ Se a crítica valesse alguma coisa, a gente não teria vendido o Que País é Este em São Paulo. Saiu bem grande num jornal lá: "Legião Urbana lança disco esqualido e primitivo". Eu nunca vou me esquecer. No entanto, o crítico que escreveu isso teve que ouvir a música por mais de um ano, tocando sem parar, em todas as rádios. Eu acho que, aqui no Brasil, têm muito ranço, muita picuinha. Outro dia, o cara acabou com a Orquestra Sinfônica Brasileira de tal maneira que, depois, na seção de cartas, um leitor tentava fazer com que o crítico entendesse que um músico clássico brasileiro tem que ter dois ou mais empregos, e lutar contra

Deus

e

o

mundo,

para

continuar

tocando

dignamente.

Geralmente, o que eles pegam é a cobertura do bolo, o resultado final, esquecendo-se das dificuldades. Porque você pode até fazer uma crítica apontando as falhas, mas, ao mesmo tempo, encorajando as pessoas. O

que geralmente eles fazem é jogar seu ressentimento em cima das falhas das pessoas. (1991)

■ Em geral, os críticos respeitam a gente para caramba. Nunca pudemos reclamar da crítica, não. O que mais me deixa chateado, repito mais uma vez, é o fato de virem com essa: "As letras são muito inteligentes, mas vocês [do rock] são uma raça em extinção". (1991) As maiores críticas negativas foram para o disco V. Nisso, eu incluo 64

músicas que são as minhas favoritas, como Metal contra as nuvens, Teatro dos vampiros e Vento no litoral. (1994)

■ A imprensa tem sido mesquinha demais. Só quem não tem um pingão de sensibilidade não vê que a gente trabalhou com enorme dedicação em O Descobrimento do Brasil, procurando fazer letras mais simples.

Tenho certeza de que conseguimos isso, mas alguns cadernos culturais do Rio acabaram com o disco. Para mim, isto é inveja. Deve ser porque eu sou gay, maravilhoso, e não preciso ficar indo a festinhas para me promover, não sento mais no chão com os amigos fumando baseado e ouvindo Ramones. Eu fico em casa ouvindo Mozart. (1994)

■ Alguns jornalistas estão contra a gente, porque cismaram que nos inventaram. Querem enterrar a Legião como fizeram com os Paralamas e seu último disco, achar bandas novas, glorificá-las e, depois, acabar com elas. Vai ser assim com Chico Science e Raimundos, que acho muito bons. É uma rejeição natural, cíclica, mas sem nenhum critério de informação. (1994)

■ Já fomos os queridos da crítica, até o terceiro disco. Mas é chato saber que aquilo que deu tanto trabalho vai ser julgado por um cara que ouve três segundos de cada faixa, para dizer se é assim ou assado. Houve uma crítica sobre O Descobrimento do Brasil que decorei, de tão ridícula:

"O Brasil descoberto pela Legião Urbana é tão decepcionante quanto as denúncias de corrupção da CPI". Puxai Teve outra que dizia: "As letras são ininteligíveis, não fazem sentido, como 'Meu tornozelo coca por

causa

de

mosquitos/Estou

com

cabelos

molhados/Me

sinto

livre".

Nossa, ou essa senhora não toma banho, nunca foi à praia, ou em São Paulo não tem mosquito! (1995)

Foda-se a imprensa! Sou formado em Jornalismo e sei como funciona essa corja. O Caetano lança um disco e ninguém sabe opinar. Muitos mal podem comprar um CD e vêm dizer que Elástica é o máximo, porque um boboca lá do Melody Maker recomendou. Depois que o público conhecer o álbum, eles vão ver que Elástica é uma merda. São raras as exceções. O Caetano tem toda razão: essas bichas são danadinhas.

(1996)

■ Eu não me importo com o que a imprensa fale de mim, desde que meu disco venda. Como diz Mick Jagger: "Tanto faz o que dizem na página 93 da revista, desde que eu esteja na capa". No Brasil, este tipo de coisa é mais cruel, na medida em que as pessoas são mais ignorantes.

(1996)

CUECA

■ BVD. Se não encontrar esta, qualquer uma de algodão. (1994)
CUIDADOS COM O CORPO

■ No momento, manter-me longe do álcool já é um milagre.
(1994) CULPA

Acredito

em

um

poder

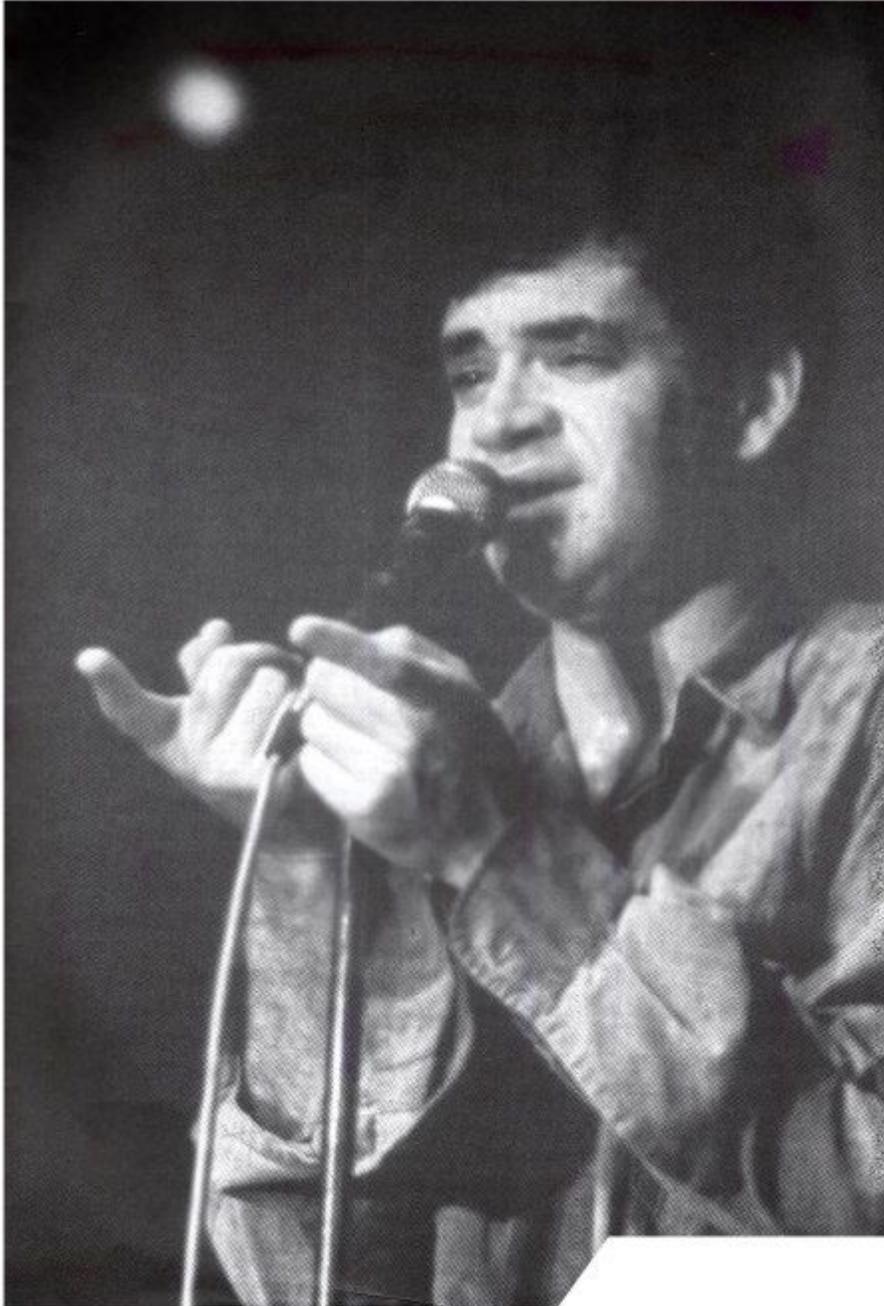
superior.

Ontem

mesmo,

fiquei

deprimido



por falar no Scott, da minha culpa em relação aos meus pais. Confuso por ter visto meu filho. Culpado por meus pais serem tão maravilhosos.

Tive que trabalhar a noite inteira para esquecer isso. O que me salva? É

saber que existem coisas além da minha compreensão e que eu não sou o dono do mundo. (1995)

D

DADO VILLA-LOBOS

■ Eu imagino o que deve ter acontecido no primeiro dia em que o Dado foi ao colégio, portando corajosamente um alfinete! Um alfinete só! Depois rasgou a calça um pouquinho, só um pouquinho... (1989)

■ Um dia, o Paraná [Eduardo, que formou a Legião antes da entrada de Dado] cansou de brigar com o Bonfá e decidiu estudar regência e "levar música a sério", como ele dizia. O [Paulo] Paulista tinha 16 anos, mas parecia 30, e resolveu sair também. Nessa época, estava marcada a primeira grande apresentação das bandas de Brasília, no auditório da ABO

[Associação

Brasileira

de

Odontologia].

Iam

tocar

as

quatro

principais bandas combinadas em duplas: Plebe Rude, Legião, XXX e Capital Inicial. Faltava pouco mais de um mês e a gente sem guitarrista.

Chamamos o Ico Ouro Preto, irmão do Dinho, que tinha sido do Aborto.

No segundo ensaio, ele desistiu. Aí, já não tinha ninguém bonitinho, e a gente chamou o Dado. Ele foi aprendendo, e acho que hoje é um dos grandes guitarristas, porque tem estilo próprio. (1995) O Dado estava tocando com o Dado e o Reino Animal, mas ele não sabia tocar guitarra direito. Não sabia mesmo. Ele teve de aprender a tocar guitarra para tocar com a Legião. Em duas semanas, ele aprendeu a tocar nove músicas. No primeiro show, a gente tocou Ainda é cedo, e ele praticamente nunca tinha visto uma guitarra. A gente ficava: "Faz barulhinho". Daí é que saiu o solo. Até se tornar uma coisa completamente zen e espetacular, como pode

ser ouvido em Música para Acampamentos. O solo dele naquela gravação ao vivo é fabuloso.

(1995)

69

'DANIEL NA COVA DOS LEÕES' [faixa do disco Dois]

■ Se você faz rock — ou tenta fazer, porque não sei se a gente faz —, você vai sempre ter características do meio musical onde está. Daniel na cova dos leões, por exemplo, é um baião. Não foi uma procura de fusão, algo arquitetado por nós. Mas, vimos depois, surgiu naturalmente.

(1988)

DEDICAÇÃO

■ Aqui no Brasil, as coisas são muito grandes, falta espaço para coisas alternativas, o tempo te consome muito. O Jesus & Mary Chain vai tocar em Manchester e depois em Brixton, que é pertinho, e pronto.

Aqui, você vai do Rio para Recife e, depois, para Porto Alegre — tudo é em escala maior. Além do mais, são várias pessoas

envolvidas. Para fazer uma coisa, hoje em dia, eu tenho que me dedicar totalmente a ela.

(1988)

DEFESA DO CONSUMIDOR

■ Quando eu trabalhava no Ministério da Agricultura, por volta de 1982, sempre fazia trabalho de campo. Eu era da Coordenadoria de Orientação e Defesa do Consumidor, que foi um dos primeiros órgãos do gênero. Eu saía por aí, vendo se os supermercados estavam ligando os freezers, se os produtos estavam na validade. Eu tinha de fazer "o povo fala" — parar as pessoas na rua e conversar, por exemplo, sobre o preço do feijão. Era uma coisa fabulosa. Acho interessante conhecer pessoas de verdade. (1995)

DEMOS

■ A gente tocava muito no começo, muito mesmo. Tinha uma demo que já tocava na Fluminense [Rádio Fluminense FM, que lançou a maioria das bandas de rock nos anos 80]. Até que entrou Será na rádio, depois da gravação do disco. Nossas primeiras demos foram feitas pelo pessoal do Artmanha, que deu a maior força lá em Brasília. Aqui no 70

Rio, produzimos uma, com três músicas, com o Marcelo Sussekind. Esta é uma parte bonita da história, porque, hoje em dia, o pessoal do Artmanha está montando um estúdio em Brasília com uma máquina de oito ou 16 canais, que era o nosso plano.

Porque a gente queria sair, fazer sucesso, ganhar uma bolada de dinheiro e voltar para lá — ter nossas mansões, nosso superestúdio. (1989)

DENISE BANDEIRA

■ Minhas melhores amigas de hoje vêm de uma época em que eu estava tentando namorar garotas, para ver se deixava meus pais felizes, a sociedade feliz. Namorei mulheres belas e interessantes. Uma delas foi a Denise Bandeira — posso dizer, porque sei que ela não se importa —, aquele mulherão. Tentei, mas não deu certo comigo. Entendi que podia namorar a mulher mais bonita do mundo, mas, quando passasse um bofe atraente, com o corpo cabeludo, hummmm. Não deu, não dá.

(1995)

DEPENDÊNCIA QUÍMICA

■ A doença [dependência química] te domina de tal maneira que você pensa que é daquele jeito, mas, na verdade, não é. É como uma depressão.

Você não consegue sair daquilo, vai usando isso, aquilo, e de repente o mundo vai se fechando. Você fica agressivo sem perceber. Tudo é cinza.

Você não consegue ver nada de positivo. E a vida não é nem boa, nem ruim: a vida é o que a gente faz da vida. Mas, é claro, se você vive entupindo seu corpo com toxinas... No começo, é até interessante. É o que a gente chama de lua-de-mel. Depois, é fatal.

Quem é dependente químico, se não parar, morre. E, se não morrer de overdose, suicídio ou câncer no fígado, morre em acidente de carro ou coisa assim. (1994)

■ Não posso beber nunca, sou dependente químico. É como diabético, que nunca pode comer açúcar. Tive uma recaída séria há uns dois meses.

Durou quatro dias e foi um inferno, mas me recuperei. (1995)
Tenho dependência química, que é como ser canhoto ou daltônico.

71

Eu sou o que se chama dependente químico em recuperação. Eu estou na programação

[dos 12 Passos] desde 1992 e não uso mais nada, porque eu não posso. Comecei a beber com 17 anos. O negócio só ficou pesado mesmo aos 28. (1995)

■ Parei desde 3 de abril de 1993, logo após o meu aniversário. A reprogramação de vida que faço, desde então, é definitiva. Para valer.

Você percebe que a dependência química é uma doença crônica, primária, progressiva e fatal. Eu não sou sem-vergonha, louco, nem depressivo,

nem

melancólico.

Sou

dependente

químico.

Interessante

é

que, por trás de todo dependente, está sempre um perfil psicológico sensível e inteligente. São todos compulsivos. Eu sou compulsivo total.

(1995)

■ Fiquei internado um mês e meio em Vila Serena [clínica em São Paulo], um lugar para recuperação de dependentes químicos. Parei de beber, de usar tudo. Aprendi a parar de andar com quem usa e a não ter droga em casa. A evitar local da ativa. Não passo em bar nem para comprar cigarro. Sou o mesmo, mas não estou com duas doses de Cointreau, nem tomei Lexotan há 15 minutos. Quanto aos amigos, não eram verdadeiros... Cheguei a um ponto que, se eu não parasse, morria.

Imediatamente,

passei

a

me

alimentar

muito

bem,

tomar

remédios

homeopáticos e muita vitamina. Acordava às 6 horas, com um sino, para fazer exercícios. Fazia terapia de grupo. Durante um mês e meio, tive que me lembrar e escrever dez coisas que fiz por causa do álcool e me deram vergonha ou me afastaram de quem eu amava. A última coisa que eu deixei abalar foi o meu trabalho. Foram só duas ou três brigas públicas, coisa de bêbado chato. Em casa, era muito pior. Eu ficava dias e dias com cinco, seis meninos aqui dentro. Coisa típica de decadência

gay

absoluta...

Não

acreditava

em

nada,

tinha

uma

autopiedade extrema. Em Vila Serena, eles tentam resgatar a sua espiritualidade. (1995)

Eu usei droga dos 17 aos 30 anos. Fui um completo idiota. Hoje, eu tenho

problemas

de

fígado,

depressão,

seqüelas

desses

anos.

C

dependente químico é visto como um sem-vergonha, existem muito 72

estigma social e muita dor. Quem não tem esse problema acha que é frescura. Quem tem é geralmente gente muito sensível, é tudo uma gente maravilhosa que entra no buraco e não sai. Todos os poetas e escritores são alcoólatras, eles têm uma coisa a mais.

Mas a verdade é que a droga não traz nada de bom para ninguém, eu é que achava que precisava de droga. (1995)

■ Você só consegue sair de uma situação assim se encontrar um caminho espiritual. Se você não é religioso, tem que descobrir a fé que perdeu na vida. Porque quem usa droga está no fim da vida. Esta é a doença da solidão e da negação — sua e dos outros, porque todo mundo vai te dizer que você não tem nada. Eu tive uma recaída este ano, foi horrível.

Você perde completamente a dignidade, é muito trágico. (1995)
DEPRESSÃO

■ Eu não consigo parar de pensar e ficar preocupado com tudo o que acontece. Então, fico muito deprimido, às vezes. Fico achando que as pessoas são cegas, não querem ver o que está acontecendo, não se ajudam, e vivem num processo de servidão voluntária. A maioria das pessoas insatisfeitas não faz nada para reverter a situação. Eu vejo algumas pessoas dizerem que o horário eleitoral é algo humorístico, mas, que graça tem aquilo? Não é humorístico, é patético, na maioria das vezes. Agora, vai ver que meu caráter é diferente do perfil do povo brasileiro. Fica todo mundo dizendo que somos um povo alegre e feliz, e aparece o Nick Cave e diz que não viu nada disso. Ele está certo. Eu sei que preciso falar de coisas bonitas, senão vai ser uma negatividade só, mas não me incomoda, não. (1989)

■ Passei 15 anos da minha vida me destruindo com drogas e álcool.

Cheguei a um ponto em que nada mais me interessava, nada me dava prazer. Eu estava que nem o Kurt Cobain. Estava muito deprimido.

(1995)

■ Estou do meio para o fim de uma depressão, e a terapia é trabalhar.

Eu me esforço para sair, me alimentar bem, tomar sol, fazer exercício.

Ficava sentindo coisas e era muito desagradável. Fiquei catatônico, sem querer sair de casa, e tinha ataques de pânico e de ansiedade. Quando a gente pensa nessa coisa de seqüestro... essas coisas me deprimem. (1995)

'O DESCOBRIMENTO DO BRASIL'

■ Este disco vai se chamar O Descobrimento do Brasil porque é uma maneira de a gente dizer que o Brasil não é exatamente essa coisa ruim que a gente está vendo. O nosso país não é somente ônibus pegando fogo. A gente precisa descobrir o Brasil. Gostaria de crer que se trata de um disco realista, um disco mais esperançoso... Se bem que esperançoso não é a palavra ideal. Todas as letras são realistas, mas todas têm também a coisa mítica — os versos de Perfeição celebram Eros, Thanatos. Mas, no fundo, quase todas as letras são de amor. Os barcos é uma música de amor. O disco vai falar de bondade, espiritualidade... Essas coisas que os críticos detestam e dizem que é brega. (1993)

■ Desde V que queríamos fazer um disco mais leve, com mensagens positivas. O problema é que, na época, nada disso saía. A gente falava:

"Bom,

vamos

inventar

uma

música

bonitinha".

Mas

acabava

fazendo

aquelas coisas pesadas e melancólicas. (1993)

■ O Descobrimento do Brasil é uma reconstrução. Fala da valorização da família sem ser careta, depois da lama do disco V, que — hoje posso dizer — era um retrato da era Collor. (1993)

■ Muita gente pensou que O Descobrimento do Brasil seria uma guinada para a MPB. Mas a Legião sempre foi MPB! A gente fazia rock por protesto. Aquele negócio de combater o colonizador na linguagem dele (1993)

■ O Descobrimento do Brasil é um disco sobre perda. Mas são pouca as pessoas que percebem isso, por causa do jeito que as

músicas estão estruturadas. Todas as músicas são músicas de despedida. (1993)

- Em outubro de 94, O Descobrimento do Brasil ainda estava indo 74

bem no Nordeste... Sabe esse tipo de coisa? Giz ainda está nas paradas ainda está no Top 10. Bem, a Legião tem um pouco disso. Demora um pouco, e depois é que as pessoas pegam aquilo. Dois anos [desde o lançamento do disco] é muito tempo, não é? No tempo pop, é muito tempo. (1995)

DESGASTE

- Não é fácil cantar o repertório da Legião Urbana. Independente de ser bom ou ruim, a experiência que tem ali nas músicas... Você cantar Ainda é cedo, Soldados, depois cantar Daniel na cova dos leões, Angra dos Reis — é uma coisa que, sabe, desgasta. Eu te digo que desgasta, mesmo. (1994)

DEUS

- Já me falaram muitas vezes que a voz do povo é a voz de Deus. Será que Deus é mudo? (1985)

- Gostaria de acreditar em alguma coisa. Você não pode mais nem acreditar em Deus que as pessoas riem na sua cara. Eu

acredito em Deus. Ele é a vida, a natureza, somos nós. Mas ninguém respeita. (1987)

■ Deus é tudo. É vida, amor. Se, em alguma época, pensei não ter acreditado, estava mentindo. O que sei é o seguinte: me sinto bem quando ajudo alguém. Bem piegas, não é? Mas, felizmente ou infelizmente, é isso mesmo. Ver uma flor se abrindo, uma criança sorrindo. Se um décimo da população cristã fizesse o que tem que ser feito, o mundo seria melhor. Acredito na minha fé. É algo que não se explica. Por isso estamos tão mal. No momento em que deixamos de acreditar na humanidade, deixamos de acreditar em Deus. (1988)

■ Agora, até a ciência descobriu Deus. Sei de matemáticos e físicos que acham que, para um universo tão perfeito, tem que haver um Deus.

Eles reconhecem que sempre haverá algo de inexplicável, de inexplicado.

O que acontece é que o homem matou Deus e hoje as pessoas estão 75

sem fé nenhuma. Na verdade, o Deus cristão matou todas as divindades pagãs anteriores.

(1988)

- Tem uma frase era que acredito: "Quem procura Deus já o encontrou".

E tem uma outra: "Foram os homens que inventaram Deus". E eu fico entre estas duas frases. Existe a idéia de Deus, independente de Deus existir ou não, que está dentro do espírito humano. E essa coisa a gente não resolve nunca. O interessante é desmistificar tudo isso. Seria pretensão de minha parte tentar explicar isso. Mas há coisas que foram ditas e coisas que sei de experiência. Uma delas é: se você ajudar alguém, sinceramente mesmo, você se sente muito bem. (1989)

DIÁRIO

- As músicas têm uma base pessoal, mas também entra muito do imaginário e da sua invenção. Por isso é que vira música; senão, eu escreveria diários. (1989)

- A gente usou o rock, basicamente, para se expressar. Para mim, era importante ter uma banda de rock, primeiro, para me divertir e, depois, para dizer o que eu achava da vida e o que estava acontecendo em volta de mim. Por isso eu acho que a gente é uma banda folk. Eu não sei falar de outra coisa a não ser da vida. Uma coisa de diário. (1993) DIFERENÇAS

- O que eu falo é: não tenham medo de se achar diferentes. É a coisa mais importante que eu aprendi com o rock'n'roll. Por mais diferente que você seja, você não está errado, você não é anormal. Eu senti muito isso, porque todo mundo colocava na minha cabeça que eu era anormal Como o Bob Dylan fala: "Eu me esforço tanto para ser como sou, e fica todo mundo querendo que eu seja como eles". (1989)

■ Quando eu era adolescente, não sabia direito como funcionava o mundo e sofria uma pressão muito grande para ser igual aos outros.

Ninguém tem de ser igual a ninguém. Cada pessoa é um universo 76

maravilhoso e único. Com o Stonewall [disco solo, com músicas em inglês]. por exemplo, eu quis mostrar que você pode, com dignidade, viver bem, ser um cidadão, ter o seu trabalho e ser diferente do normal, do comum. Porque senão, de repente, a pessoa acaba mentindo para si mesma e fazendo coisas de que não gosta, que não estão na sua natureza. (1994)

DIGNIDADE

■ Eu me considero muito macho, entendeu? Tenho 34 anos, casa própria, sou

super-responsável,

cumpro

meus

compromissos,

não

roubo,

não

minto, não mato e tenho amigos que me dão força. Tenho meus defeitos também, porque não sou santo, mas participo ativamente da vida do meu país. Para mim, ser homem não é sair dando porrada nas pessoas, como ser mulher não é ser submissa, ficar em casa segurando o chinelinho para o marido. É preciso parar com o sexismo, e ver que aquilo que existe é a dignidade do ser humano. (1994)

■ O mundo se divide entre caretas e loucos e, se você é louco, não tem direito a nenhuma dignidade. (1996)

DINHEIRO

■ Eu queria mesmo era ganhar na Loto, ser rico e milionário. Queria ser um bastardo gordo e nojento, rico e sem responsabilidade. É claro que não, não é isso. (1988)

■ A única verdade que existe, hoje em dia, é o dinheiro. E, como a gente está no Brasil, onde o dinheiro não tem valor fixo, pira a cabeça das pessoas. (1989)

■ Eu já coloquei na minha cabeça que eu quero ganhar dinheiro. A gente tem muita sorte! Por um milagre, caímos no gosto popular. (1990)

- Que importa se é o Humberto [Gessinger, dos Engenheiros do Havaí] ou o Russo quem escreve melhor? Que bobagem, eu faço música para

77

ganhar dinheiro] Não foi o Humberto que disse que todos nós somos umas putas?

Eu tenho aluguel para pagar. (1992)

- Eu vou estar sendo completamente hipócrita se eu estiver trabalhando para uma multinacional e não disser que fazer dinheiro é importante.

É. Eu não faço as coisas por dinheiro, mas o dinheiro é a motivação principal. Nós já sabemos como funcionam as gravadoras: se você não tem sucesso, bye-bye. E, talvez, se a gente estivesse começando agora, a gente tentaria um outro caminho, a gente tentaria um caminho como o Sepultura, por exemplo. (1993)

- É mais fácil você ganhar dinheiro na frente de 60 mil pessoas, rolando no chão e dando escândalo, do que ficar de terninho cor-de-rosa falando:

"Gente, vamos de paz e amor no mundo". O rock'n'roll faz parte disso.

(1994)

DISCIPLINA

■ Eu sou um cara muito disciplinado no trabalho. Existe o momento de criação e existe o momento de trabalhar. Tem aquele dia em que você tem aquela idéia ótima para escrever um livro, e depois têm os dias em que você vai escrever o texto, fazer as correções. Mas os dois casos são interessantes, porque eu gosto do meu trabalho. (1995) DISCOS

■ Meu primeiro disco, eu me lembro — tinha 5 para 6 anos —, foi um dos Beatles. Eu pedi qualquer coisa dos Beatles. Meus pais não compravam LP, era muito caro, mas o disquinho eles compraram. E

esse disquinho tinha quatro músicas, em vez de duas. Tinha Twist and shout, Do you want to know a secret e mais duas de que não lembro.

(1989)

■ Um disco que me marcou muito foi Construção, do Chico Buarque.

Aquela coisa da primeira letra feita com proparoxítonas — plástico, tráfego... —, todo mundo comentou na época. Eu fiz uma anotação 78

mental: se algum dia eu escrever alguma coisa, será algo assim. Depois, fui aprendendo a deixar apenas o essencial. Mas as letras da Legião não têm nenhuma palavra difícil:

"Todos os dias quando acordo/Não tenho mais o tempo que passou"... (1989) DISCOS DA LEGIÃO

- Posso falar: "Hoje vou ouvir". E faço como trabalho, analisando. É

aquela coisa que o padeiro fala, quando oferecem pão a ele: "Chegai"

(1995)

DISCOS SOLO

- A banda é a coisa mais importante para mim. Não gravei disco solo porque estou insatisfeito, nem nada. É que a gente tem uma base sólida, a meu ver. Eu tive essa idéia e foi bom, porque comecei a aprender algumas coisas novas e, também, a utilizar coisas que eu aprendi ao longo do tempo. (1994)

- É exatamente porque a banda já tem uma base sólida que eu posso fazer um disco só meu. E, além disso, o Stonewall [Celebration Concert]

é um disco gay, são coisas minhas, e não acho legal ficar usando a Legião para isso... Tenho lido coisas do tipo "Renato Russo cansou de brincar de rock". Não é nada disso. Gostaria que o meu disco chamasse ainda mais atenção para o trabalho da Legião, para que todos vissem como nós somos melódicos. (1994)

■ Agora que a carreira da Legião Urbana está mais sedimentada, e o público já conhece a gente, então surge uma curiosidade natural de ver se a gente tem a capacidade de trabalhar de outras formas, se a gente tem a capacidade de fazer outras coisas. E o meu caminho é sempre a música. Por exemplo, o Dado Villa-Lobos, que é o guitarrista da Legião, ele está trabalhando como produtor, ele fez o próprio selo, ele tem a gravadora dele, está trabalhando com outros artistas. Esse é um caminho que ele acha mais interessante, que é mais instigante para ele. No meu caso, como eu gosto muito de cantar, ao invés de produzir outros artistas 79

ou trabalhar com outras pessoas, como o Dado tem feito, eu prefiro ver se não consigo cantar outras canções, que não foram feitas ainda dentro do trabalho da Legião Urbana. E

a gravadora tem dado um apoio muito grande, eu fiquei muito surpreso com o apoio que eles deram para esse disco [Equilíbrio Distante]. Eles ouviram as canções, antes até de eu gravar, e se apaixonaram e falaram: "Poxa, Renato, super cem por cento, vai em frente que vai dar certo". E foi isso. Não têm maiores mistérios, eu acho. (1995)

■ Depois de dez anos, sem desmerecer o trabalho principal, os membros de um grupo vão tendo outros interesses, e este foi o

meu. O Bonfá está trabalhando com computação gráfica. O Dado tem o selo Rock It!. O

que eu gosto mesmo é de música. É de cantar. Eu tinha algumas outras opções, como escrever, trabalhar com cinema, mas o que eu queria mesmo era continuar trabalhando com música. (1995)

- No Stonewall, eu pude trabalhar com outros músicos, com outras convenções musicais. A grande brincadeira dos discos solo é entrar mais pelo lado da mídia, para ver como a coisa funciona. Quero fazer várias entrevistas, fazer Xuxa Hits. Acho que o trabalho permite isso porque é um outro conteúdo. Não é a minha vida que está ali, na linha. Legião é uma coisa que o público percebe como sendo além de música. Nos discos solo, estou fazendo só música. (1995)

DISTRIBUIÇÃO DOS DISCOS

- Eu não reclamo da divulgação. Eu reclamo é de não ter o disco na loja. (1995)

- Eu estava puto com a gravadora, porque o Stonewall, virtualmente, não aconteceu. Aconteceu depois... Mas, durante três meses, não tinha disco na loja. Eu fiz um trabalho intenso de divulgação — era página inteira na Folha de S. Paulo... Não tinha na loja porque não tinha na loja.

O disco foi lançado em julho e só apareceu na loja em outubro. Foi na época do Plano Real, e eles não acreditavam naquele disco. Não sei, teve toda uma história esquisita, e o disco não vingou como poderia ter 80

vingado. A Zélia Duncan apareceu com Cathedral e alguém apareceu com Send in the clowns. Danilo Caymmi, não sei. Só sei que o disco sumiu. E aí, depois, no fim do ano, estive em todas as listas de melhores do ano. (1995)

■ Se a Rock It! tiver uma boa distribuição, a gente vira artista da Rock It!. Não sei de onde é que a gente vai tirar os 90 mil dólares para gravar o disco, porque a gente tem que tirar este capital de algum lugar. Essa é uma vantagem da gravadora, porque eles preparam tudo para você.

(1995)

DOCUMENTAÇÃO

■ Precisamos de documentadores, precisamos de bibliotecários, precisamos ter o nosso próprio trabalho registrado. Os meus amigos pintores não têm suas coisas organizadas. Flávio Colker não tem um histórico do trabalho que ele já fez. A gente não tem tempo. É um dragão por dia! Angela Maria não tem onde buscar uma retrospectiva real de sua carreira, a não ser pelos fãs malucos. O próprio artista brasileiro não tem suas coisas, apenas gavetas cheias de papéis. (1996) DOCUMENTAÇÃO DE SUA CARREIRA

■ Eu me preocupo com isso. Bem, o que tem que ser cuidado está sendo cuidado. A documentação está sendo feita. Não como eu gostaria, mas está... Têm coisas que passam sem registro. Aquelas pequenas coisas.

(1996)

'DOIS'

■ Este disco tem um fio condutor, uma idéia central. A gente, que se liga muito no rock, sabe que os grandes discos são uma idéia. Você pega Sgt. Pepper's, dos Beatles, o primeiro dos Sex Pistols — são uma idéia, um conjunto. Neste disco, ao invés de falar mal das pessoas que poluem os mares ou das guerras, a gente prefere falar do universal, da experiência individual de cada um. Todo mundo respira, todo mundo sonha, todo 81

mundo é confuso sexualmente, até certo ponto, todo mundo tem medo da morte. Então, a gente quer falar sobre isso: do ponto em comum que une todas as pessoas. (1986)

■ Acho que a mudança principal não será na música, na textura instrumental das faixas, embora isso seja justamente o que vai chamar mais atenção a princípio. Este disco não tem nenhuma Geração Coca-Cola. Não estamos mais a fim de cuspir em cima dos outros. Eu acho que isso foi coisa de um momento, já foi feito. Têm outros conjuntos que estão seguindo essa linha, acreditam nisso, acham uma coisa muito legal. Tudo bem, não tenho nada contra, mas partimos para outra. A mudança se manifesta mais na temática. A gente está pegando exatamente o que a gente falava no primeiro disco, mas, ao invés de ser aquela coisa corrosiva, aquela coisa de atacar, estamos tentando dar um recado. Está todo mundo muito sozinho, se ligando muito nas máquinas.

O importante é saber de sua família, das pessoas que estão próximas de você, e não copiar o cara que está na televisão. (1986)

'DOLCISSIMA MARIA' [música do disco solo Equilíbrio Distante]

■ Dolcissima Maria, do Premiata, eu ouvia naquela época em que ficava romantizando pelo fato de eles estarem gravando pelo selo de minha banda favorita aos 14 anos, que era Emerson, Lake & Palmer. Fizeram uma versão em inglês da música, e eu tenho memórias dessa época, porque aqueles anúncios do governo — da Força Aérea e até da Campanha da Fraternidade — usavam Thick as a brick e Viagem ao centro da terra, do Rick Wakeman. E tinha um anúncio de Moderato, eu acho; foi um dos primeiros anúncios filmados em película. Eu não sei se era Moderato ou L'Oreal, mas era uma menina loura, andando numa floresta, e tocava Dolcissima Maria, com teminha e tudo. Aí eu falei: "Ah, eu vou colocar essa". Porque remete ao rock progressivo e tudo. (1995)

■ Uma música que eu gostei muito de gravar foi Dolcissima Maria, que é uma belíssima homenagem a Nossa Senhora, e ainda por causa dessa disputa religiosa por que passamos aqui no Brasil. (1995) 82

DOR

■ Estou num momento complicado, difícil, mas estou sereno. A dor é inevitável, mas o sofrimento é opcional. (1995)

DROGAS

- Não quero mais ficar usando drogas, a ponto de perder o fio da meada.

E que nem doce: pode ser bom comer um doce de vez em quando, mas o excesso é que te faz perder a cabeça. Tudo que é excesso não presta, como excesso de discos vendidos e excesso de talento, que não é meu caso. Teve fase em que eu precisei tomar droga para funcionar. Agora, quero parar e ficar com os pés no chão. (1987)

- Há um consumo de drogas muito grande em apresentações de rock, isso é notório. Uma coisa muito comum entre a juventude de Brasília é o loló, e ele leva à violência. Sou contra qualquer tipo de drogas. É

como a gente diz em Conexão amazônica: "Alimento para cabeça nunca vai matar a fome de ninguém". (1988)

- Parei não foi por medo, nem nada. Simplesmente não tinha mais prazer em tomar um ácido; me sinto bem quando estou feliz e careta.

Antigamente, quando estava feliz, usava a droga para exacerbar e me sentir melhor ainda. Bebida também não é a solução. As coisas estão de tal maneira que o que vai te dar felicidade é, justamente, ficar careta porque todo mundo está louco. (1988)

- Você não pode ter uma boa relação com as drogas. As drogas são uma coisa muito negativa. (1989)

■ Em Brasília, rolou aquela coisa bem de Christiane E. Eu fiquei até muito chateado, porque depois, num review do show da Legião, falaram que eu fazia posturas nazistas, falava de drogas como se soubéssemos o que era aquilo. Eu não pude falar na época, mas me deu vontade de dizer: "Olha, a gente não só sabe como é, como a gente viveu isso também". Agente fazia qualquer coisa para se divertir. Se alguém tivesse 83

uma idéia, tipo "vamos dar um passeio de bicicleta", todo mundo ia. Era tão louco!

Passeio de bicicleta ou baseado! Não tinha muito parâmetro. Era uma coisa, naturalmente, muito irresponsável. (1989)

■ Deus me livre! Eu quase morri com isso. Eu tenho me esforçado muito para sair, e estou conseguindo. (1991)

■ Eu não sei se seria a favor da liberação total, mas acho que não pode continuar como está. A droga é só mais um sinal de que as pessoas são manipuladas.

Porque,

se

as

peessoas

tivessem

mais

dignidade,

mais

respeito entre si, eu acho que a droga ficaria no seu devido lugar. Acredito que existem pessoas que gostam de usar drogas, gente que sente prazer com isso, mas elas devem ser uns três por cento da população. Hoje em dia, todo mundo usa, e quer, porque não se tem saída para nada.

Ninguém se encontra. (1991)

■ A coisa vai num crescendo. Depois que você faz sucesso, todos te oferecem,

aparecem

os

traficantes

de

plantão.

Experimentei

de

tudo,

mas sempre terminava em álcool e tranqüilizantes. No bar e na farmácia.

(1994)

■ Eu era assim: o álcool eu pegava no bar e o tranqüilizante eu pegava na farmácia. Hoje eu não faço mais nada, absolutamente nada. A única coisa que sobrou foi o cigarro, e eu estou tentando largar essa coisa. (1994)

■ De repente, é um saco ter a pessoa sempre de mau humor, pelos cantos. Todo mundo se divertindo na piscina do hotel e eu lá, trancado. No começo, tem até um certo glamour, mas não leva a nada. (1994)

■ Sei que, quando o Sid Vicious, do Sex Pistols, morreu, tomei o primeiro porre da minha vida. E, a partir daí, comecei a usar muitas drogas. É, quer dizer... eu já usava, mas era em fim de semana. Até essa época, eram só bagulhinho e álcool. A cannabis [maconha], você sabe, afeta a memória, mas acho que já tínhamos formado o Aborto Elétrico. (1995)

- Eu acho muito bonito o Robert Plant e o Jimmy Page dizendo:

"Quando a gente usava heroína, nossa espiritualidade foi para o buraco".

E vai. Se você está quebrando o teu ritmo e a tua energia, você vai pagar por isso. É espiritualidade zero. Se você encher este copo pela metade, tem gente que vai achar que ele está quase vazio, mas tem gente que vai achar que ele está quase cheio. (1995)

- Infelizmente, a droga é um meio de confraternização social. No meio artístico, quando você faz sucesso, todo mundo oferece droga. E você vai pegando porque o negócio é bom. De madrugada, no estúdio, quando alguém faz uma presença, você vai tomar um cafezinho? E comigo ainda tinha essa história de romantizar. E o pior é que a coisa chega a um ponto que é vergonhoso. Eu vi que a situação estava feia quando começaram a dizer que eu armei cena em festa que eu nem fui, só porque já era lugar-comum. É completamente degradante, e eu gosto de falar sobre isso porque me dá força. Faz parte da programação, para nos lembrar como era ruim. E o negócio é que não tem meio-termo.

(1995)

- Tomei ácido umas quatro vezes, e foi uma coisa que realmente mudou minha cabeça. Foi uma coisa de "uh!", de sentir as

moléculas, o ying-yang, tudo. Você chega para o sofá: "Oi, sofá, você é meu amigo, sabe?".

É uma coisa muito assustadora. Agora que estou limpo, vejo o quanto a droga é pesada. Se eu preciso de um baseado para gostar de um filme, é porque o filme não presta, eu não deveria estar assistindo. (1996)

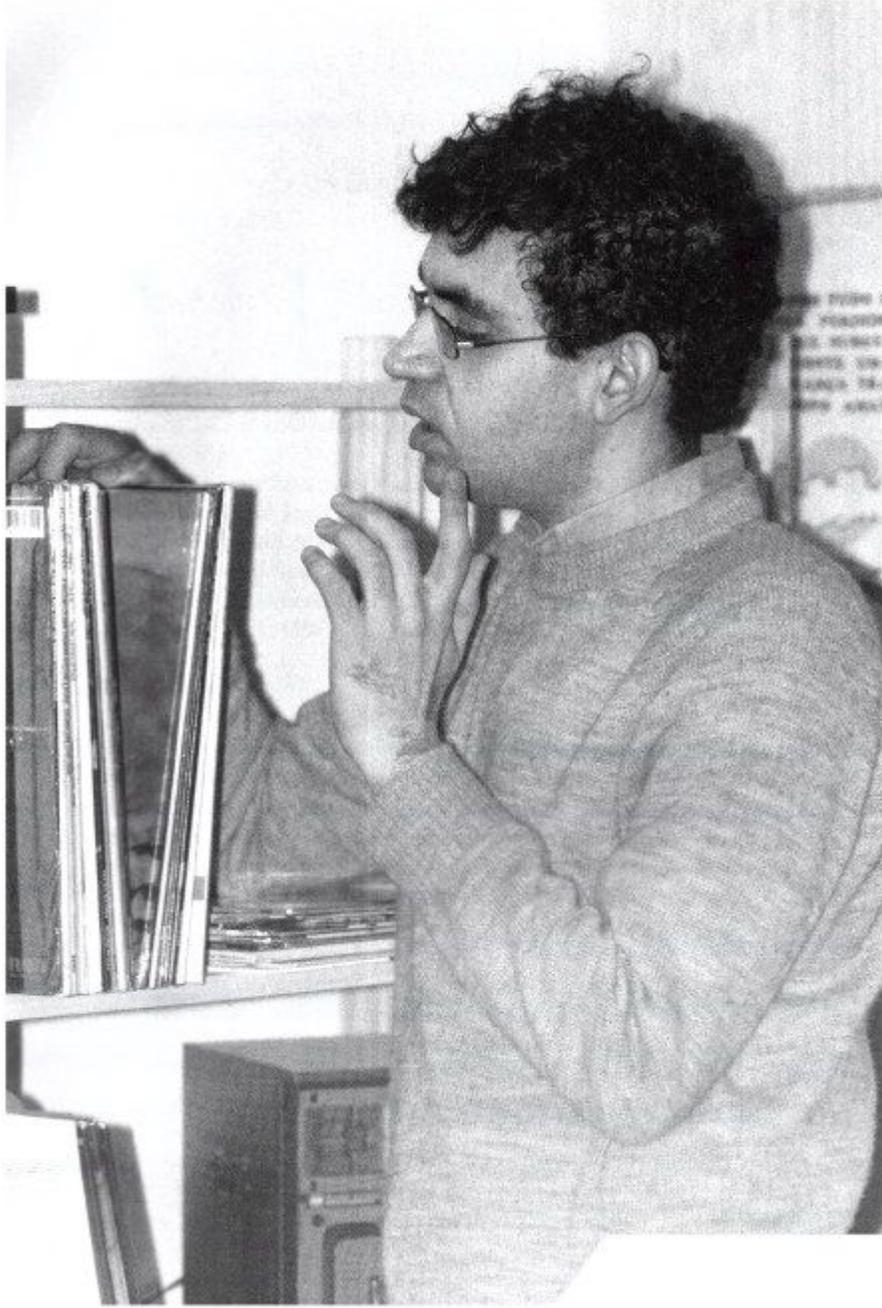
'1965 (DUAS TRIBOS)' [faixa do disco As Quatro Estações]

■ Esta é a música mais política de todas no disco. Fala da tortura e é sobre aquela época em que fazíamos redação sobre o país maravilhoso que o Brasil seria no futuro, e em que achávamos que os presidentes eram o maior barato. (1990)

■ Esta música é sobre um momento do nosso país, em que, de repente, fechou tudo. Eu acho sempre importante lembrar — eu, pelo menos, gosto sempre de me lembrar — que hoje a situação pode estar difícil 85

para caramba, mas a gente tem uma coisa muito preciosa, que é a liberdade. Então, eu posso vir aqui cantar, vocês podem vir aqui, vocês fazem o que vocês quiserem. Isso eu acho uma coisa muito, muito importante. A gente se esquece de que, até pouco tempo atrás, dependendo das idéias que seu pai tivesse, seu irmão, seu namorado, ia bater gente na sua casa, eles iam pegar essa pessoa, e você nunca mais ia saber o que tinha acontecido com essa pessoa. E ficou por isso mesmo, e não se fala nisso. É uma coisa muito perigosa, eu acho, a idéia: "Não, a gente era feliz naquela época". Gente, eu não me lembro de ser feliz naquela época, não! Fazer redação dizendo que o presidente é maravilhoso, quando, muito

tempo depois, a gente descobre que as pessoas estão sendo mortas, em nome de uma grande coisa que não se sabe o que é. Eu acho isso péssimo. E a música é sobre isso. A música fala especificamente de tortura, e fala dessa idéia toda de o Brasil ser o país do futuro. E sobre como seria legal se a gente encaminhasse o Brasil para ser um lance legal, porque chega de ser o país do futuro! A gente tem que ser o país do presente, a gente tem que viver agora. (1994) 86



E

'EDUARDO E MÔNICA' [faixa do disco Dois]

■ Graças à música, acabei me aproximando de um tal Fernando, que tinha chegado de Paris com uma grande coleção de discos — Traffic, Eric Clapton, tudo. Morava sozinho e namorava uma menina com filhos, a Lea [Coimbra]. Isso era 77, 78. É ela a Mônica da música, e eu sou o Eduardo, só que menos bobo. É, eu lia, não era aquela coisa clube-e-televisão da letra. (1995)

ELEIÇÕES

■ Se eu soubesse dizer o que vem por aí, eu ganhava um milhão, ia trabalhar junto com Sílvio Santos e deixava todo o povo brasileiro feliz.

Eu não tenho bola de cristal ainda. Não estou achando nada. Não dá para saber. Espero que tudo melhore, nota-se uma conscientização das pessoas. Levamos muita porrada e está todo mundo insatisfeito. As eleições

são

importantíssimas,

mas

é

impossível

saber

alguma

coisa.

(1989)

■ Passou um certo tempo — eu, pelo menos, senti isso — em que as pessoas aqui do Brasil, principalmente depois do Plano Cruzado, ficaram descrentes de tudo. Está assim atualmente: elas deixam as coisas irem, sem convicção. Mesmo estas eleições presidenciais estão assim: todo mundo está querendo acreditar, mas ninguém acredita muito. (1989)

■ Não entendo qual o lucro que as pessoas [os políticos] têm em ser tão idiotas. Elas também vão usar as mesmas ruas esburacadas que nós usamos. Se um dia estiver perdido em algum lugar, vai parar num hospital 89

que não tem condições de atendimento. Você não pode se isolar. (1994)

■ Eleições

são

uma

coisa

complicada.

Traficantes

e

analfabetos

votam.

A melhor solução é a do Betinho: cada um cuidar do seu núcleo, da sua rua, em células. (1994)

EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI [general do Exército, presidente da República durante a ditadura militar]

■ "Muitas vezes, eu penso que só morre gente boa; gente que faz bem ao mundo. No entanto, a morte desse ditador me conforta e, creio, conforta a todas as pessoas que sonham com um Brasil livre e bonito.

Então, vamos fazer deste show a celebração da morte de mais um fascista". [Dirigindo-se ao público, ao abrir o show da Legião no Circo Voador, no Rio de Janeiro, em 10 de outubro de 1985, dia da morte de Médici]

EMOÇÃO

■ O importante, para mim, não é o que está sendo dito, mas como está sendo dito. O importante é que as pessoas conseguem se emocionar com a Legião. (1995)

EMPATIA

■ Somos quatro jovens comuns, quatro jovens simples. Isso é que atrai as pessoas, que cria essa empatia em relação à gente. (1988)

■ Legião nem é tão bom, nem tão especial. Claro que tem coisas bacanas, mas também tem muita coisa que não presta. Só que tem uma certa empatia. (1992)

ENSAIOS

■ Os ensaios são sempre em estúdio, pois a gente não tem uma sala só para isso. Pelo menos, essa é uma vantagem da Odeon. Se a gente quer fazer a pré-produção, a gente vai para um estúdio de 24 canais... para ficar fazendo barulho, não é? (1995)

90

ENTREVISTA

■ Não vale a pena dar entrevista. Eles [jornais e revistas] não entendem agente. (1994)

EPIFISIÓLISE

■ Dos 15 aos 17 anos, fui obrigado a andar em uma cadeira de rodas.

Eu tinha uma doença de fundo virótico. Então, lia revistas de música, tipo Melody Maker. Foi aí que tudo começou. (1994)

■ Tinha 15 anos quando vi meu primeiro show de rock, da Rita Lee, no ginásio do Colégio Marista. Fiquei emocionado. Mas não pude ir ao segundo, porque um resultado médico mudou minha vida. Estava com epifisiólise, doença que destrói a extremidade dos ossos. Minha perna estava pendurada só pela pele, entre o fêmur e a bacia. Meu mundo acabou. Fui operado e fui vítima de erros médicos. O cara colocou o pino dentro do nervo. Contrações involuntárias me faziam gritar de dor. Fiz outras operações. Perdi dois anos de vida com medo de sentir dor, isolado, fora de tudo. Quando voltei para o colégio, aos 17 anos, era um menino diferente. Distante. Porque fiquei de fora. Observava tudo com olhar de estrangeiro. (1995)

■ Nesse

período,

resolvi

realmente

me

interessar

por

música.

Ficava

deitado ouvindo os discos, sofrendo, coitadinho. Tive que fazer várias operações, andei de cadeira de rodas, de muletas. Mas não estava nem aí. Era adolescente e tinha mais problemas em ter espinhas na cara do que andar de muletas. Pelo menos, ficava claro que eu era diferente.

Sempre quis ser diferente. (1995)

'EQUILÍBRIO DISTANTE' [disco solo, cantado em italiano]

■ Fui numa loja de CDs e vi a seção de música italiana. Tenho muita curiosidade por música pop de vários lugares. A esmo, peguei vários discos e me apaixonei perdidamente. Achei a temática das letras muito parecidas entre si e muito parecidas com a temática da Legião Urbana

— o indivíduo frente à sociedade, à ética, e canções de amor belíssimas.

91

O disco ficou sendo uma homenagem à minha família, porque sou descendente de italianos em terceira geração, e uma homenagem aos 150 anos de imigração italiana no Brasil. (1995)

■ A intenção era fazer um disco brega. O que é o brega? A canção extremamente popular e extremamente romântica. Eu queria fazer um disco romântico e lírico, para lidar com outra linguagem. Rock'n'roll não tem regra, você faz o que der na telha. A música pop tem convenções, você não pode fazer qualquer coisa. Isso me atraiu. (1995)

■ Tentei trabalhar numa linguagem que não domino: música romântica para consumo popular. Ela fala grandes verdades. Tem aquele dia que você está lá, de coração partido, e toca aquela música do Gilliard. Aí, você presta atenção na letra e — putz! — é exatamente o que está sentindo. (1995)

■ O que eu quis colocar é que se pode ser verdadeiro e fazer um trabalho de qualidade com um material para o qual as pessoas torcem. É que nem Sonhos, do Peninha. Muita gente só prestou atenção na música, que é linda, quando Caetano gravou. (1995)

■ Quando ouço o disco, não me lembro da Itália, me lembro de uma época da minha infância. Minha tia e todos aqueles coroas ouvindo Pepino di Capri, Rita Pavone. A própria Jovem Guarda tinha muito dessa influência da música italiana. Num determinado momento, isso se perdeu. Tinha o filme Candelabro italiano, coisas bem anos 60, que depois sumiram, com a entrada da música americana. (1995)

■ A gente demorou tanto com o disco que a gente ficou dois meses sem data de estúdio. E também teve toda uma confusão, porque o estúdio

estava

totalmente

mal

equalizado.

Foi

uma

complicação.

Eu

pirei, eu pirei. Era o meu disco brega italiano, que era para ser uma coisa na brincadeira. (1995)

■ A gente ficou de janeiro a julho no Discover, que é um dos estúdios mais caros do Brasil. No meio do caminho, o trabalho foi mudando tanto que eu comecei a ficar meio em pânico. O meu plano, neste disco, 92

era não tocar nada: chegar e cantar, só. E a gente falou: "Se é para valer, então vamos chamar músicos para valer". E a primeira pessoa que a gente chamou foi o Artur Maia, que é um puta músico, maravilhoso. E, aí, foi aquela situação: a gente compra um sofá novo para a sala e, daqui a pouco, "Benhê, vamos mudar as cortinas e mudar as estantes". Aí, a gente chamou o Ricardo Palmeira para

fazer os violões. E chamamos o Cláudio Jorge para fazer violão, também, na faixa que tinha a levada brasileira. (1995)

- "Vamos fazer de novo" ou "vamos melhorar". E têm outras instâncias que a gente fez uns cinco arranjos, tinha cinco versões e voltava para a versão original, porque era a melhor de todas. Quer dizer, foi muito desgastante trabalhar assim, mas foi uma delícia, porque eu adoro trabalhar no estúdio e é muito gostoso você poder usar o estúdio como instrumento. Eu acho que foi uma coisa bem legal. O problema foi que eu tive uma recaída séria no meio do caminho. Eu voltei a beber... Quatro dias... Mas foi horrível. (1995)

- Eu fui à Itália para passear, porque o repertório já estava todo pronto.

A gente só adicionou duas músicas depois, porque a gente cortou coisas que não deram muito certo. Eu descobri que não dá para misturar linguagem rock dentro do formato pop. Eu mostrava para a minha família: "Essa eu não gostei muito, não, Júnior!". Mas está tudo guardado.

Isso a gente vai lançar nas caixas da vida. (1995)

- O disco começa com uma musiquinha, que meu tio me mandou lá de Curitiba, e que fala: "Ai, é a Torre de Pizza/ Vai cair/ Mas nunca cai".

É de 1900, de um 78 rotações da Columbia. Domínio público. É aquela mania de Beatles, de colocar coisinhas pequenas. (1995)

■ A gente está satisfeito com o resultado. Eu vou ficar superchateado se eles falarem alguma coisa ruim, ainda mais que tem toda uma coisa de eu ter pensado muito na minha família — no meu bisavô e na minha bisavó, que vieram de lá com 18, 19 anos, em 1875 e, virtualmente, a única coisa que eles tinham de valor eram as botas. Tem toda uma coisa bacana de o nosso país ser um país de imigrantes. Não é só uma coisa de italiano. São os alemães, os portugueses, os turcos, os espanhóis... (1995) 93

■ No meio do caminho, comecei a questionar se devia estar fazendo este disco. Tinha medo de a pronúncia não estar legal, de as músicas serem bregas. No meio do caminho, eu me separei. Aí, entrei em parafuso. Veio "o vô apimentado do Renato Russo"; quis tirar a roupa no avião, alucinado, vindo de Brasília. (1995)

■ Eu não falo italiano. Non parlo niente... Bem, a gente arranha. Eu acho que, por ser uma língua com que nós temos algum contato, pela enorme quantidade de coisas italianas espalhadas pelo Brasil e pela semelhança dos fonemas, acaba-se entendendo algo sobre ela. Mas, este trabalho

consistiu,

basicamente,

numa

espécie

de

mímica.

Aquela

coisa

de ouvir e cantar junto, assim como essa garotada que canta músicas americanas. (1995)

■ Fiquei surpreso como a minha voz se adapta ao estilo italiano de cantar. Eles colocam a voz muito para fora, soltam a voz. O Emílio Santiago

canta

assim,

com

vozeirão.

Descobri

que

funcionava

perfeitamente para minha voz. Não falo italiano e precisei de ajuda para pronunciar os "es" finais, que o carioca às vezes fala como "is". De resto, fui na intuição. E fiquei feliz com meu italiano no disco. (1995) ESCANDALOSO

■ Se eu me comportasse e agisse como um bancário, é que as coisas estariam erradas comigo. Me preparei por 20 anos para isto! Desde que ouvi os Beatles, aos 5 anos, que sonhei em fazer música. Não entendo por que as pessoas queiram me crucificar pelas minhas atitudes. Sou escandaloso mesmo. (1993)

ESCRITOR

■ Não romantizo a necessidade de sofrer para escrever. Sou um escritor, faço pesquisa. Se quiser escrever sobre uma pessoa que mora em São Gonçalo, não preciso ir lá. Se eu quiser escrever sobre o que um suicida sente, eu não preciso me matar. Qual a graça daquele povo todo se matando? É interessante ter contato com uma certa realidade, ir ao bas-fond, à Galeria Alaska. Mas, se você é um artista, tem a técnica para 94

suplantar isso. Não sei se o trabalho continua tendo a mesma qualidade. O Paul McCartney é muito criticado por isso. Na época dos Beatles, ele escrevia coisas maravilhosas e hoje está feliz, saudável, e faz aquelas coisas bobas. (1994) ESCRITORES

■ Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa. (1994)
ESPIRITUALIDADE

■ Eu acho que a única revolução possível é a espiritual. A gente até tenta deixar isso aparente, mas é uma coisa muito antagônica ficar falando de coisas espirituais através de veículos de massa. Eu deixei de me preocupar demais — passo o dia pensando nas pessoas de que eu gosto. E de pensar que, quando eu bebia demais, ficava lendo Sartre, Nietzsche, Kierkegaard, e achando o mundo horroroso... E os menores abandonados, a sujeira do poder, meu Deus? (1988)

■ Eu não consigo dormir cedo nem ser espiritual. Minto, faço milhões de coisas erradas. Mas, ao menos, cheguei ao ponto de verbalizar o que eu quero. Estou tentando, não saio mais tanto, dou meus pulinhos aqui e ali. (1988)

■ A questão mais política do momento é a espiritual. Se você resolver esse lado, se acreditar que bondade é ter coragem, que disciplina é liberdade, e compaixão é fortaleza, todo o resto vai se resolver. (1990) Nós não temos o nosso lado espiritual resolvido. Se tivéssemos, não estaríamos fazendo rock'n'roll. Para fazer a capa do disco [As Quatro Estações], sabemos que cortaram uma árvore e tiraram a celulose. Se estivéssemos

realmente

no

caminho

da

iluminação,

não

precisávamos

falar

as

coisas.

Estávamos

vivendo.

Estaríamos

trabalhando

junto

aos

aidéticos ou com os menores abandonados. Mas eu ainda não tenho força para fazer isso — não sei nem se, algum dia, vou chegar a ter. Mas, pelo menos, já chegamos ao ponto de perceber as questões e tentar passá-las adiante. Nós temos a oportunidade de usar os meios de comunicação. (1990)

95

fala mal de todo mundo e abusa das mulheres, se você é uma pessoa legal, você tem algum problema. É claro que nos Estados Unidos tem essa vantagem: se você é uma pessoa legal, sensível, e conseguir ganhar muito dinheiro, aí vira Michael Jackson, vira Madonna, Prince, tira o "x" do problema. (1990)

■ O que acontece no Brasil, que eu descobri agora, quando voltei dos Estados Unidos, é que aqui todo mundo transa com todo mundo, mas ninguém se acha gay, nem se acha nada. Aqui não tem gueto, não tem nada disso. Mas, lá, eles são muito medrosos. Existe muito antagonismo entre as pessoas. Então, negros e judeus e gays e mulheres e crianças e jovens roqueiros e intelectuais e fascistas convivem mais ou menos harmoniosamente, mas eles se detestam. Sabe aquele negócio? Do the right thing /Faça a coisa certa, filme de Spike Lee]. É aquilo. Eu não chegava para certas pessoas para pedir a hora na rua. É muito esquisito.

Pelo jeito que a pessoa fala, pelos livros que ela lê... eles se prendem a isso. É um consumismo intelectual. Claro que existem pessoas fabulosas que não estão nessa — é o caso de um Arto Lindsay —, mas esses caras são totalmente loucos, então nem contam. E dinheiro lá é Deus. É só você chegar com uma nota de 50 dólares que já começam a te tratar bem. (1990)

ESTILO DE VIDA

- Com meu estilo de vida, vivo bem. Gosto de comprar livros e CDs, viajar de vez em quando. Tenho um carro, uma Caravan 86, que fica com meus parentes. O carro é para eles. (1995)

- Não gosto de fazer show, me canso muito. Como nós vendemos bastante, tudo bem. Eu não preciso de mais nada. Se gostasse de comprar roupa, precisaria de mais dinheiro para aquele terno Armani de 1.500

dólares... (1995)

ÉTICA

- Eu me baseio numa ética normativa, que diz o que é certo ou errado fazer. E bom deixar claro que isso passa por uma avaliação interior, e não por uma imposição. Afinal, já se matou muita gente com essa 97

justificativa. Assim, um engenheiro de obras sabe que não se deve poluir a Baía de Guanabara, ou o governo sabe que não podem haver pessoas passando fome. Acho que o básico, para essa avaliação, é a Declaração dos Direitos Humanos. E isso teria que partir do núcleo da sociedade, que é a família. É uma questão de educação! Porque não adianta ficar xingando o Sarney [ex-presidente José Sarney]. Na verdade, os culpados pela situação do país somos nós! Por exemplo: como a nova geração vai ter respeito

pela mais velha, se essa a ataca e está cheia de preconceitos?
(1988)

■ O Brasil está numa fase de transição, os computadores agora que estão chegando. Então, a gente fica neste limbo. O que este sistema hetero-normativo imprime, no inconsciente coletivo, é que se você é criança, mulher, ou qualquer outra minoria ou raça, você não tem direitos. Só macho-adulto-branco é que tem direitos. Não existe noção de bom senso em questões básicas, como o controle de natalidade, por exemplo.

E

o

macho-adulto-branco,

no

Brasil,

também

pena:

não

consegue sustentar uma família, não consegue um trabalho digno. Então, eu acho importante a gente continuar falando de

solidariedade, de ética, mas

usando

uma

linguagem

clara.

Não

necessariamente

simples,

mas

clara. (1996)

ÉTICA X ESTÉTICA

■ Eu acho que existe um grande confronto entre a ética e a estética. A ética, em algum momento, foi substituída pela estética. Isto é mais uma forma de controle. (1993)

EXAGERADO

- Todos os meus amigos dizem que devo fazer análise, porque sou exagerado demais. (1986)

Eu tenho problemas até em casa — eles acham que eu sou exagerado.

Se eu fico três dias com uma letra, eles falam: "Ô, Júnior, deixa de fazer drama, de ser fresco". (1987)

98

EXPERIÊNCIA

- Já tenho uma boa bagagem de experiência, não preciso sair por aí para conhecer o mundo. Já fiz muita loucura. E certas coisas que eu romantizava hoje não acho mais maravilhosas. Tenho alguns amigos que ainda glamourizam essas coisas. Gente que adora os filmes do Jim Jamursch. Até acho alguns interessantes, mas eu não queria conhecer aquelas pessoas. (1995)

EXPRESSÃO

- Sempre gostei de música como forma de expressão. Os românticos de

antigamente,

como

Casimiro

de

Abreu,

escreviam

poesias

quando

tinham 20 anos. Depois, no início do século 20, vieram os pintores e escultores na Semana de Arte Moderna. Teve o pessoal que fazia teatro coletivo na década de 60, aqui no Brasil. Para a gente, o rock foi o caminho ideal. É mais fácil compor uma canção e cantar do que escrever um livro. Qual a outra alternativa? Fazer um vídeo? Isso é outra área, outra geração. Como sou muito verbal, nenhuma outra forma iria traduzir o que eu queria dizer. (1988)

■ Eu acho que o rock induz, como outras coisas induzem, à ação, à energia. Dependendo da tempera de cada indivíduo, essa energia vai ser expressa de forma violenta, através da indiferença, ou através de uma forma positiva. O fato de você estar fazendo com que a pessoa sinta alguma coisa, grite, cante, dance, não implica em que, de repente, ela vai cantar e dançar simplesmente. Algumas pessoas vão dançar e dar porrada na pessoa do lado, ou tacar coisas

no palco. Algumas vão fumar seu baseado quietas, e outras vão incomodar outras pessoas. (1988)

■ Às vezes, eu fico achando que as pessoas falam uma outra língua, que não a minha. Isso eu senti, mais ou menos, quando estávamos gravando o terceiro LP. Eu tive uma puta dificuldade de colocar as coisas que eu estava sentindo nas letras. Eu queria escrever coisas para cima, só falar coisas positivas. Porque eu acredito que toda palavra é carma. Então, eu não estou a fim de ficar cantando que tudo está horrível, que todo mundo vai morrer... Porque eu não acho justo você usar o meio pelo 99

qual você se expressa para ficar chorando as mágoas do mundo. Acho que não é por aí.

Isso já foi feito. Isso era 77. (1988)

■ Meu avô sempre dizia: "Você não precisa beber para escrever essas letras maravilhosas". É importante ter contato com a sensibilidade, mas não é preciso ficar chafurdando na lama. O que eu descubro é que não precisa acontecer uma tragédia na minha vida para poder me expressar.

Não preciso passar a noite inteira no Baixo Leblon, vomitando, para chegar em casa e escrever. Até porque, em geral, o que a gente escreve quando está fora de si não se sustenta. (1994)

EXTRAVAGANTE

■ Eu era meio freak. Por isso, não tinha muitos amigos no colégio. Era mais

amigo

das

meninas.

Principalmente

as

meninas

estudiosas,

aquelas

que se sentam na primeira fileira. E dos nerds [bobos, idiotas], também.

Nunca fui nerd, mas me relacionava bem com eles. (1995) 100



F

FALSIDADE

- A coisa que eu mais odeio no mundo é falsidade, tipo ficar rindo para quem eu não gosto ou dando explicações para as pessoas. Elas que se danem. (1986) FAMÍLIA

- Até pelo meu histórico familiar, eu preservo a família. Falo mal é das instituições. Eu já fiz estádio vir abaixo e tomei várias atitudes rebeldes, mas dou muito valor à família. Porque é ela que me segura.

(1995)

'FAROESTE CABOCLO' [faixa do disco Que País é Este]

- Eu acho legal que as pessoas gostem da história. Ura motorista de táxi, outro dia, me disse que tinha um amigo que comprou a fita porque era, exatamente, a história do irmão dele. O cara tinha saído de Mato Grosso e ido para Brasília, e morreu num tiroteio no Nordeste. E a música é totalmente fictícia. (1988)

- Acho que Faroeste caboclo é uma mistura de Domingo no parque, de Gilberto Gil, e coisas do Raul Seixas com a tradição oral do povo brasileiro. Brasileiro adora contar história. E eu também queria imitar 103

o Bob Dylan. Eu queria fazer a minha Hurricane. (1990) FÁS

- É muito legal as pessoas virem falar com a gente, reconhecer o trabalho da gente. Mas, quanto mais conhecido você fica, mais estranho é o comportamento das pessoas. Não vêem você como ser humano, como artista, mas como um objeto que está sendo transmitido pela TV, pelos meios de comunicação de massa. E isso não é legal, porque é uma viagem muito destrutiva, tanto para o artista como para o fã.

(1986)

- Todo fã de rock'n'roll queria estar lá no palco, no lugar do artista.

(1989)

- Na verdade, a Legião Urbana, hoje em dia, são os fãs. Nós somos apenas o veículo. (1994)

- Na

questão

dos

fãs,

existe

um

comportamento

passivo—agressivo

por parte dos mais queridos, que é uma coisa que às vezes incomoda, porque eles te dão muito, mas também querem muito em troca. Eu recebo muitas cartas, muito anjinho, presentinho e tudo mais. Mas, ai de mim se não der a atenção que eles merecem. (1995)

■ Nessa coisa dos fãs, é sempre necessário ter um certo discernimento.

Quando eu vejo fã de uniforme, todos eles com bandanas e camisetas da Legião, jogando coisas no palco... Eu vou até fazer uma reclamação: não joguem coisas no palco, pode ser o que for, mas não joguem!

Tirando isso, essa coisa dos fãs é maravilhosa. Tem uma coisa curiosa: às vezes pinta cada garotão bonito nos shows. Eu fico dando em cima deles, mas não pode, não é? O que eu sou para eles é uma coisa que eles construíram no imaginário deles. (1995)

■ Teve uma época em que alguns fãs projetavam as fantasias mórbidas na minha pessoa. Isso aconteceu também com Cazuzza e Lobão. A maioria das pessoas é legal, mas tem uma minoria que atrapalha, que quer fazer algazarra. Ai de mim se não tocar Eduardo e Mônica nos shows. (1995)

■ O que a gente sempre falou foi: "Seja sua própria pessoa". E o que vejo, em alguns fãs, é a anulação da própria pessoa por causa da Legião Urbana. E eu acho isso péssimo. (1995)

FASCÍNIO DO SUCESSO

■ O fascínio do sucesso é ter encontrado um jeito de ter poder. É divertido. (1995)

FASCISMO

■ A gente está entrando nos anos 90 e eu não quero ser mártir da causa gay, nem nada. Eu tenho um filho. Mas vem esse fascismo, e daí a controlar a vida das pessoas é um passo. Os jovens são controlados por causa da televisão. Se você não é bonito, não tem um rosto bem-feito, você não presta. Por que você acha que os Smiths, ou a Legião, ou bandas como Echo, atingem tão a fundo? Porque falam disso que todo mundo sabe. Até o Jesus & Mary Chain! São meio loucos, mas dizem: "Somos assim mesmo, não estamos errados por causa disso".

(1990)

■ Em

momentos

de

caos,

de

desestruturação

da

sociedade,

existe

sempre o perigo do fascismo. Dado o medo que as pessoas têm de uma crise maior, elas se protegem na tradição, família e propriedade.

Eu acho que não é uma coincidência que existam tantos programas religiosos na TV hoje em dia. Porque, aí, é Jesus quem vai te salvar, ou o seu sonho de consumo vai te salvar... O planeta está um caos. (1994) 105

'FEEDBACK SONG FOR A DYING FRIEND' [faixa do disco As Quatro Estações]

■ Esta música é de 1985 e, antes, o título era apenas Feedback, um trocadilho sobre o feedback da guitarra. Na tradução de Millôr Fernandes, ele deu uma interpretação livre. Depois que a música ficou pronta, eu pensei: "Meu Deus, isto aqui poderia ter sido para o Cazuzal!". Principalmente por causa de duas frases: "A meu único rival eu devo obedecer" e "Vai comandar nosso duplo renascer". (1989)

■ Eu adoro cantar em inglês, meu inglês é legal. Feedback song eu escrevi em inglês, porque era uma coisa pesada, sobre a Aids. (1992) FEIO

■ Eu sempre tive trauma de ser feio. Eu achava que tinha direito a ter um ponto de vista, e as pessoas riam da minha cara. E agora é: "Viu, Renato, você estava certo". Eu não sou nenhum Paulo Ricardo, nenhum James Taylor, mas eu dou lá minhas reboladinhas, e as meninas gritam

"Lindo! Lindo!". (1987)

■ Eu era magrelo, branquinho, com espinhas, e, de repente, consegui ter uma banda de rock. Por que não? O pessoal me via: "Mas ele é que é o Renato Russo?". "É, mas as letras dele são bacanas". (1996) FERNANDO COLLOR DE MELLO [ex-presidente da República]

■ Aqui no Brasil, com esse presidente... Eu não confio nessa coisa da maioria. Sabe, vai ser bom para todo mundo, então vou cortar seu braço. (1990)

■ O Collor não dizia que era o Lula [Luiz Inácio Lula da Silva, que
106

concorreu com Fernando Collor à Presidência em 1989] que ia mexer na poupança do povo? Eu, que tenho tudo, fiquei puto. Imagine quem passou a vida economizando!

(1990)

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

■ A voz do povo é a voz de Deus. Mas eu não votei nele. (1994)
FESTIVAIS

■ Da minha parte, a Legião não participa mais vezes de festivais, por medo da passagem de som. Porque passagem de som... Você nunca, nunca sobe no palco na hora do show e está igual à hora da passagem de som. E, no festival, você vai ter outros técnicos. Já nos chamaram para fechar uma noite de um festival desses, uma vez, a peso de ouro.

Mas a gente não tem o controle da coisa, e é uma pressão muito grande.

Eu prefiro subir no palco e deixar acontecer, não ter que fazer um show que vai ter que ser espetacular. Se a coisa não é espetacular...

Até a hora de entrar, ia ser tanto nervosismo da minha parte! Tipo: será que o som está bom, será que... E tem mais uma coisa: para mim, pelo menos na hora de cantar, tem que vir de dentro. Senão, a coisa não funciona, soa falsa. (1994)

FILMES PREFERIDOS

- Poison, Satyricon, Saló e O mágico de Oz. (1994)

- A regra do jogo, de Jean Renoir. Nem me lembro muito dele, porque nunca revi. Mas lembro que, quando vi, fiquei completamente chapado.

Foi impressionante. Ele retrata muito bem o jogo social que as pessoas são obrigadas a cumprir. Mas, o mais legal é que ele é filmado em foco profundo, você vê tudo que acontece na cena com a mesma profundidade, mesmo o que acontece lá atrás. (1995)

107

FLORES

■ Eu entro no palco com flores porque eu gosto. Faço isso desde que a gente fez um show no Rio, no dia em que o Cazuza morreu. Eu acho que é uma vibração legal, porque tem uma coisa que acalma a galera.

Então, em shows pequenos, eu nunca faço isso. Mas, num show para 50 mil pessoas, com quanto mais calma você puder passar o que você tem a dizer, melhor. (1994)

FORMAÇÃO

■ Tenho

uma

formação

católica,

sou

pequeno

burguês,

mesmo.

Minha

família é burguesa, fui educado para fazer as coisas bem-feitas, o melhor que puder. Luterana, não, Deus me livre. Luterana é pior ainda. Não estou querendo julgar ninguém, mas eles são muito mais disciplinadores. A minha história é uma coisa de imigrante italiano, de você tentar fazer o melhor. (1988)

FORMATO

■ Se o formato da Legião me agradasse completamente, eu não estaria fazendo disco solo. Mas acho que o desafio é você fazer uma coisa sincera e de qualidade, dentro do formato. É um formato fechado, mas é muito profundo. Dentro da nossa concepção, existem "n"

possibilidades,

porque

a

gente

fala

de

relacionamento,

do

universo

humano, das sensações, do que cada um tem dentro de si. Isso, para mim, é uma coisa quase infinita. Têm coisas que são da mesma linha.

Baader-meinhof blues, no primeiro; no segundo tem Fábrica, ou mesmo Índios; no terceiro, Que país é este e Mais do mesmo; no quarto tem Há tempos; no quinto tem Teatro dos vampiros; e, no Descobrimento do Brasil, você tem Perfeição. Eu gostaria de acreditar que são músicas completamente diferentes, mas, se você parar para pensar, a gente está falando da mesma coisa. (1995)

108

FUTURO

■ Sabe o que eu acho que, se a gente tiver sorte, vai acontecer no futuro? Vamos realmente ter uma aldeia global, como McLuhan falou, e vamos ser índios. Você vai ter a sua casa com energia solar, o seu terminal ligado à biblioteca do Congresso ou o que quer que seja, e vai ter uma vida natural, uma alimentação natural. Quem dera! (1990) FRUTAS

■ Tangerina, cereja, banana, maracujá. E todas as berries. (1994) 109

G

GERAÇÃO

- Minha geração sempre foi tachada de vazia e idiota. Eu não podia fazer uma besteira. (1992)

- Música não tem idade. E as pessoas se esquecem de uma coisa fundamental: essa geração, que hoje está com 30 anos, foi a primeira, depois da abertura dos anos 60, a entrar em todas as áreas. O pessoal de publicidade,

teatro,

cinema,

poesia,

vídeo,

alguns

jornalistas.

Antes

da

geração de Chico, Caetano e Eric Clapton, isso não existia. O que temos, hoje, é que muitas pessoas estão indo por outras áreas, inclusive para uma participação política. Os anos 60 foram uma época especial. É a mesma coisa que dizer que, depois dos anos 40, não apareceu mais nenhum grande compositor clássico. Claro que não. Por quê? Não sei.

O Chico e o Caetano continuam tão atuais quanto antes. Acho maravilhoso que volte a haver um respeito pelos nossos maiores artistas no campo da música. (1994)

■ A nova geração é menos agressiva. É uma geração mais passiva. Já estão acostumados à violência. Tem Netuno em Sagitário, e não Escorpião, como a minha geração, que lida com o instinto da morte, é mais louca, exibicionista, cheia de altos e baixos. Essa geração atual é mais do "vamos com calma para ver o que vai acontecer". (1995) GERAÇÃO X

■ Ah, acho esse povo da Geração X muito mal-resolvido. Vai se virar, vai trabalhar! Não estou falando das pessoas pobres, que têm

111

dificuldades. Geração X é classe média. A pessoa é jovem, tem saúde, disposição, o mundo inteiro pela frente — vai ficar em casa assistindo a Vale a Pena Ver de Novo?

Nem todas são assim. Têm uns dez por cento que fazem as coisas. Os outros ficam por aí. O que eu posso fazer? (1995)

GINÁSTICA

- Levantamento de controle remoto. (1994)

- Esse

negócio

de

caminhar,

malhar,

não

é

comigo.

(1995)

GIULIANO MANFREDINI [seu filho]

■ Giuliano Manfredini: é tudo italiano, tudo boa gente. (1990)

■ Minha relação com meu filho é maravilhosa. Mas sou bem durão, ele me respeita. O mais importante é ele saber que meu amor não é condicional, não depende de nada que ele faça. (1990)

■ A vinda dele foi um acidente. Um belíssimo acidente que mudou minha vida. (1994)

■ Minha relação com ele é complicada, uma coisa que eu não resolvo e empurro com a barriga. Ele só viveu comigo, na Ilha do Governador, pequenininho. Depois, foi viver com meus pais. O Giuliano nasceu em 1989, aí fui para Nova York, inventei que ia ter um grande caso de amor gay na minha vida. Uma coisa louca. Fiquei muito mal. Como vou falar para o Giuliano que sou roqueiro e gay? (1995)

■ Não tenho como educar o Giuliano agora. De jeito nenhum. Nossa relação é ótima, ele está com 6 anos e é esperto. Quero que venha ficar comigo, um dia. Ele fica com meus pais, em Brasília. (1995)

■ O que acontece é medo, porque eu o adoro demais. Talvez isso se dilua, se morarmos juntos. Toda vez que eu o vejo, dá uma vontade de agarrá-lo e dizer: "Giuliano, vai dar tudo certo. Pronto. Fica aqui comigo".

Mas, então, o que eu vou falar? O que vou fazer? Ele é uma pessoa, e não um bibelô. Tenho que ter uma relação normal com ele. (1995)

- Acho que vou ser meio boboca e adolescente o resto da minha vida; é de minha natureza. Giuliano precisa de uma boa base, porque, na nossa sociedade, não existe espaço para uma criança filha de um roqueiro gay. Ele vai ter que ter uma sanidade, vai ter que trabalhar isso. Nós não temos um padrão de comportamento de pai e filho, mas a gente tem uma dose de disciplina e respeito muito grande.

(1996)

'GIZ' [faixa do disco O Descobrimento do Brasil]

- Giz é completinha, perfeitinha. (1994)

- Esta é a música que eu mais gosto, é a letra que eu mais gosto, é a coisa que eu mais fico feliz de ter conseguido fazer. (1994) GLAMOURIZAÇÃO DAS DROGAS

- Desde pequeno, eu sempre achei as drogas uma coisa super-romântica, um pouco como aquela música do Cazuza: "Meus heróis morreram de overdose". Mas ninguém mostra o lado ruim da coisa.

Eu sei o que é ficar numa cama tremendo e tendo alucinações. É um horror. Desta vez, espero ter conseguido, eu saquei que é uma coisa muito baixa. Não tem glamour nenhum. Você pode estar num

apartamento

lindíssimo,

ouvindo

Cole

Porter,

mas,

se

você

estiver

caindo de bêbado, você não vale nada. Gente que usa droga é sempre muito chata; só é legal para quem está drogado também. (1991)

■ Existe

uma

glamourização

da

droga,

principalmente

no

rock'n'roll.

É lindo Janis Joplin, é lindo Jimi Hendrix... Não é lindo, não! É

hor r í v el, é u ma tr is t ez a, vo c ê f i ca d e p r i m i d o , é u ma
cois a desagradável. Mas, também, não estou querendo fazer a
cabeça de ninguém. Se a pessoa quer usar, problema dela. Para
mim, não funciona. E eu achei que funcionava. Tem uma coisa na
programação, 113

que pode até parecer uma coisa brega, mas que quem já passou
por esse problema sabe que não é nenhuma piada. É o seguinte: a
droga te dá asa para você voar. Então, me deram asas para voar.
Mas me tiraram o céu! Então, você fica com asas para voar, mas não
tem para onde ir. É exatamente isso. Não foi bonito. Foi horrível,
horrível, horrível! (1994)

■ O Paul McCartney disse, certa vez: "Eu tomo LSD, mas quem está fazendo o maior escarcéu são vocês, da imprensa". Se o pessoal vai para o clube e toma ecstasy, isso é com eles; mas, se sai uma página inteira de jornal dizendo que a juventude inglesa está fazendo isso e que isso é bacana de se fazer, não me venham depois botar a culpa no rock'n'roll! Ficam vendo o cara se destruindo no palco e acham maravilhoso. Eu não acho maravilhoso a Janis Joplin sozinha num quarto, saindo para comprar heroína, caindo, quebrando a cara na escada e morrendo. Não acho legal Jimi Hendrix, o maior guitarrista de todos os tempos, lá, sufocado no próprio vômito. Vem alguém e diz: "Isso é rock'n'roll". Para mim, isso é burrice. Nunca vi U2, Dire Straits, Sting, Morrissey e tantos outros glamourizarem o uso de drogas. Existem milhões de artistas, mas vai todo mundo ficar falando do Kurt Cobain. Existe uma coisa mórbida que é as pessoas quererem que os artistas sejam sacrificados em seu lugar. É

uma espécie de expurgo. (1994)

■ Acho que a droga é uma coisa presente em todo o mundo, só que dona de casa que toma bolinha não sobe ao palco para fazer shows.

Assim como o motorista de ônibus que todos os dias sai do trabalho e vai tomar uma cervejinha com os amigos. É exatamente a mesma coisa. O que acontece, no rock, é que existem uma glorificação e uma

glamourização

desse

tipo

de

comportamento,

porque,

por

algum

motivo, se acha que isso é uma coisa irreverente, rebelde e ligada à adolescência.

Os

artistas

estão

mais

expostos.

Chama

muito

mais

atenção um Kurt Cobain morrer do aquele vizinho do seu prédio que morreu de cirrose. A glamourização do rock parte da imprensa. (1994) 114

GOVERNO

- O problema é que somos um país sem governo. Parece um navio-fantasma. E tem muita gente passando fome. (1994)

GRAVADORAS

- O que eu sinto é que as pessoas não vêem exatamente o que está acontecendo e picham o rock brasileiro, mas, de certa forma, o rock brasileiro está dando uma força para as gravadoras, está fazendo circular o capital, que é uma coisa muito importante. Se ficar dependendo do pessoal da MPB, não vai para a frente porque, no momento, não é o que o público quer. No Brasil, é justamente o sucesso de artistas dentro de uma determinada gravadora que abre caminho para outros artistas que têm propostas que não são tão comerciais. (1985)

- O que as gravadoras fazem é uma coação velada. Te oferecem uma porção de coisas e vão te implantando idéias: "Sabe aquela música?"

Façam

uma

mudança"...

Quando

viemos

de

Brasília,

não

entendíamos

nada daquilo. A Odeon queria lançar um Bob Dylan do Planalto, queriam que a gente tocasse Geração Coca-Cola ao violão. Eles acabaram deixando a gente fazer como queríamos, e vendemos cem mil cópias. O segundo disco vendeu 700 mil cópias. Enquanto isso, no mercado, ninguém entendia nada. Como podem existir um Paulo Ricardo e um Renato Russo, ao mesmo tempo? (1988)

■ Nós estávamos negociando nosso contrato com a gravadora. Disseram que devíamos um disco. Mas é assim mesmo: o artista,

quando faz sucesso, fica sempre devendo. Se a gente não tivesse dado certo, eles colocavam a gente na rua, e não teria problema. (1990)

- Nós negociamos, para o quinto disco, um contrato com total liberdade artística. Nossa relação com o pessoal da Odeon era quase afetiva e, no momento em que resolvemos fazer a coisa sozinhos,

115

pintou um certo ressentimento. Mas, agora, já está tudo resolvido. É que nós éramos os "bichinhos mimosos", os enfants gatés da gravadora. Pô, eu estou com 31 anos, ura homem casado, com filho. Não é mais aquela coisa de "Oi, tio, e o disco, tio?".

Vá falar com os nossos advogados¹. Se até o Axl Rose já reclamou da Geffen... (1992)

- O disco ao vivo Música para Acampamentos saiu numa época em que estávamos num clima muito ruim com a gravadora. Queríamos até que o álbum duplo valesse como um único, para efeito de contrato. Mas eles nos fizeram assinar um outro compromisso, só por aquele lançamento. Depois de O Descobrimento do Brasil, ainda ficamos devendo um. Mas o nosso contrato — que só tem dez páginas

— é muito bom para nós. Nem precisamos mostrar o disco para a gravadora. Temos inteira liberdade e um intervalo de 16 meses entre um título e outro. (1993)

■ O mais importante foi a gente ter tido a liberdade de mixar até a gente realmente achar que a coisa estava boa [sobre Equilíbrio Distante]. Porque gravadora, você sabe, eles podiam ter dito: "Não, tem que terminar e pronto!" Mas, não; a gente teve todo o apoio do pessoal — principalmente do João Augusto e do presidente da gravadora. O João Augusto é realmente um cara cem por cento, gosta muito de música, e é muito profissional — não deixa passar nada.

Mas, também, a gente tem que lembrar que esse dinheiro não é da gravadora. Esse dinheiro é meu. Eles não tiraram nenhum dinheiro mágico e me deram. Isso tudo é investimento, isso tudo vai ter retorno. E, considerando que a Legião vendeu não sei quantos milhões de discos, estava mais do que na hora. A gente tem essa ilusão. É que nem esses roqueiros bobos: "Eu quero tapete vermelho, eu quero limousine" etc. Vai ser tudo deduzido. "Cadê meu cachê?" "Está aqui: 30 dólares". "Trinta dólares, por quê?" "Bem, porque teve cinco noites no Hotel George V, em que você pediu buffet para 300 mil pessoas..." (1995)

■ Eu acho que cada pessoa tem o direito de ter a orientação sexual que quiser, e deve ser respeitada por isso. Sou contra qualquer tipo de gueto. Acho que todas as pessoas têm de viver juntas. (1994) GUNS N'ROSES

■ Não gostava dos Guns N'Roses, ficava puto com as coisas que o Axl falava.

Hoje

em

dia,

até

respeito

o

cara:

ele

pensa

realmente

desse jeito, e está tendo que assumir a responsabilidade pelo que diz. Nada é impune. Até comprei um disco do Guns... Só não fico ouvindo, porque acho que vai ser ura desserviço enorme para o rock'n'roll. Toda a garotada que está vindo agora vai achar que foram eles que inventaram todos aqueles riffs. Na verdade, eles chupam os caras que chupavam dos Stones, que já tinham chupado de alguém antes... (1992)

GURU

■ Essa estória de ser guru é uma coisa que já me acompanha há algum tempo, talvez por causa do conteúdo das letras. Desde que a gente começou, as pessoas observam que os fãs têm uma postura reverencial, que eu teria uma postura messiânica nos shows. As pessoas falam muito isso. Eu não me vejo como um messias ou um guru — longe disso —, mas falo de coisas que as pessoas também estão sentindo. Embora tenha escrito Que país é este em 1978, há dez anos, as coisas realmente não mudaram. Então, é como se a gente fosse um termômetro do que acontece. E, por termos a sorte de nos expressar através dos meios de comunicação de massa — falando do dia-a-dia, do meio em que você vive, o meio urbano, a sociedade atual —, isso vai bater muito mais nas pessoas. (1988) Tem gente que me encara como um guru. Na primeira frase de Será, eu digo: "Tire suas mãos de mim, eu não pertencço a você". E

no mesmo LP tem: "É só você que deve decidir o que fazer para

117

H

tentar ser feliz". Então, meu filho, não tem essa de guru, sacou? Na sociedade, existe uma carência de mentores. Eu não tenho. Não existe mentor, não existe uma pessoa para quem você possa realmente olhar e pensar — você está seguindo um caminho que eu gostaria de seguir. É difícil, hoje em dia: você só vê gente roubando, cada um por si. (1989)

- Estou lá no palco, cantando as minhas músicas. Não quero exercer influência nenhuma. Se a Legião tem uma mensagem, é: "Seja sua própria pessoa". E não acreditem no que eu falo. (1995)

118

'HÁ TEMPOS' [faixa do disco As Quatro Estações]

- Esta música sintetiza todas as colocações do disco. Há tempos coloca as questões que se passam no Brasil. (1990)

- Há tempos começa tranqüila; no final, eu estou me esgoelando. Mas, quando você vê aquele bando de gente cantando "Há tempos são os jovens que adoecem", não tem como não se emocionar. (1995)

'THE HEART OF THE MATTER' [composta por Mike Compeli, Don Henley e J.D.]

Souther e incluída por Renato Russo no disco The Stonewall Celebration Concert]

- É um rock balada do Don Henley, com aquela batida Hollywood Rock, mas aquela letra diz o que sinto. (1994)

'HELP!'

- Quando ouvi Help!, com 5 anos de idade, decidi que era isso que eu queria ser. Não parecia trabalho ficar correndo dos fãs. (1994) HEROÍNA

- Foi por pouco tempo. Dois meses, só. Eu estava indo e parei, mas comecei a sentir umas coisas estranhas. Então, eu tomei Valium para caramba, remédio para dormir...

Acordei dois dias depois e "Aaahhh, passou!", "Ah, é fácil!", "Vamos começar tudo de novo". Aí, eu peguei mais pesado. E nada adiantou: nem banho, nem chá quente, nem

massagem. Eu tomei tudo quanto era tipo de remédio, rezei, fiz tudo. Foram três dias horrorosos, e eu falei assim: "Eu nunca mais vou passar por isso na minha vida". E isso afetou a turnê do Quatro Estações. No último show, eu tive que ir com um médico do meu lado, tipo assim: "Renato, vai dar tudo certo". Todo mundo se divertindo no hotel e eu, lá, deitado, rezando para que chovesse... No final, tive uma hepatite séria e quase morri. (1994)

■ Sobre isso, eu vou escrever um livro. Sabe aquelas coisas de Hollywood? Vai ser tipo Confissões de um ex-junkie. Foi uma coisa que aconteceu, eu não me arrependo, mas não fico feliz com isso. A dependência é muito brava. Mas o problema todo é que eu estava tendo um relacionamento com um cara e a gente entrou nessa juntos. No começo, era uma brincadeira. Só que o cara foi embora, voltou para os Estados Unidos e, de repente, eu conhecia o pessoal que fornecia o lance aqui. Aí, fiquei indo, fiquei indo, fiquei indo, até que chegou um dia em que eu vi que já estava viciado. Foi péssimo. Eu achava que ia poder

resolver

esse

problema

sozinho.

Eu

parei,

mas

continuei

deprimido,

angustiado,

de

mau

humor,

completamente

imprevisível.

(1994)

■ O Scott ainda estava aqui. De tudo que usei, o pior foi álcool e tranqüilizantes. Heroína foi horroroso, mas só um mês e meio. No final de julho de 1990, ele viajou e eu continuei. Uma coisa meio junkie mesmo... Depois, decidimos que ele voltaria e a gente ia se cuidar. Bem, não posso dizer que foi ruim. Na verdade, foi péssimo. A gente usava heroína para ficar namorando. Ele conheceu um rajneesh [seguidor de Osho, como é atualmente conhecido o guru indiano] na praia, que tinha a droga. No Rio, heroína não existe. Eu nunca tinha experimentado. O

Scott já tinha experimentado tudo. O mundo ficava maravilhoso por oito horas. Em termos de dependência física, é a pior droga. Tudo que é droga é ruim. (1995)

HERÓIS

■ Eu acredito que não existem heróis. A gente pode ter pessoas realmente espetaculares. Por exemplo, existem figuras espiritualizadas, 120

religiosas, que são grandes modelos para a humanidade. Mas, na verdade, todo mundo é igual. Eu não acredito que eu tenha uma verdade a mais. Principalmente a juventude, se cai nesse erro de acreditar que sim, ela inevitavelmente vai acabar descobrindo que o ídolo dela tem pés de barro. E isso é uma coisa muito desagradável. No começo: "Ah, o Renato é maravilhoso! A Legião é maravilhosa!". Depois: "Não, eles não são mais maravilhosos, vamos pegar eles". Eu tento evitar isso, me concentrando mais no trabalho, na questão da musicalidade, da mensagem, do que propriamente na questão do marketing, de apresentações ao vivo, fofocas, revistas de fofocas, fotos, essas coisas. (1995)

HETEROSSEXUAIS

■ Eu não quero mais fazer ativismo gay. Na minha cabeça, eu decidi, muito humildemente, que quem precisa de ajuda são os heterossexuais.

É só a minha opinião, pelo amor de Deus! Meu novo mote é: "No dia em que os heteros pintarem algo como a Capela Sistina, o mundo terá um pouco mais de paz". E também: "O que seria do mundo se não tivesse viado?". Porque a gente não teria nem Disneylândia, nem Broadway, nem Hollywood... E nem Beatles! Mas a gente acaba sempre se virando. Agora, os heteros: guerras, igrejas, controle da sexualidade e das emoções etc. O rock'n'roll fala disso; a partir dos anos 60 ele entrou em outras questões que a gente pode trabalhar. (1996)

HIPOCRISIA

■ Todas as críticas ao rock que é feito no Brasil acabam abalando sua confiança. Afinal, que país é este? Supostamente, sobre o que eu falaria?

Só sobre coisas que conheço. Às vezes, fico cansado. Estou lendo meus livros calmamente e penso: vou ter que sair, trabalhar com os pobres.

Será que eu sou um hipócrita? Eu sempre entro pelo cano quando falo o que sinto. Mas eu não tenho condições de jogar o jogo. Quando fosse dormir, pensaria: agora, Renato, você é um hipócrita. (1988) HOBBY

■ Assistir a filmes. (1994)

- Comprar disco é o meu hobby. (1995)

HOLLYWOOD ROCK

■ A juventude está sendo enganada! Não estou a fim de participar do Hollywood Rock, pelo mesmo motivo que você nunca ouviu música da Legião em novela da Globo. Fazemos até Fantástico, talvez tenha até uma música em novela, um dia, mas tentamos nos resguardar de certas coisas. Não sei se seria positivo para a Legião fazer Hollywood Rock.

Além do mais, para isso existe o Capital Inicial. Como vamos cantar o que cantamos com um baita bandeirão do Hollywood atrás? Mas todo mundo é hipócrita. Quem sabe, um dia, fazemos. (1989)

HOMEM BONITO

- Meu filho. (1994)

HOMEM ELEGANTE

- Dado Villa-Lobos. (1994)

HOMEM INTELIGENTE

- Betinho. É de uma inteligência sã. E Chico e Caetano, inteligentíssimos.

(1994)

HOMENS

- Bobos, que nem cachorro. (1994)

HOMOSSEXUALISMO

- Para mim, o homossexualismo nunca foi problema. Claro que, hoje em dia, tem a Aids. Então, você pode transar com quem quiser, tomadas as devidas precauções. Mas era tudo muito difícil, eu nunca me sentia feliz. Sabe aquela música, It's a sin, dos Pet Shop Boys? Aliás, é a banda mais gay que existe. É bem aquilo. Eu queria ter uma banda. Consegui 122

ter uma banda. Eu queria ter dinheiro. Consegui ter dinheiro. Tenho meus amigos. Mas sempre tinha alguma coisa me espezinhando, e eu sabia o que era. É muito difícil viver numa sociedade onde você é um pária. Só para colocar um paralelo, imagina que o mundo é homossexual e você é hetero. Então, ... E o vento levou vai ter o Clarke Gable com o Leslie Howard. E você não pode abrir a boca para falar "Eu gosto de mulher". A sua família vai colocar a causa do enfarte do seu pai em cima de você. Você é doente. No colégio, quando começa a doutrinação — você tem que ser igual a todos —, você começa a ficar com medo. Não tem com quem se abrir, acha que é a única pessoa no mundo.

Então, estou errado. E é uma questão de instinto. Eu tenho muito mais facilidade de ficar de pau duro se aparece um cara bonito na minha frente do que com uma menina.

Se bem que, com meninas, também. E eu me resolvi, mas isso confundia a minha cabeça.

Eu comprava uma série de revistas eróticas de que eu gosto — Mandate, Honcho, Torso, Meat, Uncut —, e todo mundo falando de Stonewall... (1990)

- Eu senti que, se não falasse, não me abrisse com o meu público, não me sentiria bem.

Estava me sentindo como se estivesse cometendo uma gafe, mandando mensagens através das minhas músicas, e as pessoas ficando naquele clima, sem saber ao certo o que estava acontecendo. Não é nem uma questão sexual. Eu tenho a minha emotividade ligada a isso: é uma questão espiritual eu me sentir atraído por pessoas do mesmo sexo. Se for uma estratégia de marketing, eu sou a pessoa mais corajosa do Brasil. (1991)

- Não existe... E o vento levou gay. No cinema, a bicha ou sofre e morre, ou é tia, ou assassina psicótica, ou travesti. Até um filme independente, como O banquete de casamento, tem a bicha japonesa que trabalha e a americana que cozinha. Não existe o gay normal. (1994)

- Resolvi minhas últimas dúvidas quando fui aos Estados Unidos, em 89. No Brasil, ou você é enrustido e pega michê ou travesti, ou é bicha-discoteca. Não sou nada disso. Gay, lá, pode ser macho. Eles são setorizados: musculosos, sadomasoquistas, loucos... (1994)

■ Ah, ser gay! Só têm três assumidos no Brasil: eu, Rogéria e Clodovil. Rimou. (1994) 123

■ Quando a pessoa se esconde, acaba caindo no mundo sórdido da noite, dos michês. Não] Todo mundo aqui no prédio sabe que eu sou gay. Não preciso ficar mentindo, trazendo meninos que peguei na rua e correndo o risco de ser assassinado ou roubado. Eu vim ao mundo com luz, não tenho de me enfiar num buraco. Não quero me sentir como um torcedor do Botafogo no meio da torcida do Flamengo. (1994)

■ Reafirmo minha homossexualidade para evitar que as pessoas passem pelo que eu passei: achar que era doente, que era estranho, que ia morrer e seguir direto para o inferno. Para poder ter a liberdade de ser quem eu sou. (1994)

■ Faço parte de uma minoria, que não é tão minoria assim, ainda mais neste país. Me considero pansexual, mas sou o que as pessoas chamariam de homossexual. Chegam pessoas para mim e dizem: "Não, Renato, você não é gay, você não desmunheca". Está bom. Desde quando eu preciso botar uma peruca e sair rebolando? Isso porque somos uma sociedade

católica,

machista

e

falocrata.

Tenho

amigos

muito

educados

que são heterossexuais mesmo, casados, mas todo mundo acha que eles são bichas. E conheço um monte desses garotões fortões que nunca ninguém vai dizer que são. Mas são. Então, isso faz parte da minha vida.

Não é um problema. É importante falar sobre isso. Se eu fizesse parte de outra minoria e se existissem coisas que me incomodassem, acho que, tendo a posição de artista, eu falaria. Não é para ser politicamente correto ou para chamar atenção. Já tive namorada, já tive filho, mas gosto de hoje poder cantar uma música de Bob Dylan dizendo If you see him em vez de If you see her. (1994)

■ Nunca perguntei a eles [os outros componentes da Legião] o que achavam das letras. Não queria ficar indefinido como Stipe [REM] ou Morrissey [The Smiths]. Mesmo assim, as pessoas confundem. Maurício não é uma música gay. O personagem fala na primeira pessoa. E isso não surgiu com Meninos e meninas. Daniel

na cova dos leões, do segundo disco, já falava sobre sexo oral.
(1995)

■ Revelar

que

está

na

contramão

da

heterossexualidade

normativa

é

uma decisão difícil. Eu me abri porque senti que estava na hora,
que 124

isso me daria mais liberdade no meu trabalho e, também, porque eu não queria enrolar o jovem ou a jovem que estava ouvindo aquilo, sem saber se era aquilo mesmo. Não abrir o jogo seria

desonesto com meu público. Se eu canto uma música que fala, por exemplo, da sensação de diferença, de solidão, ou mesmo de uma felicidade que está ligada a essa diferença afetiva, quem está ouvindo tem o direito de saber sobre o que estou falando. Mas tento escrever de uma maneira que qualquer um possa se apossar da canção. Quando ouço alguém cantando, quero saber se aquela determinada música foi feita para o que eu acho que foi mesmo. Por isso, achei importante o Neil Tennant, do Pet Shop Boys, ter falado claramente da sua homossexualidade, por exemplo. (1995)

■ Meu primeiro caso homossexual foi aos 9 anos, com o meu primo.

Foi um escândalo na família. O engraçado é que eu sempre gostei de homem bonito, e ele era lindo. Eu era o inteligente, com idéias maravilhosas; e ele era o atleta, o Adônis, o Davi de Michelangelo, que até hoje tem problemas de dependência química, mas ainda não conseguiu ficar feio. Até os 13 anos, tivemos uma amizade absurda.

Depois, ele seguiu o caminho dele e eu continuei perdidamente apaixonado. (1995)

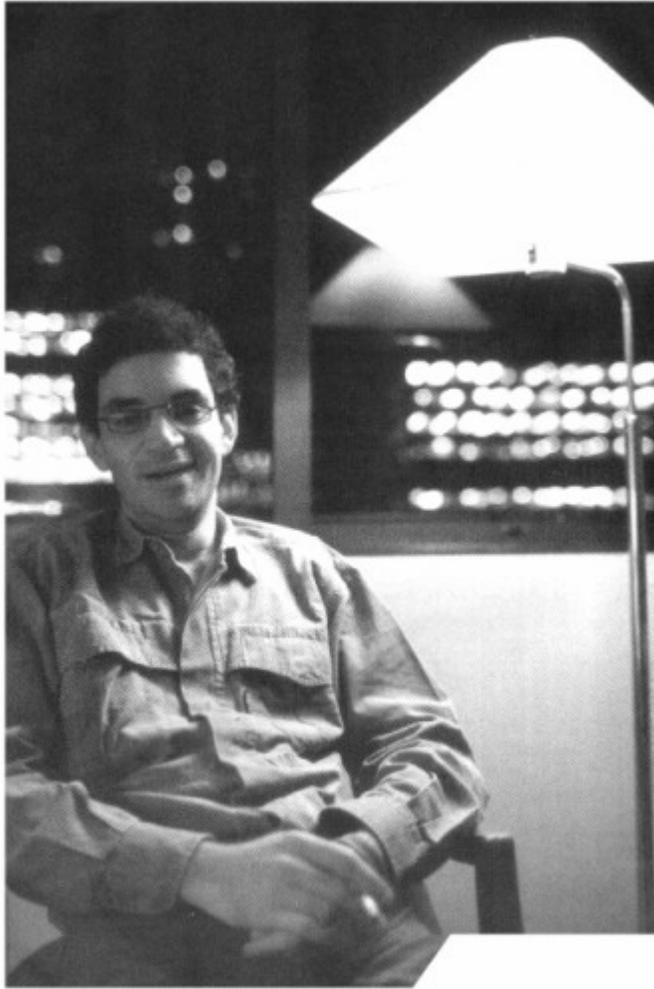
No Rio, você pode gostar de ópera e de Sex Pistols, sem nenhum problema. Nos Estados Unidos, pela roupa que a pessoa usa, você sabe o que ela pensa. Tem um código de imagem muito canalizado e muito complicado, que não resolve nada. Em Londres, se você é gay, você só fala com gay, só frequenta o clube tal, é tudo setorizado. Em Nova York, têm os guetos; então, o padeiro é gay, o açougueiro é gay. Mas eles não têm proteção nenhuma e, depois, fica aquela coisa de "Agora eu moro aqui com o Mike e não quero saber da vida dos vizinhos". Vai ser igualzinho aos heterossexuais. O que as bichas querem é casar; criam um tipo de organização para reivindicar os

mesmos direitos e entrar num sistema moralmente falido. E para quê? Para ser babaca como os outros. Eu quero freqüentar todos os ambientes, ter todos os tipos de amigos, e não ser conhecido como "Sou gay", ou "Sou Flamengo", ou

"Sou anarquista". A única coisa legal é a luta que eles têm travado para fazer algo pela questão da Aids. Mas eles falam muito e ninguém transa; você quer povo mais enrustido do que o inglês? Aqueles caras com aquele 125

cabelinho azul. Para quê? Eu prefiro até que as pessoas nem se exponham tanto, mas que o sexo role numa boa, e essa é a grande contribuição que o Brasil pode dar. A sexualidade brasileira é uma coisa muito louca, a gente é extremamente sensual. (1996)
HORÁRIO

■ Vou dormir às sete da manhã e acordo ao meio-dia. De dia, não faço nada, porque o mundo está acontecendo. (1994)



'I GET ALONG WITHOUT YOU VERY WELL' [do disco The Stonewall Celebration Concert, composta por Hoagy Carmichael]

■ Esta música fala daquela sensação dos meses que se transformam em anos. Você acorda de manhã, todo dia, respira fundo e diz: "Tudo bem, eu estou indo muito bem sem você, eu estou bem"... (1994)

IDENTIDADE SEXUAL

■ As pessoas não são liberadas. A gente está na Idade Média. Imagina, o Brasil é o país mais racista do mundo! Liberdade sexual são essas drag queens. Eu acho que o que falta, hoje em dia, é respeito. Agora, isso é uma coisa que ainda vai levar muito, muito tempo. Um país que não tem um sistema social, onde o Estado não funciona, não existem escola, uma rede de transporte decente, não existe informação... É isso que a gente tem que trabalhar antes. A questão da identidade sexual, isso vem depois. É uma coisa que vai ser conquistada. (1994)

■ Ter uma identidade gay, para mim, é uma questão política. Uma vez, eu fui com um namorado numa festa gay e — é gozado —, apesar de estar namorando comigo, ele não tinha essa identidade. Ele chegava para mim, dizendo: "Nossa, Renato, quanto viado!". Eu fiquei dando risada, porque ele não se achava gay, nem nada. (1996) IDENTIFICAÇÃO

■ Eu gostaria que a coisa mais importante fosse aquilo que as pessoas escrevem nas cartas para a gente: "Vocês são legais porque são que nem 129

a gente". Bom, eu acho que isso é uma romantização... Essa é a imagem da Legião, mas as pessoas percebem que nós somos quatro amigos que fazem música. (1987)

- Nós somos iguais aos jovens que ouvem a gente: sensíveis, inteligentes, rebeldes, de saco cheio. (1988)

- Eu gosto de acreditar que as pessoas compram nossos discos porque sentem e percebem que eu sinto e percebo exatamente aquilo que elas sentem e percebem. Se a Legião tiver uma força, é a de ser igual ao público. (1988)

- A única coisa que eu sei é o seguinte: as pessoas acompanham o que a gente faz não porque mostramos uma grande novidade — porque o rock não é nem um pouco original —, e sim porque o que nós fazemos já estava dentro delas. Então, um garoto compra um disco da Legião —dos Titãs, do Lobão, ou de quem quer que seja — e, antes de ir para o colégio, ele vai ouvir aquela música, vai pensar na vida, no país, no governo, na situação caótica, em ecologia, em crimes, medos, angústias, felicidade. É legal você ter uma trilha sonora. (1989)

- Eu acho que, ao longo do tempo, as pessoas foram incorporando, e é como se as nossas canções fossem amigas, é como se fossem pessoas que elas conhecem. Eu acredito que o fã, quando chega em casa e está triste, ouve talvez Andrea Doria, ou Por enquanto; se está alegre, coloca Eduardo e Mônica. Então, isso entra no universo da pessoa. E, no caso de as letras serem sempre sobre emoções interiores — a gente tem muitas canções de amor, e é tudo na primeira pessoa —, a pessoa, quando canta, é ela que está cantando aquilo. Aquelas palavras passam a ser dela. (1990)

■ Não tem explicação. Existe uma espécie de mágica, que faz o público nos adorar. Nosso som é primitivo, nossa música é simples, não dá para entender como vendemos tanto. Nós conseguimos uma coisa, que a MPB também tinha, que é uma identificação com o público universitário.

(1991)

130

■ Como eu faço as letras sempre em primeira pessoa, há uma identidade, paradoxal, entre a música e o ouvinte. "Poxa, esse cara está falando da minha vida!". Já teve um cara que até quis me bater] Eu estava andando no Shopping da Gávea, chega esse cara e diz: "Você não tinha o direito de escrever Ainda é cedo sobre a minha história, de ficar espalhando isso para as pessoas! Como é que você sabia de tudo?". E me olhando, com aquela cara de psicótico... Pô, cara, eu estava falando de mim! Eu sempre gostei de Bob Dylan, desse tipo de compositor que, mesmo quando está falando do social, do que quer que seja, passa isso por um prisma psicológico-afetivo-emocional-íntimo, sei lá... (1992)

■ Não é uma questão de entender ou não, é uma questão de se identificar, e eu acho que todo fã da Legião se identifica. Porque, senão, eles não cantariam as nossas músicas, não teriam o carinho que têm pela gente. (1995)

'IF TOMORROW NEVER COMES' [faixa do disco The Stonewall Celebration Concert, composta por K. Blazy e G. Brooks]

■ É aquela tal história: eu tenho paranóia de não dizer para uma pessoa o que eu sinto por ela, e essa pessoa, por algum motivo, sair da minha vida. Então, eu sempre falo.

Quando eu gosto da pessoa, eu chego e falo assim: "Olha, eu gosto de você para caramba". Mas é muito difícil você falar isso. Às vezes, é muito difícil. (1994) ILHA DO GOVERNADOR [bairro onde morou no Rio, antes de mudar-se para Ipanema]

■ Parece uma rua da Gávea; têm até guarita, crianças brincando. A garotada é legal, você sabe quem mora ao lado. O ruim é ser longe. Às vezes, é uma vantagem. Quando as pessoas te chamam para ir num lugar e você não está a fim, é só dizer: "Não dá, eu moro longe para caramba". (1987)

■ É a casa onde passei a minha infância, isto me dá uma super segurança.

A mesma rua, as mesmas árvores, é muito bom. Mas já estou me sentindo seguro, já posso enfrentar a cidade grande. Eu não gostava
131

muito da idéia de morar sozinho na Zona Sul — iria tomar porre todas as noites. Essa coisa de você morar sozinho na metrópole é muito perigosa. Na Ilha, não tenho só os meus avós, mas também os meus primos, os meus amigos de infância. É uma questão de ambiente. E, na verdade, eu fico mesmo é trancado em casa. (1988)
IMAGEM

- A imagem é importante. É que nem o Donny, do New Kids. Ele tinha que ser alguma coisa, já que é o mais feioso. Então, ele tem que ser o rebelde, o que fala as coisas. (1992)

- Tenho esta imagem de pessoa pesada, carregada, mas quem me conhece diz: "Ah, você é tão legal". Nunca me esqueço da minha mãe dizendo: "Meu filho, o Cazuza é tão educado1.". Porque, afinal, somos um bando de meninos de classe média. (1996)

IMIGRAÇÃO ITALIANA

- Acho que deve se valorizar, e muito, essa gente que saiu há anos —50, 100 ou até 150 anos — de um país, para chegar numa terra completamente estranha apenas com as botas e a vontade de trabalhar.

Na verdade, eles trouxeram na bagagem uma nova civilização, com toda uma cultura, a experiência e o sofrimento da guerra. Enfim, nós, brasileiros, aprendemos muita coisa com os imigrantes italianos. (1995) IMORTAL

- Vou escrever um livro quando chegar aos 50 anos. No fundo, quero ser imortal. (1996)

IMPASSE

- Os anos 80 são esse liquidificador, justamente, para mostrar que você pode usar o entretenimento e, dentro do aspecto de massa, fazer uma coisa que vai ser considerada arte. Por exemplo,

os Beatles nunca foram lá de fazer coisas muito profundas, existenciais. Eu acho que 132

 você pode fazer uma coisa divertida, para cima, e ser uma coisa que vai ter o seu valor. O

 que pinta muito no aspecto da crítica, no Brasil, é justamente que eles se apegam muito a essa coisa do triste, do Sartre, dessas coisas existencialistas, do pessimismo ia coisa dark. Claro, se você está angustiado, se você está sozinho, numa superparanóia e esquizofrenia e, se você tiver um pouco de talento, vai sair uma coisa belíssima. Mas, espera aí! Você também pode usar o seu lado positivo para fazer uma coisa legal. O

 nosso impasse é justamente este: fazer uma coisa honesta e sincera e que seja para cima, para dar uma força para as pessoas. Porque, também, se você faz uma coisa que é para cima, as pessoas não vão levar você a sério. Nesse caso, elas exigem que você parta ou para a sátira, ou para a ironia, ou para o humor. (1985)

 ■ Se a gente está tentando, está tentando de bobo. A gente entrou nesse trem de bobo. A gente pegou esse trem achando que ia para a Disneylândia e depois, ele foi para Auschwitz. Porque eu nunca saí da minha casa para cantar rock'n'roll, para estar falando essas coisas aqui.

 Nunca. Eu queria era sexo, drogas e rock'n'roll. OK, estamos num impasse. Não adianta mais fingir. (1988)

■ Acho que, realmente, chegamos a um impasse em termos de estética.

Dá para perceber isso principalmente, no exterior. Aí, fico preocupado: será que o que estou fazendo já morreu? Isso mexe com a minha cabeça.

(1989)

IMPOSTOS

■ Alguém deveria apresentar um projeto para que, junto com o preço de tudo, viesse escrito quanto se paga de imposto. É como se faz nos Estados Unidos. Você fica sabendo quanto dinheiro vai para onde. Eu pago muito, muito imposto. Para onde vai tanto dinheiro? Somos a segunda geração que está vivendo pior do que os pais. É muito chato ser formado, trabalhar, e não poder dar uma festa de aniversário por falta de dinheiro. Sou classe média, sou suburbano. Meu apartamento é a única coisa que eu tenho. O que dá dinheiro é fazer shows, que eu não gosto. (1994)

133

INCÔMODO

■ Minha saúde. Foram 15 anos de droga-adicção. (1994)

INCOMPREENSÃO

■ Assumo que bebo: se eu não tiver uma ou duas doses, não saio de casa, nem subo num palco. Sou muito tímido. No entanto, sinto uma grande incompreensão em relação à minha pessoa. Também sou generoso e sensível, e só querem explorar um lado decadente. (1993)

'ÍNDIOS' [faixa do disco Dois]

■ A letra de Índios eu escrevi no estúdio, assim! Música tão linda! Têm coisas bem fortes ali... E eu mostrava para o grupo, e eles: "Legal, Renato".

E meu coração ali! Foi uma coisa muito difícil. Eu queria uma resposta, e ela não vinha. (1988)

■ Em vez de eu falar o que é amor, eu digo: "Quem me dera ao menos uma vez/Esquecer que acreditei que era por brincadeira/Que se cortava sempre um pano de chão/De linha nobre e pura seda". Ora, tem gente que não vai querer ouvir isso. Tem gente que quer ouvir solidão que rima com paixão, e amor com dor. (1988)

■ Essa é a música mais difícil de todas. Eu nunca sei a letra dessa música, e a gente nunca sabe tocar. Mas a gente acha que é uma música especial.

(1992)

INDIVIDUALIDADE

■ Eu ouço o que eu gosto de ouvir, eu não tenho que ouvir o que as outras pessoas estão ouvindo. Cadê a minha individualidade? Eu sou um animal racional, sou único, não estou preso a ninguém, não sou um bicho de três cabeças. Aí, o pessoal fica putó! Justamente esse mesmo pessoal que agora fica dançando Dead Kennedys e B-52's nas festas e pichando Caetano, Chico e Milton! Mas, espere aí, cadê o teu poder de raciocinar? Por que Chico é ruim agora e antes não era? (1985) 134

INFÂNCIA

■ Quando era moleque, brincava de pique, soltava pipa, andava de rolimã, ia nadar na praia. (1995)

INFLUÊNCIAS

■ Para mim, depois dos Beatles, vinha Emerson, Lake & Palmer. Depois que acabaram todas as grandes bandas, eu desisti. Aí descobri o Dylan, e desencavei todos os seus discos e passei a ouvir muito folk, Byrds, até chegar o punk. Oba! Descobri uma razão para viver. Aí vieram Siouxsie

& The Banshees, The Cure, PIL. (1986)

■ A gente tem muita influência dos 60, mas não acredito que o fato de ouvir coisas como Martha & The Vandellas, Beach Boys, Gary Lewis & The Playboys e Paul Revre & The Raiders nos influencie na

hora de compor. Pode até aparecer nos arranjos e na mixagem, mas não na composição. (1989)

■ Há

certas

coisas

que

escrevo

que

aconteceram

realmente

comigo;

outras, com amigos. Mas, a partir do momento em que o negócio fica pronto, é como se fosse meu alter ego. Até uma música nossa ficar pronta, já entraram tantas influências! Mesmo Acrilac on canvas, que é algo especificamente sobre uma experiência minha, não é alguma coisa literal, porque, a partir do instante em que você passa para o papel, você inventa. (1989)

■ Minha formação se deu ouvindo rock'n'roll. Mais recentemente, discos como Clube da Esquina 2, de Milton Nascimento, e Amor de Índio, de Beto Guedes. E todos os bons poetas, como Fernando Pessoa, Drummond... Mas é bobagem citar isso como influência. Eu leio e gosto; mas, na hora, o que vale é a música. (1989)

■ Minhas influências são brasileiras; muito, muito mineiro. Beto Guedes e Milton, mais até do que Caetano. Comprei muito Egberto Gismonti...

Até Ronnie Von — tem um disco dele que é tão bonito, eu vi num sebo outro dia e quase comprei. Mas acabei desistindo de comprar, para não 135

me decepcionar. É um que tinha a música que ele fez para a filha dele. Mas era legal!

Mutantes, Rita Lee — ouvi até cansar aquele Fruto Proibido. Chico, não é? Porque Chico era o comunista que toda mãe queria ter como filho. Meu pai comprou Construção. Ele ouvia Angela Maria, e minha mãe, umas coisas mais antigas. (1995)

■ A Legião Urbana foi comparada, na ordem, com U2, The Smiths, The Cure, REM, e ainda teve, aí pelo meio, um Simple Minds — que eu detesto. Ninguém disse que nossa influência maior foi de uma banda chamada Beatles. Ou, então, Mamas and Papas, ou Bob Dylan. No Brasil, as pessoas não têm curiosidade pela informação. Não houve uma pessoa capaz de dizer que o que Raimundos, Chico Science e Jorge Cabeleira fazem é o que a Legião Urbana fez com Faroeste Caboclo. Como também, naquela época, ninguém disse que

Faroeste caboclo o Gil já tinha feito, com Domingo no parque.
(1996) INGÊNUO

- Eu acho que seria tão legal se as pessoas comessem realmente a se curtir! É uma coisa de que eu nunca desisto. As pessoas dizem que eu sou ingênuo, mas não consigo desistir. (1985)

INGLÊS

- Hoje em dia, todas as bandas que estão começando cantam em inglês.

A gente acha que — a gente está no Brasil — é importante cantar em português. De vez em quando, é legal cantar músicas em inglês, para se divertir e tudo. Mas, criar em inglês eu acho uma coisa meio esquisita. (1992)

- Quando você canta em português, dá para você ter a certeza de que as pessoas estão entendendo tudo o que você está falando. Aí, quando você canta em inglês, parece que você está cantando sozinho. (1992)

- Eu acho que cantar em inglês é muito fácil. Não tenho nada contra quem canta em inglês, porque eu até entendo. Mas dá agonia, porque eu entendo inglês, mas eu não entendo por que essas bandas cantam

136

em inglês. Eu sinto que o que aparece é assim: "Vamos cantar em inglês porque deu certo". Eu, não. É bom cantar em inglês porque a gente acredita nisso. Que nem o Sepultura. (1994)

INÍCIO DE TUDO

■ "Era uma vez a gente. Depois, mais gente, e mais gente, e muito mais gente (não é tanta gente assim; tem muito mais gente do que tem, na verdade). Era uma cidade. Quer dizer: antes, uma colina. Só que a colina era pequena e era uma panela. Descemos da colina tal qual bandeirantes (esta frase horrível foi idéia do Dinho). Onde é que a gente está mesmo?

No por ão do Caf ofo, lutando contr a tudo e contr a todos — principalmente contra os microfones. Aparece M. Bonfá (que país é este?), estamos em 1979. Alguns espécimes voltam do velho continente e trazem boas novas. Formam-se bandas novas: AE, Blitx 64, Metralhaz, Vigaristas de Istambul, Dado e o Reino Animal, confusão geral. Muitas entradas e bandeiras e, finalmente, do caos nascem: Plebe Rude, Sia Techno II, o novo Blitx, Bambino e os Marginais, Capital Inicial e Legião Urbana...De hoje em diante, Roberto Carlos não recebe mais visitantes em seu túmulo: todas as pessoas estão em casa, dentes cerrados, nervosismo à flor da pele, perguntando: 'Mas quando será a próxima apresentação da Legião Urbana?'. " [Trechos de um texto escrito por ele para registrar os primeiros passos da Legião Urbana] (1982)

■ Além de não encontrar músicos, os que eu encontrava não sabiam o que era rock, ou não gostavam. Eu mesmo não sabia tocar. Fiquei um ano para tirar Blackbird, dos Beatles. Era muito, muito difícil. Até que apareceram os Pistols, fazendo três acordes e falando: "Olha, vocês podem pegar um instrumento e fazer três acordes". E era isso que a gente fazia. Ficávamos tocando a tarde

inteira a mesma música — a dos Slaughter and the Dogs. Imagine um banda chamada Matança e Seus Cachorros. Era o máximo! A gente adorava! Tinham esses, os Saints, Damned, Buzzcocks, mas o que a gente mais gostava, o mais fácil de tocar, era Ramones. Uma tarde inteira tocando Now I wanna sniff some glue! Parava, voltava. "Não é assim. Pára. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Não, pára! Volta!". Fazíamos apenas um lanche e voltávamos. Porque, naquela época, não tinha muita droga. A gente só pensava nisso — música e banda. (1989)

137

■ O nome Legião Urbana é por causa da turma e porque éramos da cidade. Eu sempre inventava nomes para a turma. Era para ser Organização do Desespero, OD. Mas aí as pessoas falaram: "Pô, Renato!

Que nada! A gente não é dessa turma!". Depois, foi Sociedade Pré-Cambriana. Não deu certo, e a organização virou desorganização. (1989)

■ Antes da entrada do Dado, chamamos um carinha chamado Eduardo Paraná. Ele era meio jazz-fusion, mas era bonitinho. E tinha um tecladista, o Paulo Paulista, que só entrou na banda porque tinha um tecladinho. A gente não aproveitou nenhuma das músicas que fez nessa época. Eram muito pop. Eu escolhia todos os meninos bonitinhos e via se tinham um mínimo de talento musical. Tinha um menino chamado Beto Pastel, que era um homem lindo, mas não sabia tocar nada. (1995)

■ A gente sempre mimeografava as letras e um general pegou a letra de Música urbana, que falava: "Os PMs armados e as tropas de choque vomitam música urbana". Só que a gente era supercomportado no palco.

Então, eles acharam que quem tinha feito o panfleto havia sido a Plebe Rude. (1995)

INSEGURANÇA

■ Nós somos um pouco inseguros, já levamos tanto na cabeça! A gente sempre acha assim: "Será que eles ainda gostam da gente?" (1995)

■ Eu era muito inseguro. Porque sempre soube que era gay. Sempre. O

mu n d o m e d i z i a q u e e u e r a d o e n t e , p e r v e r t i d o .
Q u e r i a s e r c o m p l e t a m e n t e

diferente

e,

ao

mesmo

tempo,

aceito

pelas

pessoas.

Mas isso faz tanto tempo! Acho que fui adolescente até os 26 anos.

(1995)

INSPIRAÇÃO

■ Para inspiração, eu bebo em diversas fontes. Leio muito a Bíblia, Lao-Tsé, o Tao Te-kíng, porque acho que ali estão as coisas básicas.

Atualmente, eu também leio coisas "B" — Stephen King — ou então biografias, da Glória Swanson, do Cecil B. De Mille. Quando era garoto, 138

eu lia demais, principalmente os existencialistas. Dizem que o Kierkegaard era existencialista. Eu o lia, lia muito o Sartre, tudo temperado com Thomas Mann. Já viu, não é? Ficou muito complicado. Até que reli a Bíblia, e vi no Eclesiastes coisas tão básicas... E, se é para conhecer o processo humano, eu prefiro uma

boa literatura, um Dostoiévski, um Balzac, em vez de História da sexualidade. (1988)

- No centro de tratamento onde fiquei dois meses [para se livrar das drogas], contavam histórias do Raul Seixas. Ele não conseguiu parar porque achava que, se não tivesse aquela postura, não conseguiria fazer música. Para mim, parar não mudou nada, a não ser que, ao invés de ficar sofrendo dois anos para fazer um disco, eu sento e, se a inspiração não veio, tchau, vou passear. (1994)

- Essa idéia de que você estar calibrado, ou usar substâncias químicas de qualquer tipo, aumenta a inspiração não é verdade. Mas, quando a pessoa bebe, usa drogas e tudo o mais, ela naturalmente vai viver certas experiências que a pessoa careta não vai. Eu me metia em uns buracos, conhecia umas pessoas estranhas... Se eu fico na Galeria Alaska até as seis horas da manhã, vou ter uma visão diferente de quem acorda cedo e pega sol. Algumas pessoas acreditam que isso afete o trabalho, mas eu acredito que não. A inspiração é uma coisa que não dá para você forçar.

Para mim, geralmente vem quando eu estou tentando dormir. Justo o contrário, quando eu usava droga para tentar trabalhar, o resultado ficava mais lento e disperso. Já teve vez em que tomei ácido e escrevi para caramba. Na hora, você acha uma obra-prima, mas, no dia seguinte, vê que não tem nada ali. Em geral, atrapalha tudo. Você usar alguma coisa durante a mixagem, por exemplo, é um caos. (1995)

INTELLECTUAL

■ Sempre fui mais estranho do que qualquer outra coisa. Era muito...

não sei se intelectualizado é a palavra certa, mas eu lia muito. Teve um dia, na aula de Literatura, que o professor pediu para escrever numa folha de papel todos os livros que já havíamos lido. Eu disse: "Impossível.

Em uma folha só não cabe". (1995)

139

INTELIGENTE

■ As fãs dizem assim: "O mais bonito é o Dado, o Bonfá também é lindo. Mas o Renato é o mais inteligente". Deixa elas pensarem... (1992) I

INTÉRPRETE

■ Isso não me preocupa. Um dia, dizem que sou o melhor intérprete; depois, que somos uma droga. É aquela coisa de ser comparado ao U2.

Cruzes! Eduardo e Mônica é Mamas and Papas. (1994)

INTERRUPÇÕES NA CARREIRA

■ Estamos num período de reflexão, queremos ver o que está acontecendo. Assim que a gente souber o que quer, a gente faz. Ainda não encontramos nenhum fio, do modo como o primeiro disco era porradão e o segundo, introspectivo. As músicas não têm nada a ver uma com a outra. Prefiro passar três anos sem lançar disco do que colocar em jogo tudo o que fizemos até agora. É uma linha muito frágil. A pressa passa, mas a porcaria fica. (1987)

■ Hoje em dia, a gente sabe que foi uma coisa supernecessária parar. O

que dava medo é que não estávamos mais trabalhando intuitivamente.

Eu havia perdido contato total com a intuição, por causa das drogas, por causa do corre-corre... É horrível! De repente, só trabalhamos assim porque não somos músicos, não sabemos tocar direito. Se não estivermos bem com a gente mesmo, não sai. (1988)

■ Um dia, talvez, a gente acabe com a banda e procure outras coisas para fazer. Mas, se a gente tivesse acabado agora, iria ser um baita pontapé em todas as pessoas que acreditaram na gente. (1988)

IRONIA

■ Aqui no Brasil, tem muito dessa coisa de humor, da sátira, da ironia, e a gente usa a ironia de uma forma diferente. Não diria

sofisticada, porque seria a gente se achar metido a besta, e eu acho que a gente é 140

uma banda comum, como as outras. Mas a gente tem uma coisa diferente. Por exemplo, você tem uma música como vaquinha Mary Lou e a galinha Sara Lee, que faz o maior sucesso, todo mundo dança e se diverte, e é uma coisa irônica. Agora, a ironia da gente é fazer uma música chamada Baader-meinhof blues: é um outro nível, envolve um outro tipo de informação. (1985)

ITÁLIA

- Foi bom conhecer o país, sentir o cheiro da terra, ver como as pessoas andam na rua, ouvir o som do idioma para ficar com espírito italiano.

(1995)

- Os italianos têm esse trauma de ser o terceiro mundo da Europa, que é uma coisa



completamente imbecil. Mas eles têm um pouco disso e admiram muito o pessoal da Escandinávia, os ingleses e os alemães. Eles sempre se acham meio para trás, eles sempre se acham um pouco bregas — porque eles são... Eles não têm o que a gente tem aqui no Brasil, por ter conseguido transcender. Nunca que lá vai aparecer um Sepultura. Raimundos, então, nem pensar. Chico Science, Planet Hemp... Nem Camisa de Vênus, entende? (1995)

■ Os artistas italianos são um pouco intocáveis, com limousine etc. É lá o jeito deles, eles são estrelas, realmente. (1995)

J

JABA

- Jabá nenhum vai fazer com que as pessoas decorem as nossas letras e cantem conosco. (1991)

JERRY ADRIANI

- No começo, os críticos ficaram pichando, para que a gente falasse mal do Jerry e ele, da gente. Que nada! Ele veio falar conosco, uma vez, num programa lá em São Paulo. Ele veio supergarotão, deu a maior força! Foi tão legal! Ele é tão legal! (1988)

- A primeira música que emplacamos foi Será. Na época, as pessoas achavam que o meu timbre de voz era parecido com o do Jerry Adriani.

E, na verdade, é — ao menos naquela música. E isso ajudou muito.

(1991)

- Eu queria cantar com voz de barítono. Porque, naquela época, todo mundo cantava com voz mais aguda e eu ouvia Jim Morrison, Iggy Pop, Brian Ferry, David Bowie, Ian Curtis. Foi ótimo o meu timbre ser parecido com o do Jerry Adriani, mas eu acho mais parecido com o do Elvis. (1994)

■ Eu tive um sonho. Apareceu uma luz imensa no céu, assim, e, de repente, surgiu o Elvis: óóóóóóü! Tocou aquela música e, quando eu cheguei perto, o Elvis virou Jerry Adriani e disse assim: "Filho, vai em frente". Aí eu virei cantor. (1994) 145

JIM MORRISON

■ Eu não acho que o cantor tenha que ser um mártir, como foram Jim Morrison e Jimi Hendrix. A gente tem de prestar mais atenção em quem está vivo, nos sobreviventes, como Keith Richards. Lennon dizia isto: "Importante é quem fica". (1989)

■ Me contaram que o Jim Morrison era tarado pelo Hendrix, "Jimi, Jimi, eu preciso de você!". Mas, no rock'n'roll, está tudo bem. Agora, e o cara que perde o emprego por causa de sua opção sexual? (1990)

■ A minha dança é a dança do Jim Morrison. Só que eu sou desajeitado; aí, fica parecendo que é o Morrissey. (1994)

■ Essa coisa do Jim Morrison é legal, porque, de repente, não é uma pessoa de influência, é uma coisa natural. Eu me expresso dessa maneira na hora em que eu sinto uma determinada coisa: a música vai tocando e... Aí ficou uma marca registrada. Teve um vídeo do Tempo perdido em que eu fazia uma dança maluca e, uma vez, a gente foi no Chico e Caetano

[programa da TV Globo] e o Caetano fez um comentário sobre isso:

"Olha aquela dança, quero fazer assim também". Pegou, fez o maior sucesso. O Jim Morrison eu considero um roqueiro bem legal, eu gosto muito dele. Ele canta com uma voz muito bacana. (1994) JOVEM GUARDA

- Eu não gostava de Jovem Guarda, de xerox, de coisa cantada em português. Com 5 aninhos eu já ouvia Beatles... (1986) JOVENS

- Quem não tem uma rede embaixo não vai tentar uma triplo mortal. O

movimento das esquerdas nos anos 60 não deu em nada. Agora, tem que tentar um novo caminho, sem ter nenhuma saída: o povo está sem educação, sem alimentação, e a estrutura política está totalmente sem base ética. Então, fica muito difícil. Não tem modelo, não tem referencial, nem mentores que indiquem o caminho. Porque as gerações 146

anteriores, além de estarem totalmente desiludidas, jogam toda essa desilusão nos próprios jovens. Um cara como o Ferreira Gullar dizer que a geração de roqueiros é uma geração sem caráter é de perder a confiança. O Baden Powell também falou isso. E

eram pessoas que eu respeitava. Então, em quem é possível confiar? Em Caetano Veloso, mas ele está fora disso. O máximo que você pode fazer é tentar se interiorizar, buscar algo mais tribal, de

sobrevivência mesmo, tanto a nível psicoemocional como intelectual, informativo, social, político, sexual, tudo. (1988)

■ As pessoas têm que começar a perceber a diferença entre Barão, Paralamas, Titãs, Legião e os outros. E isso não está claro para a juventude, porque a garotada está realmente lendo menos. Estão lendo até menos quadrinhos.

Também,

pudera,

não

têm

dinheiro,

não

têm

organização,

não têm uma chance. Eles não têm ponto de referência e acreditam em tudo o que a mídia fala. (1989)

■ O jovem é jovem desde que o mundo é mundo. O que eu acho um crime é a falta de perspectivas para o jovem no Brasil. Acho que, se o jovem é alienado hoje, é porque é burro. Atualmente existe muito mais informação. (1994)

■ Acho muito fácil as pessoas sentarem suas bundas gordas na cidade e ficarem definindo a juventude. Não tenho que saber como é a cabeça do jovem. Tenho é que, como cidadão, ajudar as pessoas que vêm depois de mim a terem uma oportunidade. (1994)

JUDY GARLAND

■ Antes, só o Cazuzza e o Lobão saíam no jornal. De repente, eu virei a Judy Garland do rock. (1993)

JUÍZO

■ Eu acho que a maior falta de juízo é discutir com alguém que não tem juízo. É sempre aquela coisa de você ter que ficar pacientemente mostrando: "Gente, não é por aí". (1987)

147

JULGAMENTO

■ O que mais me incomoda é quando as pessoas exigem certas coisas que são o oposto do que você está fazendo. Essas coisas do

tipo concurso para banda de rock, como as gravadoras estão fazendo. Me diz: você está fazendo rock'n'roll, vai se submeter a julgamento organizado? Isso prova que as pessoas não sabem direito onde estão pisando. Se você está trabalhando seriamente — aquele sério bom —, vai correr atrás da informação. (1987)

'JUNKIE'

- Todo mundo quer que Renato Russo vire junkie. Não vou fazer isso.

Não, mesmo. (1987)

- Definitivamente, não quero mais saber de viagens depressivas; o viver pela arte não é tanto assim. Isto me assusta. As pessoas só se interessam pelo seu trabalho a partir do momento em que você se acaba com ele.

Foi assim comigo, logo depois de gravar o Dois. As pessoas diziam: "É o junkie do rock brasileiro". Chega. (1989)

K

KURT COBAIN [Líder do Nirvana, que se suicidou em 1994]

■ O homem é o melhor letrista que apareceu nos últimos dez anos. O

cara era fera. Fica até difícil explicar como eu o achava bom. Foi uma grande perda. Era poeta de mão cheia, e não apareceu ninguém como ele. Não com a sua idade, falando as coisas que ele falava. (1994)

■ Em geral, o rock'n'roll é muito adolescente. A poesia que existe nele, se existe, é sempre uma coisa da oitava série. Aliás, eu sou acusado disso. Mas, se você pegar uma letra do Kurt Cobain, vai ver que ele falava para todo mundo. Eu sinto bastante a sua morte, porque entendo bem o processo por que passou. Essas coisas de fazer sucesso em cima do que você acredita e sente, e ter as pessoas querendo mais e mais, são complicadas. Eu encontrei uma saída numa entidade de apoio a dependentes. Ele, não. Era dependente químico e estava num processo de negação muito forte. Então, chegou àquele momento de muita depressão: nada vale a pena, estou sentindo muita dor, vou acabar com isso. (1994)

Para ele, foi uma viagem muito complicada. Não vou me comparar ao Kurt Cobain, mas você turva tudo, não sabe o que está acontecendo.

É um baixo astral terrível. Eu tive essa postura do Kurt... Eu acho que ele

era

um

artista

extremamente

talentoso,

extremamente

sensível,

e

supergente finíssima. Chegou a um ponto em que ele passou a depender da droga para se relacionar consigo mesmo e com o mundo, sem perceber que isso é que quebra a sua espiritualidade. O Kurt Cobain expressava as coisas boas e ruins que ele via no mundo, mas com a droga. Eu acho chato o que aconteceu com o Kurt Cobain, mas tudo aconteceu por um 149

motivo. O chato é que ele é o melhor que apareceu em 30 anos! As músicas do cara eram muito boas. Mas o trabalho do Nirvana era muito perigoso; aquilo era querer virar Cristo. (1995)

■ Eu abusei muito do meu organismo. Durante muito tempo, fui levado a acreditar que o romântico era se autodestruir. Hoje, eu sei que não existe graça em ver o Kurt Cobain se matando no palco. Isso não é rock'n'roll. Não vamos dar nota dez para esse show. (1995)

■ Quero lidar melhor com esta postura rock'n'roll, porque, senão, você acaba se matando, como o Kurt Cobain. O menino se matou e você pensa: "Não precisava". Mas, na cabeça dele, precisava. Era uma coisa muito pesada. Você não pode levar a sério desse jeito. (1996) Eu ficava muito aborrecido com aquele menino, porque eu me via no lugar dele, vivendo a minha história. Eu tinha tudo para morrer como ele. (1996)

L

LAMBADA

■ Teve uma coisa engraçada [na viagem que ele fez aos Estados Unidos]: a estréia da lambada. Foi triste, triste! Americano acha que você vai aos Estados Unidos para ir a restaurante brasileiro, dançar música brasileira... Eu queria conhecer o Palladium, nos anos 60 muita gente tinha tocado lá. Aí começa o show da lambada. Nunca

vi uma coisa tão brega! Um rufar de tambores e... Eu não sabia quem era Kaoma, nunca tinha ouvido. Só que era uma armação de um empresário francês com músicos afro-franceses. Aquela fumaceira, pareciam os números musicais do Fantástico bem brega de antigamente, o fumacê azul, e todo mundo com a respiração presa, esperando a lambada. Até ali, estava interessante: vídeo da Mangueira, aquele ambiente rococó vitoriano, uma coisa louca. E o Olodum... Mas, quando começou a lambada! Pareciam aquelas dançarinas do Gugu Liberato, e um dançarino com cara de chicano, com uma calça superapertada, e essa chacrete com uma sainha, os dois parados. Aí: "Laambaadaa!". Parecia show da Broadway brega, uns seis casais dançando, dava para ver que era tudo de Porto Rico ou... do Brasil é que não era. E a banda... Tinha um da banda do Hugh Masekela, o percussionista, com trancinhas do Senegal. Três meninas cantando, só uma brasileira.

Uma negona — a melhor parte do show — não tinha nada a ver com lambada, era funkadelic. De hot pants, sapato de salto dessa altura e uma peruca loira de plástico, cara! Depois da terceira música, eu fui embora. Eu juro que tentei... mas não deu. Aí, saí, e ainda tinha gente querendo entrar. Me deu uma raiva! Me deu vontade de falar:

"Não é música brasileira!". Mas, Deus me livre! Prefiro que achem que sou judeu, grego... (1990)

■ Laura Pausini foi uma das primeiras coisas que eu ouvi [para escolher repertório para o disco Equilíbrio Distante]. Isso é a Fafá de Belém no Domingão do Faustão! De repente, a riqueza melancólica e harmônica que tem por trás disso me impressionou. Dentro da coisa pop, o nível de produção do disco dela me impressionou. Eu adoro a melodia —como músico, sabe? Têm uns clichês, mas, de repente, tem aquela coisa da canção pop clássica. Ela fica repetindo a letra e, se você entra no que ela está falando... (1995)

■ A gente teve que adiantar o lançamento do disco na rádio em São Paulo porque eles começaram a tocar Laura Pausini. Nunca colocaram Laura Pausini em lugar nenhum! Sabe, foi só aparecer na GNT o especial que a Beth Lago fez comigo que, no dia seguinte, já estava tocando Laura Pausini, La solitudine. (1995)

■ Ela é como se fosse a Angélica dos italianos, toda mocinha (1995) LEGIÃO URBANA

■ Nossa primeira apresentação foi no festival Rock na Arena, em Patos de Minas. A segunda, um grande acontecimento tribal no Guará. A terceira, na Ciclovia, Lago Norte. Não vamos desistir. Só queremos nos divertir. Está tudo muito bem, está tudo bom demais, mas realmente não iremos esquecer a música urbana. (1982)

■ Na minha cabeça, a Legião continua a fazer a mesma coisa que fazia antes. A única diferença é que, ao invés de tocar para um público de 500 pessoas em Brasília, a gente está tocando para esses ginásios com dez mil, 15 mil pessoas. (1985)

■ A melhor coisa é: nós quatro, do jeito que somos, termos conseguido fazer o que fizemos. Gente, nós éramos uma banda

underground! Até hoje, eu não sei tocar direito. Agente é super não-profissional, é amador no bom sentido, de quem ama o que faz. O importante é isso, mas as pessoas ficam em cima — Rolling Stones/Mick Jagger, RPM/Paulo 152

Ricardo... E não é Legião/Renato Russo. É Legião. Só que eu falo mais — eu sou muito ambicioso —, dou sempre um jeito de falar a coisa certa na hora exata. As letras só tentam provar que alguma coisa é possível, mas as letras são feitas em cima do que os quatro vivem. (1987)

■ O que a Legião Urbana tenta fazer é provar que nos anos 80, no Brasil, você ainda pode tentar seguir o caminho que eu aprendi com o Dylan e os Stones e quem quer que seja. Que a gente possa ser a trilha sonora

verdadeira,

factual.

Para

quando

tiver

um

programa

sobre

ecologia, eu não precise ir lá debater ecologia: basta colocar as crianças cantando a nossa música. Eu acho que, se a gente conseguiu fazer isso, já é uma coisa muito importante. (1989)

■ A gente é um pouco diferente das bandas daqui do Rio de Janeiro, extremamente

leves,

hedonistas.

A

gente,

não.

Nós

sempre

fomos

contundentes,

já

chegamos

falando

contra

o

chauvinismo,

contra

o

sistema escolar, essas coisas. (1991)

■ A gente sempre quis ser a maior banda de rock do Brasil. (1994)

■ A gente começou com punk, era underground, de repente fez sucesso.

Então, a gente virou uma espécie de uma banda meio híbrida. A gente faz uma porção de discos e eles não são iguais. Embora tenham sempre aquelas baladas, o homem lá cantando, variam um

pouco aqui, variam um pouco ali. Hoje em dia, tem essa coisa mais compacta, uma linha determinada. Os Titãs são um bom exemplo disso, porque, antigamente, eles tinham um som supervariado e, hoje em dia, o estilo musical deles está mais conciso. Então, fazem uma coisa assim mais parecida. Eu acho que a gente, por ter um público muito grande, a gente tenta variar.

(1994)

Nunca seguimos uma moda. Não fazemos rock porque é moda. Pode ser que tenha passado um momento, que foi o da descoberta pela imprensa, de empatia e de grandes shows. Não me satisfaz. Interfere na minha privacidade, em como me vejo como artista e cidadão. Também não fazemos televisão, mas continuamos tocando. Pode ser que não estejamos na lista dos dez primeiros, mas estamos entre os 20. Com 153

vendas, é a mesma coisa. O rock é isso: atingir o coração das pessoas; não é anúncio de iogurte. (1994)

■ A Legião chamou muita atenção, porque surgiu no período da abertura, da redemocratização. Mas, basicamente, o que escrevemos são canções de amor. (1995)

■ Passamos por todas as fases do rock'n'roll. Quebramos vários quartos de hotel e, uma vez, chegamos a parar um avião, taxando na pista, para que nosso baixista [Renato Rocha] não o perdesse. (1995)

- Se a gente mudar de som, muda de nome. Não vai ser mais Legião.

(1995)

'LEGIÃO URBANA' [o primeiro disco]

- Em termos de vendagem, o disco chegou a 50 mil cópias, o que não é muito. Mas, considerando o tipo de trabalho que a gente faz e o fato de ter sido o primeiro disco, o resultado foi espetacular. Poderia ter vendido muito mais, se a gente tivesse entrado no esquema um pouquinho mais. A gente só aceitou fazer certos programas de televisão, certos trabalhos de divulgação, porque a gente queria que as pessoas nos vissem, nos ouvissem. Agora, a Legião não está vendendo camiseta na Sears, entende? Não entrou nesse esquema, nisso que você precisa para chegar a cem mil cópias, 200 mil cópias. Quase todas as faixas do disco tocaram muito nas rádios de todo o Brasil, mas o rádio no Brasil é uma coisa curiosa — executa muito as músicas, mas não chama as vendas.

(1986)

- É curioso como esse primeiro disco não envelheceu, continua tocando para caramba, até hoje. (1991)

LEITURAS

- Ultimamente, eu não tenho lido muita ficção. Eu tenho lido biografias, eu gosto muito de biografias. Bem, Shakespeare eu

sempre leio. Mas, virtualmente, eu leio qualquer coisa: histórias de feiticeiros, de terror, 154

Stephen King eu adoro. Subliteratura mesmo. Adoro coisas bem horripilantes. Mas também leio coisas sérias, para estudar a linguagem. Ultimamente, eu leio muito Drummond. Eu amo o Drummond! Para mim, só existem dois: o Fernando Pessoa e o Drummond. Prosa, eu não conheço. Eu gosto de acompanhar o trabalho do Caetano, presto atenção na construção gramatical, na divisão de sílabas. Até pouco tempo atrás, eu estava estudando sonetos, aí eu lia Camões e tentava fazer os meus. Ih, que bobo que eu sou, tão pedante... (1986)

■ Ando lendo coisas tipo não-ficção. Por exemplo, fatos que mudaram o mundo e coisas assim. Recentemente, eu consegui as obras completas do

Allen

Ginsberg.

Sempre

estou

lendo

poesias,

principalmente

os

poetas ingleses, que eu gosto mais do que os norte-americanos. No momento, mesmo, eu não tenho lido bastante, porque estou fazendo umas letras e não quero me influenciar. (1988)

- Fernando Pessoa, William Burroughs... Teve uma época em que li muito Thomas Mann... Mas, espera aí! Isto pode parecer que eu sou pedante, citando esse pessoal. Eu não fico trancado em casa lendo Mann, não é só isso. (1988)

- As melhores coisas que eu li, ultimamente, são todas de autores gays.

O pessoal mais venenoso chama os heteros de breeders [reprodutores]...

Não têm sensibilidade, são uns babacas e tal. Mas não é verdade. Há pessoas heterossexuais maravilhosas, assim como há gays fascistas. É o caso do próprio McCarthy [senador americano que, no começo dos anos 50, liderou a caça às bruxas aos comunistas e simpatizantes no meio artístico]. (1990)

LENNY KRAVITZ

- Há coisas de que realmente eu não gosto. Por exemplo, todo mundo adora o Lenny Kravitz, e eu acho o Lenny Kravitz um fake de marca maior. (1992)

155

LETRISTA

■ Embora as letras sejam importantes, elas são um meio, e não um fim.

(1987)

■ Eu me considero um letrista, e não um poeta. Tenho uma certa preocupação com o que eu escrevo, é lógico. Sempre gostei da palavra, fui um bom aluno em Literatura e Gramática. (1988)

■ Ah, falta muito para eu ser um grande letrista. Mas têm algumas coisas de que eu gosto muito, tipo Andrea Doria. (1988)

■ No momento em que escrevi as letras e descobri que poderia também trabalhar

rimas

ricas, fui tentando

aprimorar.

Eu, pessoalmente,

vou

tentar não rimar verbo no intransitivo com verbo no transitivo. Vou tentar fazer algo bom, porque vou ficar mais satisfeito e o trabalho será mais duradouro se tiver qualidade. (1988)

- A palavra é importante, mas a sonoridade tem a cara e o jeito da gente. Nós filtramos o verbo e a música pelo lado emocional. Depois, eu sempre escrevo as letras depois das músicas prontas; por isso, não só as letras causam impacto. (1989)

- As pessoas realmente não analisam as letras. Mas eu gosto de acreditar que faço de uma tal maneira que possam ser interpretadas de várias formas. (1991)

- Todo mundo reclamou que as letras de O Descobrimento do Brasil são infantis. Ora, bolas¹. Eu disse que as letras seriam simples porque eu quero que o meu filho, os do Bonfá e do Dado entendam. Me perguntaram se eu estou com Aids, mas não me perguntam por que escrevi uma letra de determinado jeito. Nunca, nunca, nunca. (1994)

- Eu sempre escrevo para mim. Se estou satisfeito, está ótimo. Aí, depois, eu mostro para a banda e para os meus amigos. Aí, eles dão palpite:

"Aqui

você

pisou" ...

Tinha

uma

música

chamada

Rapazes

católicos, que a gente cortou de As Quatro Estações porque era
156

impúblicável. É impúblicável... Era muito explícita, sexualmente.
 Em geral, as pessoas falam: "Você escreve tão bem! Você pode falar
 isso sem usar essas expressões". Eu falei: "É mesmo". (1994)

LIBERDADE

- Acho que a liberdade é uma das grandes questões dos anos 90. A única liberdade que sobrou é a emocional, psíquica. Não quero nunca que me controlem. O ser humano é mamífero, totalmente sexual. Se você reprime isso... Essa bobagem: se John Lennon era ou não era gay.

E se fosse? Parece que o cara vira um assassino. Aliás, olha que coisa curiosa: se um ator faz o papel de um assassino, ninguém vai achar que ele é um assassino. Agora, se um ator faz papel de gay, todo mundo vai achar que ele é. Tem alguma coisa errada. Isso me interessa profundamente. A humanidade é desumana, mas acho que ainda temos uma chance. (1990)

- Por que eu não posso ter liberdade de abrir o peito e cantar "é o amooooooooooooor...? (1995)

LÍDER

- Ser tratado como líder me incomoda muito. No final da excursão do disco Dois, o clima já estava insuportável. Tanto que paramos para dar um tempo. Mas sempre fiz questão de colocar para as pessoas que eu não era, de maneira nenhuma, o dono da verdade. (1988) LIMPO

- Eu não volto atrás. Eu não repetiria nada, mas eu também não me arrependo. Eu acho que cada pessoa cresce como tem que crescer. Eu dou graças ao poder superior que eu encontrei um caminho, mas é só por hoje — amanhã, eu posso estar aí, caído no chão, levando porrada de segurança, porque eu estou bêbado de novo. É só por hoje, mas só por hoje eu estou limpo, e é legal à beça. (1993)

LÍNGUA ESPANHOLA

■ Eu não me identifico com a língua espanhola. É belíssima, mas não me identifico. Se for para cantar em espanhol, canto em português.

Acho muito parecido. Italiano é completamente diferente. (1995)
LÍNGUA PORTUGUESA

■ Que língua portuguesa? Cadê nossas escolas? A língua portuguesa é muito bonita, mas é difícil. Dá muito menos trabalho escrever em inglês, que tem certos fonemas, e a divisão das sílabas... quando há sílabas!

Porque o inglês é uma língua virtualmente monossilábica. Sério, é melhor fazer música em inglês do que uma música em português que diz "mulher é tudo vaca". Aí é o meu limite. Isso não dá. (1992)

■ A

língua

portuguesa

é

belíssima.

Mais

doce

que

o

italiano.

(1993)

LITERATURA INGLESA

■ Mesmo os escritores ingleses mais experimentais são muito mais fáceis de entender, com algumas exceções, como o Joyce — mas ele era um inventor de palavras. Não é como o Modernismo brasileiro, ou os experimentalismos de língua latina, que geralmente são muito difíceis.

É uma questão de simplicidade. Aí você pensa na literatura dos beats para cá. Eu não tenho lido nenhum escritor contemporâneo diante de quem eu possa chegar e: ah! O que acontece com a poesia inglesa é que ela é muito ligada à tradição da canção. Uma

coisa que me atrai muito neste ponto é o cancionero elisabetano. (1988)

LIVRO DE CABECEIRA

- Tao Te-king. Explica o caminho perfeito. (1994)

LIVROS

- Zen e a arte da manutenção das motocicletas, de Robert Pirsig, e O discurso da servidão voluntária, de Etienne de La Boetie. (1994)
- 158

LOBÃO

- O Lobão sabe manipular muito bem a questão das drogas. Se ele não soubesse, já teria morrido. (1988)

LONDRES

- Eu achei que seria um ótimo momento para o Dado e o Bonfá irem para

Londres

[participarem

da

remasterização

dos

discos

da

Legião].

Somos uma banda] Por que é que eu tenho que fazer tudo? Eu estou cansando] Quando eu quiser ir para Londres, eu vou para Londres. Pô, com esse disco novo da Legião, eu não quero nem saber] A gente vai para lá] Eu também quero ficar em hotel, eu também quero conhecer Peter Mew e todo mundo [do estúdio Abbey Road]. Porque isso já era para ter rolado há mais tempo. Eu quero ir lá] Imagina] Eu quero ir para Londres] Conhecer, ver as coisas... Eu acho que, em Londres, eu até andaria de metrô. Uma ou duas vezes, talvez. É bacana andar de metrô e tal, mas eu gosto de andar de táxi para ir vendo a cidade. (1995)

'LONGE DO MEU LADO' [faixa do disco A Tempestade — Ou O

Livro dos Dias]

- Ah, a sacarina do Bonfá [Ah, essas músicas que o Bonfá me manda]

Aí, todo mundo acha que eu é que faço essas músicas, e que eu é que sou o melancólico do grupo] Eu tenho essa fama. Isso vem mais das letras. As minhas coisas são as coisinhas mais pop, mais bundas, mais pretensiosas e mais metidas a besta. O Bonfá é quem faz Vento no litoral.

Mas é preciso... Esta música é você utilizar o meio mais romântico para dizer "Eu não quero estar apaixonado". Sabe, são certas sutilezas. Esse cara está é louco, está se perdendo de paixão. Aí as pessoas pensam que isso sou eu, entendeu? (1996)

'LOVE IN THE AFTERNOON' [faixa do disco O Descobrimento do Brasil]

- Esta música foi feita para o Luís, um amigo. A gente chegou a namorar um tempo. Ele morreu baleado por uns sujeitos estranhos, na saída de 159

uma boate em Campo Grande, onde costumava ir. Isso é uma coisa terrível. (1993)

■ É uma música que foi feita para diversas pessoas e, quando o Kurt Cobain morreu, a gente pensou assim: "Poxa, mas se encaixa direitinho".

Na verdade, esta música foi feita para todas as pessoas que vão embora cedo demais. (1994)

LUGAR ESQUISITO ONDE FEZ AMOR

■ Embaixo do telhado, no vão da caixa d'água. O melhor lugar é aonde a gente se sinta seguro. (1994)

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

■ Eu gosto do Lula, mas todo mundo fala muito mal dele. Meus amigos dizem que é bronco e vai afundar o país. Mesmo assim, tenho uma enorme simpatia. E, toda vez que leio o Paulo Francis, sinto mais vontade de votar no PT. (1994)

Nessas

eleições,

o

Lula

pisou

na

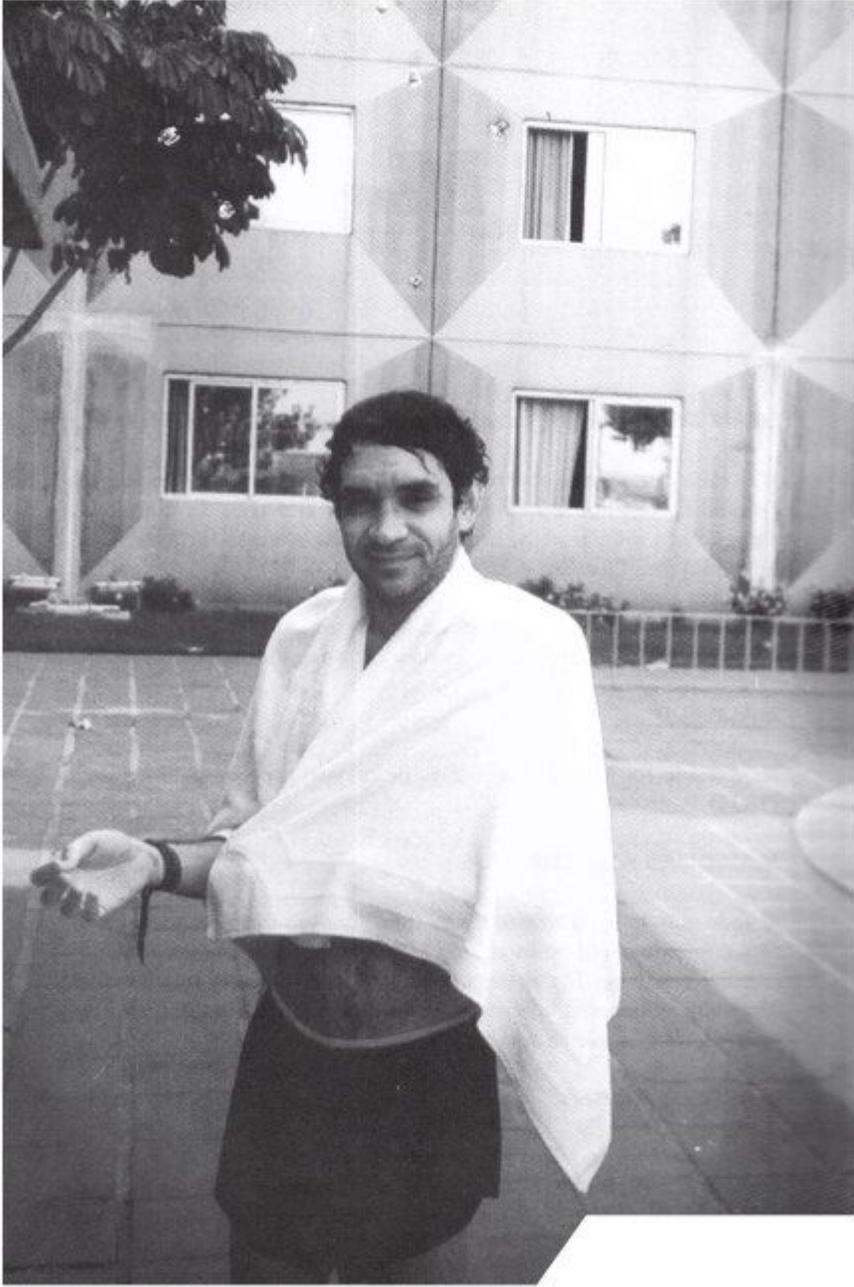
bola.

Autoconfiança

demais.

Ouvi

coisas horrorosas do Lula e do Fernando Henrique. Tentei sair pelas pessoas. Quem vai votar em Lula e em Fernando Henrique? Por esse lado, fui mais para o Lula. Todas as pessoas que eu achava inteligentes, bem informadas e de sensibilidade falavam que iam votar nele. (1994) 160



M

'MAIS DO MESMO' [faixa do disco Que País é Este (1978/1987)]

- A idéia que a gente queria colocar, nesse disco, era Mais do mesmo. Porque, de repente, o que está rolando por aí é mais do mesmo. A situação não mudou nada, não acontece nada e, então, esta música é um fecho para Que País é Este. (1987)

- Esta música a gente escreveu há quase seis anos. É impressionante como as músicas continuam a ter uma certa relevância. (1992)

MALDADE

- Maldade foi não admitir que as pessoas se preocupavam comigo. (1994) MAMONAS ASSASSINAS

- Todo mundo ficou arrasado, e eu fiquei muito surpreso que ninguém tenha

notado

a

importância

dos

Mamonas

Assassinias

como

evento

cultural brasileiro. É a mesma coisa que morrer algum dos Secos & Molhados e ninguém falar nada, só falar da multidão no enterro. Foi horrível, de qualquer forma. (1996)

MARCELO BONFÁ

■ "Baterista. Aquário. Gosta de natação, de acampamentos, de se divertir (muito). Era do Blitz 64 (também) e tocou junto ao SLU, Autonomia Limitada, Metralhaz e o supergrupo Dado e o Reino Animal. Faz 163

desenhos e visuais para a banda. Aprendeu a tocar bateria logo depois da primeira quinzena de vida. Sabia dançar o pogo bem, enquanto no berço. Mais tarde, tornou-se o terror das meninas: primeiro na Asa Norte, depois na Asa Sul, depois na Asa Leste e agora na Asa Oeste, onde reside atualmente". [Trecho do texto

escrito por Renato Russo para registrar os primeiros momentos da Legião Urbana] (1982)

■ Teve a festa do chapéu do André Müller e lá estava o Bonfá. Uma coisa curiosa é que eu me lembro direitinho de como conheci o Bonfá, o Fê, mas não me lembro de como conheci o Dado. O Bonfá tinha saído do SLU, por diferenças musicais, e eu disse a ele: "Vamos fazer uma banda?". "Vamos". E nosso plano era assim: fazer um núcleo baixo e bateria e chamar todas as outras pessoas para participar. Porque aí já tinham zilhões de guitarristas — Zezinho, Felipe Seabra, Loro, eu...

Mas esse plano não deu certo: a gente não tinha lugar para ensaiar. (1989)

■ Eu implico muito com o Bonfá, porque eu tenho essa posição de irmão mais velho na banda. De repente, eu fico com essas frescuras de Beatles e eles: "Ah, Beatles..." Ele ganhou uma coleção dos Beatles agora, entendeu? Ele falava: "Eu conheço Beatles". Mas a gente sabe que, para conhecer, tem que ouvir. Eu achava que, como banda, a gente estava perdendo toda uma coisa fabulosa da história do mundo do rock'n'roll...

Pois o Bonfá ouve Da Da e U2. Ele não sabe dizer a diferença: "Isso é bom, isso foi feito por causa disso ou por causa daquilo". Se ele ouvir um disco do Grateful Dead, não vai saber o que é que é? E o Dado tem um outro papo. O Dado tem a própria gravadora. Naturalmente que o Dado ouviu o Rubber Soul quando saiu em CD, mas era aquilo... A gente ficava o dia inteiro: "Renato, o que é aquilo? O que é In my life? O

que é Norwegian wood?". E o Bonfá: "Neeeh". Eu falei assim: "Poxa, deixa ele ir lá para Abbey Road [para participar da remasterização dos discos da Legião], para sentir aquela vibração". E ele mudou. Ele está tão legal, o Bonfá. Banda é que nem casamento. (1995)

MÁRTIR

■ Eu não tenho que ficar recebendo lata de cerveja na cabeça e continuar cantando por causa do meu salário. Ah, mas não tenho, mesmo] O

164

público fica naquela euforia, mas eles não respeitam. Qual é? Será que eles não percebem que nós estamos do lado deles? Que a gente está cantando coisas positivas, não está falando "taquem uma garrafa de cerveja na cabeça da gente, porque eu sou mau". A gente está falando: "Brigar para quê/se é sem querer". Eu não sou mártir, não tenho que ficar agüentando moleque mal resolvido. Se é porque o show está ruim, tudo bem. Mas estava todo mundo adorando, estava tudo bem... e me tacaram uma bela de uma sandália Samoa. Ainda bem que não foi uma garrafa! Eu é que não vou ficar satisfazendo público que quer ouvir Eduardo e Mônica exatamente como está no disco. Isso não é rock'n'roll! "Ah, mas tem que tocar". Tem que tocar nada, eu faço o que eu quero! (1986)
MASSIFICAÇÃO

■ Eu acho que, quando há muita massificação, a coisa se dilui a tal ponto que fica muito difícil você manter o interesse pelo que você está fazendo. Fica difícil manter aquele impulso inicial. Porque, se você já conseguiu tudo, você quer mais. Se você já subiu ao topo de uma montanha, pode querer escalar outra montanha. (1987)

■ Me recuso a entrar nessa, me sinto realmente encurralado. Um dia, fiz uma brincadeira com meu primo. Estávamos almoçando e liguei o rádio, só para confirmar: estava tocando índios naquela hora. Não é disso que estou a fim. Agora, por exemplo, todo mundo só quer saber do The Cure. Depois? Aí vem outro. Foi o que aconteceu com o U2 e tantas

outras

bandas.

Precisamos

cortar

ao

máximo

a

massificação.

(1987)

MATURIDADE

- Estou mais tranqüilo, não bebo mais, não uso mais drogas, isso me traz uma serenidade que eu não tinha. Parei porque eu estava me matando. Continuo a mesma pessoa, mas a gente amadurece. Estou com 35 anos, não tenho mais 18. (1995)

165

MAU HUMOR

- Às vezes, acordo de mau humor, por nada. E, quando estou com fome ou preocupado, pronto. Agora estou controlando. As drogas me atrapalhavam muito. (1995)

'MAURÍCIO' [faixa do disco As Quatro Estações]

- Maurício fala sobre a solidão. Voltando à coisa da política, ela tem um verso assim: "Às vezes faço planos/Às vezes quero ir para um país distante e voltar a ser feliz". Mas a música termina com um fecho positivo: "Eu vi você voltar para mim." (1990) MÁXIMAS

- "Quem mais sonha é quem mais faz" — eu acredito muito nisso. E

também que "quem espera sempre alcança". Eu vivo dizendo isso: são as máximas de Renato Russo. (1986)

MEDO

- Morro de medo só de pensar que meu filho pode achar superbabaca o que eu faço.

(1989)

- Morro de medo de a musa me abandonar, de eu virar um hasbeen

[artista famoso que caiu no ostracismo], de aparecer daqui a uns oito anos num programa, assim: "Vocês se lembram? No começo dos anos 80 eles foram muito famosos. Onde estarão eles?". No Asilo dos Artistas, com meu violãozinho, eu, Marcelo Nova e Paulo Ricardo. Ai, que horror!

(1990)

MELANCOLIA

- É claro que, como pessoa, eu sou meio melancólico. Se outro artista — o Cazuzza, por exemplo — pegasse o material de As Quatro Estações, por certo sairia algo mais para cima. Em tudo o que fazemos, por mais alegre que seja, tem sempre uma correnteza sob a superfície

aparentemente calma. É o meu jeito, mas, à medida em que eu vou mudando, isso vai mudar também. Eu acho Eduardo e Mônica superimportante por isso, porque ali conseguimos fazer algo super para cima. Atualmente, eu estou deixando de ser tão ensimesmado e de ficar trancado em casa, achando que tudo é um horror. É claro que eu saio e sou expansivo e tal, mas este outro lado é forte. (1989)

- Não que eu escreva melhor quando estou melancólico, mas eu encontro sobre o que escrever. Mesmo que seja uma música positiva, como Quase sem querer, sempre vem da necessidade de resolver alguma coisa que não está resolvida. (1990)

- Não é bem uma melancolia — é porque não é a dança da garrafinha!

São dois extremos. Aqui no Brasil, nós somos alegres, mas nós não somos felizes. Existem toda uma melancolia e uma saudade que a gente herdou dos portugueses e que a gente ainda nem começou a resolver. A gente não sabe o que é este nosso país. Não existe um debate, por exemplo, dizendo o que é Adriane Galisteu! (1996)

MENINAS

- Eu já sabia que era gay desde os quatro anos de idade. Quer dizer, eu não sabia que era gay-gay! Eu tinha uma afeição muito grande pelas meninas, mas não pensava nelas em termos sexuais, de posse. Não precisava de proximidade física, beijo ou sacanagem.

A gente pegava o disco do irmão mais velho da Luiza [namoradinha da Ilha do Governador] e ficava ouvindo Cat Stevens e James Taylor. (1995) MENINOS

■ Mas fica aquela coisa: filho de católico, você é doente, etc. etc. No meio do caminho, eu já estava pensando: pô, eu sou um cara tão legal, eu não posso ser doente. Eu não sou muito religioso, mas eu me ligo nessas coisas. Não só a doutrina de Buda, eu já li muito a Bíblia também

— e Jesus nunca falou nada contra certo tipo de comportamento. Quem fala isso é a Igreja Católica. Bem, se eu sou assim e eu sei que sou assim, desde que eu me lembro, desde os 3, 4 anos de idade... Eu sempre 167

'MENINOS E MENINAS' [música do disco As Quatro Estações]

■ Em Meninos e meninas, é a primeira vez que falo, claramente, que gosto de meninos e meninas. Também não sei o que vai dar, porque começo a falar de santo, no meio da música, e vai embolar tudo. E o amor ao próximo? Jesus gostava de meninos e meninas. Não sei se sexualmente,

porque, naturalmente, Ele era um ser evoluidíssimo. Ele era um ser totalmente espiritual. (1990)

■ Não é uma bandeira pelo bissexualismo; aquilo é uma bandeira em favor da Igreja Católica. Eu também falo que gosto de São

Francisco.

Depende de como você vê a letra. (1992)

MENUDOS

- Teve uma época que eu me interessei pelo Menudo e tudo, sabe...

"Quem são esses meninos de Porto Rico? E que concepção interessante para uma banda!". John e Paul ficaram velhos; então, vamos arrumar outros John e Paul. Eu achava o trabalho deles bem interessante.

Consegui até conhecer os caras do Menudo, tête-à-tête. Aqueles caras eram garotinhos de 17 anos? Que nada, eram todos uns talalaus de 20 e tantos anos, uns bojes lindos, maravilhosos... (1995)

MERCADO EXTERNO

- Só tentar manter a carreira no Brasil já vai me deixar ocupado pelo resto dos meus dias. O importante é segurar o que você já conseguiu.

Eu gostaria de fazer sucesso lá fora para ganhar dinheiro. Mas, no fundo, acho que uma carreira internacional seria um pouco chata. O dia em que eu for reconhecido na rua, nos Estados Unidos e na Europa, onde é que eu vou passar as minhas férias? Na Groelândia é

que não dá!. (1991) O repertório do Stonewall é interessante para o Brasil, mas, para eles

[outros países], é como um alemão cantando Carinhoso. Só faltava eu 168

—, para o Japão e para os Estados Unidos, claro. Mas os americanos são muito homofóbicos. (1994)

MESSIANISMO

■ O maior perigo é para o público. Um belo dia, ele vai descobrir que o seu ídolo tem pés de barro. É uma coisa muito dolorosa, porque messias não existem. Eu expresso o que eu penso e o que eu sinto. Só. Quando eu falo essas coisas, não é para mudar a cabeça de ninguém. (1988)

■ Se eu realmente

estivesse num

caminho

messiânico,

teria controlado

aquele show [no Estádio Mané Garrincha, em Brasília]. Eu tenho a minha individualidade, não sou um messias. (1988)

- Não me vejo como profeta ou messias, nem nada. Sou um cantor de rock, um músico, um artista. Eles te colocam lá em cima para, depois, te derrubarem. (1994)

MÍDIA

- Neste país, a mídia está muito desenvolvida, mas, por outro lado, não entendem nada... Você não tem o respaldo de uma estrutura já pronta, tem que se matar de fazer show, e o próprio pessoal da mídia não reconhece. Eles só pisam e pisam... Se vocês são tão importantes e rock'n'roll é tão vulgar, por que falam tanto de rock'n'roll? Por que precisam citar Adorno e Walter Benjamin para provar que não vale a pena falar disso? As pessoas vêm me pedir entrevistas para me perguntar coisas que não têm nada a ver: o que eu acho da venda de ingressos do Sambódromo para o carnaval... Pelo amor de Deus! Pô, vem me perguntar sobre rock'n'roll, que pelo menos eu conheço um pouco, e mesmo assim tenho minhas dúvidas... O que acontece no Brasil é que, se você chega num certo nível, você passa a ter autoridade para tudo.

Às vezes, isso dá medo. (1986)

- Não dá para acreditar na grande mídia, e têm pessoas completamente servis, que acreditam em tudo o que lêem. (1996)

■ O caminho é por aí: é preciso respeitar as pessoas que não são comuns, que não são maioria. Gente que não vai gritar pela Copa do Mundo, gente que pensa, que não aceita tudo o que é dito. A maior parte das pessoas não pensa, nem existe. O modelo da pessoa comum é vazio.

Você não pode discordar de nada para não parecer diferente.
(1994)

■ O disco [The Stonewall Celebration Concert] assume a idéia de que as pessoas que pensam diferente devem ser respeitadas, sem hipocrisia.

E por isso que fiz o disco. Stonewall foi um pretexto para se falar de uma das minorias. A verdade é que somente com o rock, a ecologia e os movimentos em defesa das minorias o mundo vem prestando mais atenção às coisas. (1994)

■ O homossexualismo não é a coisa mais importante do mundo. Talvez seja, para mim, agora. Mas, além de dizer que o gay tem direito, é preciso dizer que a criança tem direito, o negro tem direito, o cidadão tem direito. Falam muito de minorias, mas, no Brasil de hoje, a vida está impossível, inclusive, para o macho adulto branco.
(1994) MISTICISMO

■ Já me envolvi a fundo com magia, cabala, a ponto de ter que parar porque estava mexendo com forças que escapavam ao meu controle.

Joguei muito tarô, fazia mapas astrais, estudei espiritismo. Minha única frustração

é

ainda

não

ter

acesso

aos

evangelhos

não-canônicos,

considerados heréticos pela Igreja. Têm histórias sobre a ida de Cristo ao Tibete e à Inglaterra, onde esteve com os druidas. Acredito numa dimensão espiritual. Para mim, Deus significa tudo. Claro que não é o Deus da Igreja, o velhinho de barbas brancas. (1988)

MITO

- Pirei por causa dessa idéia de mito, e parei. Eles [os companheiros da Legião] sabem como é que eu fiquei. Eu estava vendo isso tudo como uma coisa perigosa para mim. Não aceito que as pessoas tenham direito 170

como verbalizar o que sentia para a banda, e mergulhei em muito álcool e muita droga.

Nunca mais isso vai acontecer. (1987)

MITOS

- Beatles e Jesus Cristo. (1994)

MODA

- No fundo, eu gosto de todo mundo [na música]. Só não gosto quando vira moda. Teve um tempo em que o brega era moda — detestava isso.

Moda não é por aí. Não deve existir moda em música. Moda é uma linguagem de roupa. Música é uma coisa muito subjetiva e não pode ser categorizada como moda. (1988)

'MONTE CASTELO' [faixa do disco As Quatro Estações]

- Monte Castelo foi feita a partir da junção de um soneto de Camões

— "O amor é um fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente, é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer".

— com uma parte do Novo Testamento, uma das coisas mais belas que já foram escritas. Não gosto muito de São Paulo, porque acho que as coisas que ele falou são horrorosas. Mas, no caso da Primeira Epístola de São Paulo aos Corintos, há umas coisas bonitas. (1990)

MORTE

■ Não quero morrer. Se quisesse, já teria ido embora há muito tempo.

(1987)

■ Se eu morrer em nome da arte, não vai dar em nada. (1988) A vida é difícil. O homem ocidental, principalmente no século 20, não tem contato com a morte. A morte virou antisséptica. Não há contato com o ciclo natural de nascimento, vida e morte. Basta ver o que estamos morrer. (1990) 171

■ A morte está próxima e eu quero aproveitar ao máximo este momento para aprender com a própria vida e com a morte. (1996)

MUDANÇA INTERIOR

■ Eu não sou mais tão agressivo quanto antigamente. Eu descobri que não adianta ficar batendo com a cabeça na parede, porque não vou mudar o mundo. Antigamente, eu sinceramente acreditava que eu ia poder mudar o mundo. Eu me formei em Jornalismo, eu realmente queria fazer alguma coisa por um determinado caminho. Aí, depois, eu descobri: "Olha, por aí não vai dar, Renato. É melhor você fazer outra coisa". Hoje em dia, eu acredito mais numa mudança interior. Se eu vou conseguir resolver os problemas que aparecem com a minha família, na minha vida cotidiana, as coisas que eu tenho que resolver comigo mesmo, com meu filho, com os meus pais, com os meus amigos. Acredito neste tipo de mudança, uma coisa a nível de pessoas, bem pequena mesmo. Nada de mudar o mundo, o governo, nem nada. E isso se reflete um pouco no estilo das letras. No começo, era uma coisa muito grandiosa; agora, não. A gente tenta fazer uma coisa assim: hoje é um dia perfeito com as crianças. Só. Eu não posso mais falar pelas outras pessoas. Eu só posso falar assim: hoje eu acordei bem ou acordei mal.

(1994)

MULHER BONITA

■ Todas. Isabella Rosselini, Vivian Leigh, Maria Bethânia e Zezé Motta.

(1994)

MULHER ELEGANTE

- Minha mãe. (1994)

172

- Marina Colassanti e Adélia Prado. Toda mulher é inteligente. (1994) MULHERES

- Mulheres são misteriosas, que nem gato. (1994)

- Eu já namorei mulheres, tenho um filho. Mulher é uma coisa fabulosa, mas, por mulher, eu sinto um respeito demasiado. Com mulher, parece sempre que eu estou transando com uma amiga. (1994)

MULHERES OU HOMENS

- Ambos. Uma coisa eu posso dizer: todas as mulheres que já se apaixonaram por mim são hoje minhas melhores amigas. Eu me apaixonava,

mas

não

carnalmente. Gostava,

achava

divertido

e

tudo,

mas pensava: "Não é isso que eu quero, está faltando alguma coisa". Por muito tempo,

busquei relacionamentos com

mulheres

para

provar que

eu era homem. Porque eu amo as mulheres. Espero que ela não fique chateada, é uma mulher casada... Mas a Carla Camuratti, eu encontrei na casa de um amigo. Ela é linda, meu tipo. Fiquei babando. Pensei:

"Gente do céu, é a mulher da minha vida". Mas eu sei que não é por aí.

Porque a gente pode estar junto e compartilhar tudo, mas, de repente, passa um boje bonito... Sabe, eu tenho tara por bunda cabeluda, por pé, por falo, pelo torso masculino, pela coisa da barba. O que me atrai na mulher é a essência da mulher, não o corpo. No homem, a essência se traduz no corpo. Também acho que nunca vou satisfazer a mulher completamente. Sou muito fascista e autoritário. Sou o boje por excelência. Sou macho, minha filha... Me sinto muito mais à vontade em uma relação com outro homem. Homem não pode fingir. Ou está de pau duro ou não está. Eu entendo o que o outro cara pensa, conheço o cheiro, conheço o toque. Com a mulher, eu me sinto desonesto. E

elas se entregam tanto que eu me sinto tão pequeno... (1995)
MUNDO

■ Às vezes, parece que as coisas estão de um tal jeito, que a única 173

outro lugar. (1990)

■ Bem, o mundo nunca me maltratou. Mas eu achava que as pessoas sempre podiam muito mais do que faziam. Todas muito servis, aceitando tudo. Pensava: "Agora chegou minha vez". Esperei minha infância inteira para ter 18 anos. Acreditava que podia tentar mudar alguma coisa para melhor. (1995)

MUNDO DO ROCK

- O mundo do rock não é machista. O mundo do rock é misógino. O

que vale nesse mundo não é saber se você é gay ou não. É saber quem é o mais louco, quem vende mais disco, quem ganha mais dinheiro. Era aquela coisa de querer se mostrar, do exibicionismo, da vaidade mesmo.

De se transformar em ídolo. (1995)

MÚSICA

- Isso eu decidi aos 12 ou 13 anos. Só que, naquela época, não existia rock'n'roll assim, para todos os efeitos. Eu tinha morado nos Estados Unidos, entre 67 e 69: meu pai era economista e foi tirar PhD na Universidade de Nova York, pelo Banco do Brasil. Mas, aí, você começa a pensar em ter uma banda, em ter uma guitarra, e os pais dizem: "Meu filho, não é assim que as coisas funcionam, talvez a gente possa colocar você numa escola de música". Eu já tinha tido aulas de piano, quando pequeno, mas era aquela coisa com cheiro de mofo. (1989)

- Me contam que, aos 2 anos de idade, eu já punha o disco do Frank Sinatra de volta na capa certa. Quando chegou a adolescência, meu sonho era formar uma banda. Minha família é muito musical. É coisa de gente que tinha piano na sala. Tanto do lado do meu pai, que é paranaense, quanto do lado da minha mãe, que é pernambucana. (1995)

- Eu acho que uma das funções da música é fazer você interagir consigo mesmo e rever sua história e suas coisas. Quando eu viajo e ouço música 174

musical. Muito, muito musical. De repente, se eu ouço coisas como Aquarela do Brasil lá fora, dependendo de como eu estou, dá vontade de chorar, ô meu! (1995) MÚSICA BRASILEIRA

- No Brasil, a música sempre foi ligada a uma coisa mais folclórica.

Sempre houve uma espécie de cisma: a poesia de um lado, a música popular do outro. (1988)

- O tempo vai passando e eu vou respeitando cada vez mais a música brasileira. Eu era muito esnobe — isso até a gente entrar para o meio e ver como sofre o músico, como funciona essa máfia do direito autoral, das gravadoras... Esses caras são uns heróis. (1995)

MÚSICA CLÁSSICA

- Gosto de música clássica. Acho emocionante aquela abertura da Flauta mágica, de Mozart. Todo mundo gritando: "Vai começar!" [nos shows da Legião]. Deixa uma expectativa legal. Todos abrem

shows com Carmina Burana. Não agüento mais ouvir aquilo! Está muito clichê. É igual a esses discos que vendem só Quatro estações, de Vivaldi, e Valsa das flores, do balé Quebra-nozes, de Tchaikovsky. (1995) MÚSICA ITALIANA

- Eu nunca tinha ouvido música italiana. Na minha cabeça, eram baladas bobas. Encontrei alguns CDs numa loja aqui do Rio e comprei uns 12.

Aí, fui descobrir que o estilo dos italianos é parecido com o meu estilo arrebatado de cantar. (1995)

- Por uma coincidência, todos os artistas que eu consegui naquela primeira leva — e depois, quando eu comprei mais e me aprofundei mais — tinham uma temática muito parecida com a temática da Legião 175

mundo e tentando resolver as coisas do mundo. Isso é uma coisa bem da Legião.

Músicas de amor. Mas, na minha cabeça, eu imaginava que a música italiana era como a música francesa ou como Júlio Iglesias, entendeu? E não tem nada a ver. Eles sempre falam desta coisa: "O mundo está horrível, está caindo aos pedaços, mas eu procuro sinceridade no relacionamento e na minha vida, e também a honestidade". É aquela praia de REM e U2, que existe no rock, e cujas letras de repente falam disso. O Dylan, às vezes, fala um pouco disso. É a coisa folk, não é? E eu fiquei impressionado porque todos os artistas tinham uma visão extremamente parecida. As músicas eram muito melodiosas. Elas tinham aquela coisa pop — meio Rosana, meio Xuxa e meio Angélica —

, mas transcendiam, de certa maneira. (1995)

■ A gente se esquece de que, durante muito, muito tempo, principalmente até o aparecimento da Tropicália, só dava música italiana neste país. Isso só acabou no anos 70. Era uma coisa de todo mundo assistir a San Remo e de todo mundo ter disco da Rita Pavone. Eu me lembro, até hoje, daqueles discos da RCA, com selinho azul, que, quando eu era pequeno, todo mundo ouvia. A própria Jovem Guarda é 60, 70

por cento música italiana. Banho de lua, que é o começo do rock no Brasil, é italiano. Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones, também. Isso é uma coisa que me fascinou muito. Como é que a música italiana sumiu de repente? Sumiu, desapareceu. Gente, a gente tinha Ornella gravando com Vinícius e Toquinho. O Chico, com Minha história, do Construção: aquilo é Lúcio Dalla. E aquilo tudo sumiu. Eu acho que entrou Yellow river e acabou! (1995)

■ Eu tenho um carinho muito grande pelo progressivo italiano. Eu acho a pior coisa do mundo, mas eu acho tão legal aqueles caras fazendo aquelas músicas em inglês! Tipo Birth — Part I. Sabe aquela coisa? O

enigma sem fim — Parte I, Fuga e O enigma sem fim — Parte II. Isso é tão pretensioso! Eu, com 12 anos, achava aquilo a coisa mais linda do mundo. Prelúdio, Canção para as gaivotas — isso Robert Fripp, não é?

Ih, eu adorava! (1995)

Mesmo que tenha uma melodia maravilhosa, a música brasileira sempre se preocupa com o ritmo. Lá na Itália, o que chama a atenção são, justamente, a melodia e a harmonia. Eu não sabia que existiam tantos artistas italianos, porque aqui no Brasil parou de se tocar música italiana faz tempo. Isto é uma pena, pois as letras são muito interessantes e extremamente apaixonantes. (1995)

'MÚSICA PARA ACAMPAMENTOS'

■ Eu gosto muito de cantar, e as músicas da Legião são muito difíceis de cantar. Porque, quando a gente grava as músicas do nosso disco, elas, virtualmente, saíram do forno. Por isso, eu acho que, nas versões do Música

para

Acampamentos,

as

músicas

são

realmente

superiores,

pelo

menos no vocal — porque eu já conheço a música, já cantei diversas vezes. (1994)

MÚSICO BRASILEIRO

■ Veja: vão todas as donas de casa lá, falar com o Collor [ex-presidente Fernando Collor de Mello], mostrar abaixo-assinado, e ele as recebe pessoalmente, dois minutos na Rede Globo. Agora, quando vão os músicos — a única coisa que a gente ainda tem na cultura brasileira é a música — pedir, pelo amor de Deus, para liberar o dinheiro do Ecad

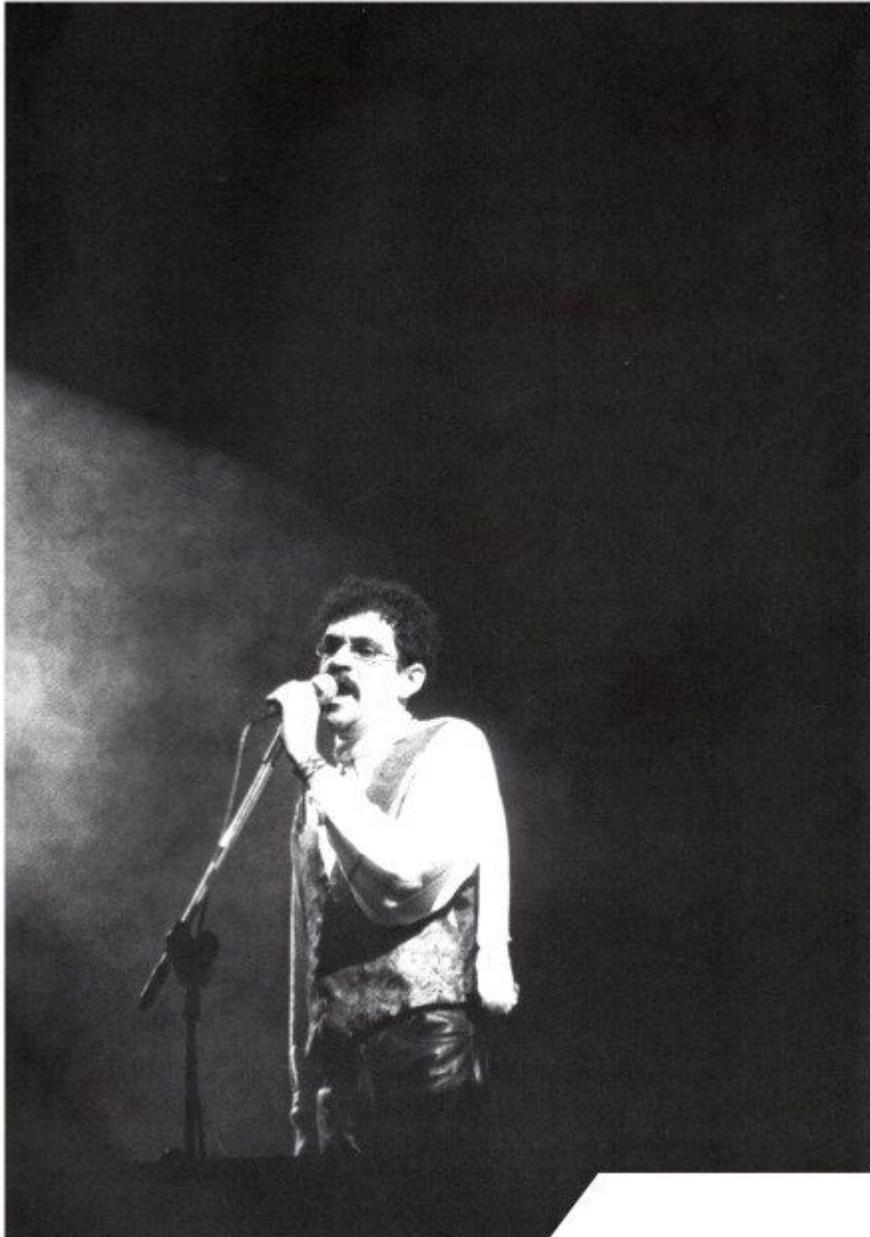
[órgão recolhedor de direitos autorais]... A gente é jovem, eu sou roqueiro, estou na crista da onda; se for o caso, para mim, não é problema.

Mas, e o músico brasileiro de verdade? Está aí, sofrendo. Eu sei quanto eu ganho de direitos autorais. Toca a música na Rede Globo e são 151

cruzeiros e 22 centavos. E as pessoas que vivem disso? Não deu na Rede Globo, só uma pequeníssima nota, e o Collor não vai falar com eles, manda um secretário. Eu acho muito triste. A Legião é mass media, mas e a cultura brasileira realmente? Como esse pessoal da MPB deve ficar ressentido com a gente... Com razão. Eles, que são muito mais autênticos do que essa bobagem do rock'n'roll, só levam na cabeça. A Dircinha Batista

morrendo, totalmente esquecida, no Asilo dos Artistas...

Eu acho uma grande sacanagem. (1990)



N

NAMOROS

- Eu tenho a sorte de ter bons amigos e muitos namorados. Às vezes, quatro, separados ou no mesmo lugar, mas very safe [muito seguro].

(1993)

- Nunca tive namoro, na verdade. A não ser a Luiza, quando eu tinha 11 para 12 anos, na Ilha do Governador. Mas não era uma coisa de namoro exatamente — era de troca. Porque eu era gay. Eu sou gay, entendeu? (1995)

NIETZSCHE

- O super-homem é o homem espiritual, aquele que tira o sentido e o valor de si, de seus atos. Como Nietzsche disse que o homem estaria para o super-homem assim como o macaco está para o homem, eu vejo a mesma coisa em Jesus Cristo, por exemplo. Na verdade, Nietzsche é um homem à procura de um deus. Um deus que não é o Deus cristão. (1988)

NIRVANA

- O Nirvana está naquela linhagem indispensável da história do rock, como Elvis, os Beatles e o Sex Pistols. (1996)

NOVA YORK

■ Eu tinha morado em Nova York há muito tempo, quando era pequeno. E nunca mais tinha saído do Brasil. Eu ficava meio temeroso de ir com pouco dinheiro. Eu não vou para Nova York viver After hours [Depois de horas, filme de Martin Scorsese]! Mas recebemos um bom adiantamento da gravadora pelo disco As Quatro Estações e achei que era a hora certa. Principalmente, porque não estava agüentando aqui no Brasil. Estava muito, muito, muito pesado para mim. Então, eu fui para morar lá como eu moro aqui. Não fui para ver

Cats

na

Broadway!

Aluguei

um

apartamento

pequeno,

fui

montando uma biblioteca, comprei um aparelho de som por 300

dólares, comprei todos os meus discos favoritos e ficava lá, assistindo à Ty saindo, indo ao cinema. Mas, basicamente, o que fui fazer lá —

e em São Francisco — foi entrar em contato com Christopher Street e com o Castro [uma rua e um clube, respectivamente em NY e SF, pontos de encontro gay]. Era uma coisa que eu estava precisando fazer há muito tempo. Eu estava precisando me assumir há muito tempo... É o que se chama coming out... Quer dizer, eu já estava out of the closet há muito tempo. Qualquer pessoa que ouvir Soldados e tiver um pouquinho de sensibilidade... (1990)

■ A primeira coisa que eu fui ver em Nova York foi Christopher Street. Só que está difícil. Os caras já não andam mais de mãos dadas na rua. Em São Francisco, estavam mais soltos. Mas continua

sendo uma comunidade... Nos Estados Unidos, têm os guetos, perigosíssimos,

como

os

judeus

na

Polônia:

"Estamos

seguros,

não

é?". Não estão, não. Se você se fecha... É o problema do Harlem: branco não entra, mesmo. Há clubes gay pesadíssimos, com aquele som, os caras de couro preto dos pés à cabeça, vestidos de nazistas.

Eu, morrendo de medo, e um amigo meu, dizendo: "Não se preocupe, são todos legais. Quanto mais cara de mau o sujeito tem, mais manteiga derretida ele é". E eu ia acreditar nisso? Ha, ha, há... Aí, outro dia, estava passando um filme com a Bete Davis — nunca vou me esquecer —, e os caras chorando, cora aquelas roupas e tudo. É

uma carapuça que eles colocam, a hipermasculinidade. Que surpresa!

182

entrar e sair desses lugares, corre perigo de vida. (1990)
NOVIDADE

■ Infelizmente, aqui no Brasil, o público gosta muito de novidade.

Se você não tiver novidade, você cai para escanteio. O que pintou no Brasil, numa época, foram artistas talentosos que tinham alguma coisa nova para dizer, de uma maneira supercriativa e superbela. Não conseguiram,

justamente,

segurar

isso,

ficaram

na

mesma

linha,

e

acabaram sendo jogados de lado. E, aí, acontece o quê? Acontece o rock novidade, e pegou espaço. Agora não pensem que a gente não está preocupado. Eu converso com o Herbert [Viana, dos Paralamas do Sucesso] e a gente está se cagando nas calças, porque a gente não sabe o que vai acontecer. Eu estou sentindo uma pressão muito grande por parte de todo mundo, principalmente em cima da Legião Urbana, porque está todo mundo esperando justamente que a gente faça uma coisa nova. Mas será que cinco, seis, sete anos depois, eles vão assimilar uma coisa que vai refletir o meu momento atual, ou o momento atual do Herbert no próximo disco dele? (1985) NUANCES DO CANTO

■ O

rock'n'roll

pede

sempre

guitarra

distorcida,

tem

sempre

um

certo ritmo, é uma outra forma de cantar. E o Bonfá toca muito alto, eu estou lá com o microfone, eu estou lá, berrando, que nem a Janis Joplin. Ao passo que, se eu uso um quarteto de cordas, ou um acompanhamento

musical

mais

suave,

fica

mais

fácil

de

perceber

nuances da voz, a gente pode brincar um pouco mais com a interpretação.

Uma

canção

romântica,

naturalmente,

também

vai

exigir um outro estilo de interpretar. Eu não estou lá, assim, falando e gritando, não é uma coisa tão dinâmica. Quer dizer, é dinâmica, mas, por ser romântica, você pode modular muito mais a voz. E

existe toda a tradição dos cantores românticos. Eu remeto, talvez, a um Chico Alves, a um Orlando Silva, que têm aquela coisa bonita 183

que, neste disco [Equilíbrio Distante], eu esteja cantando melhor ou não.

Sinceramente, não. Eu acho que o repertório é que possibilita à pessoa perceber muito mais. Eu gosto muito do trabalho com a Legião, mas mesmo uma música romântica da Legião é mais rascante, é mais gritada. (1995)

184

O

OASIS

■ Do I wanna be a rock'n'roll star? Deus me livre! Eu vou cantar aquilo para quê? Só para fazer aeróbica, não é? Eles são maravilhosos, eu adoro Oasis, mas, sabe, eu não vou ficar cantando que eu quero Cigarettes & alcohol... Eu acho bonitinho, mas eu passei pelos Beatles. (1996) OCIDENTE X ORIENTE

■ Acho que o grande mal da civilização ocidental é não ter contato com a oriental. Todo esse pessoal proclama verdade, verdade, e não chega a solução nenhuma. Daí vem o Lao-

Tsé e fala: "Certo, não há resposta para nada porque há resposta para tudo"... É tão difícil... As coisas mais básicas são as seguintes: quem acredita sempre alcança, respeito ao próximo, não faça aos outros aquilo que você não quer que te façam. E meio por aí. No fundo, é o que o I Ching fala, é o que Buda fala, Cristo e Krishna também. Todo mundo falou, mas ninguém ouviu.

Se você tem a intenção de ter um coração puro e tenta seguir o negócio do trabalho e da amizade — ter um trabalho digno e tentar cultivar os amigos —, você não tem o que temer. "Quem não deve não teme". Eu acredito nisso, mesmo. Mas é uma dificuldade. (1986)

■ Eu li, em algum lugar, que a maior contribuição do século 20 não vai ser nada disso que todo mundo fala — a maior contribuição vai ser a união do modo do Ocidente com o pensamento do Oriente. E eu acho que é para isso que a gente está caminhando. Acho isso uma coisa muito importante. (1989)

185

■ Você não pode ser omissos. Não está na hora de ser omissos. O problema não são os fascistas, são as pessoas que não se manifestam. Para citar o exemplo mais conhecido: Hitler subiu ao poder não por causa das pessoas que o apoiavam, mas por causa das pessoas que não o levaram a sério, não se deram conta, e ficaram omissas. (1988)

ÓPERAS

- Parsifal e A flauta mágica. Esta última vai fazer parte da abertura do nosso show. (1994)

OPINIÃO

- Nós temos a aura de sermos porta-vozes da juventude? A gente não se acha os donos da verdade. Sou jovem de 20 e poucos anos, não sei nada da vida. E as pessoas bebem minhas palavras como água. E escrevo, justamente, porque não sei. Não quero que minha opinião sobre temas controvertidos — drogas, por exemplo — influencie outra pessoa. Não fico o tempo todo na TV porque não tenho nada a dizer. Não fico na frente do espelho fazendo pose de mau. (1987)

- Por que a minha opinião interessaria a alguém? Não sou formado em rock'n'roll. Acho um grande erro quando pegam pessoas como eu ou a Cláudia Raia para falarmos sobre assuntos sobre os quais não temos a menor noção. (1994)

- É preferível não tocar do que apresentar um trabalho que não é legal.

Quando a gente sente que não tem o que falar, a gente não faz imprensa; quando a gente sente que não tem o que dizer, a gente não lança disco.

Pelo trabalho que a gente tem, a gente prefere que o público tenha contato direto com o disco, e com as músicas, para saber o que a gente está pensando. (1994)

ORGULHO

- A Legião fez três discos, está tocando há um tempo, e ninguém nunca 186

ganhar um duplo de platina em plena crise! Eu fico orgulhoso quando o presidente da UNE [União Nacional dos Estudantes] diz que o verdadeiro presidente da UNE é o Renato Russo. Acho isso muito bacana. (1989)

- Tenho orgulho de ser brasileiro. (1994)

ORIENTAÇÃO SEXUAL

- Reafirmo minha orientação sexual para ser um exemplo e, se possível, evitar que as pessoas passem pelo que eu passei: achar que era doente, que era estranho, que ia morrer e seguir direto para o inferno. Isso, por alto. Mas, em geral, para poder ter a liberdade de ser como sou. Mas não é um problema só de orientação sexual. É de todas as minorias.

(1994)

- Saí agora de um relacionamento de dois anos, que mexeu profundamente comigo. Acho que vou ficar uns dez anos escrevendo músicas de amor, do tipo "meu amor partiu". Por isso, resolvi fazer o que sei: cantar e lançar um disco [The Stonewall Celebration Concert].

É a maneira que eu tenho para lutar contra o fascismo, que está voltando.

Minha participação é ser um exemplo. Quanto mais gente perceber que as pessoas podem ter uma orientação sexual diferente da norma — e por serem diferentes da norma não são anormais ou doentias — e que podem ter uma vida digna, estou satisfeito. (1994)

OSCAR

■ Eu ainda vou ganhar dois Oscar: direção e roteiro. Mas eu ainda não decidi se melhor filme estrangeiro também. "And the winner is... Oh, my God, Renato Russo!". Aí, eu subo pelo lado errado, sabe? Aquela coisa assim. E, no ano seguinte, eu sou convidado para ser presidente do júri. Bobagem! Isso tudo são sonhos. (1995) 187

■ A gente é o tipo de banda que reclama se tiver um out-door da Coca-Cola no show. A turnê de As Quatro Estações foi patrocinada pela Lacta, porque a gente achou que chocolate era tudo bem. Mas, mesmo assim, tinha um monte de regrinhas. Isso dificulta as coisas para a gente, mas, se fosse de outra forma, talvez perdêssemos essa coisa especial que a banda tem. Eu estou lá, falando de ética, sofrendo: é o cantor trágico-romântico suicida e dependente químico. O público não vai respeitar. (1995) OVELHA NEGRA

■ Sempre fui rebelde. Mas nossa geração é totalmente careta. Tanto é que o pessoal das bandas de rock de hoje é justamente a exceção. Agora, é ao contrário: todo mundo gosta de rock. Na época da adolescência, éramos os loucos, não tinha aquele espírito dos anos 60.

Fomos as ovelhas negras, mesmo. Agora a coisa está mais aberta. Sei que esse pessoal de 14, 15 anos cheira loló, mas isso está se diluindo, porque todo mundo percebe que não leva a lugar nenhum, a partir do momento em que não está trazendo nem prazer. (1988) OVERDOSE

- O que eu fazia, na época, era tomar um porre. Na verdade, tudo acontecia porque eu me identificava com todos esses párias — Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison —, os loucos em geral. Hoje em dia, eu sei que isso não é legal! Parece que é a coisa mais linda do mundo você morrer de uma overdose de heroína, mas não é. Não é, mesmo! (1989)

- Tenho 31 anos, já passei da fase de morrer de overdose. Todos eles morreram com 27. Eu, agora, tenho mais é que virar Rod Stewart. (1992)

- Morrer de overdose depois dos 27 anos não é de bom tom. Ficar que nem o Syd Barret? Eu sou muito mais o Iggy Pop — o cara com 50 anos e arrebrandando, falando tudo que queria falar. (1995)

PAIS

■ Eles moram em Brasília. Gosto muito deles. Mas, depois de certa idade, você não consegue morar junto. Cria muito atrito. (1990)

■ Para mim, o mais importante, com a chegada do meu filho, foi a mudança da minha relação com meus pais. Passei a ver toda a situação de

uma

maneira

diferente.

Pintou

mais

respeito,

pintou

mais

consideração. Os pais são sempre pais e, às vezes, a gente tem que se distanciar um pouco para perceber que eles são pessoas normais. É tão forte a relação da gente com eles que, quando criança, você acha que são heróis; na adolescência, nega tudo, acha que são horrorosos. Até o momento em que meu filho nasceu, eu nunca havia percebido meus pais como indivíduos. Talvez eu pensasse nisso antes, também. Mas, para mim, eles sempre foram pai e mãe. Agora, não. Existem o Renato, a Carminha e eu. (1990)

- Eles diziam: "Quer comparar sua guitarra? Vai trabalhar, economize e compre". Isso me ajudou muito. (1995)

- Meus pais são maravilhosos, estão juntos até hoje. Tive muito problema com isso, porque me senti culpado durante a adolescência, por não corresponder às expectativas deles, de uma vida bem-comportada. Eles são

super-simpáticos,

inteligentes,

têm

um

casamento

de

sonhos,

maravilhoso e tal. Para mim, tudo isso era um carma. Eu era — e ainda sou — um pouco terrível. (1995)

189

■ Pais e filhos é especificamente sobre a nossa situação [dos componentes da Legião], pois nós três, agora, somos pais. E este disco é extremamente universal, não está tão ligado ao momento. Daqui a 20 anos, vamos poder ouvir Pais e filhos. (1990)

■ Esta música é sobre suicídio. Ela é muito, muito séria. Me desgasta para caralho quando a gente toca, e as pessoas não percebem. É sobre uma menina que tem problemas com os pais, ela se jogou da janela do quinto andar, e não existe amanhã. Eu acho bacana, é uma música bonita, mas existe um clima em tomo de algumas músicas da gente que me assusta. Quer dizer, cada pessoa interpreta à sua maneira, mas isso é uma música seríssima, é que nem índios. Eu não agüentaria ouvir duas vezes seguidas. Eu gostaria, então, que as pessoas prestassem atenção na letra e vissem que é uma coisa muito forte. (1994)

PAIXÃO

■ Stonewall é um disco sobre paixão. Eu precisava exorcizar aquela coisa de você se anular por uma pessoa. Eu escolhi canções que tivessem a ver com a história da grande paixão da minha vida. Eu vivi uma relação muito intensa, muito difícil, com um americano.

Ele vivia no gueto de São Francisco — era gay de carteirinha. Ele veio para o Brasil — ele era lindo, louro — e as meninas deram em cima. Aí veio aquela coisa de macho, porque todo homossexual masculino é macho, não adianta. Ele era dependente químico também, a gente viveu uma relação Sid & Sid.

Ele, de speed, e eu, de álcool e tranqüilizantes. Vento no litoral fala justamente disso: "Lembra que o plano era ficarmos bem". Era o nosso plano. Só que não deu certo. (1994)

PALAVRA MAIS BONITA

■ Toda vez que eu leio o Perfil do Consumidor, penso no que falaria.

Toda palavra pode ser bonita, depende de quem fala e se é dita com sinceridade. Eu adoro quando a pessoa que me ama me chama pelo nome. (1994)

190

■ Qualquer uma que é dita por pessoas intolerantes e injustas. (1994) PALAVRA PREFERIDA

■ Essência. (1994)

PALAVRA QUE MAIS USA

- Eu. (1994)

PALAVRAS QUE SEDUZEM

- Espírito, bondade, desejo. (1994)

PALCO

- Eu gosto muito do palco. Mas é assim: está tudo pronto? Então, entro e toco. Agora, ensaiar, passagem de som, viagem, comida de hotel, gente berrando, segurança batendo em fã, extorsão, cambista... isso eu não gosto. (1994)

- Sei que é uma bobagem dizer isso, mas, para mim, o palco é sagrado. O que dificulta é a expectativa do público e a nossa responsabilidade. E ter de cantar as mesmas músicas sempre. (1995)

PARALAMAS DO SUCESSO

- O melhor baixista do rock brasileiro é o Bi Ribeiro, dos Paralamas. Ele só tem que tirar aquela barba. Eu digo: "Tira essa barba, menino. Vem cá, eu vou barbear você".

Ele é tão bonito, parece aqueles garotos de Beyerly Hills. O João Barone, também, é ótimo. Em termos de música, não tem ninguém para os Paralamas. (1994)

- Os nossos padrinhos eram os Paralamas, porque o Bi era amigo de 191

Ico [irmão de Dinho Ouro Preto, do Capital Inicial] levar para a França, para o George Davidson, da Odeon, que quis saber quem eu era. Só que, nessa época, eu já estava com a Legião, e eles não sabiam. Quando nos viram, tomaram um susto, porque era mais um trio de Brasília com vocalista de óculos. (1995)

- As melhores coisas são as demos dos Paralamas. No dia em que você ouvir a demo de A dama e o vagabundo, você vai dizer: "Esta é a melhor banda do universo!" (1996)

PASSADO

- Eu não renego o meu passado. Se tivesse que fazer tudo de novo, eu faria tudo de novo, porque é da minha personalidade. O legal é que eu aprendi. (1990)

PATO FU

- Ah, eu acho eles maravilhosos... Eu gosto muito de Sobre o tempo, é claro, e de Vida besta. É muito legal, é muito legal. Eles me lembram Os Mutantes, mas de uma outra maneira. (1995)

PATROCÍNIO

- Se aparecesse hoje um Mozart ou um Michelangelo, eles iam ter que procurar patrocínio! (1994)

PATRULHA IDEOLÓGICA

■ Eu acho que você não pode ser um fascista cultural. Esse negócio de patrulha ideológica é a coisa mais furada do mundo. As pessoas mais bonitas que eu conheço são justamente as pessoas mais abertas. (1985) 192

■ Não tenho nada contra ele. Mas é muito fácil ficar em Nova York, ganhando em dólar, e falar: "Vocês aí são uns índios, porque não conhecem a Cecília Bartoli cantando Haendel". Vai à merda! A gente não conhece porque não tem dinheiro. Dá isso para o povo, para ver se ele não vai querer. Nós, brasileiros, somos crianças. Mas criança entende e adora tudo o que é belo, o que é poesia. (1994)

■ O Paulo Francis é um ressentido, em Nova York, com 60 anos de idade, escrevendo sobre o restaurante onde come, lendo a New Yorker, pinçando certas coisas dali e falando o que leu na revista. Eu acho que ele está gagá. (1994)

PAZ DE ESPÍRITO

■ Hoje em dia, não temos Vietnã ou amor livre, mas temos Nicarágua e Aids. O ser humano sempre procura a paz de espírito, em qualquer época. (1989)

PERFUME

■ Tenho uma tendência ao cheiro natural das pessoas, mas os meus perfumes preferidos são Egoist, da Chanel, e Incense. (1994)

PERSONAGENS

■ Gostaria de conhecer Eduardo e Mônica. Já Andrea Doria é a mesma menina de Ainda é cedo, e eu não gostaria de revê-la na minha frente.

(1987)

PERSONALIDADE

■ Betinho [o sociólogo Herbert de Souza]. (1994)

PETS SOUNDS' [clássico da engenharia sonora, lançado pelos Beach Boys em 1967]

193

E, também, a gente já tem as nossas formulinhas — o Bonfá é bem implicante em relação a isso. Você assiste àquele Acústico da MTV e parece que ele está com prisão de ventre, detestando estar lá. Isso ninguém sabe, tipo: "Sou baterista, não percussionista!

Não vou ficar lá tocando aquele sininho ridículo!" (1996) PIOR MÚSICA

■ Não sei. É a que a gente não termina. Das que foram lançadas, não gosto de uma chamada Depois do começo [do disco Que País é

Este —1978/19877. Não é ruim, mas eu não gosto. É pretensiosa, babaca.

(1994)

PLANO REAL

- Estou bem assustado com essa história e andando com uma tabelinha de conversão.

Meu medo é de que as pessoas saiam aumentando os preços. Se vai dar certo, não tenho a mínima idéia. Talvez funcione, mas a gente está tão cansado, que ninguém leva fé. (1994)

PLANOS

- Um dos meus planos é — quando eu estiver com uns 40, 50 anos —escrever ficção. Eu tenho a minha vida toda planejada. (1986)

- Meus planos são rock'n'roll, cinema e literatura. Cinema é muito difícil. Mas literatura eu quero treinar agora, porque, quando eu tiver já uma carga de vida, aí eu posso escrever. Eu acredito que você tem que passar pelo tempo para poder escrever como o Drummond, o Garcia Márquez, o Thomas Mann. Meu plano é dominar a técnica para, depois, escrever minhas historinhas. Mas é difícil, a língua portuguesa é muito difícil. Meu plano é ser maior do que Shakespeare... É sempre bom ter um sonho. Eu estou guardando todas as pequenas histórias. Uma coisa para a qual eu estou me esforçando é ter uma disciplina mental, não no sentido

besta da palavra, mas para organizar e tentar lembrar coisas que
194

- Eu sou muito ambicioso. Imagine se eu vou começar a escrever agora!

Por enquanto, um pequeno texto que as pessoas todas cantem.
(1989) POESIA

- Gosto de Adélia Prado e, dos poetas ingleses, tenho tara por Shakespeare. Leio pouca coisa dele, porque tenho dificuldade de ler o inglês antigo — é muito onírico, tem muita nota de rodapé. Gosto mais dele quando vai para o lado do amor, ele tem muitas musas. Tem também um poeta chamado W H. Auden, que acho legal.
(1988)

- Em termos de construção, eu me interesso mais pela poesia inglesa.

Mas, em termos de temática, Fernando Pessoa e Carlos Drummond.

Aí, sim... (1988)

POETAS DO ROCK BRASILEIRO

■ Eu não sei onde estão os maiores poetas da nova geração da música brasileira, porque eu só conto uns três ou quatro. Um é o Cazusa. Têm o Cadão Volpato, do Fellini, Humberto Gessinger, dos Engenheiros do Havai, o Arnaldo Antunes e o Sérgio Brito, dos Titãs. Não tenho distanciamento para analisar, mas acho que, da nova geração, o maior é o Cazusa. E, em seguida, na minha opinião, vem o Cadão Volpato. Mas, quanto a isso, eu não penso em mim. Antes de pensar que eu sou o letrista, eu penso que nós somos a Legião Urbana. (1989) POLÍTICA

■ Eu não gosto muito de falar de política, não. O máximo que posso fazer é pegar uma música no baú, uma música de dez anos atrás, e ficar cantando e reclamando. O que é que eu vou fazer? Virar político, deputado, para ser massacrado pelo rolo compressor do Centrão [grupo de centro-direita que, na época, era maioria no Congresso Nacional]?

Mas eu não entendo dessas coisas, eu não gosto de falar dessas coisas. A 195

passou de 8 mil para 35 mil. O que eu sei é o que eu vejo na televisão, os caras se digladiando lá no Congresso Nacional, como se fossem animais. (1987)

■ Acho que a função do artista está mais ligada a pão e circo. Mesmo que sejam pão e circo emotivos, uma coisa que vá te alimentar psicicamente. Entendo que o artista não deve se envolver em política partidária. Faço uma política diferente: falo de coisas que interferem na minha vida. Em outra época, talvez não estivesse falando Que país é este. Para mim, vai ser muito fácil fazer

uma música para alguém que perdeu o emprego, porque estou vendo isso, tenho muitos amigos nessa situação.

São

coisas

que

me

tocam

emocionalmente.

Chego,

então,

nesses assuntos ligados à política do Estado através da emoção.

Simplesmente, fui tocado pelos fatos, e isso filtra nas músicas, embora eu não tenha nenhum plano e não entenda de política. (1988)

■ Não queremos mais falar de política da maneira como falamos nos primeiros discos. A partir do momento em que fizemos músicas

como índios e Tempo perdido, percebemos que poderíamos muito bem abordar a política sem ter que ser panfletários. (1992)

POPULARIDADE

■ Eu não sinto que deva utilizar minha figura pública para ser espalhafatoso, ou para ser chique e charmoso. Tenho os meus amigos e, se estou a fim de peruar, não vou fazer isso em público. Prefiro me guardar para as pessoas que me conhecem. Só uso o fato de ser conhecido para receber um

bom tratamento em aeroportos, restaurantes, coisas práticas do dia-a-dia. (1991)

'POR ENQUANTO' — 1984/1995' [caixa que reuniu os seis primeiros discos da Legião, remasterizados]

■ A Legião está lançando os seis primeiros discos, remasterizados em Londres, com uma produção gráfica atualizada. Consertamos tudo.

196

Espero que isto chame a atenção das pessoas para o que foi feito nesse período. Você vai ouvir todos os erros: é a mesma mixagem, os mesmos arranjos, mas o som vem menos velado. Embora a gente não tenha mexido na mixagem, os discos vêm com essa sonoridade mais atual, mais dentro dos padrões da indústria nos anos 90. (1995)

■ Com este relançamento, fica claro — mesmo nas canções feitas há oito anos — como é possível se identificar com as letras, sem achar que nós não temos mais a ver com isso. (1995)

PRAZERES

■ Os meus amigos, a minha família, trabalhar. Bons filmes, bons vídeos, música, muita coisa. (1995)

PRECONCEITO

■ Vai admitir que você gosta de homem nesta terra, meu filho! Nem para ganhar dinheiro uma pessoa arriscaria passar pelo que eu passei.

Tem muito preconceito ainda. São os vizinhos, as piadinhas, você não é considerado uma pessoa normal. Eu acabei de sair de um relacionamento, no qual o carinho que supostamente seria o meu par achou que a barra pesava demais, e que não valia a pena enfrentar todas essas dificuldades.

Mas eu não tenho problemas com isso, estou muito satisfeito do jeito que sou. (1991)

■ Como cidadão, tenho como postura política ser contra qualquer tipo de

preconceito

em

relação

à

sexualidade

humana.

Principalmente

no

caso

de

bissexualismo,

lesbianismo,

homossexualismo,

pansexualismo,

transexualismo, o que você quiser chamar. (1992)

PREGUIÇA

■ Queria alguém que fizesse tudo o que faço. Não quero trabalhar, porque você vai progredindo e ficando preguiçoso. (1989)
197

■ Há uns dias, recebi o Prêmio Sharp de Música. O Renato Russo da Legião sentado ao lado de Elizete Cardoso! Alcione me perguntou se eu gostava do seu vestido. Todos reunidos: Cazuza, Marina, Christian e Ralf, Elba Ramalho. Isso é uma loucura para quem começou tocando rock de garagem e só tinha como ídolo Sid Vicious. (1988) PRESSÃO

■ Agora eu estou legal, mas estive muito mal na minha vida. Quando era mais jovem, ficava confuso, estava perdido mesmo, e agora eu encontrei meu caminho. Eu quase joguei fora metade da minha vida, com sucesso, com tudo. Foi tudo embora, por causa de drogas, por causa de estar mal. E algumas músicas refletem um momento na minha vida de que eu não gosto de lembrar mais. Eu gostaria de lembrar a todos que é importante o público respeitar o artista também. O Kurt Cobain, ou aquelas outras pessoas que foram embora cedo demais, às vezes, tudo aconteceu por causa de pressão, de ter que, de repente, suprir

uma

necessidade.

É

como

você

escrever

uma

super-redação,

belíssima, sobre uma coisa que te toca profundamente, e que você não quis mostrar para ninguém. Mas você leu a redação e, de repente, você virou a estrela, e todo mundo quer ler a sua redação sobre aquela coisa mais íntima. Chega uma hora em que você vai falar assim: "Não! Isso aqui é meu! Vamos com calma! Isso já foi publicado num livro e tudo, mas agora vamos com calma. Eu não tenho que, em toda festa de aniversário: 'Mãe, eu não vou ler a minha redação. Sinto muito'." Com as músicas da gente, rola isso. (1994)

PROCESSO CRIATIVO



Aqui em Brasília, eu fico parado, observando, pensando nas coisas que têm acontecido. Converso com as pessoas. E as coisas

vão saindo.

Mas as letras vão ser sempre em cima de experiência dos quatro. É por isso que é superimportante a gente voltar a conversar, a trocar idéias.

Não que a gente estivesse brigado, mas estávamos superdistantes, porque era tanta coisa acontecendo, que a gente só se encontrava meio às pressas. (1987) 198

- Meu processo criativo mudou. Não sei explicar. Eu, pelo menos, não tenho mais necessidade de — tipo assim — trepar e gozar. Agora eu aprendi: posso ficar cinco horas no beijinho, abracinho, pega aqui, pega ali. "Bem, vamos tomar um iogurte?". "Vamos". Aí, fica lá com o iogurte...

Porque, antigamente, era aquela coisa: blumt, tem que gozar; ploft, gozou. Naquela época, eu estava tão tarado para conseguir alguma coisa que, vamos, um, dois, três... Hoje em dia, você está mais aberto para outras coisas. (1989)

- O processo criativo é um processo lento. Enquanto bolamos as músicas, já começamos a pensar no que dizer na letra. Essa música tem cara de quê? A música começa na bateria e no baixo, e começamos a tentar encaixar palavras que combinem com a música. Letra é complementação, e grande parte da força da letra está na música. (1989) PROFESSOR

- Eu dava aulas de Inglês [na Cultura Inglesa, em Brasília] por dinheiro, mas adorava. Depois que terminar as coisas que estou

fazendo, pretendo voltar a dar aula. Eu tentava ser para os alunos um mentor, alguém em que eles pudessem confiar, o que falta muito hoje em dia. Se eu não tivesse tido professores legais, talvez hoje estivesse trabalhando no Banco do Brasil. (1986)

- Fui um bom professor, tanto que mandavam os piores alunos para mim. Não fazia milagres, mas um aluno com média 3 passava para 6.

Hoje em dia, tem essa coisa toda de aprender rock em aula de Inglês, falar de Mel Gibson e tudo. Na minha época, não tinha nada disso. Aí, comecei a dar música do B-52's, dos Ramones. Distribuía instrumentos musicais para os alunos. Claro que tinha um prato, que eu dava para o mais bagunceiro da turma. Acho que, se for fazer outra coisa na vida, vai ser dar aula — mas não para adolescentes, que são muito complicados.

(1995)

199

- Não sou viciado. Eu não posso tomar drogas. Sou alcoólatra e dependente químico. Freqüento um grupo de apoio, de auto-ajuda, de pessoas que têm o mesmo problema, que se reúnem para se dar força.

Estou seguindo a Programação dos 12 Passos, que não tem nada a ver com religião, mas é uma coisa espiritual. A programação faz com que você tome uma consciência espiritual, sem necessitar do álcool. Mas não é um processo de desintoxicação. (1994)

■ Descobri

que

existe

essa

programação

que,

basicamente,

te

mostra

como levar a sua vida, enfrentando os baques, os problemas e até as coisas boas, sem precisar recorrer a nada. Antes, tudo era uma desculpa para eu sair da realidade. E, com essa programação, eu aprendi que a realidade não é a coisa mais maravilhosa do mundo, mas também não é a pior. Eu tenho dias ótimos, eu tenho dias ruins, mas não é por isso que eu vou ficar por aí me matando, me destruindo. (1994)

■ Em 1990, fui para a Vila Serena, uma clínica de desintoxicação no Rio de Janeiro, e fiquei lá um mês. É o próprio paciente que tem que ir.

Não adianta a família levar, você tem de estar andando. Lá, eu fazia ginástica, tocava sino, me alimentava muito. Todo mundo é tratado igual. (1995)

■ É fundamental que a família do dependente tenha apoio, porque a família inteira adocece junto com ele. Temporada em clínica também pode ser bom. Já vi livros que dizem que clínica é como um campo de concentração, o que é uma bobagem. Você precisa de acompanhamento, porque é muito sofrimento parar com a droga. Durante a desintoxicação, você precisa de um acompanhamento clínico e psiquiátrico. (1995)

■ Na hora em que você chega no fundo do poço é que você acorda, mas o fundo do poço é diferente para cada um. Terapia não funciona, candomblé não funciona, psicanálise não funciona. Ou a pessoa descobre a religião ou ela segue os 12 passos do NA [Narcóticos Anônimos] e do AA [Alcoólicos Anônimos]. (1995)

200

• Eu adoro progressivo! porque não me faz pensar. E música escapista.

Estou ouvindo o Nursery Cryme, do Gênesis, imagina... Não todo dia, é claro. Mas eu voltei a colocar na vitrola. Na MTY se você pega o programa certo, têm umas coisas muito boas... eles passam De-

Falla! Mas, às vezes, eu quero ouvir coisas que me acalmem. É todo meu imaginário, é o que eu ouvia quando tinha 11, 12, 13 anos... E

têm bandas que eu nem percebia como eram boas... Eu achava Emerson, Lake & Palmer o máximo — hoje eu ouço e sei que é creca, aquilo não é bom de jeito nenhum.

Agora, você pega o Lark's Tongues in Aspic ou até o Islands, do King Crimson, e tirando aquelas coisas barrocas... Cara, Ladies of the Road é bom para caralho! (1992) PROPRIEDADES

- Só o meu apartamento. (1994)

PÚBLICO

- O público tem inteligência: ele escuta a Legião sem jabá. O mais importante é o artista fazer as coisas que ele respeita. Aí, as pessoas passam a respeitar. (1988)

- Nosso público tem um perfil que eu acho muito bonito. São pessoas que não são racistas, não são fascistas, que buscam uma determinada ética frente ao mundo complicado que têm. Fico feliz de tentar trabalhar com o que acredito, e o que acredito passar na música. Não existe confusão. (1995)

PUNK

- Sempre quis ser igual aos Beatles, ter uma banda, mas achava impossível, porque não sabia tocar nada. Daí, surgiu o punk, que eu

ouvi quando todos começaram a gostar de disco music, e pensei: "Ah, para fazer quatro acordes, até eu!". (1986)

201

■ Nós fazíamos até os buttons com durepox. Começamos o movimento punk sem que ninguém soubesse direito o que ele era e o que significava.

Eu, Felipe Lemos e André Pretorius, também do Aborto Elétrico, acompanhávamos a evolução musical no mundo e nos inspiramos nos Sex Pistols, Gang of Four, Public Image. Quando começaram a surgir os punks paulistas, Brasília já tinha tido os seus, e fervilhava com as bandas de rock. (1987)

■ A gente era um híbrido, entre o querer ser uma tribo punk e uma ligação com uma geração anterior. Brasília tinha muito disso — pessoas que faziam

teatro coletivo,

transavam

alimentação

natural,

pintura

batik,

faziam suas próprias roupas — e, para a gente, isso foi uma ponte para a coisa coletiva dos punks. Foi só quando a gente viajou para São Paulo é que percebemos que não éramos bem punks. Ficamos com medo da metrópole, aquela sujeira toda. (1988)

- A gente achava que nós éramos os únicos punks do Brasil! (1989)

- O movimento punk foi uma coisa estritamente musical, no início.

Depois, com o discurso e aumento do movimento, é que pintou essa visão mais radical. Se você prestar bastante atenção no discurso punk, você percebe que eles falavam a mesma coisa que o pessoal dos 60. O

Sex Pistols falava a mesma coisa, só que com toda aquela agressividade dos 70, tipo my generation. Era outro jeito de falar de amor, porque é algo do que o ser humano não pode escapar. Alguém pode passar o resto da vida martelando a sua guitarra e dizendo que odeia todo mundo, mas não se esqueça: quando Johnny Rotten cantava And I don't care, ele era a pessoa que mais se importava. Isso eu sei, porque a Legião Urbana usou o mesmo discurso punk no início. Uma coisa totalmente niilista, destrutiva e anarquista, mas que, no fundo, estava falando que queria paz e harmonia no mundo. Aconteceu que, na nossa cabeça, as pessoas dos 60 tinham falado disso da maneira mais clara possível, através de flores e de amor.

Não deu certo; então, vamos falar de outra maneira, mais dura. Mas ficou do punk um certo ranço negativista, porque muita 202

gente que ia aos shows ou curti o movimento não entendia o espírito de catarse que é aquilo. Pintava, como em tudo, um monte de boçais e patetas que usavam toda aquela virulência para despejar agressividade contra outras pessoas. (1989)

■ O punk rock movie — que mostra o Clash no começo, Siouxsie —conheci só no Rose Bombom [casa noturna de São Paulo]. Fiquei horrorizado! Se soubesse como era na época em que a gente estava em Brasília... Não tínhamos vídeos, nada. Então, o Sid Vicious se cortando com a gilete, sabe, aquilo era muito, muito negativo. Paradoxalmente, a gente tinha essa coisa toda do punk, mas era muito positivo — pegávamos sol de manhã, íamos ao rio, uma coisa supernatural. Quando fui a São Paulo, pensei: "Opa! Isso é verdade?". Quando tocamos no Napalm, meu Deus¹. Que paranóia¹. Se eu soubesse, tenho certeza de que não tinha batido tão forte. Imagine eu, que tenho formação católica... (1989)

■ Eu tive um professor de Inglês... Ele até se matou em São Paulo —quando a gente fica velho é tão horrível; tem gente que se matou...

Bem, ele foi para a Inglaterra e eu fiz uma lista de discos para ele trazer.

Ele até contou uma história gozada: foi uma tia dele quem tinha ido comprar os discos. Ela era uma dessas velhinhas riquíssimas e ficou horrorizada ao entrar na loja e ter de pedir discos com aqueles nomes.

Ele trouxe um livro cor-de-rosa que falava dos primeiros punks, com fotos e tudo. Era dali que eu tirava meus modelos: usava um grampo aqui na boca, outro aqui no rosto. Eu furava de verdade! As pessoas ficavam horrorizadas! E, também, os primeiros singles do Sham 69, produzidos pelo John Cale. Dois minutos de música e eu ouvia o dia inteiro! (1989)

■ A gente era punk punk do começo. De ouvir o primeiro single punk, o New Rose, do Damned, e o primeiro LP punk, que foi o dos Ramones.

Naquele momento, não tinha essa coisa política, organizada, que veio com outras bandas depois, tipo Agnostic Front, The Clash, The Fall.

No começo, era mais aquela coisa: "Você não precisa saber tocar para subir num palco". Então, todo mundo formava banda. A gente não era situacionista, nem anarquista. A gente falava sobre certas coisas, mas basicamente eram diversão, rock'n'roll e sexo. O pessoal mais 203

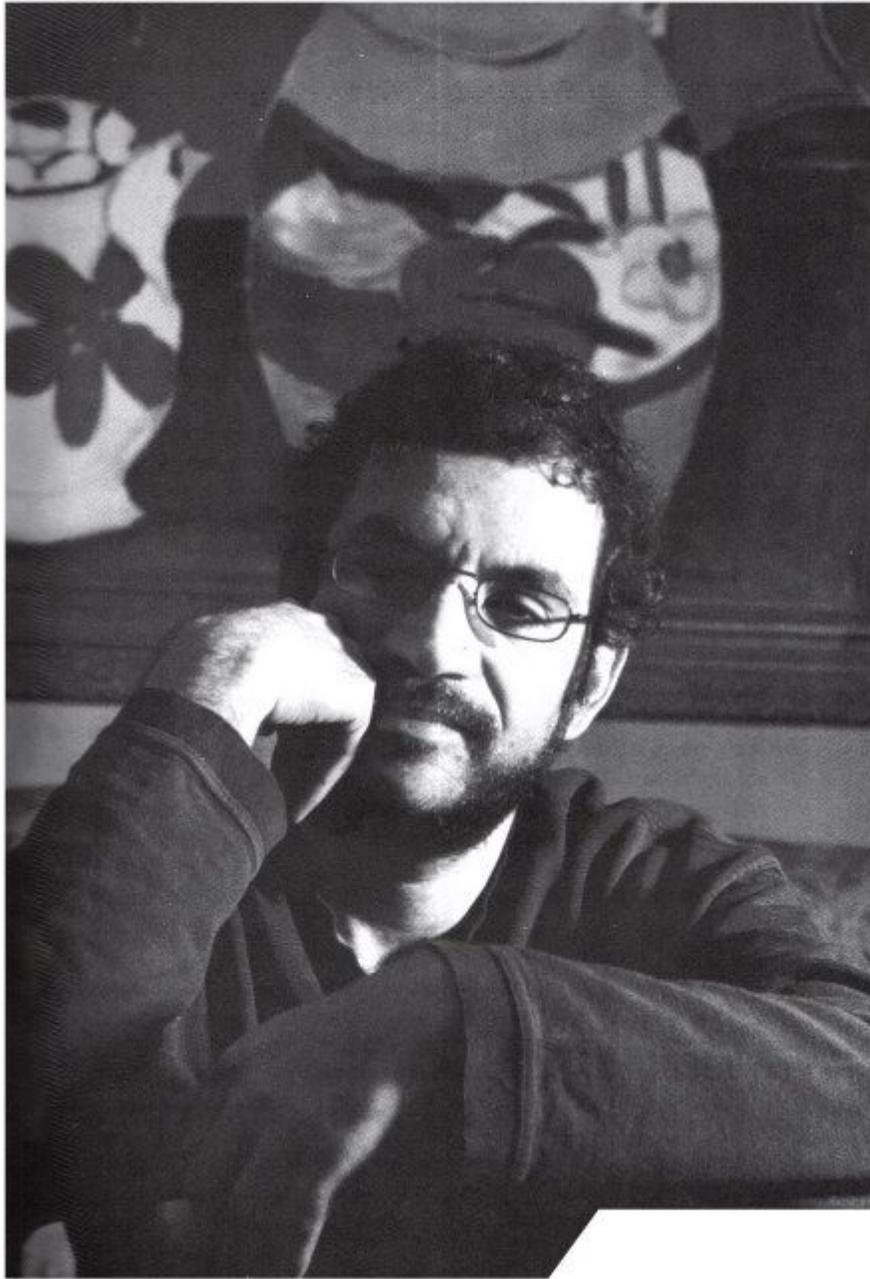
conscientizado era o de São Paulo e Rio, como o Coquetel Molotov. Tinham pessoas que chamaram atenção para o movimento punk. Aí, começou toda aquela questão de ser punk, ser traidor do movimento. Para a gente, não era bem isso, não. O negócio era rock'n'roll: subir, tocar e vamos embora. Tanto é que eu ouvia Bob Dylan e ouvia Sex Pistols. Ouvia Public Image e ouvia, sei lá... Jefferson Airplane. Se eu gostava da música, eu ouvia. Deixei de ouvir muita coisa, porque realmente não dava para ouvir Sex Pistols

e continuar ouvindo.. sei lá, Yes. Mas, hoje em dia, eu voltei a ouvir Yes.

(1994)

■ Minhas bandas favoritas eram o Gang of Four, PIL e The Cure. Eu usava roupa tipo Joy Division, suéter assim. Aí, de repente, tinha aquele pessoal com visual punk. As meninas se vestiam mais tipo B-52's. A gente fazia roupa punk. Eu fui preso por usar roupa punk. (1994)

■ O punk foi muito importante. O que é impressionante é perceber que o punk foi mais importante do que eu achava que era. Eu tive a sorte de participar. Mudou o mundo pop completamente, de uma maneira que só os Beatles, os Rolling Stones e a "invasão britânica" conseguiram. (1995)



Q

QUALIDADE

■ Tem uma coisa que acontece com o meu trabalho e com o trabalho da Legião Urbana — eu não sei, talvez esteja enganado. Mas é como se tudo o que a gente faz desse certo. Então, as pessoas não se esforçam...

Elas têm um jeito de trabalhar muito mais leve e solto do que eu gostaria.

Comigo é sério, tem que ser a melhor coisa que já foi feita. Nunca vai ser a melhor coisa que já foi feita; a gente sempre vai ter dúvida. Mas é aquela tal história: "Ah, é Legião. Vai dar certo!". Depois, o disco vende um milhão de cópias, e tudo bem. Mas ninguém sabe pelo que a gente passou. É uma coisa que tem um pouco aqui no Rio de Janeiro, e acho que um pouco no Brasil. Ora, bolas, desde que eu tinha 8 anos de idade, a única coisa que eu queria era tocar numa banda de rock'n'roll! Eu não vou abrir mão de nada, porque é uma coisa que eu gosto de fazer. Eu não penso em vendas, eu penso num resultado de qualidade. (1995)

'QUANDO O SOL BATER NA JANELA DO TEU QUARTO' [faixa do disco As Quatro Estações]

- Eu sou muito ligado aos anos 60. Esta música tem uma sonoridade bem 60, terminando com uma guitarrinha à la Byrds. Até bem pouco tempo atrás, a gente realmente acreditava que poderia mudar alguma coisa. Depois, percebemos que não ia dar mais para mudar, mas continuamos acreditando. (1989)

- Em "Disciplina é liberdade", eu estou falando de autodisciplina. Se você pensar numa relação sujeito—objeto, é fascista; mas, numa relação sujeito—sujeito, não é. Não é "eu vou disciplinar você". A natureza é 207

disciplinada. Eu preciso de muita disciplina! Fica tão bonito escrito "Disciplina é liberdade". E é uma inversão do double think do 1984 [livro de George Orwell]:

"Liberdade é escravidão", "Ignorância é força". Se você tiver um conceito legal de liberdade, imediatamente surge uma idéia positiva. Mas eu acho bacana que as pessoas se preocupem. O que mais me chama a atenção nessa música é: "Lá em casa tem um poço, mas a água é muito limpa". (1990)

'AS QUATRO ESTAÇÕES'

- Quando as músicas deste disco começaram a ficar completas, entrei em pânico. Eu realmente não sabia o que falar. Mas, gradualmente, conseguimos

ter

a

disciplina

necessária

para

que

nossa

inquietação

pudesse se transformar em letras. E isso gerou um disco com letras superespirituais. Poderia ter sido um LP das inquietações de um pseudo pop star num país de Terceiro Mundo, mas preferimos canalizar tudo para o lado da emoção. São músicas sobre coração, espírito e Deus.

(1989)

■ O Lou Reed, por exemplo, mostra problemas, desesperos, mas não mostra soluções. Eu queria apontar um caminho. Este é um disco de padre — eu fui padre na outra encarnação. Eu sinto necessidade de dizer para as pessoas não ficarem desenhando

diabinhos, porque, para ouvir heavy metal, não é preciso desenhar o capeta. A gente precisa olhar para Jesus. (1989)

- Se formos coerentes, diria que é nossa versão das bandas Fiction and Romande e PIL, coisas que nossos roqueiros amigos já fizeram há três anos. Mas, como somos atrasados, fizemos agora. (1989)

- O novo disco é todo político. Neste disco, a gente está falando do espiritual, e hoje em dia não existe nada mais político, para mim, do que o espiritual. Aliás, acho que esta é a questão crucial hoje em dia: a questão de você com seu lado religioso. (1989)

- Eu acho que, ao invés de a gente esquecer os anos 60 — como rolou nos 70 e, principalmente, nos 80 —, você pode pegar os ingredientes 208

que geraram aquele espírito e adaptá-los à prática de hoje em dia. Nesta década, foi um tal de bandas dizendo que voltaram aos 60 em busca daquela sonoridade, mas não voltaram, não. As Quatro Estações, por exemplo, mostra como você pode fazer uma coisa parecida, entrando nos 90. A temática deste disco não é tão diferente da usada por alguns conjuntos e cantores dos 60, como Byrds, George Harrison e até Jimi Hendrix, sei lá. Eu queria retomar, pelo menos para mim, aquele espírito, para poder voltar a acreditar em alguma coisa. (1989)

- Gostaria que o disco fosse sobre ciclos, a perda da inocência. Seria basicamente isso: primavera, verão, chega o outono e caem todas as folhas. E, no inverno, fica a árvore toda daquele jeito. É

como se a gente estivesse chegando no inverno. Mas, aí, vem vindo a primavera de novo.

Quer dizer, você pode escolher ter uma nova primavera. A maior parte das pessoas que eu conheço fica no inverno, e eu acho ser este o maior problema delas. (1989)

■ Desta vez, eu citei as fontes para que as pessoas não pensem que tiro isso de minha cabeça. Mas Camões, a Bíblia, Buda já dizem as coisas de uma maneira completa. A gente queria fazer um disco que fosse um disco amigo, um alento, que tentasse trazer paz de espírito. (1989)

■ Quando

nós

entramos

no

estúdio,

não

levamos

nenhum

material.

Fizemos as músicas simultaneamente com as gravações. Sei que, a princípio, parece que não mudamos muito, mas a proposta agora é mais leve, é mais branda. Nós não estamos falando de religião, estamos falando do lado espiritual do ser humano. Não estamos falando que Deus existe ou não existe. O disco não lida com a questão da existência de Deus, e sim com a idéia de Deus. O disco não é de catecismo religioso. Tem gente que gosta de dizer que "mulher é tudo vaca". Nós preferimos dizer que "ter bondade é ter coragem". (1990)

'QUE PAÍS É ESTE' [faixa do disco Que País é Este (1978/1987)]

■ Aquela pergunta não é uma pergunta, é uma exclamação! Porque quem me diz que país é este são as pessoas que vivem aqui. A gente tem um material fabuloso a ser trabalhado aqui no Brasil. A gente percebe 209

certas coisas: tem muita gente trabalhando, tem muita gente fazendo muita coisa boa.

O Brasil é também um país do Primeiro Mundo. Aqui, num raio de dez quilômetros, vai ver quantas locadoras de vídeo têm. É Primeiro Mundo também! Agora, só para uma parte das pessoas. (1989)

'QUE PAÍS É ESTE (1978/1987)'

■ A gente não fez um disco pensando que essa ou aquela música pudesse ser tocada no rádio [referindo-se à proibição de execução pública de Conexão amazônica e Faroeste caboclo]. O que se deseja é que as pessoas que gostam da gente comprem o disco e o tenham em casa. O material pintou completo e não poderíamos, de maneira nenhuma, tirar fora essas duas músicas. (1987)

■ O sucesso desse disco é uma honra! Quem diria? Isso é para explicar, de uma vez por todas, que não gravamos músicas antigas só para ganhar dinheiro. Tivemos cuidado com o produto, da capa ao papel. (1988)

■ Eu fiquei surpreso. A Folha pichou, chamou de "esquálido" e

"primitivo". Não deixa de ser surpreendente o que está ocorrendo. A gente vai no Globo de Ouro e vêm a Rosana, o Wando e depois, em primeiro lugar, a Legião. Acho que tivemos uma transição superequilibrada e harmoniosa. (1988)

■ Faroeste caboclo foi escolhida a melhor música de 1987 pela Bizz e Que país é este foi a eleita pelo público da revista. Sem contar que fomos eleitos a melhor banda pelo Jornal do Brasil. Foi um trabalho que deu certo. (1988)

■ Na verdade, estávamos gravando outro disco, que seria o terceiro, mas resolvemos parar porque, intuitivamente, sentimos que aquele disco não era para o momento. Eu também não estava muito a fim de escrever letras. Então, como já estávamos no estúdio, com tudo ligado e produtor em cima, pintou a idéia de gravar as músicas

antigas, pegando mais duas novas composições para que o trabalho viesse até 1987. Ficou legal.

(1988)

210

R

RADIALISTA

■ Foi hipertriper careta, um emprego mesmo [seu trabalho numa rádio em Brasília]. Foi assim: tinha um programa de jazz, e eu fiquei superanimado porque fui chamado para fazer esse programa. Mesmo o jazz não sendo meu tipo de música, eu ia poder trabalhar, escrever textos.

Duas semanas depois, o cara veio reclamar comigo: "Olha, Renato, você não entendeu muito bem". Tinha de tocar Ella Fitzgerald, Summertime

— para o pessoal lá dos ministérios, que chega na hora do almoço em casa, liga o rádio e ouve duas horas de jazz-muzak. Era exatamente o que tinha que fazer, aquela coisa horrível! Tudo bem, eu lá dando a biografia do Chet Baker, falando que ele era viciado, e o cara no meu pé: "Não, Renato, menos falatório e mais música". Bem, resolveram me dar outra chance e fizeram um programa dos Beatles. E eu: "Oba! Está para mim!". E era um tal de tocar Revolution e tudo. E novamente o cara veio falar comigo: "Renato, você não entendeu. É para tocar Yesterday, Michelle, essas coisas. Rock pauleira, não!". E aí eu fui despedido. Eu era meio rebelde,

ficava dando muitas sugestões, mudava as listas — eu ia até a discoteca e trocava tudo! (1989) RÁDIOS

■ Aqui no Brasil, a gente já tem algumas rádios alternativas. Mas a maioria das rádios está no esquema do boss radio. B-O-S-S, que é uma coisa que aconteceu no final dos anos 60 nos Estados Unidos, que é seguir uma forma. Você tem a lista das 30 ou 40 músicas que são sucesso; então, é repetir essas músicas ad nauseam, mais e mais e mais, até encher o saco e vender o produto. O disc-jockey não tem personalidade, quase 211

não fala nada, e é aquela coisa: "Pois é, gente, então agora vamos ouvir o sucesso da rádio KJYZ, não sei o quê. Aqui, vocês sabem, é só sucessos". Então, o que uma rádio toca, todas as rádios vão e tocam atrás. (1985)

RAZÕES

■ Não aconselho ninguém a ir fundo. Ao mesmo tempo, não mudaria nada, porque acho que tudo acontece por alguma razão. (1994) REBELDIA

■ Já passou o tempo da rebeldia espontânea. Hoje, eu estou mais interessado em dizer coisas novas, e não as mesmas coisas que eu escrevi antes. Nas letras, duas frases podem valer por uma canção toda. (1989)

■ O meu objetivo, no início, não era chocar as pessoas como o Sex Pistols. Meu objetivo era falar sobre as coisas que eu estava

vendo e que me deixavam desesperado. Hoje, não preciso falar mais nada, não preciso ser rebelde. (1994)

■ Eu tinha uma postura tão contra tudo e contra todos que, se você me falasse "Não come isso que é veneno", eu chegava e comia mesmo. Eu sou ariano, eu aprendo dando cabeçadas. A minha serenidade, e até a minha própria insegurança, são um dom, porque eu sofri tanto! A questão é que eu não tinha que tomar droga coisa nenhuma, tinha que tomar na cabeça. "Sai desse canto, Renato, pára com tadinho de mim". Tadinho de mim? Foda-se! A vida é difícil mesmo. "Ah, eu sou poeta, artista..."

Foda-se! Não vou ficar incomodando os meus amigos. Eu tinha uma postura rebelde, completamente idiota. Eu achava assim: "Ah, eu estou destruindo meu próprio corpo e ninguém tem nada com isso". (1995) RECADOS

■ Um recado para os jovens: Lobão, eu, Cazuzza, quem quer que seja, a gente não vai mudar as coisas. Nós pegamos um violão, cantamos, mas isso não tem nada a ver com o mundo real. Música é música. Se vocês querem que mude, usem seu título de eleitor. Não fiquem cobrando 212

posição dos artistas. Se eu quisesse mudar o mundo, não estaria numa banda, e, sim, no Projeto Rondon, tinha me filiado a algum partido político. Esqueçam essa história de formar banda para se expressar. Se vocês quiserem falar que o céu é azul, lindo, e que brigaram com a namorada, tudo bem. Mas, se querem resolver os problemas do país, em vez de pegar uma guitarra, entrem para um partido, vão trabalhar, sejam honestos e mudem as coisas.

Rock'n'roll é para a gente conseguir dinheiro, sexo e diversão!
(1989)

- Recado para o público: amem a Legião Urbana. Estamos do lado de vocês. (1993)

REDE GLOBO

- Eu gosto muito de fazer imprensa, mas a gente não faz clipe. É muito raro a gente fazer Rede Globo. É muito raro. Agora, também acontece de a gente fazer o clipe de Perfeição e ele ir direto para o Fantástico. A Globo é importantíssima. (1995)

REGRAS

- Isso é da minha formação. Eu não nasci com uma visão de saber as coisas como elas são. Eu só vou saber se alguma coisa é quente porque eu conheço o frio. Eu me coloco limites, trabalho muito assim. Tem até um amigo meu que fala: "Hum, Renato, você e suas regras!". Mas, ora bolas, é a minha formação: eu sou classe média e regra do começo ao fim. (1995)

REI DO ROCK

- Não gosto de acreditar nisso, não. É aquela tal história: as pessoas estendem a mão para, depois, empurrar. Não esqueço isso jamais.

Também não acordo pela manhã, me olho no espelho e digo: "Bom dia, reidorock!". (1991)

RELACIONAMENTOS

- Eu adoro falar sobre relacionamentos humanos, e é isso que eu vejo: 213

a solidão, as pessoas que se escondem. Quantos casamentos eu conheço que não deram certo porque as pessoas não se entendem, não se conhecem! (1990) RELIGIÃO

- Sou católico apostólico romano, mas eu detesto... A minha Bíblia está na minha mesa de trabalho. Agora, eu não tenho tido muita vontade de entrar numa igreja, porque certas igrejas transmitem paz, mas em outras eu fico pensando: "Meu Deus, quem é que varre isso? Aqui é tão feio, tão sujo. Olha como eles são pobres! O Vaticano com tanto ouro e eles ficam com essas estatuazinhas velhas". Acho que você pode pegar os ensinamentos da religião e aplicar isso dentro de casa, com seu pai, com sua mãe, sua esposa, seu filho, e com quem trabalha com você.

(1989)

- Eu acho que existe um lado de autoconhecimento de que todo ser humano precisa, como a gente precisa de comida e água. É aquela bobagem: "Quem sou eu, para onde vou, o que estou fazendo aqui?".

Até agora, essas coisas eram território da religião. Só que eu acho que, hoje em dia, a religião — a religião organizada — está

totalmente desacreditada, mas a necessidade continua. E eu estou sentindo, nessa questão da ecologia, todo um impulso de autopreservação que é ligado, eu acho, à sua emoção, ao seu sentimento puro. Você com o Criador, quem quer que seja Ele, mesmo que Ele não exista. (1989)

■ Tirando a política, acho que a força motriz da sociedade é a religião.

Não confundir religião com igreja. Eu concordo cem por cento com o que Cristo falou. Aliás, eu tenho dificuldade com isso, porque sou um pecador. (1990)

■ Sou batizado pela católica apostólica romana. Não sigo, mas tento.

Acredito na espiritualidade das pessoas. (1994)

REMÉDIO

■ Eu estou evitando remédio. O melhor remédio hoje em dia, para mim, é sexo, amor e saúde. (1994)

214

RENATO ROCHA (Billy ou Negrete) [ex-baixista da Legião]

- A gente continua amigo; não houve briga. Billy teve uns problemas particulares e a gente estava trabalhando sem ele já fazia um tempo, até que se resolveu pela separação. Ele está mais ligado no sítio dele e nas motos. (1989)

- Antes, estava difícil trabalhar, pois o Billy estava desinteressado, e isso acabava refletindo em todo mundo. A gente ficava falando: "Que coisa mais chata ficar no estúdio trabalhando! Quero voltar a estudar Antropologia ou História em Portugal!".

Quase larguei tudo. (1989)

- Ele já não achava tão divertido quanto antes. No início, era mais rock'n'roll, era mais festa. Com a alta vendagem dos nossos discos, a responsabilidade aumentou, e Billy preferiu escapar disso. A saída dele não foi tempestuosa, como disse um jornalista.

Ele foi saindo, saindo... E, quando demos por conta... Billy! Billy! E ele já tinha ido embora. Sabe aquela sensação de que a pessoa não está mais interessada?

Decidiu-se que seria melhor, para todo mundo, que seguíssemos só nós três. Aliás, era essa a formação original do grupo. (1990)

RENATO RUSSO

- "Teve a idéia de formar Aborto Elétrico, que JAERA. Acabou, fim, adeus, good-bye.

Continuou escrevendo e cantando

músicas

para quem

quisesse ouvir. Sabe de cor mais de 42 músicas dos Beatles (o que não é um grande feito) e é fã incondicional dos Vigaristas de Istambul (a banda mais honesta a aparecer e, depois, desaparecer). Escreve uma peça de teatro, é professor. Todos os professores e professoras, sejam bem-vindos!'. Não gosta de dentista, filas de espera, música de elevador, nem de gente falsa e/ou sem criatividade. Gosta muito de cinema e está atualmente preocupado com boatos de que a Terceira Guerra pode começar antes que ele cumpra sua promessa de ir a Mogi das Cruzes para se encontrar com seres extraterrestres. Como todo ser humano, é falso em casos de emergência, e todos sabem que não é nem um pouco criativo. Ninguém sabe, mas foi ele quem matou Sid 215

Vicious em 1432 a.C. [Trecho de um texto escrito por ele para registrar os primeiros passos da Legião Urbana] (1982)

■ Eu sou Renato Russo, eu escrevo as letras, eu canto. Nasci no dia 27

de março — eu sou Áries, ascendente em Peixes. Eu trabalhava com jornalismo, rádio, e era professor de Inglês também. Comecei a trabalhar com 17 anos, mas, de repente, tocar rock era uma coisa

que eu gostava mais de fazer. E, como deu certo, eu continuo fazendo isso até hoje.

(1986)

■ O Renato Russo é o que dá entrevistas e batalha. O Manfredini fica dormindo o tempo todo. (1986)

■ Eu sou um monstro, não é? Eu sou arrogante, egoísta, ambicioso, pedante... Ah, eu me acho o máximo! Aí eu penso: Renato, você está dando uma de bonzinho, mas no fundo isso é vaidade, você é pior do que todo mundo. Meu Deus, e se for verdade? O Grande Arquiteto do Universo lá é que sabe. Eu tento. Eu sou muito jovem, isso realmente vem com o tempo, eu já não fico mais tão nervoso. Mas eu ainda sou desbocado,

impulsivo,

impaciente,

ansioso,

violento,

ciumento...

Eu

também arrisco bastante, e isso é uma coisa positiva. Eu sou tipo: ah, é para cortar o braço? Pronto, cortei; e agora? Eu não tenho medo de fazer certas coisas. Às vezes, você se queima, mas é uma qualidade. O

que eu quero é ter disciplina, controlar o lado das emoções desenfreadas, o mau humor. Eu percebo que as pessoas que se amam de verdade conseguem isso. Eu fico na dúvida: será que eu já amei alguém de verdade? Have I ever loved anyone? Sim e não. Aquela coisa de respeito mútuo, de respeitar o outro como parte de você e, ao mesmo tempo, como um ser totalmente diverso, é quando pinta o amor de verdade, que é cada vez mais raro. Mas é uma coisa que eu quero trabalhar. A partir do momento que você consegue isso com uma pessoa, você vai estendendo para as outras. Energia chama energia — "Dize-me com quem andas e eu te direi quem és". Mas falar é tão lindo, eu vou sair daqui e vou fazer a estupidez de sempre. Eu gostaria de disciplinar este plano, de ser uma pessoa forte, no sentido de ter segurança. Se você quer ter alguém em quem confiar, confie em si mesmo. Sei lá, muitas vezes você entra em cada depressão por causa de babaquice... (1987) 216

- Renato Russo é um personagem, não é? Ele que pense alguma coisa sobre o assunto. (1988)

- Tem gente que acha que eu sou inteligente. Tem gente que acha que eu sou rebelde. Tem gente que acha que eu escrevo bem. Tem gente que acha que eu sou uma farsa. Não se pode agradar a todos. (1988)

- Gosto de Billie Holiday e Rolling Stones. Gosto de beber para caramba. De vez em quando, um milk shake. Gosto de meninas,

mas também gosto de meninos. Todos dizem que sou meio louco. Sou roqueiro, um letrista, mas alguns dizem que sou poeta. (1990)

■ Não é para Renato Russo comprar briga. Ele está escondido nas montanhas. Você me coloca tipo assim como Big Foot, entendeu?

"Ninguém nunca o viu, mas nesta noite eu tive a chance"... Sabe? Você descreve como é que eu estou, com a barba cheia, completamente jogado, e não sei o quê. Mas é que eu trabalho, não é? Durante a semana, eu não saio do telefone... Meus amigos até reclamam. Eu não ligo mais de tarde, é impossível. Vejo uma coisa aqui, outra ali e outra acolá, ligando

e,

de

repente,

pintando

aquela

conversa

supergostosa

e

importantíssima para o projeto e que dura 50 anos, apesar de estar cansado e querendo pensar no que vou comer. Ah, valha-me Deus!

(1996)

■ Agora eu não estou muito legal. Você nota como é que eu estou... Eu estou bem, eu sou uma pessoa que está bem. Quer dizer, neste exato momento, eu estou legal, mas meu processo é muito complicado. Eu fico bem de manhã e fico mal de tarde. Hoje de manhã, eu estava supermal, estava lá pensando nas minhas coisas. Eu não sou filhote de Dostoievsky,

entendeu?

Meu

temperamento

e

meu

caráter

são

assim,

ora bolas. Existe é uma tradição, os medievais começaram a estudar isso. Eu sou mais de um outro tipo de pessoa, sinto muito. Eu não estou especialmente a fim de dançar a dança da garrafinha! Eu não acho isso divertido. Ainda mais porque eu posso levar 25 pontos na vagina, querida!

As minhas únicas duas bandas favoritas que sobraram são Cowboy Junkies e Jesus & Mary Chain. Quem quiser ouvir, que ouça e tire suas conclusões disso. (1996)

217

REPETIÇÃO

■ Tenho pavor de me repetir. Não estou a fim de falar de enchentes, Aids, governo. Quero cantar canções de amor. Já desisti de fazer músicas para salvar o mundo. Eduardo e Mônica estão divorciados. (1988) RESTAURANTES

■ Madame Butterfly, Viethay e Enotria. (1994)

ROBERT SCOTT HICKMON

■ Foi ele que pintou essas paredes [do apartamento onde morava, em Ipanema]. Vivemos juntos aqui. Ele era gay de carteirinha. Morava na Market Street, em São Francisco. Lá, o padeiro, o açougueiro, o dentista, todos são gays. Eu o conheci em

Nova York, em 1989: lixeiro, com uma mochila nas costas, numa atitude de coitadinho. Ele veio comigo para o Brasil em 1990, voltou para lá e retornou para vivermos juntos. Mas aí, você sabe, todo gay é macho. Ele achou que podia passar por heterossexual. (1995)

- Bem, ele era white trash: branco, pobre, filho de mãe alcoólatra, pai que espancava, tudo de pior... E, de repente, achamos que um podia ajudar o outro. Nos apaixonamos. O plano era que ele me desse uma força para que eu parasse de beber. E eu daria uma força para ele parar de tomar speed [anfetamina]. Eu só parei na segunda vez que ele veio, porque peguei hepatite. Quase morri. (1995)

- Ele era o atleta, o belo, o prático, consertava coisas. Aquela mesma coisa do Zé Eduardo [o primo com quem teve seu primeiro caso homossexual]. E eu era o cara dos livros. O Scott era disléxico, problemático,

lindo,

louro...

"Que

maravilha",

eu

pensei,

"que

coisa

romântica". Mas

ambos

tínhamos

coisas

muito

mal

resolvidas. Fizemos

terapia de casal. Não funcionou, porque ele tinha uma culpa enorme quando chegou ao Brasil. Ele se achava um cidadão de segunda classe, por ser semi-analfabeto, ter um histórico de criança de reformatório, de orfanato, que — bonita — sempre encontrava homens maravilhosos 218

para tomar conta. No gueto, o problema dele não aparecia. Aqui, foi bem aceito pelos meus amigos, que me respeitam. Mas, de repente, aflorou o lado macho, e ele passou a sofrer por não ter

emprego, não conseguir trabalho. Foi em 1990, o Collor tinha roubado o dinheiro de todo mundo. E ele tinha que me pedir dinheiro. Aí tentou provar a masculinidade transando mulher. Como a gente estava nessa de liberar o corpo, achei que tudo bem. A gente não estava casado e queríamos fugir desse modelo hetero de ficar preso. Eu tenho um filho, imagine! Cada um com sua casa e sua vida.

Mas degradingolou. (1995)

- Ele me disse que, mesmo sem atração, transar com mulher lhe dava sensação de força. Era mais fácil para ele ser hetero e batalhar a vida, do que tentar ser gay e digno. Voltou para os Estados Unidos e nunca mais o vi. (1995)

ROCK

- Rock é uma atitude, não é moda. É música da África; não é música americana. Tem no mundo inteiro. (1983)

- Para mim, rock'n'roll é tocar, se divertir, fazer o maior auê e ir embora.

(1986)

- Hoje, se você faz rock, basta bater na porta de uma gravadora e dizer que tem uma banda. Eles vão te perguntar logo se é de rock; aí, você diz que sim. "Vem cá, meu filho, mostra aqui para a gente o seu trabalho"

— é assim que vão dizer. Aí, se você tem qualidade, pronto. Os caminhos se abrem porque tudo funciona em torno de grana. Rock, hoje, é grana alta. (1986)

- Hoje em dia, até os pais estão querendo que você tenha uma banda de rock. (1987)

- Aí o cara chega e fala: "Pô, rock'n'roll é uma barra, é um trabalho".

Trabalho o 5! No dia em que rock'n'roll for trabalho, então, não é mais rock'n'roll. Eu tinha três empregos para ter dinheiro para comprar uma guitarra, porque a única coisa que eu queria fazer na vida era ficar com 219

a minha guitarra, brincando, o dia inteiro. Não era uma barra. Mas vai explicar isso para as pessoas! Elas vão dizer que eu sou pedante. (1987)

- Rock não é night club. O povo desmaia mesmo, em tudo que é show, não é só do RPM. Só que o artista precisa estar atento para não perder o contato com o público, não ficar só lá de cima, ouvindo o pessoal gritando seu nome. (1987)

- Eu acho que o rock ainda é um grande meio de expressão. Não tem nada maior do que ele. (1988)

- O rock é uma coisa limitada. Lou Reed, John Lennon, Keith Richards, todos já disseram isso: depois de um certo momento, têm

certas coisas que não se encaixam bem no rock. As pessoas assimilam, mas entra por um ouvido e sai pelo outro. (1989)

- Atualmente, o rock só vai mudar alguma coisa se puder servir de instrumento para seus ouvintes. Você pode pegar o rock como uma disciplina e crescer, conhecer o mundo, conhecer a si mesmo. Entrar num processo intelectual. O rock é algo que tem história. Eu tenho quase certeza de que, se eu estivesse com 17 anos hoje, não seria rock'n'roll, baby. Iria fazer outra coisa. Talvez quadrinhos, vídeo ou batalha política mesmo. (1989)

- O rock tinha mais expressão. Hoje, como um todo, ele está baleado.

Mas acho que, enquanto houver um garoto querendo tocar uma guitarra para ganhar as meninas e agitar, o rock vai existir. (1989) De todas as expressões musicais, o rock é o que mais depende de tecnologia, de dinheiro. Hoje em dia, o rock tem uma certa atitude, ele não é mais só música. E isso envolve muita, mas muita grana. E, num país que está mal, como o nosso, é claro que quem não tem estrutura dança. Muitos jornalistas vivem falando que o rock é uma raça em extinção. Eu gostaria de saber o porquê. Queiram ou não, estamos vivos, muito vivos! Até revistas de rock andam assinando embaixo. Mas, se isso realmente acontecer, todas essas pessoas vão perder o emprego.

Ou você acha que as publicações roqueiras vão entrevistar Leandro e 220

Leonardo? Eu duvido. Estou realmente desgostoso. A impressão que tenho é de que as pessoas estendem a mão só para empurrar

depois. Não é possível que tudo o que foi feito até agora tenha acabado. E quem é que decide isso? (1991)

- O rock é, talvez, o único meio que a minha geração tem para se expressar. O jovem não lê mais, não estuda mais, a gente não tem abertura na TV.. E também nunca dissemos que o rock é a coisa mais importante do mundo, que somos superespetaculares. Eu não me acho poeta e sempre afirmei que não sabíamos tocar. (1991)

- Queiram ou não, o rock é sempre uma psicanálise. Você fala de sua vida, se coloca nas coisas. É divertido formar uma banda, mesmo que o pessoal hoje esteja mais interessado em imitar anúncio de TV. As pessoas que fazem arte respeitam mais o direito dos outros. Lêem, se interessam por informação. (1993)

- Não é possível fazer rock'n'roll com espírito adulto e maduro. Este é o problema. (1994)

- O rock é muito adolescente. É sobre as dúvidas e a sexualidade adolescentes e sobre autopiedade — como eu sofro e ninguém me entende. (1994)

ROCK BRASILEIRO

- O rock é universal, sem dúvida nenhuma. Mas um amigo sueco que assistiu ao nosso show falou que nosso rock é mais para cima, mais envolvente. Então, a gente conclui que há um rock brasileiro, sim, o que não quer dizer que o rock perca, com isso, sua característica universal enquanto tipo de música. (1986)

Se você pegar a carreira da Rita Lee, verá que ela é muito mais bem documentada que a do Capinam, e eles eram contemporâneos. O rock é uma arte bastarda que está ligada ao mecanismo de massa, à informação,

documentação.

Não

é

como

Herivelto

Martins,

Noel

ou

Pixinguinha, sendo que os dois últimos morreram e a gente não sabe 221

mais nada. Se você quiser saber o que foi a Bossa Nova, que foi um movimento muito mais importante, não vai ter informação. Eu já vi retrospectiva da Legião Urbana na televisão. Quer dizer, são

informações de arquivo e a gente tem apenas três anos de carreira. A geração do rock coleciona muito, preza muito a informação, é o maníaco de história em quadrinhos. Outra contribuição do rock é a possibilidade de o jovem brasileiro se conhecer e perceber que, mesmo dentro da igualdade de um protótipo — todos eles usam jeans e vão ao shopping center —, existem diferenças regionais. E se pode ter um retrato mais amplo da juventude brasileira. De repente, tem um conjunto que fala daquilo que você sente e é o mesmo que as pessoas sentem. E

descobre que não está sozinho. (1988)

■ Éramos filhos de classe média, com casa, comida, papai e mamãe, e falando mal de tudo. Mas vingou porque o pessoal do Rio de Janeiro, quando foi reclamar das mensalidades das escolas, cantou músicas da Legião, do Ultraje, dos Titãs. Então, todos aqueles ataques feitos ao rock — de que era sem consciência, irresponsável — caíram por terra.

A garotada cantava Que país é este, Inútil, do Ultraje, ou Desordem, dos Titãs. (1988)

■ É curioso, porque todas as pessoas de fora que conhecem um pouquinho de rock dizem que o rock brasileiro — porque, aqui, dizem que é cópia do rock americano, inglês, mas não é — tem uma coisa que dá para perceber na hora. E não é o vocal cantado em português.

É uma vibração, um frescor — freshness, como eles dizem —, que lá fora não tem mais... Fazer as coisas, nas condições em que nós estamos, continuar

trabalhando,

continuar

acreditando,

é

uma

prova

de

valor.

Acho que continuarmos existindo já vale. (1988)

■ Eu trabalho nisto e não considero o meu trabalho uma piada. O

rock, a meu ver, é um estilo de vida, uma forma de pensamento.

E

 você se utiliza dessa forma musical para expressar idéias. Então, basicamente, o rock não é só música. Cada artista tem a sua imagem, a sua linha. Cada pessoa vê e produz a coisa a seu modo. O que eu acho é que o rock é uma bobagem, não uma piada. Porque têm coisas 222

mais importantes na vida do que rock'n'roll. Eu tenho muito medo de ser levado a sério demais, de as pessoas me chamarem de messiânico. Isso tudo é uma bobagem, porque rock é para você se libertar dos problemas, rock é entretenimento. (1991) ROCK X MPB

■ Acho que rock não pode ser delineado música brasileira, porque rock é música universal. Por ser uma música de massa da sociedade tecnológica do pós-guerra, é uma música feita por e para jovens, um pessoal que sempre esteve ligado em televisão, sempre esteve ligado em videogame. É a música da metrópole, é música da cidade, é um fenômeno universal, do planeta Terra. Onde tiver uma metrópole, vai ter rock, porque rock, na verdade, é você tentar se expressar artisticamente, de uma certa forma, falando na beleza da cidade. É

você realmente ver música onde as pessoas mais antigas não vêem, porque não estão acostumadas com isso. Então, é você ver música na fumaça, é você ver música no ritmo das pessoas, nos arranha-céus.

Rock é um tipo de música que atende à necessidade de um determinado grupo de uma determinada faixa de idade. Os artistas que fazem MPB procuram uma expressão universal, no sentido de que estão falando para todas as pessoas. No rock, estou falando de certos problemas que, por eu ter esta idade ou certas experiências, uma pessoa de 40 anos não vai ter: problemas de identidade sexual, problemas de chegar em casa e querer ter o carro para sair e não ter dinheiro para pagar o gás, coisas específicas da idade. (1985)

■ O pessoal da MPB não segurou a peteca. Todos eles se acomodaram, e falam muito mal do rock. Não é comprar briga, mas eu gostaria de deixar uma coisa bem clara: o Fagner fala que o pessoal da geração dele tem mais cultura. Aí, eu coloco justamente essa questão que o Jornal do Brasil falou — não é o Renato Russo que está falando, eu estou simplesmente repetindo uma coisa que eu considere um achado genial. O Fagner disse que o pessoal da geração dele tem mais cultura, mas, pelo menos, da nossa geração ninguém roubou poesia da Cecília Meireles para colocar em música, sem pagar direito autoral. A gente 223

tem a nossa cultura, mas a gente não faz esse tipo de coisa. E, sabe, a gente não precisa ir para os Estados Unidos para gravar um disco que vai custar 800 mil dólares, como fez o Djavan. Não tenho nada contra, mas é a tal história: não seguraram e não seguraram.

Por que Caetano está tocando Shy moon na rádio? Por que Gilberto Gil está aí ainda? É

porque eles acompanham, eles são artistas de verdade, e estão acompanhando o momento presente. (1985)

■ Eu acho essa discussão MPB versus rock uma coisa duplamente ridícula, porque isso implica na ignorância do que é realmente o rock'n'roll. Rock'n'roll é uma música de jovens para jovens. Ao passo que a gente não pode chegar e dizer que a MPB é uma música de velhos para velhos, porque isso é uma coisa ridícula e, também, porque o artista popular brasileiro — que vai desde Tom Jobim até talvez Sidney Magal ou Roberto Carlos, não sei — procura a expressão no termo mais aberto possível. Então, por exemplo, o Milton Nascimento cantando Travessia... É um tema estritamente

rock'n'roll. A letra de Travessia, se você pegar, é uma fase por que ele estava passando, mas é feita de certo jeito que até uma pessoa de 70 anos pode assimilar.

Esta seria a vantagem da MPB. Agora, se ele pegasse aquilo e fizesse no contexto do rock, como a Rita Lee já fez, então fica mais restrito.

Por isso é que não se pode comparar MPB com rock. Esta comparação só é feita porque os meios de massa pelos quais o rock é divulgado —

e é produzido, e é massificado — no Brasil são justamente meios que não fazem essa separação. No Brasil, eles colocam tudo dentro do mesmo saco. (1985)

ROCK X POP

■ O que acontece é que o rock, por ser um produto de massa, envolve justamente a gravadora. Todo artista de rock, além de tocar ao vivo, lógico, quer gravar um disco. Então, esta é a primeira dificuldade do rock no Brasil, porque você vai ter que enfrentar um esquema de gravadora, que é mais ligada ao pop do que ao rock. O pop sendo, no caso, música de consumo de massa. O rock, no Brasil, não é visto como uma forma de expressão artística do jovem. O rock, aqui, está 224

muito mais ligado ao aspecto do consumo, a uma cultura de consumo, ao mercado de massa. (1985)

- O rock já fez muita coisa pela cultura brasileira nesses anos todos.

Se não fosse por isso, acho que eu já teria ido embora. Uma coisa de bom que a cultura rock fez no país foi acelerar o processo de tribalização, de um lado, e, de outro, uma identidade planetária. Você marca diferenças, porque, enquanto o pop realmente é imperialista

— porque é um tipo de música feito para qualquer público e imediatamente assimilável —, o rock se destina sempre a segmentos localizados. É claro que fica um pouco complicado, porque muito rock se utiliza de elementos pop e vice-versa, mas a base é essa. (1988)

- O que eu sinto vontade de ouvir hoje em dia — você sabe, as pessoas vão me matar — é Mike and The Mechanics e Marillion. Eu descobri Marillion! Mais no sentido de ser o pop extremamente bem-feito. Eu, pelo menos, ouvi uma música na MTV e fiquei: "Poxa, que coisa interessante!". O pop me atrai. Eu acho que, durante muito tempo, criou-se essa coisa de "é punk", "é heavy metal", e tudo. E a gente se esquece de que, nos anos 60, por exemplo, o bom rock era pop. Rolling Stones, Jimi Hendrix, Cream — tudo era Top 10... Teve esse momento

— pelo menos até os anos 70 — dos pop charts. A movimentação comercial toda tinha muita coisa boa, mas aí teve esse cisma de artistas pop e de artistas rock. Isso agora está voltando, é uma coisa maluca.

De repente, você tem o Green Day — que está vendendo nove milhões de discos. Com o Nirvana, de repente, veio essa coisa toda de novo.

Eu só sei que existe uma sonoridade pop que o Mike and The Mechanics tem. E eu fico ouvindo aquilo e pensando: "Olha, que coisa boa!". Mas eu não ouço Lionel Ritchie... (1995)

ROMANTISMO

■ Sou muito romântico. Já fiz canções românticas para a Legião, e o meu primeiro disco solo, Stonewall, com músicas em inglês, também é romântico. Só que esse romantismo aumenta neste disco novo

[Equilíbrio Distante]: é um disco para namorar, relaxar. Meus amigos 225

nem ficaram surpresos quando viram o resultado, porque já me conhecem e, antes de gravar o disco, eu dizia: "Olha como são lindas essas canções italianas". (1995) ROMPIMENTO

■ "Você é bom demais para mim. Seja feliz". Pô, me diz que eu tenho mau hálito, que não gosta dos meus amigos, que não está mais a fim. Qualquer coisa, menos "você é ótimo e vamos ser apenas amigos". (1995)

ROQUEIRO

■ Ao invés de jogar futebol, eu ia ao cinema ou ficava ouvindo discos em casa. Depois que ganhei a fama de roqueiro, passaram a me achar o maior perigo, tipo assim: "Aquele ali é maconheiro". Nessa época, eu ouvia muito Pink Floyd, Gênesis, James Taylor. O lance com menina rolava mais por causa de música, não era bem um namoro e, ao mesmo tempo, era. (1986)

■ Se eu fosse jogador de futebol ou ator da Globo, estaria fodido.

(1996)

RÓTULO

■ Sempre achei que a Legião era uma banda de rock. Mas, quem ouve rock pesado diz que a gente é MPB. Isso não importa: rótulo é para remédio. (1994)

ROUPA

■ Uso jeans e camiseta. Quando é uma roupa mais sofisticada, peço ajuda às minhas amigas. (1994)

226

RPM

- É uma mentira esse negócio de dizerem que eu não gosto do Paulo Ricardo, nem do RPM. Ele é meu amigo, acho a banda ótima, uma das melhores, mesmo. Nem toda publicidade do mundo pode vender um produto ruim, pelo menos por mais de cinco meses.

Então, eles provaram que são bons. Eles entraram fundo nesse lado de imagem, mas cada um, é claro, tem direito a escolher seu caminho. Eu escolhi outro; mas, e daí? Não é por isso que vou crucificar suas músicas: sempre curti aquelas letras. Olhar 43, por exemplo, é uma obra-prima de sintaxe. (1987)

- O RPM foi uma banda muito importante, independente do que o Paulo Ricardo esteja fazendo hoje. Eles abriram caminho para todo mundo. (1994)

RUSSO

- Desde pequeno, eu tinha minhas bandas imaginárias. Ainda mais que eu sou fã do Fernando Pessoa e, quando descobri que ele tinha heterônimos, eu inventei logo os meus. Eu tinha uma banda chamada Forty Second Street Band, que era até com o Jeff Beck e com o Mick Taylor. Eu era um cara chamado Eric Russel.

Achava esse nome a coisa mais linda do mundo e, aí, eu era loiro e lindo e cheio de gatinhas. Depois, tinha o Rousseau, o Jean-Jacques [pensador francês]: eu gostava daquela coisa do nobre selvagem... Daí, tinham o Henri Rousseau, um pintor que eu amo, e o Bertrand Russel [filósofo inglês], que eu acho um cara muito legal. Ele escreveu uma coisa bacana, História da filosofia ocidental. Ele fala que a grande contribuição do século 20 — e o rock está incluído — vai ser a união de todas as nações em uma só. (1986)

■ Russo, porque Manfredini, que é meu sobrenome verdadeiro, não é muito sonoro. Já imaginou: "E agora, com vocês, Renato Manfredini Júnior!". Não dá certo. Além disso, quando a gente

227

começou, ensaiava na colina da UnB e tinha aquela coisa de achar comunista mau.

Então, fizemos o trocadilho com "tá russo". E, quando eu era pequeno, inventava as minhas próprias bandas. Meu alter ego se chamava Eric Russel. Mas, abasileirando, Erico Russo ficava estranho. Acabou Renato Russo. É forte, bom.

(1994)

228



S

SACRIFÍCIO

■ Os artistas pelos quais eu faria sacrifício para vê-los, hoje em dia, acho que eu não precisaria fazer, porque seriam o Jesus & Mary Chain e The Cowboy Junkies, que nunca vão ter um público de estádio. Desses de ginásio, acho que o Prince e o Bowie. Eu vou a shows assim, mas, por exemplo, o Paul McCartney veio, me deu uma birra e não fui. Às vezes, eu fico assim: "Vai ter tanta gente lá! É meu ídolo especial, eu quero estar só eu lá, assistindo". Se eu puder ir numa boa, e se eu sentir que a galera está legal e tudo, eu vou. Mas, às vezes, fica todo mundo: "Renato, Renato, autógrafo". Aí, eu não posso assistir. (1994) SALVAÇÃO

■ Eu não falo porque eu queira salvar ninguém; eu falo porque eu gosto.

Quem sou eu para salvar alguém? Eu é que tenho que me salvar. (1987) SÃO PAULO

■ Eu era o empresário da banda e não sei por que cargas d'água viemos para o Rio e aqui ficamos sabendo de algumas casas noturnas em São Paulo. E eu entrei em contato com o pessoal de lá — lembro que ficava horas e horas falando com a Fernanda [empresária da Legião Urbana durante um tempo e atual mulher de Dado], e ela já conhecia muitas bandas. Porque, mesmo entre as pessoas que sabiam de certas bandas, havia algumas — como Young Maible Giants, minha favorita — que pouca gente conhecia. E pintou uma superempatia, pois a Fernanda tinha morado em Nova York. Bem, e assim armamos apresentações em 231

São Paulo. Acho que eles gostavam, porque até hoje temos amigos lá. Se fôssemos uma banda ruim mesmo, não deixariam a gente tocar no circuito todo que fizemos: Woodstock, Clash, Paradise etc. Era bacana, porque tinha uma galera que sempre ia aonde a gente tocava. (1989)

- Eu nunca tinha percebido o lance de cidade mesmo, desemprego...

Isso me espantava muito. A gente morava bem e, em São Paulo, fomos parar lá no bas-fond, na sujeira. A Fernanda morava perto da Praça da República e era aquela coisa: você abria a porta da geladeira do apartamento de um cara e lá tinha só um litro de vodka. Coisa de junkie!

E eu: "Mamãe! Eu quero a minha mãe!". Era fogo, porque, gozado, a gente estava acostumado a acordar de manhã, geladeira cheia e, em São Paulo, íamos tomar um chocolate no boteco e falávamos: "Moço, põe mais um pouquinho de Nescau!". E ele: "Não, tem de pagar mais tantos cruzeiros". E a gente: "Por favor!". Vivíamos assim, de iogurte, on the road mesmo, dormindo no chão, super emocionante. (1989)

- Poxa, como o pessoal ajudou a gente! Principalmente em São Paulo.

Ajudaram com equipamento, com lugar para ficar. Hoje deve estar totalmente diferente. Às vezes, alguém me liga: "Renato, estou com uma banda e tudo". E eu fico pensando: "Que pena que não é

mais como antigamente!". Tinha muita briga — o pessoal de São Paulo brigava muito entre si. Tinha a história das mulheres dos Titãs, que brigavam não sei com quem etc. Mas, em relação às bandas de fora, o pessoal era amigo de todo mundo. O pessoal do Azul 29 ajudou a gente para caramba. Até as coisas menores, como pagar um milk shake ou dar uma carona para tal lugar. Ou explicar um pouco como funcionava a cidade.

Eu lembro das pessoas falando: "Olha, não liga, não. São Paulo é assim mesmo!". E a gente andando de metrô — parecia que estávamos na Alemanha. Porque em Brasília morávamos com os nossos pais. Éramos rebeldes e tal, mas domingo, três da manhã, voltávamos para casa. Em São Paulo, foi a primeira vez que tivemos contato com jovens da nossa idade que moravam sozinhos, que tinham um emprego, que tinham sua própria casa, sua própria vida, e ninguém mandava neles. Isso foi um lance muito importante para a gente. Ficávamos até sem graça de fazer certas coisas — uma coisa é você se rebelar em Brasília contra seus pais, e outra é você em São Paulo. Vamos nos rebelar contra o quê? (1989) 232

■ Lembro de quando a gente foi para São Paulo a primeira vez. Eu fiquei morrendo de medo: "Ih, olha, punk de verdade!". E a gente ficava olhando assim, aquelas pessoas com nariz furado e tudo. E, de repente, a gente descobriu que eles também achavam a mesma coisa da gente:

"Ih, olha esses caras de Brasília! Ih, meu irmão, esses caras são barra pesada". E era tudo jovem se divertindo, entende? (1994)
SAPATOS

■ Tênis ou bota. (1994)

'SE FIQUEI ESPERANDO MEU AMOR PASSAR' [faixa do disco As Quatro Estações]

- É uma situação onde a pessoa já levou tanta porrada que nem sabe...

"E me via perdido e vivendo em erro/Sem querer me machucar de novo/Por culpa do amor". Quando eu estou apaixonado, fica tudo uma maravilha. Mas tem que ser uma relação resolvida — a relação complicada, complexa e confusa deixa você mal de cabeça e realmente negativo. A música termina com aquela parte da liturgia católica cristã:

"Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo/tende piedade de nós/Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo/dai-nos a paz".

Depois é que percebemos que Cazuza já tinha feito uma colocação parecida, no Blues da piedade. (1990)

'SEND IN THE CLOWNS' [do disco The Stonewall Celebration Concert, composta por Stephen Sondheim]

- Esta música é a coisa mais brega que existe. É uma canção típica daqueles bares gays, e têm aqueles atores desempregados, um piano, e eles cantam "Send in the cloums", "The man I love"... E, depois, entra aquela marchinha tipo Fellini, mas é uma marcha militar, que remete para o ressurgimento do fascismo. (1994)

SENSACIONALISMO

- É preciso distinguir entre informação e sensacionalismo. Toda
233

informação que você quiser sobre a Legião está nos discos. Claro que existe uma curiosidade. Eu mesmo gosto de saber como é a vida do Axl Rose, mas não deixo isso dominar a minha vida. E nós vivemos numa sociedade em que não existe diferença entre a nossa vida e a das outras pessoas. (1992)

SENSIBILIDADE

- Eu sempre tive um espírito sensível e sempre tive que me comportar de uma maneira. De repente, aquilo estava me fazendo mal. Minha dependência de drogas tinha a ver com isso. Eu pensava: "Será que vou ter que ficar uma tia velha, será que eu vou ter que ficar sozinho? Será que tenho que desmunhecar, será que sou uma bicha louca?" (1994) SENSIBILIDADE GAY

- Por uma grande coincidência, uma semana antes de viajar [para Nova York, onde foi buscar informações sobre Stonewall], eu fui na Leonardo da

Vinci

[livraria

carioca

especializada

em

importados]

e

perguntei:

"Vocês não tem livro gay aqui, não?". Um deles era justamente um que eu estava atrás há um tempão: chama-se The gay spirit. É uma teoria assim... Existem duas facções: tem o pessoal que diz que a galera é totalmente diferente das outras pessoas e têm os que dizem que somos todos iguais, e que é só uma questão de opção sexual. O que este livro coloca é que existe uma sensibilidade diferente da sensibilidade heterossexual e que, ao contrário do que se pensa, na cama é igual. O cara transa com outro cara, a mulher transa com outra mulher. Fora isso, é igual. Aí, vem toda uma discussão sobre uma tal gay sensibility: existe uma sensibilidade gay, e que impacto ela tem na nossa cultura? A resposta: não existe nenhuma sensibilidade e ela tem um impacto enorme na nossa cultura. (1990)

■ Na minha opinião, o gay é anárquico, rebelde, tem uma sensibilidade diferente. (1995) 134

SENSUALIDADE NO PALCO

- Eu tento, não é? Adoro! Mas tenho o sex-appeal de uma velhinha de bob no cabelo e penhoar. (1991)

SEPULTURA

- Humildemente, considero o Sepultura a maior banda nacional, hoje em dia. Em termos de tudo. Eu nem entendo muito de metal, mas respeito o espaço que eles conseguiram, fazendo o que querem. Pode esquecer o tal triunvirato Titãs—

Paralamas—Engenheiros. Tem um trocadilho com o heavy metal no refrão de Metal contra as nuvens, que é assim: "Eu sou metal, raio, relâmpago e trovão/Eu sou metal, e eu sou o ouro em seu brasão". (1992)

- A postura deles é parecida com a da Legião, só a música é diferente. Dead embryonic cells, aquele clipe, é um escândalo! E eles são bonitinhos... Isso no rock conta! Você quer um bando de trolhas lá em cima? (1992) SEQÜESTROS

- Existe uma onda de seqüestros por aí. Me seqüestraram a vontade de viver há muito tempo. Esse é o resgate. (1990)

'SERÁ' [faixa do disco Legião Urbana]

- Será é imbatível. Acho que tudo o que a gente vai falar na vida está naquela música.

(1988)

'SETE CIDADES' [faixa do disco As Quatro Estações]

- Sete cidades fala do amor carnal. Sobre quem ama quem não está perto. É como se faltasse um pedaço. (1990)

235

SEXO

- Em Brasília, nas questões de sexo, por exemplo, eu era muito imaturo, ainda. Uma coisa que me impressionava em São Paulo é que todo mundo já era casado. Todo mundo transava livremente. Em Brasília, as pessoas namoravam e tudo o mais, mas era meio escondido — sexo era uma coisa que rolava, mas não muito. Em São Paulo, tinha essa maturidade de comportamento. Eu já tinha transado antes de chegar lá, mas a primeira vez que me senti como um homem — tipo "Agora sim, estou transando" — foi em São Paulo. Isso foi uma coisa muito importante para mim. (1989)

- Eu ligo mais para a amizade, principalmente agora, que eu tive o meu filho. Sexo por sexo, eu acho que nos anos 90 não pinta mais. (1990)

- Não sou nenhuma autoridade no assunto, mas acho que, se houver alguma diferença entre hetero e homo, ela está no grau de repressão de cada um. Se você pegar uma pessoa que não teve a

liberdade de trabalhar o seu lado de expressão afetiva, ela vai ser um horror na cama. Do tipo

"apaga a luz", "aí eu não quero"! A diferença não é hetero ou homo. É

de trabalhar o próprio corpo e de, hoje em dia, saber o que pode e o que não pode fazer. Têm certas coisas que só de camisinha, mesmo. De qualquer maneira, sexo não é uma coisa que você faz a primeira vez e aprende. O que eu posso dizer é que, quando a pessoa tem o espírito homossexual, ela erotiza muito mais a relação. (1994)

- As pessoas têm o direito de se expressar, de mostrar que existem amor, ternura, carinho e amizade entre elas. O modelo hetero oprime as pessoas. Está na hora de se respeitar os direitos dos que têm sensibilidades diferentes. E isso engloba o direito humano da escolha da sexualidade, que independe de ele ser homem, mulher ou turco.

(1994)

- Eu não acredito que uma pessoa tenha definição de sua vida sexual até os 25 anos. A pessoa não está formada. Para mim, isso é uma coisa absolutamente normal. De uma vez por todas: o que existe é sexo. Fui educado para ser honesto e sincero. Chegou um momento em que decidi 236

não escrever mais essas músicas, recebendo cartas de fãs e enganando meu público. Se eu sou de uma determinada maneira,

me aceite como sou. Se não gosta, problema seu.

(1994)

■ Creio que, a partir do momento em que a coisa não fica em cima do ato reprodutor, do papai e mamãe, é mais fácil. Falando da minha experiência, tem cara que sente o maior tesão no dedão do pé. Têm o que dá e o que não dá. Tem o que faz tudo. Grande parte dos gays no Brasil é o que a gente chama de ativos. São gays realmente, sentem atração por um corpo igual ao seu, mas caem naquela coisa: eu só como.

Mas comem com uma vontade! (1994)

■ O ato sexual não tem nada a ver com a sua opção. Tanto é que eu tive um filho e namorei mulheres. Eu não quero citar nomes, mas tive um caso tórrido com uma atriz de cinema e TV. Tem homem que tem uma dificuldade brutal. Comigo não, eu me excito. (1995)

■ Hoje, eu já sei que sexo não é tudo e que a amizade é tão importante quanto. Como dizia a Denise [Bandeira]: "A gente vira amante cósmico"... Sabe, eu não sou monogâmico. (1995)

■ No Brasil, não dá mesmo para separar homo de hetero, porque todo mundo sabe que brasileiro adora bunda, sexo anal. (1995)
SHAMPOO

■ Não tenho preferência, mas, uma vez, na casa do Marco Nanini, usei um de jojoba e adorei. (1994)

'SHOW BUSINESS'

- Showbizz é aquela coisa: the show must go on. Rock n'roll, não — a gente continua se quiser. (1987)

- A gente não pode mais subir num lugar e começar a fazer um show, porque vai aparecer gente demais. Tem que rolar o show business, que é uma coisa bem anos 80. Nós estamos entrando nos anos 90 e precisamos 237

de uma boa luz, de segurança. Não usamos direção de palco. A gente faz o que quer.

Mas a infra-estrutura é de show business. (1990)

SHOWS

- Gosto de fazer shows, mas sem virar loucura, ter que pegar avião toda hora, ser acordado por um fã, de manhã, no hotel. Gosto de fazer shows, mas, se quiser sair na terceira música, saio. E, se não estiver a fim de tocar Eduardo e Mônica, por exemplo, podem pedir que eu não toco. Por isso, acho que não estou mesmo preparado para ficar rodando o Brasil inteiro. A gente tem que cumprir o compromisso com o público.

(1987)

- Quer ficar dando porrada? Vá para outro show! É como no carnaval, quando só se vai ao baile para cheirar loló, cheirar pó e

agarrar a mulher do outro. "Não vai haver amor nesse mundo nunca mais" [citando verso de uma canção do grupo Camisa de Vênus]: quem acredita nisso não deve ir ao show da Legião. (1987)

■ Logo depois do lançamento de *As Quatro Estações*, eu viajei. Fui para Nova York e pus minha cabeça no lugar. Havia uma série de coisas que eu queria fazer. Pensávamos: como voltar para a estrada? Sabíamos que teríamos de fazer isso, estávamos já há quase dois anos sem tocar.

Não poderíamos ficar três anos sem aparecer. E se o público se esquecesse da gente? Eu também queria muito experimentar o repertório novo. Eu nunca gostei de show — agora estou gostando mais —, mas o pessoal todo gosta. O Dado e o Bonfá, principalmente... O Billy também gostava.

A gravadora não faz tanta pressão, mas quer saber. A gente não pode virar uma banda de estúdio — no Brasil, não tem muito cabimento.

(1990)

■ É assim: enquanto o disco não chegar a 250, 300 mil, a gente não vai fazer show. Senão, vai ficar um monte de gente lá: "Toca Ainda é cedo".

E a gente: "Não, a gente quer tocar as músicas novas". Depois, se já for platina duplo e ninguém gostar do disco, aí, tudo bem. (1992)

■ Passagem de som eu acho chato. Como sou perfeccionista, fico muito 238

ansioso. Enquanto todo mundo está se divertindo, eu fico acordado até seis da manhã

perguntando se foi bom mesmo, se aquela passagem não saiu errada, se não poderia ter ficado melhor. (1993)

■ Não dou mais shows: a situação de violência e agressão que existe, em qualquer concentração popular na qual seja necessária a presença de policiais, não dá. Morro de vontade, mas morro de paranóia. (1993)

■ Não gosto de show, porque é uma responsabilidade muito grande.

Trabalhamos com uma equipe, de, no mínimo, 30 pessoas. O público tem uma relação afetiva muito intensa e não podemos, simplesmente, fazer qualquer coisa. Além disso, é uma apresentação muito cara, porque não trabalhamos com patrocínio. Faz parte da política da banda. Não queremos nos apresentar com um baita letreiro de cigarro ou refrigerante atrás. E tem aquela coisa de as músicas mexerem muito com a gente.

Não é fácil subir no palco toda noite, ou mesmo duas vezes por semana, e cantar Tempo perdido, índios, Eduardo e Mônica. (1994)

■ Não é uma questão de prazer. Se eu subo no palco e canto, é maravilhoso. Mas, o que tem em volta é muito desagradável — subir e dizer as mesmas coisas, todas as noites. Nosso repertório continua o mesmo há dez anos. O que a garotada quer ouvir é Será, Faroeste caboclo, Pais e filhos... É divertido, mas me considero mais um artista de gravação, produtor, arranjador. (1994)

■ Estar no palco, hoje, é uma celebração. Mas, se ficarem jogando coisas, eu saio e vou embora. (1994)

■ Já gostei muito de show. Agora, tenho meu pé atrás, porque sei quais são as dificuldades que eu vou enfrentar e o que pode ocorrer. Acho que a marca foi aquele show em Brasília. A gente começou a perceber que existem muitas coisas envolvidas que podem não dar certo. Então, a responsabilidade é muito maior e a pressão, também. Mesmo quando o show dá certo, tem aquele engarrafamento monstro. Antigamente, a gente não pensava nisso. Comecei a pensar nisso quando tive filho. A gente fica medroso quando tem filho. Não é medo de acontecer alguma coisa comigo, mas de acontecer alguma coisa comigo que afete meu filho. (1995)

239

■ É muito desgastante se preparar para fazer um show legal e, na hora, encontrar um som ruim. E o som, em todo lugar, é ruim, porque a gente não pode tocar em lugar pequeno. A gente tenta equacionar essas coisas para que tudo dê certo, porque não há nada melhor do que um bom show. Lava a alma, mesmo. (1995)

- A adrenalina vai a mil [com os fãs gritando seu nome]. É muito emocionante, dá um nervoso, mas, quando chego no palco, tudo passa.

Eu enxergo cada pessoa que fica ali na frente, peço até para iluminar a galera para eu ver melhor. Dá até para ver aquela menininha que vai a todos os shows e cantar uma música olhando só para ela. (1995)

- A gente pretende voltar a tocar assim que passarem todos esses meus problemas. Mas estou me tratando com meus remédios e fazendo análise. (1996)

SHOWS INTIMISTAS

- Eu não sinto saudades deste tipo de show, porque faço isso o tempo todo. Canto para os amigos, toco violão, canto no banheiro. O que sinto é saudade da liberdade de tocar o que a gente quiser, sem compromisso de tocar uma música que o público quer. (1993)

SHOWS SOLO

- Tenho medo de fazer Stonewall ao vivo. Até com a Legião, para mim, já é difícil fazer shows. Cantar Monte Castelo é um pesadelo para mim.

Há tempos... ninguém consegue cantar aquilo. Se eu tivesse mais estudo e mais técnica, poderia fazer uma linha melódica mais definida. (1995) SID VICIOUS

■ "Acho que meu pai sabia, ele provavelmente viu na TV ou leu nos jornais, mas não me contou. Um amigo me disse e eu não acreditei.

Tive que ligar para meu professor de violão e perguntar se ele tinha ouvido alguma coisa. Aconteceu numa sexta-feira, mas eu só soube da notícia no domingo à noite. Nada me atingiu do jeito que a morte do 240

Sid me atingiu. Chorei a noite toda, e era como uma espécie de grito, doloroso, não só por Sid, mas por tudo. Perdi completamente o controle de mim mesmo. Sabe, nada acontece aqui, nunca. E sempre recebo as notícias duas semanas atrasado. Não se lança nada de new wave (ou qualquer outra coisa boa que interesse) aqui, eu tenho que comprar importados no Rio. Tudo é disco, Travolta ou samba. Quando a coisa do punk começou, eu e meus amigos entramos de cabeça, porque alguma coisa estava acontecendo. Nos envolvemos com a música como não acontecia desde os Beatles e os Stones. Era diferente. Sid, John e o Clash — eram todos heróis. Eles pensavam do jeito que a gente pensava; nem mesmo o Airplane [Jefferson Airplane, grupo psicodélico formado em São Francisco, no auge do flower power] tinha batido tão perto de mim.

Dava um certo medo, era como dividir alguma coisa, não era apenas ser um fã burro.

(...) Ele morreu por causa do que era. E como Brian [Jones, guitarrista dos Stones], Jim

[Morrison, vocalista dos Doors] e Gram [Parsons, ex-The Byrds, pioneiro do country rock que morreu em 1973, de uma overdose de

morfina e tequila], as pessoas só vão entender depois de alguns anos. Alguns vão esquecer, outros não, alguns já esqueceram, mas quando um herói é de verdade (eu digo herói mesmo), ele sobrevive. Aposto que alguém vai rir lendo isso. Pode rir, você não entende. (...) Eu cresci milênios de 75 para cá. Mas ainda tenho 18 anos. Vejo as coisas um pouco diferentes agora, e odeio... Mas vou passar por isso, e não vou perder (ganhar) como Sid Vicious fez. Eu vou fazer por ele o que ele fez por mim". [Carta escrita em inglês, sob o pseudônimo de Eric Russel, publicada no jornal Melody Maker, de Brasília, edição de 31 de março de 1979, quase um mês depois da morte de Sid Vicious, do Sex Pistols]

■ Quando o Sid Vicious morreu, eu chorei, chorei de raiva. Foi o primeiro porre da minha vida — tomei uma garrafa de vinho Chapinha. Ele era meu ídolo! Ídolo! Eu tinha um crocodilozinho empalhado que era o Sid — bem, qualquer coisa para horrorizar meus pais, não é? — e também um mural imenso no meu quarto, onde eu rabiscava com caneta pilot: "I wanna be a junkie". O meu sonho era ser junkie. Você pode pensar: "Sid Vicious era um idiota!". Não, não era. Ele acreditou naquele filme dele, mas só falava coisas legais.

Uma música que eu gostava muito era Bodies, contra o aborto. Nunca imaginei uma postura assim da parte deles. (1989)

241

SÍMBOLO SEXUAL

■ Se eu quisesse ser, não ia morar na Ilha. Até acho que poderia ser, se quisesse. É claro que não sou bonito, ou melhor... tem gente

que acha, e esse negócio depende de tantas outras coisas, não é? Tem muita gente que curte me ver dançando, me acha um símbolo sexual, é um lance que bate ou não. É claro que o Paulo Ricardo tem um rosto bonito, mais harmônico. E entrou nessa. (1987)

- Meus símbolos sexuais são Rivelino — adoro ele — e Leivinha. Femininos, Leila Diniz e Mônica Vitti. (1994)

- O Leonardo, da Seleção. Acho ele um gatinho. (1994)

SIMPLICIDADE

- Todo escritor ou compositor quer a simplicidade para ficar na história.

(1988)

- Estou começando a aprender a receber as coisas boas que aparecem no meu caminho. Eu consegui fazer parte de uma banda de rock, fico superfeliz de poder estar aqui, com ar condicionado, dando esta entrevista, com a roupa que eu quero, sabendo que eu tenho a oportunidade de falar para pessoas que não conheço, que nunca me viram. Isso é maravilhoso. Esta simplicidade é a melhor coisa do mundo.

Tem comida na geladeira e se, de repente, eu abrir esta porta, têm meu suquinho de pêssego, a minha maçã. É só do que eu preciso. (1996) SINCERIDADE

- Não dou risada para quem eu não gosto. Muito menos dou satisfação às pessoas. Elas que se danem. (1987)

- Estou sendo muito sincero no que faço e acho que, se a gente trabalhar com sinceridade, dá certo em qualquer ramo. (1989)

242

O meu problema é que eu sempre fui muito sincero em tudo que digo ou faço. Estou aprendendo, agora, não necessariamente a mentir, mas a usar de mais tato, diplomacia. Não preciso ser carne viva em todas as situações. (1991)

SOBRAS DE GRAVAÇÃO

- As sobras são uma coisa para fã, mas eu não acredito que a gente tenha coisas de qualidade para as pessoas ouvirem. Vai ser mais curioso:

"Ih, olha esse jam que eles fizeram". Vai ser mais a nível de jam e não como, por exemplo, a caixa do Velvet Underground, que têm músicas inteiras, prontas e acabadas. Ou mesmo do The Who, pois o Pete Townshend trabalhava muito fazendo demos acabadas. Não sei, eu acho que a gente vai ficar surpreso com a quantidade de material que a gente tem. Mas isso a gente está pensando para mais tarde. (1995) SOLIDÃO

- Não adianta nada você ter um disco de platina na parede se você está sozinho. (1987)

■ Eu vivo sozinho, moro sozinho. Quer dizer, tenho excelentes amigos, mas tem aquele dia em que a gente quer um xodó, um carinho. (1995)

■ Antigamente, eu era dono do mundo — eu sabia de tudo, eu tinha resposta para tudo. O tempo foi passando e eu fui vendo que não é bem assim. Hoje em dia, eu sinto muito mais necessidade de estar perto do meu filho, necessidade de estar perto das pessoas que gostam de mim.

Em geral, eu procuro muito a companhia dos meus amigos, das pessoas próximas. Eu acho que isso tem a ver um pouco com a forma como a sociedade está estruturada. Antigamente, existia muito mais a vida em comunidade, as pessoas participavam mais; hoje em dia, a vida nas grandes cidades está uma coisa muito compartimentarizada, as famílias são menores, os pontos de encontro são outros. Até por causa da violência, as pessoas têm se fechado um pouco mais. Então, eu tento lidar com isso da melhor maneira possível. Através do meu trabalho, através das coisas em que eu acredito. Mas, às vezes, é difícil, sim. Agora, 243

também, não sofro demais por solidão — eu acredito que eu seja uma pessoa normal nesse sentido. Têm dias em que, realmente, eu me sinto um pouco sozinho, em que eu gostaria de ter alguém, neste momento, na minha vida. Mas, no momento em que isso não é possível, eu sei que daqui a um tempo a situação vai mudar. Eu também tenho os meus dias em que eu quero ficar sozinho, em que eu não quero ver ninguém, mesmo.

Mas, acho que a música, a arte ajudam muito. E os amigos, não é? Sem amizade, aí, realmente, não dá. Eu tenho grandes amigos, graças a Deus! (1995)

- O sucesso faz aparecer muita gente em volta de você — empresários, artistas. Mas me sinto só. (1996)

SOM

- Eu admiro muito as pessoas que conseguem um determinado som, porque na Legião a gente tem esse problema. No estúdio, como os técnicos de som daquela época não sabiam gravar rock, a gente foi meio que aprendendo sozinho e, das barbas do rock nacional, eu acho que a gente tem o som mais sofrível. Eu sempre admirei muito o que os Paralamas conseguiram no estúdio... Com o Savalla e tudo. A produção do Savalla para o Pato Fu é um escândalo. Até as coisas que o Dado tem produzido — Second Come e algumas coisas assim — têm um som maravilhoso. Sai Legião e sempre vem com aquela bateriazinha, sempre parece disco independente inglês, parece disco de The Pall, coisas bem antigas. (1995)

- A gente se preocupou mais com a concepção do que com o lado técnico. Nunca que ia chamar um produtor de fora, porque a gente tem as nossas coisas. Eu sempre fui assim. Eu prefiro ouvir aquele disco todo arranhado, com som ruim — mas que é o meu disco —, do que ouvir uma coisa com som maravilhoso. (1995)

Para mim, uma das coisas mais importantes no Equilíbrio Distante é justamente ter entrado na coisa técnica e, bem ou mal, ter conseguido o que eu sempre quis: ter um bom som. Desta vez, está tudo no lugar.

Eu não sei, talvez eu me decepcione daqui a algum tempo, mas, até 244

agora, eu estou muito satisfeito com o resultado. Trabalhando no Brasil, com músicos brasileiros e com técnicos brasileiros, a gente conseguiu um bom resultado. (1995) SONHO DE CONSUMO

- Não tenho. (1994)

SONHOS

- Ah, fazer cinema é o meu sonho! Fazer roteiro e música também, mas é mais complicado. (1995)

- Como é aquela frase? "Quem mais sonha é quem mais faz". Eu sonho o tempo todo, desde os tempos em que ouvia Born to run, do Bruce Springsteen, e queria fazer o mesmo com uma superbanda num superpalco. (1995)

- Eu queria alguma coisa ligada à palavra, ser jornalista, escritor. Ou, então, trabalhar com algo ligado à expressão artística. E, de preferência, uma coisa que me desse muito dinheiro, fama e sucesso. Ah, meu sonho era ser um dos Beatles! (1995)

SORRISO

■ Eu tenho um lar, amigos, um bom emprego. Eu estou num país fodido da porra, mas eu tenho casa e tenho emprego. Sei lá, quando chegar alguém meio mal, poder oferecer um sorriso... Sabe, esse negócio cafona que ninguém dá valor. Só que, hoje em dia, existe a mitologia da violência. Bom, tem que ter um pouco de pimenta; senão, fica aquela coisa babaca. Sei lá, poder dar umas boas risadas... (1987) Posso estar no maior mau humor do mundo, mas é só eu olhar um bebezinho, pronto, é felicidade pura! Agora, como você vai colocar isso em música? São coisas que não se verbalizam. É o sorriso. E, na hora em que você está pensando no seu trabalho, você quer preservar esses momentos para que eles sejam âncoras para o seu futuro. (1989) 245

STONEWALL [levante gay, ocorrido em 1969, nos Estados Unidos]

■ Em 1969, houve uma batalha pelos direitos civis nos Estados Unidos

— hoje em dia, lá, todo mundo se detesta, mas, naquela época, os negros estavam do lado dos hippies, que estavam do lado dos intelectuais etc.

E tinha um barzinho que ficava justamente na Christopher Street com Stonewall, ali no gueto, no Village. Aquilo, desde os anos 20, era um antro, o bairro boêmio. E chegou a polícia. E os policiais chegaram para prender e para bater em todo mundo. De repente, alguém — não se sabe quem — falou: "Não vamos aceitar isso!". Naquela época, tinha muito travesti; hoje, não tem mais. E até os travestis começaram a pegar pedras, pedaços de pau... Durante

cinco horas, na rua, eles lutaram com a polícia e, a partir daquele momento, nasceu a noção de gay pride

[orgulho gay]: "Ninguém vai pisar em cima de mim". Aquela resistência em Stonewall virou símbolo do movimento todo. (1990)

■ A questão do Stonewall está sendo resolvida. Se, nos Estados Unidos, os direitos dos gays estão atrasados, imagina por aqui. Os únicos que estão chegando lá são os povos escandinavos. E não falo só dos gays. Lá, a mulher, os negros, as crianças, as minorias em geral têm maior liberdade. (1994)

'THE STONEWALL CELEBRATION CONCERT' [disco solo, cantado em inglês]

■ O projeto nasceu numa reunião da campanha do Betinho [Ação da Cidadania pela Vida e contra a Miséria e a Fome], na casa do Marco Nanini. Pensamos em fazer um recital com as músicas que eu canto sempre, como algumas canções do Gershwin, mas o recital acabou nunca dando certo, sempre tinha alguém viajando. Mas a idéia foi ficando legal. (1994)

A idéia era que o ingresso para o recital fosse a assinatura de um contrato de cidadania — o compromisso de doar uma cesta básica por mês, durante um ano, para uma entidade de apoio a pessoas carentes.

Como estava difícil juntar todo mundo, resolvi registrar o trabalho que vinha fazendo, para que ele não se perdesse. Apresentei o projeto à 246

EMI-Odeon, gravei uma fita demo e eles disseram: "Vai em frente". Daí nasceu o disco. (1994)

- O disco é para comemorar os 25 anos de Stonewall, um marco na história dos direitos gays, das minorias sexuais. Foram três dias de luta com a polícia e, a partir daquele momento, surgiu a consciência de que não é por causa de sua orientação sexual que você vai ser discriminado.

(1994)

- Na época, eu estava assustado com o ressurgimento do fascismo. Eu havia lido uma reportagem sobre os carecas num jornal do Rio que me assustou muito. Ela foi concebida como uma reportagem de moda e os carecas estavam lá dizendo: "Vamos bater em todo mundo, vamos matar todos os metaleiros". Eu pensei: vai começar tudo de novo! Eu também queria usar o disco para me expressar emocionalmente acerca da minha orientação afetiva. Depois, surgiu a idéia de usar o disco para divulgar informações

—

endereços,

telefones

etc.

— sobre

ONGs [Organizações

Não Governamentais] que trabalham com os direitos da criança, da mulher e das minorias sexuais propriamente ditas. (1994)

■ Aqui no Rio, por exemplo, a gente não tem catálogo telefônico. Então, às vezes, queremos entrar em contato com o Greenpeace, ou com a Sociedade Viva Cazusa, e não sabemos como. Já que o disco cuida disto

— da questão da liberdade do espírito humano — e é contra o fascismo, o preconceito e a intolerância, achei que seria supergenial fazer um folheto com aquelas informações. (1994)

■ A questão de serem canções em inglês é porque, na verdade, este disco também é uma tentativa de eu exorcizar um relacionamento que eu tive com um cara, que não deu muito certo, e ele era americano.

Então, algumas dessas canções são as nossas canções. (1994) O disco inteiro é como uma carta de amor, de um homem para outro homem. Passa pelo sofrimento, o desespero, o perdão, e, no fim, em Close the door lightly when you go [música composta por Eric Andersen], o cara diz: "Você segue o seu caminho que eu sigo o meu". (1994) 247

■ Eu mudei pronomes em duas músicas. As outras letras são dirigidas para um homem ou estão indefinidas, servem para os dois. Eu queria negar esses discos assumidamente gays, que caem num negócio gritado, tipo Erasure, Jimmy Sommerville. É um gay cantando para outro homem com voz de barítono. Então, você pega o disco e tem aquele boje cantando com voz grossa e a sério. (1994)

■ Eu queria falar de amor, de expressividade. Cantar em inglês não é a questão. Fiquei dez anos escrevendo em português, mas vi que meu lado emocional está ligado aos Estados Unidos. No disco, há uma foto minha, com a minha irmã, no Central Park, para não parecer que eu entrei de gaiato. Sou um artista supercuidadoso. O público tem que entender que este é um disco de amor. Não iria cantar em português coisas como "Eu sou gay porque quero que o mundo mude para eu poder andar com meu namorado de mãos dadas". (1994)

■ Eu fiz este disco para mostrar que a gente tem dignidade, que têm pessoas legais trabalhando pelas diferenças. O fascismo é muito perigoso.

Daqui a pouco, se você não for macho, adulto e branco, você está perdido. (1994)

■ Este disco me fez pensar em uma série de coisas, e eu estou voltando a acreditar. Acreditar que o tempo é circular, e que o véu que está sobre as pessoas vai se levantar e todos vão voltar a enxergar, claramente, de novo. (1994)

■ Não, o disco não foi criticado. Porque é impossível criticar aquele disco. Você vai estar assinando atestado de burrice... O máximo que eles falaram foi que era um disco melancólico e repetitivo — o que é.

Mas não tem como você pegar aquela gravação de Say it isn't so e dizer:

"Isso aqui é uma bosta". Eles ignoraram o disco e depois, no final do ano, eu ganhei prêmio de melhor cantor do ano. (1995)

SUCESSO

■ O sucesso, que antes era reconhecimento, agora é sucesso mesmo.

Isso é que é foda... Aí, esperam que você tenha mudado, e você não 248

mudou nada. Claro que a gente sempre muda, não é? Mas eu acho que sou a mesma pessoa... E o bacana do rock'n'roll é isso, é você não crescer nunca. Eu gosto do Menudo e pronto, eu quero me divertir! As pessoas ficam achando que eu sou meio bestinha, que eu não sou assim. Mas eu sou assim, eu sou meio bobalhão, mesmo. O mais importante é você tentar lidar com isso da melhor maneira possível. Mas é uma coisa muito complexa.

(1986)

- O que mudou é que, agora, eu tenho mais segurança e confiança, menos dúvidas sobre as coisas nas quais eu acreditava. Se você trabalha com sinceridade e dignidade, se tenta ser íntegro e seguir o que você acredita, sem se deixar levar por pressões, você acaba conseguindo. Sei lá, a gente criou uma base que não vai mais embora, não é aquela coisa de fazer sucesso e, de repente, ter que ficar provando por que fez sucesso.

(1986)

- Quando você faz sucesso com uma banda de rock'n'roll, você tem que conviver justamente com as pessoas de quem queria fugir ao fundar uma banda de rock'n'roll. (1987)

- Fico feliz fazendo exatamente o que mais quero fazer na vida: rock'n'roll. E quero ganhar dinheiro fazendo rock. Só que essa não é nossa motivação principal — essa é a diferença. Não tivemos gravadora para nos empurrar, não estou nas colunas sociais, não saio à noite. O

sucesso veio da escolha do público mesmo, que pressionou de baixo para cima. (1987)

- Você não pode esperar que um conjunto faça sucesso todo o tempo.

São ondas. O Ultraje a Rigor está de férias, o RPM mais ou menos acabou, o Lobão saiu dos Ronaldos, Cazuzza deixou o Barão

Vermelho.

A Legião agora está na onda, mas logo vamos parar, para gravar um novo disco, e alguém vai assumir o lugar. (1988)

■ Aqui no Brasil, como disse o Tom Jobim, fazer sucesso é uma ofensa

— artista é vagabundo, roqueiro é drogado, e por aí vai. (1989)
Nossa origem é underground. Tudo o que queríamos era gravar um disco. Nunca pensamos em fazer sucesso. (1993)

249

■ No Brasil, a imprensa e os setores mais intelectualizados não perdoam o sucesso. Somos infantis e vaidosos. (1994)

SUCESSOS

■ Os maiores sucessos da gente foram, sem ordem, Será, Eduardo e Mônica, Tempo perdido, Faroeste caboclo, índios... São muitos, mas mega, mega, mega são Pais e filhos e Será. Perfeição é sucesso também. (1994) SUICÍDIO

■ Eu sei que tem gente que projeta suas fantasias mórbidas em cima de mim e diz que já tentei suicídio muitas vezes. Mas é que elas não entendem que, às vezes, eu vejo o que quase ninguém vê. (1986)

■ Já pensei nisso. Não de levar às últimas conseqüências, mas... (1995)

■ Não, isso não tem nada a ver [desmentindo que teria dito que tentara cortar os pulsos por causa de uma menina]. Show é show, não é? Isso deve ter sido uma introdução a Ainda é cedo. É recurso dramático. Mas não aconteceu, não. Eu tive um pequeno acidente, mas não foi por querer me matar, nem nada. Eu só queria ver como é que era. Uma coisa de louco.

Só que deu o maior susto. Foi em Brasília, eu tinha 20 e poucos anos.

Coisa de bêbado. Eu estava lá, entediado, cismado que queria ser artista plástico. Comprei uns guaches e ficava fazendo meus desenhos e aquarelas.

Comecei, de repente, a diluir tinta em urina. Me cortava e desenhava com sangue, todo fora de controle, coisa de irresponsável... Fiz uma operação da qual ainda tenho marcas. (1995)

SUPERSTIÇÃO

■ Não tenho superstição. Só com coisas pequenas, do tipo: "Se eu acertar uma bolinha de papel dentro do copo, o telefone vai tocar". (1994)

■ É uma coisa meio supersticiosa: a gente sempre tem nos discos uma música instrumental e sempre tem uma música em que o Dado não toca guitarra. Vem vindo e está indo bem. (1994)

T

TÁRIK DE SOUZA [crítico de música do Jornal do Brasil]

■ Eu acho o Tárík um cara superlegal, mas ele entende é de MPB. Uma coisa que me irrita um pouco são pessoas de determinadas áreas falando de áreas que não são delas. Eu não entendo nada de MPB. Sou amigo do [Jards] Macalé, às vezes a gente conversa e tal, mas eu não posso me meter a fazer a crítica do disco do Moreira da Silva. O Tárík não tem base para falar de rock. Ele é um excelente jornalista, entende muito de MPB, tem um trabalho que eu respeito muitíssimo, mas que não me venha falar de rock, pois ele não entende nada de rock. Mas, de uma certa forma, ele tem um pouco de razão, porque meu timbre de voz é parecido com o do Jerry Adriani, em uma ou outra música. Só que, a partir do momento em que isso é utilizado para rotular e criar um texto jornalístico, acaba sendo uma coisa de má-fé. Acho isso superdesnecessário. No entanto, acho que as pessoas têm total liberdade para expressar suas opiniões. (1986)

'TEATRO DOS VAMPIROS' [faixa do disco V]

■ Era na época daquela novela [Vamp], que estava fazendo sucesso —acho que ainda está fazendo sucesso, porque eles alongaram. Tem essa crise do país, e tudo. Então, a gente fez a música. Essa foi a primeira letra. Bonfá fez a música, eu fiz a letra, e a gente juntou tudo. E era para ser sobre a TV (1992)

'A TEMPESTADE — OU O LIVRO DOS DIAS'

■ A Tempestade ficou mais pop. A gente gravou 25 canções, mas, daí, 251

nos tocamos da inviabilidade de, num último trabalho de um contrato, lançar um álbum-duplo. Pensamos em fazer um disco dividido em dois — onera mais. Mas disco-duplo ninguém compra, porque é muito caro. (1996)

- O disco tem uma ligação muito grande com a mulher, mas ele ia ter um conteúdo ainda mais romanticamente político. Ia falar muito mais de Brasília, como é com Dezesseis. Seria como se Eduardo e Mônica salvassem Renato Russo, um drogado. Mas, aí, ia aparecer droga e me disseram: "Pô, você não pode fazer isso". E eu acabei não conseguindo decidir nem o título. Ia ser um disco duplo, mas a gente preferiu lançá-lo da forma mais simples... Que nem Mara [Maravilha]... Sério1. A gente poderia fazer com uma caixinha importada... Você abriria, teria um libreto enorme e um disco num envelopinho. Mas, aí, eu fiquei pensando: "Para que isso? Só para a Odeon majorar o preço?". Nós somos uma banda popular. (1996)

- É claro que têm influências do Stonewall e do Equilíbrio Distante em algumas coisas, mas a gente já fazia isso anteriormente. E são 15 músicas.

O que esse cara quer é uma utopia: "Não quero estar apaixonado" [verso de Longe do meu lado]. Isso é uma coisa real da minha vida. Está deste jeito, mas as letras eu assino em ferro embaixo. Eu faço todas as letras, mas é aquilo que eu tinha falado: vem a música e eu começo a imaginar o que é isso e o que isso me traz... Este disco já me esgotou tanto, você nem sabe a energia que está sendo... (1996)

■ Eu já estou exausto de ficar falando deste disco, não sei o que vai acontecer. Provavelmente, eu vou sair do país, vou embora para São Francisco, ficar lá uns dois meses e, de lá, vou para a Nova Zelândia.

Porque, este ano, no Brasil, primeiro o cristal se quebrou [referindo-se à polêmica sobre pagamento de cachês aos artistas que se apresentaram no show da passagem de ano no Rio] e a magia se acabou. Logo depois, teve o acidente com os Mamonas. Aí, depois, vieram as enchentes; aí, a chacina no Pará. E este disco novo, dizem, está tão melancólico, tão triste, tão não-sei-o-quê, que está perfeito para todos esses problemas que a gente está tendo de enfrentar. (1996)

252

■ Quando sair o disco, a gente faz uma sessão especial. Agora eu não estou muito legal. Você nota como é que eu estou. (1996)

■ Ansiedade, ansiedade, ansiedade... E certeza de ter feito realmente o nosso maior esforço. Sabe, gente, a gente não pisou na bola, não! As pessoas podem não gostar, mas não tivemos momentos de preguiça soberba ou de atraso. Tudo foi feito com muito amor, com muita técnica e com muito ofício. (1996)

TEMPO

■ Me sentiria velho se estivesse cantando as canções do Stonewall para um público de 14 anos, que fica pedindo Pais e filhos. A boa música não tem idade. (1994)

■ Não sei o que vou fazer aos 50 anos. Não sei nem mesmo o que vou estar fazendo daqui a três dias. (1994)

'TEMPO PERDIDO' [faixa do disco Dois]

■ Quando

terminamos

de

gravar

Tempo

perdido,

fiquei

com

vergonha,

de tanto que a música lembrava os Smiths. (1991)

TERROR

- Terror me atrai muito. Acho que, hoje em dia, é um paralelo perfeito com o mundo em que a gente está vivendo. Adoro a mitologia do vampiro. Eu acabei de ler um livro, The vampire Lestat, que eu achei bárbaro. Eu gosto muito de ler. (1986)

TESTE DE AIDS

- Não falo sobre isso. Dá medo, é uma coisa terrível. Faço parte de uma geração que foi pega no meio do caminho. Tive que erotizar o uso da camisinha. Senão, na hora de procurar por ela, você já broxou. Para não usá-la, o pessoal começou a fazer mais sexo sem penetração, achando que não pega Aids. Virou tudo filme de gay, sabe? Aquela coisa de gozar 253

fora. Mas eu não preciso dessa coisa de teste, e quando eu fiz foi... Foi horrível esperar o resultado. Faço check-up todo ano e descobri que estava com hepatite B. Os médicos me pediram para fazer teste de Aids. Fiz três exames até ter certeza do resultado, que deu positivo no primeiro exame e foi um horror... Você tem que falar com seus amigos e todos fizeram testes de Aids. Aí, fiz o outro [mais caro e mais preciso]. Repeti mais uma vez, durante o tratamento da hepatite. E esses dois deram resultado negativo. O médico disse que, até segunda ordem, eu sou soronegativo. Mas ajo como se fosse soropositivo.

Sexo seguro total. Já passei por tanta coisa... E sempre maltratei muito meu organismo.

(1995)

TIETAGEM

■ Detesto gente que fica em cima, puxando o saco. Aí, eu não faço a menor questão de falar mesmo. Mas, com fãs, o negócio não é bem assim. Os fãs escrevem cartas lindas, dão sempre apoio, são bem-informados, não incomodam nunca. Eu até quero fazer um correio da Legião. (1987)

TIMIDEZ

■ Se eu fosse tímido, eu não subiria no palco. Há diferença entre privacidade e timidez. (1992)

■ Que nada, gente! Essa coisa de timidez é tudo ensaiado!
(1992) TITÃS

■ Teve uma época em que dava até raiva: os Titãs todo fim de semana estavam no Canecão. Adoro os Titãs, mas era sempre aquela mesma história — todos os globais vendo Titãs e descobrindo o rock'n'roll. Me dava uma coisa no estômago muito esquisita... (1989)

Olha, pessoal, errar é humano, e vou tentar não ser mais leviano. Em geral, quando fico agressivo, passo esta impressão. É quando estou inseguro, porque eu nunca vou falar mal de uma pessoa conscientemente, 254

a não ser que seja Uns e Outros. Aí, eu acredito que tenha cacife para falar. Porque, Deus me livre, os Titãs são maravilhosos. Estou adorando esta onda, porque somos iguais. Tenho certeza de que, no dia em que encontrar os Titãs de novo, mesmo que ainda tenha um certo ressentimento, a gente dá umas risadas, fala mal das gravadoras, fala mal de todo mundo e fala bem de todo mundo. (1989) TORTURA

- Tortura política, mental, emocional... Seja ela qual for, é coisa que nunca mais deve acontecer no mundo. (1990)

TRABALHO

- Eu não percebo meu trabalho como sendo político; para mim, é a minha vida. Eu só consigo falar do que sinto e do que vejo; não tenho muita capacidade para inventar. É sempre a partir do Renato Russo.

Detesto ficar falando Renato Russo... é tão chato... (1986)

- O trabalho ainda é divertido. Só que o melhor, agora, não é fazer, como no início, mas terminar um trabalho. Antes, eu sonhava em ter uma

guitarra.

Hoje

eu

tenho

empresários,

advogados,

procuradores,

despachantes, roadies e um monte de coisas. É o tal negócio: eu me sinto como o cara que fez a prova e está aliviado, apesar de não saber se passou no vestibular. (1989)

■ O que me irrita um pouco é que não tem jeito de a gente falar do nosso trabalho sem citar outros. Eu vim para cá e já sabia: vão me perguntar dos Titãs, dos Engenheiros... Será que não dá para falar do nosso trabalho? (1992)

Se eu estiver bem e tocar Angra dos Reis, eu fico melhor. Mas, geralmente, não é assim. O que me lembro mesmo é do trabalho que dão as gravações. Quando fica pronto, já ouvi tantas vezes que não dá, não tenho saco. (1995)

255

TRANSA

■ Minha primeira transa foi num carro, aos 17 anos. (1994)
TRAUMA

■ Eu já tenho trauma de ter falado coisas sérias demais. No pop e no rock, não adianta você ser panfletário. Eu não vou fazer o equivalente sonoro das fotos do Robert Mapplethorpe... Se eu falar do que está rolando, da miséria, da angústia, eu terei que falar de uma maneira que não agrida, porque já existe muita, muita, muita agressão. Se a gente

não

tivesse

tanta

responsabilidade,

com

certeza,

estariamos

fazendo outras coisas. A gente está num país em que as pessoas não têm educação¹. A gente não vai esquecer Que país é este, que era uma música adolescente boba e quase fode com a gente! Ou daquele show em Brasília, vendo a garotada se matando. (1992)

TRÊS ACORDES

■ Nós trabalhamos com mantra. A nossa parte musical é fincada na repetição. Em cima dela é que vem a letra. Talvez, por isso, chame mais atenção. Mas todo mundo faz isso... Porque é mais fácil de tocar. São só três acordes. Nós pegamos os três acordes e vamos embora. (1990)

■ É bacana experimentar no estúdio. Em geral, o Dado pega o baixo. De repente, ele pega o bandolim, o Bonfá vai para o teclado, e a gente vai... Sempre os mesmos três acordes, mas vamos. "OK, só sabemos três acordes. Vamos colocar uma flauta para ficar diferente?". "Vamos!!!". (1994) TROVADOR SOLITÁRIO

■ Eu briguei com o Fê [do Aborto Elétrico] por causa da música Química. Nessa época [1982], estávamos supersofisticados, ouvindo Joy Division, essas coisas. Eu cheguei com aquela música "Não saco

256

nada de Química..." e eles: "Pô, Renato, você está atrasado". Eu já tinha a primeira versão de Baader-meinhof blues, estávamos ouvindo Comsat Angels, Killing Joke, Metal Box mesmo. "Pô, você está perdendo seu jeito de fazer música", me dizia o Fê.

"Esta música é muito ruim". E eu sabia que era boa para caramba. Bem, o Fê estava mais interessado em fazer camisetas. E eu ficava lá, pedindo para ensaiar! Aí eu disse:

"Quer saber de uma coisa? Vou sair!". Aí virei o Trovador Solitário. Abria as apresentações das bandas, feitas algumas vezes em cima de um caminhão. Subia e tocava aquelas musiquinhas: Dado viciado, Eduardo e Mônica etc. E era gozado, porque todos os punks adoravam, o pessoal da UnB... Os outros jovens — normais, digamos — detestavam. E eram musiquinhas tão bonitinhas! Não sei como as pessoas não ouviam naquela época. Estava lá o cara cantando sua música, eu chegava com meu violãozinho, tipo: "Poxa, eu sei que estas músicas são boas. Um dia, eles vão ver!"

(1989)

- Eu era o Trovador Solitário. Tinha brigado com o pessoal do Aborto Elétrico, porque achava que eles não me davam valor. Então, ficava tocando umas músicas só cora violão para abrir os shows do pessoal.

Foi nessa época que compus Eduardo e Mônica, Faroeste caboclo. Aí, eu cansei e resolvi fazer a Legião, com o Bonfá. (1995)
TURMA DA COLINA

- Componentes da Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial e XXX fizeram parte do que era conhecido como a Turma da Colina da UnB. Isso por volta de 1977, época da abertura e da redemocratização. Um maço de Hollywood estava por volta de 15

cruzeiros, e na cidade não existia nada para se fazer. Mas aparece, então, o que iria acabar de vez com a pouca identidade que a capital tinha com a música discoteca.

Brasília deixa de ser Brasília e passa a ser Rio de Janeiro, como o país inteiro. (1983)

- Éramos um pouco rebeldes, inconformistas, e o rock nos ligava. Mas acredito que muitas daquelas pessoas iriam ser amigas de qualquer forma, por afinidade, por tudo. E é gozado, porque era uma turma tão

257

esdrúxula! Cada pessoa escolhia uma banda como sua favorita e usava o seu badge. No começo, andava todo mundo punk mesmo, rasgado. A Cris, por exemplo, levava o cachorro dela para passear na coleira, e ela portando uma coleira, também. Isso, em 79, era um escândalo! A gente fazia essas coisas terríveis! Uma vez, eu cismeiei de pintar meu cabelo — fiquei parecendo o Anjinho da Mônica. E tinham as prisões. Fui preso umas duas vezes, porque o pessoal achava que estávamos com drogas.

Pichávamos a cidade inteira — letras de músicas, Sex Pistols —, apesar de, na época, não ter pichação, grafite. Só no Rio, como o Celacanto Provoca Maremoto. (1989)

- É gozado, porque Damned assustava, Clash assustava, Pistols assustava, Buzzcocks assustava. Mas Ramones foi o elo de ligação — todos gostavam. No começo, eram só cinco ou seis amigos. As meninas tinham um estilo meio Go-Go's. E o que a gente fazia? Nos encontrávamos toda noite, eu saía da universidade — estudava Comunicações [80 e 81] —, aí nos juntávamos na Colina, colocávamos os carros, comprávamos um garrafão de vinho. Foi quando começamos a beber. (1989)

■ Íamos para a Colina e ficávamos conversando sobre a vida, todos com 16, 17 anos, falando dos pais, da namorada, tentando conseguir alguma coisa para fazer. Colocávamos o carro dentro da quadra, abríamos as portas e ficávamos ouvindo música, direto! O André Müller

[Plebe Rude] mandava as fitas da Inglaterra, gravava os programas de John Peel e, por essas e outras, ouvíamos coisas como Raincoats, Slits...

Quem tinha o primeiro single do Gang of Four fazia as cópias, distribuía, e assim foi indo, foi indo, foi indo, até que começaram a entrar as meninas para a turma. Foi quando o Sid Vicious morreu, mais ou menos na mesma época em que apareceu o B-52's. 79, acho.

As datas eu não sei ao certo, mas foi logo que apareceram Police, Two Tones, Specials, Selecter, Madness... As meninas vieram porque essa era uma música que elas podiam dançar. Até então, era só Sham 69, aquelas coisas. Eu, por exemplo, dançava batendo a cabeça na parede, pulava, rolava pelo chão. (1989)

258

■ As pessoas que desarvoravam muito não participavam tanto. Nessa época [83, 84], já tínhamos nossa sala de ensaio no Brasília Rádio Center. Pagávamos aluguel, tínhamos um sistema de cooperativa e lá ensaiavam três bandas: o XXX, a Legião e a Plebe. Fazíamos turnos. Então, envolvia uma certa organização — você

tinha de manter a sala limpa, não podia pegar a chave na vez dos outros. (1989)

■ O lance era o seguinte: cada pessoa na turma tinha que fazer alguma coisa. Era como uma lei não escrita. Tinha o pessoal das bandas, apareceram os que faziam fotografias, os que ajudavam a fazer camisetas, os que faziam os instrumentos, os dos pôsteres, os que colavam os pôsteres, os que iam na Censura Federal para liberar as apresentações.

Quando

não

faziam

nada,

perguntávamos:

"Qual

é

a

sua função na turma?". "Eu tenho carro". Então, era a pessoa que tinha carro. Tinham os caras que faziam loló... Mesmo que você fosse da turma e não fizesse nada, imediatamente você queria fazer

alguma coisa. E muitas bandas surgiram assim. Aproveitávamos muito o que a cidade tinha — era uma garotada com muita informação, os pais tinham livros em casa, todo mundo classe média alta e punk nos fins de semanas. Mas, como todos os punks, éramos pacíficos. A violência só apareceu com os skinheads. Era só dar alguma coisa para fazermos, e a gente fazia. Isso foi uma boa experiência, porque, mais tarde, quando precisamos, soubemos como liberar um show na censura, como tirar alvará. (1989)

TURMAS

■ Sempre gostei de tchurma. Desde pequeno eu era ligado em filmes de tchurmas e, aí, armei a nossa turma. Eu era muito pentelho — juntava as pessoas, tipo "o que vamos fazer hoje, vamos mudar o mundo", e não-sei-o-quê. Eu era uma espécie de catalisador. Várias pessoas eram, mas eu insistia muito nisso. (1989)

TURNÊS

■ Daqui para frente, só vamos fazer apresentações, e não shows
259

correndo o Brasil com turnês. Vai ser como a gente fazia antigamente. Tocar para públicos médios. Sim, temos que fazer coisas grandes, mas sem sermos obrigados a esse circuito. Nesse esquema, as pessoas que vão te assistir são aquelas que te conhecem de relance. A gente prefere ser visto por pessoas que conhecem todo o nosso trabalho, e não por aquela música que está sendo executada pela rádio. (1987)

■ A turnê do Quatro Estações foi barra. O Collor tirou nosso dinheiro e pegamos um ano e meio de estrada. Tudo que era química possível eu consumia. (1995) 260

U

ÚLTIMA ENTREVISTA

■ Esta matéria é sobre a Legião Urbana. Não se esqueça, por favor.

Ninguém vai ter isso no mundo. Quer dizer, agora eu estou exagerando que nem uma bicha boba. Mas, faz e você vai ganhar leitores com esta entrevista. Porque, como você mesmo disse, têm o off e o on dos fãs.

Então, isto é tudo. Palavras, são todas palavras verdadeiras... porque saíram da minha própria boca. Eu quero que essas pessoas que se preocupam comigo que vão às favas; que elas se preocupem com a minha música. Se alguma coisa vai ficar, vai ser a minha música — a nossa música, o nosso trabalho. Então, se estou bem ou se estou mal, vá tomar no cu! Eu posso estar ótimo, mas, se aparecer na minha frente, me dá três calmantes porque, senão, eu vou te dar uma porrada, entendeu?

Psicótico maníaco-depressivo. (1996)

■ Eu sou a pessoa mais otimista do mundo, querido! Senão, eu não estava

aqui

dando

entrevista,

trabalhando

e

tentando

construir

um

futuro. A minha esperança é de que esta entrevista seja um prazer para os leitores, trazendo nova informação, esclarecendo uma série de pontos e colocando mais em evidência certos pontos que eu não tive chance e não tenho onde esclarecer e falar. (1996)

ÚLTIMA PESSOA QUE LEVARIA PARA A CAMA

■ Paulo Francis. (1994)

UNIVERSALIDADE

A gente tenta alcançar, e nunca consegue. A questão central é o tempo.

O tempo passa e você vê que os modernistas estão assimilados. Um quadro cubista, por exemplo, não vai surpreender, mas eu duvido que

uma pessoa tenha realmente a essência básica para entender aquilo. Tenho dificuldade para entender certos quadros abstratos. Prefiro o naif, que veio com a pintura moderna, algo ingênuo, aquelas casinhas. Isso eu entendo. Um artista como Andy Warhol é moderno, mas o que ele faz é super-simples, todo mundo entende. Claro que precisou ter um tempo para você saber o que são aquelas latas de sopa que ele retrata. O simples atinge mais o coração das pessoas do que algo abstrato, embora os meios de comunicação de massa façam coisas cheias de signos. As pessoas, hoje em dia, têm a capacidade de entender as coisas muito mais rápido que antigamente. Ainda sou pelo mais simples.

(1988)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

■ Eu, na verdade, nunca me liguei em nada de política, e um dos motivos que me levaram a entrar mais fundo no rock'n'roll foi o pessoal da UnB, o pessoal supostamente politizado. Porque eles eram um bando de fascistas... Eram muito legais, idéias muito legais, mas, se você não agisse como eles, não te aceitavam. Então, eles ficavam ouvindo Milton Nascimento e Fagner e discutindo Marx, defendiam o negro, o homossexual, os pobres carentes, mas eram muito fechados entre si.

Na época — 76, 77 —, a garotada estava na moda discoteca ou, então, fazia o tipo "barba, óculos e bolsa". E eu andava com um casaco de couro escrito hate and war [ódio e guerra], todo rasgado, mesmo vindo da classe média. E ninguém entendia, a gente fazendo aquela zoeira e cantando Que país é este. Nos chamavam de colonizados, americanizados, mas as músicas eram as mesmas que agora viraram hinos de protesto. (1988)

UNS E OUTROS

■ O que mais me incomoda não é nem a mídia, mas o receio de que o público coloque tudo no mesmo saco. Se eu desconfiar que tem um garoto que não sabe a diferença entre Legião Urbana e Uns e Outros, aí eu vou ficar realmente preocupado. Já imaginou alguém não perceber a diferença entre Titãs e Inimigos do Rei? As pessoas não percebem que 262

estamos trabalhando para caramba, e acham que rock'n'roll é fazer versão de David Bowie e aparecer no Globo de Ouro. Ou fazer copiazinha de música de generais, como aquela horrorosa do Uns e Outros. Não tenho nada a ver com aquilo. Já fiz coisas parecidas quando era mais jovem, mas, quando você é jovem, realmente faz certas asneiras. Mas aparecer na Xuxa cantando aquilo? Até a próxima geração, nós somos realmente a última geração. (1989)

'URBANA LEGIO OMNIA VINCIT' [A Legião Urbana tudo vence]

■ É nosso lema, tipo "um por todos e todos por um". É uma pequena superstição nossa. Todo disco tem que ter uma faixa em que o Dado não toca e vir isso escrito em algum lugar. É garantia de sucesso. (1994)

263



- Eu escrevi em A montanha mágica: "Sou meu próprio líder, ando em círculos". O que eu quis dizer com isso? Não sei exatamente. Quero que as pessoas me digam o que entenderam. Acho que existem várias leituras para este disco e para as palavras que estão nele. São palavras simples, é um vocabulário básico, mas há coisas para descobrir. (1991)

- Sempre gostei muito da coisa do stream of consciousness [fluxo de consciência]. Se você quiser uma definição para o disco, pode dizer que é mitológico, medieval. Tenho fascinação por aquelas histórias de cavaleiros da tábola redonda. Mas é tudo com a cara da Legião Urbana. (1991)

- O disco tem umas coisas medievais, uns instrumentais. O primeiro lado é uma viagem. Vão dizer assim: "Legião repete fórmula e lança disco progressivo". (1992)

- Acho que é um disco bom para namorar, para fumar um... Mas não deixa de ser Legião. A gente sempre é meio brega. No primeiro disco, a gente ainda tinha uma certa virulência. Agora, em vez de ficar reclamando, a gente faz uma música totalmente linda, dizendo que o mundo está uma merda... (1992) O V é um disco de transição, porque eu comecei a fazer análise. Não tenho mais aquele angst de

jogar tudo nas letras. Sei lá. E a primeira vez que eu tenho certeza de que as letras são boas, mas eu não sei se gosto.

Antes, eu gostava, mas não sabia se estava bom. (1992) 267

V

VAIDADE

■ Embora me considere um artista, não considero o que a gente faz arte com "A"

maiusculo. Talvez esta seja a maior das vaidades: a falsa modéstia. (1988) VENDAGEM

■ Na gravadora, ninguém dava nada pela banda. Só que o primeiro disco vendeu, na época, 50 mil cópias. Mas a grande virada foi no Dois.

Todo mundo esperava punk rock de Brasília, e a gente chega com uma balada de cinco minutos com violão, voz e pandeiro, falando de um casal [Eduardo e Mônica]. Quiseram derrubar, mas, como já tinham errado na primeira vez, a gente insistiu em fazer do nosso jeito. E o disco vendeu quase um milhão de cópias. Este ano, nós vendemos 150

mil discos, só com material de catálogo. (1995)

- Pode até parecer uma coisa antipática eu estar falando isso, mas eu não fico numa de fazer um disco para vender um milhão de cópias. Eu vou fazer um disco para ouvir em casa e não ficar com trauma... Eu, pelo menos, penso assim. Se eu não tenho a certeza de que a gente pelo menos tentou fazer o melhor... No dia em que deixar passar alguma coisa, se alguém criticar, eu vou ficar: "Vai ver que o disco é uma..."

(1995)

- Eu não sabia, por exemplo, que meu CD em italiano [Equilíbrio Distante] poderia chegar à platina-dupla —já está chegando a 450 mil cópias. Nunca imaginei! Ao passo que o Stonewall eu pensei que fosse ter um desempenho melhor, mas houve problemas de distribuição, e ninguém encontrava o CD nas lojas. (1996)

'VERANEIO VASCAÍNA' [música gravada pelo Capital Inicial]

- Era a época da redemocratização. Era tudo tão louco, nem eles sabiam o que era; implicavam com todo mundo. A Colina, que era nossa base bem no comecinho, era também a residência dos professores da UnB

— gente da esquerda, que não podia falar... E, volta e meia, vinham as 268

joaninhas. Não, não eram nem joaninhas; era veraneio mesmo. Essa história de Veraneio vascaína é por causa disso. Eles entravam na universidade, aquelas coisas de bater em estudante etc. (1989)

VIDA PESSOAL X VIDA ARTÍSTICA

■ Eu tento ser sincero, o que não quer dizer que eu sou verdadeiro em tudo. Ao mesmo tempo, eu gosto de deixar bem claro que são apenas canções, é apenas um show. A vida das pessoas, a vida da gente é outra coisa, mais importante. É aquilo: você não pode acreditar numa novela que você vê na televisão. Um livro, uma novela, uma expressão artística qualquer pode até mudar a sua vida, mas não é a sua vida. A sua vida, a gente sabe, é acordar todo dia, ir trabalhar, conviver com as pessoas de que a gente gosta, é enfrentar o mundo que, às vezes, é muito difícil.

Então, existe essa separação. Isso é uma coisa que eu deixo bem claro, talvez até me esquivando um pouco dessas responsabilidades que eu teria que cumprir. Por exemplo: eu faço menos show do que as pessoas gostariam, eu faço menos televisão do que as pessoas gostariam, porque eu prefiro concentrar tudo no meu trabalho de compositor, de músico.

E deixar, então, a coisa rolar. Eu prefiro que as pessoas interajam com as músicas, ao invés de elas projetarem na minha pessoa o que elas percebem das canções. Já no começo da nossa carreira, as pessoas começaram a confundir as minhas músicas com o que eu sou. E eu, sinceramente, não sei direito ainda quem eu sou. Mas eu sei exatamente como a canção foi escrita e por que foi escrita. Eu acho que tem que ter uma separação aí. Senão, vira aquela coisa do John Lennon, de ter um fã maluco [Lennon foi morto a tiros por um fã, em 1980], ou, então, de as pessoas encontrarem a Beatriz Segall na rua e quererem bater nela porque ela é Odete Roitman

[personagem da novela Vale tudo]. Não pode. Tem que separar o trabalho. Com isso eu tomo um certo cuidado, inclusive para me preservar e para preservar o público. (1995) VIDEOCUPES

- Eu não respeito muito vídeo, que é só uma peça promocional. Não é arte, é anúncio. É para vender a música, o disco. (1994)

- Eu detesto fazer clipe. A Legião Urbana tem só três ou quatro videocliques, todos horrivezinhos. A MTV vive implorando para a gente fazer mais. (1996)

- Rapaz, no dia em que a gente fizer vídeo, vai ter série na Globo: O

dia em que a terra tremeu! (1996)

- Nós levamos nossa displicência muito a sério! Então, não me peça para fazer clipe, que eu não vou fazer. Me deixa quieto em casa. (1996) VÍDEOS

- Ah, eu gosto de ver vídeos... Eu adoro filme de terror. Em geral, eu gosto muito de produções americanas desconhecidas e de filmes ingleses.

E filmes que têm aquela coisa humana — eu gosto muito do Renoir e do Truffaut. Truffaut é o máximo. Sabe, o Jules e Jim, que é bem-feito e te mexe por dentro. Eu gosto do Spielberg, se bem que ele pega isso e faz aquela parafernália. (1986)

'VINTE E NOVE' [faixa do disco O Descobrimento do Brasil]

■ Não pense "Ah, que maravilha; que bacana, ele tomou heroína"! Não é, não. É horrível. Eu perdi amigos. Em Vinte e nove, eu falo exatamente disso: "Perdi 20 em 29 amizades, por conta de uma pedra em minhas mãos". Eu andava sempre com uma pedra em minha mão. A pessoa chegava, supertranqüila, gentil e tudo, e eu pegava a minha pedra e...

"Brrr, sai da minha frente!" (1994)

VIOLÃO

■ Eu pensei que o professor de violão que meus pais iam me arrumar não iria ser rock'n'roll, mas, por sorte, era um jovem. Era um cara de 24

anos que tinha uma supercoleção de discos importados e, para ganhar uma graninha, dava aulas. Eu fui lá e me apaixonei perdidamente pelos discos, por ele, pelo lance de estar aprendendo violão. Na primeira aula, aprendi

Angie,

dos

Rolling

Stones.

Naturalmente,

depois

da

terceira

aula, eu ia lá só para ouvir discos. De uma certa forma, isso foi validado 270

pelos próprios punks. O tempo que eu gastei me informando e ouvindo as coisas me valeu muito mais do que se eu tivesse aulas de violão. Porque pegava aqueles três acordes de Angie e a gente fazia música mesmo. (1989)

VIOLÊNCIA

■ Eu acho que a questão da violência é uma questão do planeta. A humanidade é violenta. Mas, quando o Estado consegue fazer com que o cidadão se sinta útil, quando o cidadão confia no Estado, esses momentos de violência ficam mais esparsos. Sobe a violência do psicótico, a do ladrão, mas não é uma violência contra o cidadão. No Brasil, essa violência contra o cidadão, além de ser traduzida como violência, como na Rocinha ou nos jogos de futebol, envolve a agressão ao cidadão, no sentido de você não ter uma base, uma segurança. A questão da inflação, a própria Constituinte não resolvida. Quando a perplexidade se confronta com ela mesma, numa ocasião de festa como o show da Legião Urbana, num lugar

onde ela é naturalmente exacerbada por causa da proximidade do poder e das próprias características de Brasília como cidade — ou seja, um feudo cercado de Brasil por todos os lados —, a coisa se torna realmente uma panela de pressão. (1988)

■ Quando os Titãs cantam Porrada no Rio ou em São Paulo, as pessoas vão ter o background necessário para saber qual é o código que está sendo usado. O código é justamente utilizar a violência não para inspirar as pessoas, mas para se inspirar na violência. Você não está incitando.

Mas o material usado para se expressar são justamente as coisas violentas que você vê. Trabalhar isso e fazer disso — no caso, eu não diria arte, porque, para mim, consumo de massa não é arte — expressão. Quando os Titãs cantam Porrada, quando Lobão canta "Sangue e porrada na madrugada", quando o Cazuza canta "Eu quero uma ideologia", a gente não está necessariamente incitando à violência, a gente está expondo uma situação, dando nossa interpretação do fato. (1988)

■ A violência me preocupa porque tenho família, amigos... Às vezes, nem me preocupo tanto comigo, mas há pessoas de que gosto e não desejo vê-las sofrer.

(1991)

271

■ O mundo todo está assim. Tenho cara de judeu e turco. Se eu for para a Alemanha, serei atacado pelos carecas, estou frito. Acho

que é uma coisa de fim dos tempos. (1994)

■ Decidi tomar outras atitudes, em vez de ficar pensando na violência.

Pode parecer demagogia, mas, quando parei de me drogar, resolvi me limpar por inteiro. Não vou ficar falando de Operação Rio e ficar reclamando.

Tento

ter

amizades

verdadeiras,

tento

ser

verdadeiro.

Acredito em vibrações, e creio que essa é uma forma de contribuir também. (1995)

VOTO

■ Vou votar no Roberto Freire, um comunista ateu. (1989) Eu voto nulo. Eu sempre voto nulo. A última vez em que eu votei foi para o Roberto Freire, no primeiro turno. Aliás, me deu uma raiva daquela coisa de voto útil! Se todo mundo que queria votar no Roberto Freire tivesse realmente votado, ele tinha chegado pelo menos no segundo lugar. Mas, "não vamos votar em não sei quem"... Desde quando as pessoas sabem prever o futuro? Se houver algum candidato com o qual eu me identifique, eu chego e voto. Mas eu sempre voto nulo. Nulo! (1994) 272

W

'WORLD MUSIC

■ Tem uma parte do disco As Quatro Estações com uma música árabe, mas vou deixar bem claro: não é world music. Detesto world music.

Pior do que isso, só new age. (1989)

■ Outra grande contribuição do punk, daquela geração 1977, 78, foi abrir para a world music. Os Talking Heads, Brian Eno e mesmo Johnny Rotten ajudaram muito nessa mudança. Aqui no Brasil, falam que a gente copia o U2 e não sei mais quem; mas, quando eles ouvem lá fora, dizem que é completamente diferente. Tem um frescor inédito para eles. (1993)

WOODSTOCK

■ Passou-se um tempo dizendo que tudo aquilo que aconteceu nos anos 60 foi uma babaquice, não deu em nada. Não é verdade. Aquela galera de Woodstock não era só garotada na lama, mas algo muito importante, porque ela conseguiria parar a guerra do Vietnã e mudar a sociedade

em

parte,

por

exemplo.

Como

conseqüência

daquele

tempo,

temos a importância da ecologia atualmente e movimentos como o da Anistia Internacional. Foram coisas que, às vezes, nem tiveram origem nos 60, mas foi lá que se sedimentaram. Com o jogo de

cintura que temos nos 90, seria bacana se pudéssemos fazer algumas daquelas coisas.

É claro que não ia ser algo de todo mundo na lama ou "te amo e não sei o quê", mas da essência daquele espírito. (1989)

273

X

XADREZ

■ A primeira vez em que eu fui preso foi o seguinte: já tínhamos a turma punk e, nessa época, era meio perigoso, porque os boyzinhos começaram a dar porrada nos mais fraquinhos da turma. No André Müller e no Pretorius nunca batiam, porque eles eram enormes. Mas os garotinhos de 13 anos, usando brinco, pronto: vai lá e toma porrada! Eu sempre tentava apaziguar os ânimos. Dizia: "Não, gente, vamos explicar o que é que é. Quem sabe, eles entendem". Nesse dia, era em 81, eu, com minha roupa punk e toda a turma, falamos: "Vamos para outro lugar, não vamos ficar aqui". Já estávamos indo embora, quando chegou uma galera de 15, 16, 17 anos, todos com aquele uniformezinho igual, sabe, roupa assim de jovem normal, boyzinho... E chegou o liderzinho, um cara "inteligente": "Por que, se vocês são brasileiros, ficam rabiscando a camiseta com essas coisas em inglês?". E eu explicando, tentando convencer: "Pô, vamos ficar todo mundo amigo. Olha, tenho um loló aqui. Vamos cheirar?". O cara que estava do lado dele era federal e

"Mão para cabeça!". E foi um teatro só. Ele pegou uma varetinha, com um chicote, e disse: "Na parede! Abre as pernas!". E os boyzinhos, claro, gritando: "Punk se fodeu! Punk se fodeu!". Uma coisa estúpida, porque a primeira coisa que o federal fez foi jogar a garrafa de loló para os boyzinhos. E eles ficaram lá, cheirando. Eu fiquei tão puto com isso! É

contra a lei e tudo, mas foi aí que eu vi como era realmente a corrupção.

Passei a noite no xadrez. (1989)

■ A segunda vez, na festa do Estado, foi mais humilhante. Fora o que aconteceu na Roconha. Nessa festa — foi quando o John Lennon morreu

—, estava lá eu com os meus badges, meu cabelo colorido da Mônica, bêbado, falando para todo mundo: "Alô! Eu te amo! A vida é bela!".

275

Perguntava o signo — nessa época eu lia tarô, fazia mapa astral, um híbrido total. E, de repente, veio um cara e me deu um puta soco. Eu não me lembro direito, porque eu estava bêbado. Mas fui parar lá no porão da prisão. Mandaram eu tirar a roupa...

horrível. (1989)

XIITA

■ Tenho uma preferência afetiva, mas nada é definitivo. A gente tem e direito de mudar. Eu como panqueca com mel, mas, um dia, decido preferir pão de queijo. Tenho um chamado para um certo tipo de comportamento, mas não gosto de gueto, daquela atitude xiita, histórica.

Não existem só o dia e a noite. Há o meio-dia, o pôr-do-sol.
(1994) XUXA

■ No Descobrimento do Brasil, a gente brincou com muitas coisas, só que ninguém percebeu. Têm músicas como Só por hoje: aquilo é Xou da Xuxa! Com a diferença de que eu falo de dependência química.

Você se emocionar com Dumbo é diferente de achar Mirnau ou Fassbinder o máximo. (1995)

A Marlene [Mattos, diretora dos programas da

Xuxa] está querendo

que eu faça o Xuxa Hits com este disco [Equilíbrio Distante]. E eu estou pensando. Eu estou ficando menos ranzinza com certas coisas, o que é um exercício para mim. Você tem que levar o seu trabalho até o público, não é? A gente, da Legião, protege muito as coisas do grupo:

"Não, isso a gente não faz". "Esse, não". Por que não fazer? Faustão eu não faria. Mas, por que não um Xuxa Hits? (1995)

Y

'YOU ARE NOT ALONE'

■ A coisa que eu mais invejo é você fazer You are not alone, do Michael Jackson. É muito difícil. Você pegar frases de cinco palavras, aquelas rimas pobres e vocabulário batido, e fazer algo que emocione as pessoas é complicado. É muito fácil ser Nick Cave. Se não passar emoção, não tem texto que segure. Existe uma maneira de você usar a emoção com inteligência e sensibilidade. (1995)

Z

ZULU

■ Com a Legião, eu não preciso pensar em nada. Já, sozinho, eu aprendi técnicas de produção, como fazer arranjo clássico de música pop. Passei pela experiência de cantar com outros músicos, mexi com produção de repertório, que nunca tinha feito na vida.

Agora já estava pensando em fazer um disco em zulu! (1995)
279

E nossa estória não estará pelo avesso

Assim, sem final feliz.

Teremos coisas bonitas para contar.

E, até lá, vamos viver

Temos muito ainda por fazer.

Não olhe para trás —

Apenas começamos.

O mundo começa agora —

Apenas começamos.

Renato Russo

* 27/03/1960

+ 11/10/1996

